



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

**AURILENE RODRIGUES LIMA**

**Comunicação de Conflitos:**  
**Enunciados de Caatingueiros Atravessados por Outros Mundos**

**São Paulo**

**2020**

**AURILENE RODRIGUES LIMA**

**Comunicação de Conflitos:**

**Enunciados de Caatingueiros Atravessados por Outros Mundos**

**Versão corrigida (versão original disponível na Biblioteca da ECA USP)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Ciências da Comunicação

Linha 1: Comunicação, Redes e Linguagens: Objetos Teóricos e Empíricos

Orientadora: Profa. Dra. Roseli Fígaro

**São Paulo**

**2020**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**  
**Dados inseridos pelo(a) autor(a)**

---

Lima, Aurilene Rodrigues. Comunicação de Conflitos:  
enunciados de caatingueiros atravessados por outros mundos /  
Aurilene Rodrigues Lima; orientadora, Roseli Fígaro. -- São  
Paulo, 2020.  
240 p.: il.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da  
Comunicação - Escola de Comunicações e Artes / Universidade de  
São Paulo.

Versão Corrigida

1. processos comunicacionais 2. Discurso 3. caatingueiros  
4. Caatinga 5. modernização I. Fígaro, Roseli II. Título.

CDD 21.ed. - 400

---

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Aurilene Rodrigues Lima

Título: **Comunicação de Conflitos: Enunciados de Caatingueiros Atravessados por Outros Mundos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação.

Aprovada em: 26/ 06/2020

#### **Banca Examinadora**

Profa. Dra. Roseli Aparecida Fígaro Paulino      Universidade ECA/USP  
Julgamento: aprovada      Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Adilson Odair Citelli      Universidade ECA/USP  
Julgamento: aprovada      Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria Cristina Mungoli      Universidade ECA/USP  
Julgamento: aprovada      Assinatura: \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Edonilce da Rocha Barros      Universidade UNEB  
Julgamento: aprovada      Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Juracy Marques      Universidade UNEB  
Julgamento: aprovada      Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Dedico aos caatingueiros e herdeiros do município de Santo-É de B.

### Sobradinho

Sá e Guarabyra

O homem chega e já desfaz a natureza  
Tira a gente põe repreza, diz que tudo vai mudar  
O São Francisco lá prá cima da Bahia  
Diz que dia menos dia, vai subir bem devagar  
E passo a passo vai cumprindo a profecia  
Do beato que dizia que o sertão ia alagar  
O sertão vai virar mar...  
Dá no coração o medo que algum dia  
o mar também virá sertão.

Adus Remanso, Casa - Nova, Santo -É  
Adus Pilão Areado, vem o rio te engolir  
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira  
Por cima da cachoeira o Gaiola vai subir  
Vai ter barragem no salto do Sobradinho  
E o povo vai se embora com medo de se afogar  
O sertão vai virar mar...  
Dá no coração o medo que algum dia  
o mar também virá sertão.

Remanso, Casa-Nova, Santo-sé, Pilão Areado  
Sobradinho,  
Adus, adus!

## AGRADECIMENTOS

A Maria Rita do Amaral Assy, pelo meu reencontro com os caatingueiros e a caatinga e por tornar sensíveis as nossas vozes. Por seu carinho, por sua confiança e pelas madrugadas saboreando um café no movimento de tessitura desta tese.

A Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim, pelo carinho, pela atenção, amizade, dedicação e colaboração constante na materialidade deste trabalho, desde sempre.

Ao amigo Gumersindo Amorim Júnior, pelo apoio e formatação final desta Tese.

A Lormina Barreto, pelo acolhimento em sua casa na *cidade da garoa*, pelo carinho e amizade desde a antiga FFCLJ/UNEB.

Ao meu pai Antonio Rodrigues Lima, pelo entusiasmo com este trabalho e colaboração durante o processo de pesquisa e à minha mãe Antonia dos Santos Lima, pelo modo caatingueiro de ser.

A minha filha, Vitória Maria Rodrigues Marques, pelo seu reencontro com a nossa ancestralidade.

A Neuma Guedes, Marlúcia Moura, Ana Cristina Valverde e Sheila Gomes pelo apoio constante.

A minha orientadora, Profa. Dra. Roseli Aparecida Fígaro Paulino, pela orientação e confiança depositada.

A Rozimeire Morgado, Marivalda Evangelista e Leonardo (Léo) por terem participado deste trabalho, colaborando com as transcrições das entrevistas de forma competente e entusiasmada.

Aos alunos do Curso de Pedagogia do DCH/Campus III por terem participado de discussões suscitadas durante o processo desta pesquisa, especialmente a Yego Ravel, Bruno e Rafael.

Aos professores doutores do Programa DINTER – Doutorado Interinstitucional UNEB/USP e aos colegas do curso.

À direção, Coordenadores e funcionários da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, DCH III Juazeiro: Edonilce da Rocha Barros (diretora) Cosme Batista dos Santos (coordenador local) e Cleide Regina Rangel L'hotellier (secretária).

À Mariluze Amaral e Ananias (Galo) pelo apoio, disponibilidade e pela participação constante no desenvolvimento deste trabalho, compartilhando de forma generosa dos seus conhecimentos e das suas experiências como moradores e ativistas dos modos de existência do povo caatingueiro.

Às pessoas que se dispuseram a conversar, a enunciar suas experiências com a implantação de projetos de modernização em seus territórios, especialmente, moradores e ex moradores dos povoados de São Pedro, Quixaba, Lagoa do Mari e Fartura: Professora Francisca, Professor Domingos, Senhor Domingos, Senhor Chicada, Senhor Manoel Quirino, Senhor Dico, Senhor Marivaldo, Senhor Zé Quirino, Senhor Anísio, Senhora Marila e Senhor Cadi.

Aos técnicos da Secretaria de Meio Ambiente: Jandira Sento-Sé, Josebel, Geraldo Cabral e Mariluze Amaral.

À Associação de Moradores de Brejo da Brásida, na pessoa de Mariluze Amaral.

Muito obrigada!

## Cante lá que eu canto cá

Patativa do Assaré

Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.  
Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,  
Aprendeu munta ciência,  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa esperiência.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaiou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,  
Precisa nele morá,  
Tê armoço de feijão  
E a janta de mucunzá,  
Vivê pobre, sem dinhêro,  
Socado dentro do mato,  
De apragata currelepe,  
Pisando inriba do estrepe,  
Brocando a unha-de-gato.

[...]

Amigo, não tenha quêxa,  
Veja que eu tenho razão  
Em lhe dizê que não mêxa  
Nas coisa do meu sertão.  
Pois, se não sabe o colega  
De quá manêra se pega  
Num ferro pra trabaiá,  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá.

[...]

Canto as fulô e os abróio  
Com todas coisa daqui:  
Pra toda parte que eu óio  
Vejo um verso se bulí.  
Se as vêz andando no vale  
Atrás de curá meus male  
Quero repará pra serra  
Assim que eu óio pra cima,  
Vejo um divule de rima  
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra  
De fruita de jatobá,  
De fôia de gamelêra  
E fulô de trapiá,  
De canto de passarinho  
E da poêra do caminho,  
Quando a ventania vem,  
Pois você já tá ciente:  
Nossa vida é deferente  
E nosso verso também.

[...]

Aqui findo esta verdade  
Toda cheia de razão:  
Fique na sua cidade  
Que eu fico no meu sertão.  
Já lhe mostrei um ispeio,  
Já lhe dei grande conseio  
Que você deve tomá.  
Por favô, não mexa aqui,  
Que eu também não mêxo aí,  
Cante lá que eu canto cá.

LIMA, Aurilene Rodrigues. **Comunicação de Conflitos: enunciados de caatingueiros atravessados por outros mundos**. 2020. 240 fls. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.

## RESUMO

O presente trabalho analisa o modo pelo qual os processos comunicacionais dos caatingueiros nos fazem ver os sentidos produzidos acerca dos conflitos vivenciados por essa população com a chegada de projetos modernizantes na caatinga. Esses sentidos foram problematizados no âmbito da linguagem verbal dessa população e teve como objetivo principal tornar sensíveis as suas expressões linguageiras, historicamente ignoradas. Os enunciados e os processos de enunciação materializados nesta tese nos fazem ver que esses projetos não se sustentam se forem considerados a partir das problematizações dos próprios caatingueiros. Para o desenvolvimento desta tese, me vali dos procedimentos metodológicos da pesquisa empírica, adotando traços de alguns procedimentos da pesquisa etnográfica. A interpretação deu-se por meio da Análise do Discurso e da teoria interacionista de Bakhtin/Voloshinov. Procurei demonstrar que os sentidos produzidos acerca desses conflitos são passíveis de serem ouvidos e compreendidos, mas isso exige uma atenção diferente. É preciso ouvi-los como uma manifestação própria, fora dos discursos dominantes. Os conflitos enunciados pelos caatingueiros denunciam o modo como os projetos estão sendo impostos e nos fazem ver, no que dizem e como dizem, as suas tentativas de intervenção, de participação. Não existe, *a priori*, uma oposição a esses projetos, nem uma defesa da sua territorialidade, contudo, percebem que as suas participações não foram previstas. Dentre todos os conflitos demonstrados, o maior, de todos eles, é o desaparecimento do povo caatingueiro e com ele um modo de existência. Ao enunciar os conflitos por eles vivenciados, o caatingueiro anuncia o fim do seu mundo. Para adiar os fins, do território caatingueiro e “o fim do mundo”, esta tese se propôs a ouvir essa gente e com ela efetivar uma comunicação.

**Palavras-chave:** processos comunicacionais; discurso; caatingueiros; Caatinga; modernização.

LIMA, Aurilene Rodrigues. **Communication of Conflicts: utterances of caatingueiros crossed by other worlds**. 2020. 240 fls. Thesis (Doctorate). School of Communications and Arts. University of São Paulo, São Paulo.

## **ABSTRACT**

The present work analyzes the way in which the communication processes of the caatingueiros make us see the meanings produced about the conflicts experienced by this population with the arrival of modernizing projects in the caatinga. These meanings were problematized in the context of the verbal language of this population and its main objective was to make sensitive their linguistic expressions, historically ignored. The enunciations and enunciation processes materialized in this thesis make us see that these projects are not sustainable if they are considered from the problematizations of the caatingueiros themselves. For the development of this thesis, I used the methodological procedures of empirical research, adopting traces of some procedures of ethnographic research. The interpretation took place through Discourse Analysis and Bakhtin / Voloshinov's interactionist theory. I tried to demonstrate that the meanings produced about these conflicts are likely to be heard and understood, but this requires different attention. It is necessary to hear them as a manifestation of their own, outside the dominant discourses. The conflicts enunciated by the caatingueiros denounce the way in which the projects are being imposed and make us see, in what they say and how they say, their attempts to intervene, to participate. There is not, a priori, an opposition to these projects, nor a defense of their territoriality, however, they realize that their participation was not foreseen. Among all the conflicts shown, the greatest of them all is the disappearance of the Caatingueiro people and with them a way of existence. By enunciating the conflicts they experienced, the caatingueiro announces the end of his world. In order to postpone the ends, the caatingueiro territory and "the end of the world", this thesis proposed to listen to these people and with them to make a communication.

**Keywords:** communicational processes; speech; caatingueiros; Caatinga; modernization.

LIMA, Aurilene Rodrigues. **Comunicación de conflictos: expresiones de caatingueiros atravesadas por otros mundos**. 2020. 240 fls. Tesis (Doctorado). Escuela de Comunicaciones y Artes. Universidad de Sao Paulo, Sao Paulo.

## RESUMEN

El presente trabajo analiza la forma en que los procesos de comunicación de los caatingueiros nos hacen ver los significados que se producen sobre los conflictos vividos por esta población con la llegada de proyectos modernizadores a la caatinga. Estos significados fueron problematizados en el contexto del lenguaje verbal de esta población y su principal objetivo fue sensibilizar sus expresiones lingüísticas, históricamente ignoradas. Los enunciados y procesos de enunciación que se materializan en esta tesis nos hacen ver que estos proyectos no son sustentables si se consideran desde las problematizaciones de los propios caatingueiros. Para el desarrollo de esta tesis utilicé los procedimientos metodológicos de la investigación empírica, adoptando trazos de algunos procedimientos de investigación etnográfica. La interpretación se realizó a través del Análisis del discurso y la teoría de la interacción de Bakhtin / Voloshinov. Traté de demostrar que es probable que se escuchen y comprendan los significados producidos sobre estos conflictos, pero esto requiere una atención diferente. Es necesario escucharlos como una manifestación propia, fuera de los discursos dominantes. Los conflictos enunciados por los caatingueiros denuncian la forma en que se imponen los proyectos y nos hacen ver, en lo que dicen y como dicen, sus intentos de intervenir, de participar. No hay, a priori, oposición a estos proyectos, ni defensa de su territorialidad, sin embargo, se dan cuenta de que su participación no estaba prevista. Entre todos los conflictos mostrados, el mayor de todos es la desaparición del pueblo caatingueiro y con ellos una forma de existencia. Al enunciar los conflictos vividos, el caatingueiro anuncia el fin de su mundo. Para posponer los fines, el territorio caatingueiro y “el fin del mundo”, esta tesis se propuso escuchar a estas personas y establecer una comunicación con ellas.

**Palabras Clave:** procesos comunicacionales; discurso; caatingueiros; Caatinga; modernización.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Mapa do município de Sento-Sé BA	32
Figura 2 -	Paisagem no Boqueirão da onça	36
Figura 3 -	Mapa do PARNA e APA (com a Zona de Vida Silvestre (ZVS) do Boqueirão da Onça definidas pelos Decretos 9.336 e 9.337/2018.	37
Figura 4 -	Mapa do Parque Boqueirão da Onça – comunidades e atividades mineradoras	39
Figura 5 -	Mapa com feições de relevo em todo território do município de Sento-Sé	40
Figura 6 -	Entrada do povoado de São Pedro	43
Figura 7 -	Torres eólicas próximas às casas que ficam na sede do povoado de São Pedro	44
Figura 8 -	Caminhão transportando as bases dos aerogeradores para o povoado de São Pedro	44
Figura 9 -	Alicerce para sustentação das torres eólicas no povoado de São Pedro	45

## LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ADF	Análise do Discurso Francesa
ANM	Agência Nacional de Mineração
APA	Área de Conservação Ambiental
BBC	Corporação Britânica de Radiodifusão
CHESF	Companhia Hidroelétrica do São Francisco
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CRAD	Centro de Referência para Recuperação de Áreas Degradadas da Caatinga
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBios	Instituto Chico Mendes da Biodiversidade
INTERBA	Instituto de Terras da Bahia
IPC	Instituto Pró-Carnívoros
IRPAA	Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada
MME	Ministério de Minas e Energia
MW	Megawatt
PARNA	Parque Nacional Boqueirão da Onça
PRAD	Plano de Recuperação de Áreas Degradadas
ONG	Organização Não Governamental
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC	Unidades de Conservação
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
USP	Universidade de São Paulo
ZA	zona de Amortecimento ou Zona Tampão
ZVS	Zona de Vida Silvestre

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1. COMUNICAÇÃO “NAS CAATINGA”: CAATINGUEIROS ATRAVESSADOS POR OUTROS MUNDOS</b> .....	31
A MODERNIZAÇÃO DA CAATINGA: O CAMPO PROBLEMÁTICO.....	33
1.2 O CONFLITO NO PARQUE BOQUEIRÃO DA ONÇA .....	36
1.3 A EXPLORAÇÃO DO SUBSOLO: ATIVIDADES MINERADORAS .....	39
1.4 O PASSADO COMUNICA: PINTURAS RUPESTRES E FÓSSEIS ANTIGOS .....	40
1.5 UMA OUTRA FORMA DE COLONIZAÇÃO: OS PARQUES EÓLICOS .....	41
<b>2. COMUNICAÇÃO DE CAATINGUEIROS: OUVINDO A LÍNGUA DAS CAATINGAS</b> .....	46
2.1 A COMUNICAÇÃO SE FAZENDO NA COMUNICAÇÃO: A VOZ DO CAATINGUEIRO NÃO ESTAVA PREVISTA .....	49
2.2 COMUNICAÇÃO COMO ATO, CRIAÇÃO: UM MODO DE VER, AGIR, PENSAR, REALIDADE .....	50
2.3 COMUNICAÇÃO DO CAATINGUEIRO: ALGO MAIS FILOSÓFICO, EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO DA VIVÊNCIA .....	56
2.4 A NARRATIVA PODE CRIAR EXISTÊNCIA, EXPERIMENTANDO AS PALAVRAS ATÉ PODER DIZER .....	60
<b>3. COMUNICAÇÃO DA EXISTÊNCIA: ESSA GENTE CAATINGUEIRA</b> .....	64
3.1 QUEM É ESSA GENTE? .....	64
3.2 “A SENHORA NÃO CHORE NÃO, PORQUE NÃO VAI VER SUA TERRA MAIS NUNCA, GUARDA ESSAS LÁGRIMA PRA OUTRA COISA” .....	75
<b>4. COMUNICAÇÃO DE CONFLITOS: ENUNCIADOS DE CAATINGUEIROS</b> .....	82
4.1 “SABIA TODA VIDA QUE TINHA VENTO, NÃO QUE IA VENDER VENTO” .....	82
4.2 “ELES CERCAM SÓ UM PEDAÇO NA TERRA, NAS DIVISAS, SÓ PRA PROVOCAR MESMO, PRA EMPRESA NÃO PASSAR”. .....	86
4.3 “ELES CORTARAM PARA FAZER ESTRADA, ERAM QUATRO IMBUZEIROS [...] MAS NEM DEU CERTO A ESTRADA” .....	91
4.4 “NOIS ACOSTUMA CRIAR BODE PRA COMER E NÃO ONÇA” .....	94
4.5 “EU ACREDITO QUE ESSE ESTUDO DELES AÍ, QUE ELES ESTÃO FAZENDO, ELES NÃO ESTÃO DIZENDO TUDO QUE VAI ACONTECER NÃO” .....	101

4.6 FAZ UM ZIGUE-ZAGUE, NÉ?! E AÍ A GENTE INDO OLHAR PRA ENTENDER, TEM QUE SER QUEM JÁ SABE COMO É, NÉ?! .....	104
4.7 “NÃO, SEO QUIRINO, AGUARDE AÍ QUE VAI TER UM ACORDO” .....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	115
<b>APÊNDICE 1 TCLE</b> .....	119
<b>APÊNDICE 2 ENTREVISTAS</b> .....	120

## INTRODUÇÃO

Os enunciados e os processos de enunciação materializados neste trabalho nos fazem ver que os projetos modernizantes<sup>1</sup> que atravessam o mundo caatingueiro<sup>2</sup> não se sustentam se forem considerados a partir das problematizações dos próprios caatingueiros. Os processos comunicacionais analisados demonstram que os conflitos são enunciados desde o ponto de vista do modo de existência dessa população e o maior deles parece ser o fato de que para os projetos vingarem tal como foram concebidos, o povo precisa desaparecer. Não se trata de um objetivo explicitado pelos projetos, mas a forma como esses vêm sendo implantados, excluir a população local parece ser uma condição. Para os caatingueiros é o aprofundamento dos problemas. Essa é a tese.

Esta pesquisa demonstrou que as expressões languageiras dos caatingueiros não são ouvidas e nem foram previstas nesses projetos. As falas transcritas das entrevistas com os caatingueiros, assim como os documentos analisados demonstram que os discursos dos representantes desses projetos ignoram ou acreditam que se opõem à perspectiva caatingueira dentro de noções vagas como, por exemplo, a noção de desenvolvimento. Procurei demonstrar que os sentidos produzidos por essa população acerca desses conflitos são passíveis de serem ouvidos e compreendidos, mas isso exige uma atenção diferente. É preciso ouvi-los como uma manifestação própria, fora dos discursos dominantes. Os processos comunicacionais dos caatingueiros são praticados como ato político, mesmo sem forças suficientes para intervir, desenvolvendo a enunciação de novos problemas diante dos acontecimentos.

A comunicação desses conflitos se realizou na tessitura desta tese. Para tanto, me fiz um meio de comunicação humana. Assumi a responsabilidade e os riscos desse meu ato<sup>3</sup>, como uma obrigatória singularidade, um não-álibi no existir, sem ser indiferente. Coloquei-me diante da arquitetônica do evento que se construía, atenta aos processos discursivos que foram se desenvolvendo a partir dos diálogos que foram estabelecidos nas interações com os entrevistados, formando um nós em mim

---

<sup>1</sup> Criação de um Parque de Conservação, o Boqueirão da Onça; Instalação de Parques Eólicos e Exploração de Minérios por grandes empresas mineradoras.

<sup>2</sup> Lugar onde hoje se denomina bioma caatinga e onde habita uma população que se auto-denomina de caatingueiros. Neste trabalho me refiro à população caatingueira do município de Sento-Sé Bahia.

<sup>3</sup> Princípio baseado no conceito de Ato Responsável descrito por Bakhtin (2010).

e neles, sujeitos socialmente organizados. Esse processo ocorreu durante a pesquisa e na escrita da tese, se tornando um tecido/tese<sup>4</sup>.

A pesquisa pretendeu, portanto, analisar o modo pelo qual os processos comunicacionais dos caatingueiros nos fazem ver os sentidos produzidos acerca desses conflitos com a chegada desses empreendimentos modernizantes na caatinga. Esses sentidos foram problematizados no âmbito da linguagem verbal dessa população e teve como objetivo principal tornar sensíveis as suas expressões linguageiras, historicamente ignoradas. Esse termo “ignorado” foi desenvolvido pela pesquisadora Maria Rita do Amaral Assy, na sua tese de doutorado intitulada “A força inventiva da voz ignorada” (2014). Esse trabalho demonstra que essa é uma gente ignorada, condição um tanto diferente de ‘explorada’, ‘oprimida’, ‘isolada’, ‘silenciada’. Um povo que viveu e vive sob a condição em que a ausência do dominador exerceu o seu domínio, mas paradoxalmente, foi nesse processo que outros modos de vida ganharam tempo, possibilitando uma “intensa produção existencial”. (ASSY, 2014, p.07)

As implicações acerca das transformações dos modos de existência das populações beradeiras<sup>5</sup> e caatingueiras me inquietam desde a infância por ter vivenciado o processo de deslocamento dos moradores do município de Sento-Sé, em razão da construção da barragem de Sobradinho na década de 1970. Em 2004, apresentei, no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, a dissertação “Memórias dos Lameiros do Velho Chico: história da população transplantada para Quixaba, Sento-Sé-BA”. Naquele trabalho analisei o modo como a memória coletiva dos deslocados com a construção da barragem de Sobradinho influencia a reorganização de suas vidas.

Particpei no ano de 2015 de um grupo de pesquisa sobre as “Vozes das transformações no modo ignorado de existência”. Essa proposta foi desenvolvida no Departamento de Ciências Humanas III da Universidade do Estado da Bahia e pretendeu pesquisar como certos grupos de habitantes do Norte da Bahia enfrentam as mudanças que se impõem contemporaneamente ao seu modo de vida. Mudanças que implicam em transformações das relações sociais, alterações climáticas, novas condições econômicas, exigências burocráticas e técnicas que têm alcançado os caatingueiros e os beradeiros do Rio São Francisco, mais diretamente por meio de

---

<sup>4</sup> A discussão teórica sobre essa perspectiva da Análise do Discurso se encontra no capítulo II.

<sup>5</sup> População que vivia na beira do rio São Francisco e tirava o seu sustento dele. Era um modo de vida.

obras e programas governamentais e por ações de empresas privadas e organizações não governamentais, abrindo a perspectiva do fim para o mundo que viveram anteriormente. Como experimentam o fim de seu mundo e como inventam novos modos de existência em meio ao que se impõe, são questões que se desenvolvem diferentemente para cada grupo específico. Aquela proposta pretendeu desenvolver trabalhos em meios audiovisuais e pela escrita, produzindo reportagens e blocos de análises, sob o método cartográfico, assim bem como desenvolver ações de formação de pesquisadores para lidarem com essa problemática. No entanto, precisou ser interrompida durante a fase de planejamento por questões de ordem pessoal e profissional de seus membros.

A partir desses estudos, escrevi o artigo intitulado “O lugar das pessoas nos projetos de desenvolvimento no sertão da Bahia: histórias e memórias a partir de vozes ignoradas”. No trabalho, parti das entrevistas feitas para a dissertação do mestrado com um novo propósito, ouvir as vozes ignoradas. Ao ouvi-las, de novo, fui remetida a outros mundos, pude sentir a força daqueles e de novos acontecimentos, mais uma vez pude me aproximar dessas vozes. No final do ano de 2015, elaborei o projeto de pesquisa: “Processos comunicacionais de caatingueiros, atravessados por outros mundos”, para a seleção do doutorado interinstitucional entre a UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e a USP (Universidade de São Paulo) tendo sido selecionada e através do qual desenvolvi esta tese.

As questões que guiaram a presente pesquisa se referem às práticas comunicacionais da população diante das novidades, somando-se a isso o aparato discursivo e tecnológico do Estado, de organizações não-governamentais e dos empresários que atravessam o mundo dos caatingueiros, ignorando as suas vozes e seus processos comunicacionais e a emergência dos conflitos. A questão principal foi a seguinte: como tornar sensíveis as expressões languageiras do caatingueiro e como viabilizar na matéria escrita dessa tese esses processos comunicacionais de tal forma que se efetive uma comunicação? As vozes dos caatingueiros não são ouvidas e seus processos comunicacionais sequer foram previstos na concepção dos projetos; não existe disponibilidade do outro, de fora, para ouvi-los. É uma tarefa difícil porque não é somente nesse momento que o caatingueiro não é ouvido. É uma população que historicamente foi se constituindo em meio a processos colonizadores sob os quais não tinha importância alguma e só puderam se apresentar quando os colonizadores perdem interesse pela exploração da região. A hipótese que conduziu a esse

questionamento é a de que uma compreensão ativa poderia traduzir e tornar audíveis as vozes ignoradas.

Para dar materialidade discursiva a essas questões busquei mapear a comunicação que ora se efetiva “nas caatinga”, atravessando esse mundo; interpretar a comunicação dos caatingueiros, ouvindo a língua “das caatinga”; caracterizar essa população e seus modos de existência; comunicar os conflitos enunciados por eles, apontando os problemas formulados; discutir as questões epistemológicas e políticas implicadas nos processos comunicacionais que envolvem modos de vida tradicional e projetos de modernização.

Para o desenvolvimento desta tese na perspectiva aqui delineada, me vali dos procedimentos metodológicos da pesquisa empírica, adotando apenas traços de alguns procedimentos da pesquisa etnográfica (GEERTZ, 2008) uma vez que esse tipo de pesquisa implicaria em um trabalho exaustivo, considerando a dimensão do município e a abrangência do campo problemático. A perspectiva etnográfica aqui se refere à ideia de descrição densa de um grupo ou população. Segundo Geertz (2008, p. 4), o que define a prática etnográfica “é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. Essa descrição envolve dentre outras coisas uma interpretação dos menores gestos humanos. Nesta pesquisa, esse esforço não se limitou somente a descrever, mas compreender ativamente as expressões languageiras dos caatingueiros, também historicamente ignoradas. O apelo a um método que tem a sua origem na antropologia se dá não por haver uma divergência de opinião entre os objetivos dos projetos e os dos caatingueiros, mas uma diferença cultural, pois, não se trata de ouvir uma outra parte de uma realidade, mas ouvir de outro modo.

Travancas (2011, p.100) ressalta que “a etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas”. Considerar esta pesquisa como um campo empírico, foi o grande desafio. A partir do que vi, ouvi, senti, traduzi foram surgindo os elementos para pensar o campo problemático. Nesse sentido, o pesquisador Roberto Da Matta (1978) esclarece, no artigo “O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues” -, que o trabalho de campo do pesquisador pode se desenvolver de duas maneiras: a) pelo encontro com a sociedade do ‘outro’, do diferente; e b) pelo reencontro do antropólogo com a sua própria sociedade, com o desafio de vê-la de uma forma nova, vivenciando o ‘estranhamento’ dentro da sua

própria cultura. Assim, experimentei esse “reencontro” com os caatingueiros, não como antropóloga, mas como pesquisadora, ouvinte e tradutora dos seus processos comunicacionais. Estou nesses dois campos: encontrar o caatingueiro e me reencontrar como caatingueira. Um reencontro marcado pelas palavras, com as palavras, fazendo emergir os conflitos nas palavras.

Com essas palavras, fui juntando outras, que por motivos diversos têm povoado a academia e a literatura em trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da região. Essas pesquisas datam do final dos anos 1990 para cá. Portanto, têm em média quarenta anos de existência. Antes disso, todo o conhecimento acumulado por essas populações era transmitido oralmente, como ainda o são, em grande parte. Esses trabalhos são preciosidades. Opara – formação histórica e social do submédio São Francisco (1999), escrito pelo pesquisador Esmeraldo Lopes, reúne fragmentos de obras da historiografia nacional para entender o povoamento da região do submédio São Francisco a partir dos povos originários, os índios, e dos povos ‘ignorados’: o ‘vaqueiro’, o ‘tropeiro’, o ‘barqueiro’, o ‘remeiro’, o ‘beradeiro’, o ‘caatingueiro’. Essas informações foram garimpadas principalmente, em bibliotecas de São Paulo e Recife, através de amigos do pesquisador. Esse livro serviu como uma das referências em um processo judicial para que um grupo de indígenas reivindicassem a posse de suas terras, o que levou o próprio autor a testemunhar no caso. Como é possível que a história não tenha se dado conta de forças mais invisíveis? Na mesma direção, Caatingueiros e Caatinga – a agonia de uma cultura (2012), também escrito pelo pesquisador Esmeraldo Lopes pretendeu fazer

o registro do que nunca foi registrado; a exposição do estilo de vida de um povo pouco conhecido que viveu e que vive em um ambiente muito falado, mas desconhecido, hoje mergulhado em acentuado estado de agonia; revelar, ainda que em linhas gerais, o modo como os caatingueiros vêem a si e a caatinga; dizer ao Brasil, e a quem de interesse for, que existe uma gente que encontra sua identidade utilizando o termo caatingueiro. (LOPES, 2012, p. 9).

Para uma compreensão acerca da relação entre os povos caatingueiros e os grafismos rupestres nos sítios arqueológicos já identificados na região recorri a um

Trabalho de Conclusão de Curso, de autoria de Raquel Correia de Oliveira Silva,<sup>6</sup> sobre as diferentes leituras que essa população faz dessas inscrições. Esse trabalho foi orientado pela professora Dra Maria Rita do Amaral Assy da Universidade do Estado da Bahia e contou com a colaboração do arqueólogo Celito Kesting, professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco e autor do livro “Patrimônio Arqueológico de Sento-Sé” (KESTERING, 2014), no qual esse trabalho foi citado.

Utilizei-me também de outros trabalhos acadêmicos sobre o modo de vida da população caatingueira, entre eles, a tese de doutorado da professora Giovanna De Marco “Água e Processos Subjetivos”. Nessa pesquisa a autora mapeou

as mudanças que ocorreram nos processos de subjetivação ao longo do povoamento do sertão da Bahia na região do submédio São Francisco, e mais recentemente nas comunidades rurais de Massaroca, distrito de Juazeiro. Os processos de subjetivação foram pensados como multiplicidades, que não têm uma determinação única em uma estrutura a reproduzir-se em conteúdos distintos. Multiplicidades que se compõem em linhas traçadas como um mapa aberto, que podem ser conectadas em todas as dimensões, revertidas e modificadas constantemente. (DE MARCO, 2003)

Esta tese é mais um desses trabalhos, nesses quarenta anos. É uma discussão que está em curso e assim como a maioria deles, se desenvolveu a partir do que se constitui numa linguagem oral. O que existe antes disso, são algumas memórias dos discursos dominantes. Além do mais, não há entre nós grandes monumentos históricos, como pirâmides, castelos, bibliotecas centenárias. A linguagem é onde os caatingueiros se organizam, uma materialidade mais acessível. Nessa perspectiva, a escrita dessa tese se desenvolveu dentro da constituição do pensamento e da linguagem dessa gente a partir não de generalizações e abstrações, mas de particularizações, vivências, experiências, buscando articulação entre os saberes da experiência e o saber científico. Talvez por isso, a análise se aproxima ou dá a entender uma exposição ao modo da atividade do jornalismo investigativo, mas diferentemente dessa atividade houve, na escrita desta tese, um esforço de fazer com que os conceitos operassem na minha audição e tradução: com isso, fazer aparecer

---

<sup>6</sup> Trabalho desenvolvido por Raquel Correia de Oliveira Silva, intitulado “Diferentes leituras dos grafismos rupestres de Traíras”, para a conclusão do curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, no ano de 2008.

a voz das caatingas por escrito. Nesse sentido, os discursos dos caatingueiros nem sempre possam ser analisados pelo regime de significação, pois não se trata de significados a serem revelados pela interpretação, mas sim de poder demonstrá-los no seu contexto existencial.

Tentei ser fiel à linguagem dessa gente no uso das suas palavras e no modo como as dizem, uma língua em movimento, fortemente marcada por traços da oralidade e ancorada nos saberes da experiência e do pertencimento ao seu território existencial. Ao ouvir, transcrever, traduzir e contextualizar atentamente as falas desse povo, pude perceber a intensidade e a complexidade dos conflitos que emergem nos seus enunciados e nos seus processos de enunciação. Esses processos foram referenciados no arcabouço teórico da Análise de Discurso Francesa (ADF), sobretudo nas obras de Bakhtin/Voloshinov (2006) e Authier-Revus (2004) e nos estudos de pesquisadores brasileiros a exemplo de Roseli Fígaro (2012) e Helena Nagamini Brandão (2012). Esses e outros autores contribuíram na condução das análises, embora nem sempre tenham sido citados diretamente.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizei entrevistas gravadas, que foram transcritas posteriormente. Essas entrevistas objetivaram conhecer as localidades onde os projetos estão sendo implementados e compreender como as transformações estão ocorrendo a partir de uma escuta atenta dos discursos que se produziram nesse ato, buscando torná-los sensíveis aos leitores deste trabalho. Caracterizaram-se como semiestruturadas e em profundidade. Utilizei-me também de algumas anotações em diários de registros escritos, buscando me situar nesse processo.

O contato inicial com os entrevistados se deu por intermédio do meu pai, Prof. Antonio Rodrigues Lima, que reside no município há mais de 40 anos, sendo bastante conhecido e respeitado pela comunidade em razão das atividades profissionais que desenvolveu ao longo desse tempo, como militar e professor da Educação Básica. Acredito que sem essa facilidade, não seria possível adentrar o território, e acessar o campo das problematizações dos caatingueiros. De certo modo, as relações familiares são ainda a referência territorial.

Em 2017, já com as primeiras indagações acerca dos processos comunicacionais em curso, comecei a delinear a proposta metodológica: como começar? Quem entrevistar? Já tinha clareza que seria uma pesquisa etnográfica, através de uma “descrição densa” e que faria entrevistas em profundidade. Elaborei algumas questões abertas e preparei um caderno para anotações. Queria conversar

inicialmente com moradores antigos para conhecer a história do lugar e sobre o processo de implantação dos parques. Soube através do meu pai, que é professor em Sento-Sé e também um grande contador das histórias da região, que na sede do município residiam ex-moradores de São Pedro, que “possuíam torres” e uma professora, historiadora do povoado que mantinha duas residências, uma no povoado e outra na sede.

Nesse período fiz cinco entrevistas, buscando uma aproximação com o objeto da pesquisa e também para ter um primeiro desenho do contexto histórico do lugar. A entrevista com professor Domingos foi feita na casa de meu pai, porque na residência do mesmo habita um papagaio que não deixa ninguém falar e ouvir. A professora Francisca estava em São Pedro, fomos para lá, eu e meu pai, juntamente com a filha da professora, que reside na sede do município e aproveitou a oportunidade para visitar os pais. Saímos da sede por volta das 08:00h, chegamos por volta das 10h. A estrada não estava boa. Fomos conversando sobre a professora Francisca. Foi quando fiquei sabendo mais detalhadamente do seu amor pelos estudos e pelas histórias do município e das pessoas.

Ao chegarmos no povoado, a professora Francisca já nos esperava, juntamente com seu esposo na varanda da casa. Começou logo a conversar, pedi então para gravar. Falei dos objetivos do trabalho e quase não falei mais porque a professora narrava os fatos, como se os tivesse vivenciando naquele momento. Enquanto isso, a filha da professora preparava o almoço. Paramos apenas para a refeição e logo retomamos. Durante o almoço ouvimos as histórias do meu pai sobre alguns personagens de Sento-Sé. Conversamos a tarde inteira, apenas o esposo da professora, seo<sup>7</sup> Chicada é que saiu para cuidar dos animais. Encerramos no final da tarde.

Durante o jantar, percebi uma movimentação estranha. Seo Chicada se arrumou com chapéu e facão na cintura e saiu, retornou com um sobrinho do casal comentando sobre uma viagem que iriam fazer, mas tudo muito discreto, sem maiores detalhes. Em seguida chegou um senhor, seo Joaquim, morador de uma fazenda próxima e amigo da família. O sobrinho foi embora, mas o amigo ficou. Perguntei a professora Francisca sobre o que estava acontecendo, ela me disse que era um

---

<sup>7</sup> Uso ‘seo’ como pronome de tratamento. O feminino para ‘seo’ é dona.

probleminha de família, mas que estava sendo resolvido. Fomos dormir. No mato, dormir cedo é uma prática.

Na manhã seguinte, acordei por volta das 06h da manhã, encontrei todos acordados, já prontos para o café. Conversei com seo Joaquim sobre o trabalho que estava realizando e pedi para entrevistá-lo. Percebi durante a entrevista que havia um problema de terras envolvendo a família. Ao final da entrevista, e de maneira bastante informal, perguntei sobre o que estava acontecendo, ele também me disse que era sobre posse de terras, entre a família, em uma fazenda próxima a dele. Não houve nenhum comentário sobre o ocorrido, entendi que era um problema envolvendo o parque eólico, mas que não deveria ser comentado por se tratar de conflito familiar. Assim, encerramos esse primeiro momento de coleta de informações.

A partir desse momento, fiquei atenta às notícias que me chegavam sobre a instalação dos parques eólicos na região. Uma delas tratava-se de um acontecimento que nos remete a uma pesquisa anterior sobre a existência de uma “serra azul brilhante”, nas proximidades do povoado. Em outro momento fiquei sabendo que morcegos estavam invadindo as casas por causa das eólicas. Essas histórias nos interessam não pela informação que elas veiculam, mas o modo e o propósito como esses assuntos circulam. Compreendo que esses dispositivos imagéticos como a invasão dos morcegos se constituem também como um dispositivo comunicacional para provocar discussões acerca da questão eólica na região.

Várias outras notícias foram chegando sobre a instalação de novos parques eólicos. Um deles, em fase de implantação em Brejo da Brásida<sup>8</sup>, comunidade que fica próxima ao povoado de São Pedro. Essa área da caatinga é considerada um dos oásis do município por possuir uma grande diversidade de plantas, animais, solo fértil e nascentes. Outro fato que repercutiu inclusive nacionalmente foi um incêndio de grandes proporções que destruiu cerca de dois mil hectares de vegetação de uma área do Parque Nacional Boqueirão da Onça, área equivalente a três mil e quinhentos campos de futebol<sup>9</sup>. Busquei informações com moradores da região sobre o

---

<sup>8</sup> Brejo da Brásida fica a cerca de 100km da sede do município de Sento-Sé.. Fica numa região de nascentes de olhos d’água, com uma rica diversidade de plantas e animais. Atualmente, a Associação de Moradores tem dialogado com as empresas de energia eólica e com representantes dos governos acerca da implantação do parque de conservação, buscando meios para a inserção nesses projetos, de modo que possa potencializar as ações de preservação ambiental que já estão em curso.

<sup>9</sup> [http://www.geraldojose.com.br/mobile/index.php?sessao=noticia&cod\\_noticia=107277](http://www.geraldojose.com.br/mobile/index.php?sessao=noticia&cod_noticia=107277)

acontecido e percebi o estranhamento das pessoas pelo fato de que não é comum esse tipo de incidente na região.

A partir dessas conversas, precisei redimensionar o meu campo de pesquisa, incluindo formalmente a implantação do Parque Boqueirão da Onça e a exploração de minérios na região. Sobre o parque, entrevistei quatro moradores. O primeiro, seo Dico, escolhi por ter sido uma das minhas fontes durante a pesquisa para o mestrado e ser residente do povoado de Quixaba, região central do Parque. Ele indicou um outro morador, seo Marivaldo, que me sugeriu outros dois, seo Anísio e seo Zé Quirino. Entrevistei também dois técnicos da Secretaria de Meio Ambiente de Sento-Sé, Josebel e Geraldo, e conversei com a secretária da pasta. Essa entrevista me levou para mais quatro entrevistas: Cadi e Marila, representantes do IRPAA – Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada; também ouvi o Professor Ananias e a Professora Mariluze, que se constituíram como “intelectuais orgânicos<sup>10</sup>” desta pesquisa.

Esse modo de escolha dos entrevistados acabou se constituindo numa técnica de pesquisa denominada de “snowball” ou “snowball sampling” (“Bola de Neve”), como é conhecida nos meios acadêmicos no Brasil. Essa técnica consiste na utilização de amostras “[...] onde os participantes iniciais indicam novos participantes, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”).” (BALDIN e MUNHOZ, 2011, p. 332). Nesta pesquisa, o ponto de saturação se deu quando os principais temas identificados na problemática foram abordados.

O relato acima interessa para mostrar que essa não é um tipo de pesquisa que se possa fazer sem um vínculo, sem certo envolvimento com o cotidiano dos entrevistados. O fato de eu ser considerada como filha do lugar, embora não tenha nascido lá; de meu pai ser bastante conhecido e respeitado pelas pessoas; o modo como nos aproximamos dos entrevistados, tudo isso pode ter contribuído para que as pessoas se disponibilizassem para conversar e até mesmo nos acolher em suas casas.

As questões abordadas nas entrevistas, inicialmente, trataram sobre o Parque Eólico de São Pedro, específico para residentes locais: a) o tempo que reside no povoado; b) a origem do lugar; c) como as pessoas viviam antigamente; d) como é a

---

<sup>10</sup> Esse conceito será explicitado mais adiante.

vida hoje; e) como foi a chegada dos parques eólicos; f) o que mudou com a chegada dos parques eólicos. A partir dessas entrevistas, quis saber mais sobre a formação histórica da região, que é especialmente marcada pelo gado, o desbravador nesse processo.

Em uma viagem ao município encontrei-me com seo Dico, morador do povoado de Quixaba, que me relatou como o gado foi fundamental para a formação dos povoados, uma vez que esse animal alcançava os lugares que tinham água, o que acabava levando as pessoas a residirem nesses locais. Essa minha aproximação com seo Dico vem desde a pesquisa que desenvolvi no mestrado, quando ele foi um dos meus entrevistados.

Com seo Dico, as questões versaram sobre o povoamento da região como um todo e as questões atuais, especialmente os parques eólicos, o Parque Boqueirão da Onça e a instalação do garimpo de ametista, em Quixaba. Foi nessa conversa que ele me indicou o senhor Marivaldo, também morador de Quixaba para falar sobre o Parque de Conservação. Essa entrevista teve como questão principal o parque. Inicialmente quis saber sobre como era antes, uma vez que aquela região também é conhecida como “Caldeirão da Onça”. Nessa conversa foram estabelecidas várias relações entre os Parques (de conservação e eólicos), assim como, as comunidades de Fundo de Pasto.

Para um conhecimento maior sobre a região, seo Marivaldo me indicou seo Anisinho, pelo fato dele ter nascido e se criado no Brejinho, lugar mesmo do Boqueirão da Onça, área que hoje abriga garimpeiros. Seo Anísio nos situa geograficamente, no coração do Boqueirão e levanta questões sobre a onça pintada. Por ser importante um melhor entendimento sobre os processos comunicacionais<sup>11</sup> em desenvolvimento pelos caatingueiros, conversei com seo Zé Quirino, da Lagoa do Mari, comunidade ameaçada de relocação pelo Parque Boqueirão da Onça. A escolha desses entrevistados se deu também, por serem personagens que contemplam o tempo antigo e o atual e por atenderem ao meu interesse em conhecer os processos comunicacionais mais intimamente relacionados com a tradição caatingueira.

No intuito de entender melhor as transformações ambientais em curso no município, procurei a Secretaria do Meio Ambiente e lá conversei com a secretária da pasta juntamente com dois técnicos. A secretária, no entanto, não autorizou a

---

<sup>11</sup> As questões teórico-metodológicas a respeito dos processos comunicacionais discutidos nesta tese, estão descritas no capítulo II

gravação da sua fala. Os técnicos emitiram as suas visões pessoais acerca dos acontecimentos, mas disseram desconhecer tecnicamente os detalhes dos projetos, uma vez que grande parte das informações são de responsabilidade dos governos estadual e federal, estando o município sem jurisprudência sobre os mesmos. No entanto, foi-me indicada uma técnica, Mariluze, que pelo seu envolvimento com as questões ambientais do município, especialmente com a localidade em que é moradora, detém informações que possivelmente me ajudariam.

O contato com Mariluze foi no povoado de Brejo da Brásida, localidade em que é moradora e membro da Associação de Moradores. Pelo modo como se colocou no processo dessa pesquisa, se constituiu como uma representante “orgânica” da população pesquisada. Essa identificação com esse personagem conceitual de Gramsci (1985) se deveu ao fato dessa pesquisadora e líder comunitária vir desenvolvendo um processo organizativo e comunicacional complexo, dialogando com agentes governamentais e não governamentais na perspectiva de pensar o lugar e o papel do povoado e do município no contexto dessas transformações. Como técnica da Secretaria do Meio Ambiente, ela tem se dedicado a pensar o modo como a implantação dos projetos vem se constituindo e tem buscado os meios para resolver os problemas que surgem. As conversas com ela e o acesso aos seus documentos também ajudaram a ver as tensões, contradições e negociações e os processos comunicacionais desenvolvidos por ela e pelos demais agentes envolvidos, a partir das funções que ela exerce. Esse modo orgânico de agir foi o que me fez considerá-la como uma importante referência para o desenvolvimento desta pesquisa.

Durante esse processo, tive conhecimento também do professor e radialista Ananias, conhecido como Galo, nascido no Boqueirão da Onça. Ao entrevistá-lo, percebi que a sua elaboração discursiva nos ajuda a ver o contexto comunicacional em que se desenvolvem essas transformações, pelo fato de acompanhá-las como caatingueiro, educador e comunicador e ter participado de gestões governamentais anteriores. Pelas relações que movimenta, no exercício de suas funções, entendi a importância de considerá-lo neste trabalho, também como um “intelectual orgânico”, na perspectiva gramsciana. Sua fala calma e articulada, faz uma descrição desse processo, fazendo uma reconstrução histórica, mostrando o modo como organismos governamentais e empresariais atravessam o mundo dos caatingueiros. A sua fala situou o modo como a comunicação dos governos e das empresas ajudaram a consolidar os projetos em andamento. Essa foi a perspectiva adotada nesta pesquisa:

situar as diferentes forças que atuaram no processo, como as coisas se manifestam. Não houve intenção em apurar os fatos. Esse modo de pensar, comunga com o modo de pensar dos caatingueiros, eles não querem apurar os fatos, mas se situar.

Para o entendimento do sentido atribuído ao termo “representantes orgânicos” citado acima, me vali do conceito de intelectual orgânico usado por Antonio Gramsci (1985) para esclarecer o papel do intelectual na organização dos processos culturais nas sociedades em transformação. Esse conceito se ancora na constatação dele de que,

[...] Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político [...]. (GRAMSCI, 1985, p.3)

Esses intelectuais identificados nesta pesquisa não foram criados intencionalmente pelos caatingueiros para representá-los, no entanto se originaram nesse grupo social e ao desempenharem funções intelectuais elaboraram uma compreensão do modo de vida dessa população articulada com os processos sócio-históricos e culturais mais amplos. Ao diferenciar os intelectuais do tipo urbano do tipo rural, Gramsci salienta que “os intelectuais de tipo rural [...] põe em contato a massa camponesa com a administração estatal ou local [...] e, por esta mesma função, possui uma grande função político-social, já que a mediação profissional dificilmente se separa da mediação política (idem, p.13). Desse modo, esse grupo orgânico de intelectuais acaba desempenhando essa função de ser uma voz articulada e legítima, porque originária desse grupo, das questões dessa população.

Nesse contexto de se fazerem ouvidos e representados, é possível constatar que os empresários e os representantes dos governos e das ONG's cada um tem sua voz e no entendimento dos moradores, as onças também têm voz. Essas vozes são facilmente identificadas através dos técnicos das empresas e dos governos, assim como, dos agentes ambientalistas, mediadores dos projetos de modernização. Por outro lado, as percepções dos sujeitos pesquisados não são consideradas pelas instituições, foram se materializando nesta tese, a partir das suas produções discursivas e pretendemos demonstrar todo o esforço dessa população em ser ouvida e considerada.

Considero esses representantes do povo caatingueiro como pessoas que já têm um modo particular de interpretar a própria realidade, que já elaboraram ideias, julgamentos, o que me possibilita pensar o lugar de quem pensa, neste caso, as transformações do município de Sento-Sé na perspectiva da sua população, sobretudo a que vive na caatinga, área rural desse território. O conceito de território foi desenvolvido nesta tese a partir também do olhar desses personagens. Entendo que a disputa política no campo tem mais a ver com as questões territoriais, uma vez que é a relação com a terra que está sendo posta. Nesse sentido, a identificação do intelectual orgânico tradicional, me fez interessar pelas suas narrativas, que ao serem ouvidas e transcritas, foram me guiando no processo de pesquisa a partir das informações, dos questionamentos e dos esclarecimentos feitos por eles acerca das problemáticas vivenciadas pela população caatingueira.

Do mesmo modo, outras falas foram identificadas como experiências de comunicação no enfrentamento dessas mudanças, na medida em que estão produzindo novas formas de organização, a exemplo da articulação da comunidade com a “Central de Fundo de Pasto” e a “Articulação Estadual de Fundo de Pasto”, desenvolvidas por representantes do Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA)<sup>12</sup>. Como resultado dessas parcerias, foi criada no município uma Comissão de Fundo de Pasto, responsável pela mobilização das comunidades em defesa desse modo de convivência e de criação de animais. Uma outra experiência é a da Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida que criou um Centro de Referência do Bioma Caatinga e da Arqueologia, uma proposta para o Boqueirão da Onça. Essa última nos forneceu alguns dos materiais que foram usados neste trabalho. Essas experiências embora tratem dos conflitos existentes entre os moradores e os projetos modernizantes, se constituem como um modo de comunicação mediada por organizações não governamentais, não sendo este o foco da tese aqui desenvolvida.

Outros discursos foram considerados no tratamento dos dados aqui analisados, a exemplo daqueles veiculados pela imprensa, na internet, acerca das ações do Instituto Pró-Carnívoros (IPC) que desenvolve o “Programa Amigos da Onça: grandes predadores e sociobiodiversidade na caatinga”; publicações sobre a instalação dos

---

<sup>12</sup> Sobre a proposta de convivência com o semiárido como projeto de desenvolvimento local, ver a dissertação de mestrado: “A convivência como semi-árido: desenvolvimento regional e configuração do local no projeto do IRPAA (MACEDO, 2004)

parques eólicos e sobre as empresas mineradoras e da implantação do Parque Boqueirão da Onça.

Para tornar sensíveis as expressões languageiras do caatingueiro e viabilizar na matéria escrita dessa tese os seus processos comunicacionais de modo que se efetivasse uma comunicação, os capítulos foram escritos simultaneamente, à medida em que as questões eram suscitadas nas falas dos entrevistados. Para efeito didático, situamos o campo problemático no primeiro capítulo, intitulado de: “Comunicação “nas caatinga” - caatingueiros atravessados por outros mundos”; no segundo capítulo, “Comunicação de Caatingueiros: ouvindo a língua das caatingas”, situo os processos comunicacionais dos caatingueiros no contexto das teorias acerca da análise do discurso de origem francesa, problematizando as suas epistemologias nas singularidades das suas práticas; no capítulo 3, “Comunicação da existência: essa gente caatingueira”, argumento a escolha da denominação “caatingueiro” e não sertanejo, por exemplo, em razão da singularidade dos modos de vida desse povo, ao tempo em que estabeleço o período em que esse modo de vida foi considerado para o desenvolvimento dessa pesquisa. O último e quarto capítulo, “Comunicação de Conflitos: enunciados de caatingueiros”, é a análise, propriamente. Nele, os processos comunicacionais dos caatingueiros nos fazem ver os conflitos vivenciados por eles, no contexto de exploração do seu território pelos projetos modernizantes que ora atravessam o seu mundo.

Ao longo da História do Brasil, na República, como veremos no capítulo III, esses caatingueiros foram ignorados como um povo com cultura própria, sendo considerados apenas, brasileiros pobres. Ainda hoje, apesar de uma abertura pela ciência, da diversidade que constitui a sociedade brasileira, são pouco estudados e normalmente, dentro de uma perspectiva de fora. Favorecer a materialidade dessa comunicação implicou em uma atividade que está explicitada no decorrer desta tese e exigiu da pesquisadora o rigor de tratar de algo estranho à tradição do pensamento ocidental moderno. Nesse sentido, a comunicação para se efetivar, exige que toque o leitor e esse se abra para um outro pensar e se comunicar. No atual ritmo das transformações uma perspectiva que se coloca é o desaparecimento desse povo e junto com ele uma alternativa de mundo<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Sobre essa questão, o título do livro do professor e pesquisador Esmeraldo Lopes, já citado: “Caatingueiros e Caatinga – a agonia de uma cultura”, denota essa problemática.

## 1. COMUNICAÇÃO “NAS CAATINGA”<sup>14</sup>: CAATINGUEIROS ATRAVESSADOS POR OUTROS MUNDOS

Os caatingueiros, ouvidos neste trabalho, vivem “nas caatinga”, em povoados ou fazendas, próximos a serras, lagoas ou brejos, todos no município de Sento-Sé, localizado no extremo norte da Bahia, região semiárida do Nordeste brasileiro, no Sertão do São Francisco. A vegetação predominante da região é a caatinga, chamada pelos índios que aqui habitavam de “mata branca”. Fica à margem direita do Lago de Sobradinho<sup>15</sup>, cercado por inúmeras serras. De acordo com dados do IBGE<sup>16</sup> (2010), o município está situado em uma área de 12 871,039 km<sup>2</sup>, sendo a terceira maior extensão territorial do Estado da Bahia, com uma população estimada de 40.703 hab. Está situado também no Território do Sertão do São Francisco<sup>17</sup>, juntamente com mais dez municípios do Norte da Bahia. Pertence à região do Vale do São Francisco<sup>18</sup>, ficando a 200 km do município de Juazeiro, cidade onde resido e a 600 km da capital do Estado, Salvador.

O mapa a seguir abrange a sede e o interior do município. A sede municipal é uma “cidade nova”, construída em virtude do deslocamento de seus moradores da cidade “velha” para outras regiões, em decorrência da inundação de suas terras pelo represamento das águas do Rio São Francisco, por ocasião da construção da hidroelétrica de Sobradinho. Do mesmo modo, aconteceu aos municípios de Remanso, Casa Nova e Pilão Arcado, na década de 1970. Sendo essa uma transformação abrupta, que deslocou de forma compulsória cerca de 70.000 pessoas, alterando significativamente a organização social e espacial dos municípios afetados, assim como, as relações espaço/tempo que os seus moradores tinham com a natureza e com as comunidades (LIMA, 2004).

---

<sup>14</sup> Esse é o modo como as pessoas da região se referem àquelas que habitam a caatinga.

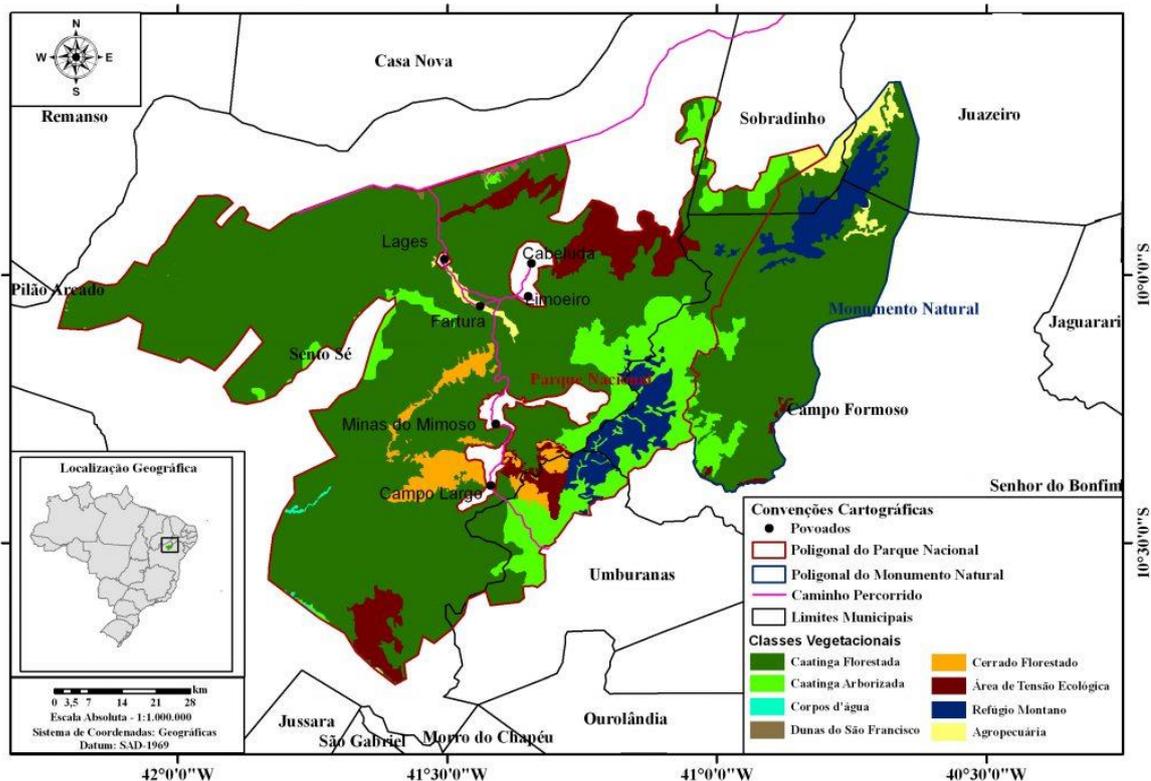
<sup>15</sup> Um dos maiores lagos artificiais do mundo, criado para a represar as águas do rio São Francisco para geração de energia elétrica.

<sup>16</sup> IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>17</sup> Território do Sertão do São Francisco, engloba 10 municípios do norte baiano, a saber: Uauá, Campo Alegre de Lourdes, Canudos, Casa Nova, Curaçá, Juazeiro, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho.

<sup>18</sup> Vale do São Francisco é uma região que fica às margens do Rio São Francisco, atravessando os Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

Figura 1 - Mapa do Município de Sento-Sé - Ba



Fonte: CRAD - UNIVASF<sup>19</sup>

O município atual se configura em lugares do “antes” e do “depois” do deslocamento. Não existe mais rio e nem beradas, como antes, mas o lago, cujas bordas pertencem a grandes proprietários, beneficiados pela política da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), responsável pela nova organização dos espaços atribuídos à população deslocada, tanto em relação às terras quanto às moradias. Os antigos beradeiros receberam lotes afastados da margem do lago, passando a depender das chuvas para praticar a agricultura, comparando-se aos caatingueiros, que vivem na e da caatinga, em roças, povoados e fazendas. Especialmente esses últimos, enfrentam atualmente o atravessamento de três grandes projetos de modernização: a implantação de parques eólicos; a instalação de um parque nacional de conservação, o Boqueirão da Onça, e a exploração de seus recursos minerais por garimpeiros e grandes empresas do setor de mineração.

A maior parte do território de Sento-Sé fica na caatinga. Uma área enorme rodeada por serras e de onde se pode avistar o Lago de Sobradinho, percorrendo a

<sup>19</sup> <https://www.oeco.org.br/reportagens/25139-boqueirao-da-onca-o-parque-que-virou-mosaico/>  
Acessado em 22/08/2018

outra extremidade do município. A área total da caatinga no Brasil é de quase novecentos mil metros quadrados, percorrendo nove estados brasileiros<sup>20</sup>, habitado por cerca de 28 milhões de pessoas. É o maior bioma do Nordeste e o único exclusivamente brasileiro, mas somente agora está sendo visto como importante e, por exemplo, obtendo o reconhecimento de que os caatingueiros que nele vivem são povos tradicionais, conforme o que estabelece o Decreto nº 6040, de 07 de fevereiro de 2007, art. 3º, inciso I ao compreender que povos e comunidades tradicionais são:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Esse reconhecimento, no entanto, não se traduz em ações práticas, uma vez que esse povo não é considerado enquanto tal pelo Estado e pelas empresas que adentram o seu mundo para explorar as suas riquezas. Segundo dados da “Declaração da Caatinga”<sup>21</sup>, essa é uma das regiões mais densamente povoadas, considerando regiões climáticas similares no mundo, portanto, é imprescindível a conservação e uso sustentável dos seus recursos. No entanto, mesmo possuindo uma grande diversidade biológica, esse é o bioma brasileiro menos protegido e pesquisado. Cerca de 50% da vegetação original já foi perdida, em decorrência da exploração dos seus recursos naturais. Vale ressaltar que o que ainda existe, foi exclusivamente preservado pelo povo caatingueiro, especialmente em Sento-Sé.

### 1.1 A MODERNIZAÇÃO DA CAATINGA: O CAMPO PROBLEMÁTICO

Atualmente grandes transformações atravessam a vida da população de Sento-Sé e conseqüentemente os processos comunicacionais em curso. A presença e atuação de projetos de modernização invadem o lugar. A implantação do Parque

---

<sup>20</sup> Alagoas, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

<sup>21</sup> Publicada pela I Conferência Regional de Desenvolvimento Sustentável do Bioma Caatinga – A Caatinga na Rio+20 de 17 e 18 de maio de 2012.

Nacional de Conservação, o Boqueirão da Onça<sup>22</sup>, tem como personagem principal a onça pintada, motivo de acaloradas discussões e muitas controvérsias; a implantação de diversos Parques Eólicos, a partir da mais “recente” descoberta do setor: os melhores ventos do Brasil estão no Nordeste<sup>23</sup>; a instalação de garimpos para extração de ametista e cristal branco especialmente o de Cabeludas. Atualmente a referência é o garimpo de Quixaba<sup>24</sup>. Mais recentemente, no final do ano de 2018, a população foi surpreendida com a notícia de uma licença prévia para exploração de ferro pela empresa Anglo-Australiana Colomi Iron Mineração.

O decreto para instalação do Parque de Conservação é de 2018, mas as “conversas” e a presença de agentes externos para a sua implantação datam do ano de 2006<sup>25</sup>; o “zum, zum, zum” sobre as torres para geração de energia eólica datam de 2009, mas, a efetiva implantação dos Parques é de 2014; o garimpo de ametista foi aberto por moradores do município em 2017, mas continua sendo operado ilegalmente, e o “converseiro” sobre a extração de minério de ferro data do fim dos anos 1990, embora a população já soubesse da existência de alguns minérios na região, a exemplo do cristal branco. Nesse contexto, a população foi surpreendida pela imprensa, no início de abril deste ano de 2019 com a informação da instalação de uma multinacional no município para extração de ferro e construção de uma ferrovia na região, inclusive com a visita dos seus representantes. O jornal que publicou a notícia não mencionou o nome de Sento-Sé na matéria, se referindo assim ao local de instalação: “... a mina da companhia fica a 200 km de Juazeiro” (BAHIA ECONÔMICA, 2019)<sup>26</sup>.

---

<sup>22</sup> A região do Boqueirão da Onça, que envolve os municípios de Umburana, Sento Sé, Sobradinho, Campo Formoso e Juazeiro, possui as maiores cavernas do hemisfério sul, uma flora repleta de espécies raras e espécies ameaçadas de extinção, a exemplo da Onça pintada.

<sup>23</sup> Segundo o então Ministro de Minas e Energia, Eduardo Braga, em entrevista à BBC News Brasil em 2015; "O vento brasileiro está predominantemente localizado na parte setentrional do Nordeste, com potencial identificado de 300 gigawatts", diz Braga à BBC Brasil. "Esse potencial tem se revelado cada vez mais eficiente, levando a um investimento significativo nessa região." [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151110\\_energia\\_eolica\\_nordeste\\_rb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151110_energia_eolica_nordeste_rb)

<sup>24</sup> Esse povoado fica a cerca de 50km da sede do município, parte dele abriga um garimpo de ametista, ainda ilegal, mesmo sendo comparado ao de Serra Pelada, no Pará. Paradoxalmente, a área do garimpo está situada no Parque Boqueirão da Onça.

<sup>25</sup> O governo federal, após um rápido e conflituoso período de discussão com organizações não governamentais e comunidades pertencentes aos municípios de Sento-Sé, Sobradinho, Juazeiro e Campo Formoso, todos no Estado da Bahia, através do Decreto nº 9.336, de 05 de abril de 2018 criou o Parque Nacional do Boqueirão da Onça, com uma área de aproximadamente de 347.557 hectares e a APA do Boqueirão da Onça, formando um mosaico de proteção com aproximadamente 853 mil hectares de caatinga.

<sup>26</sup> [http://www.geraldojose.com.br/index.php?sessao=noticia&cod\\_noticia=114921](http://www.geraldojose.com.br/index.php?sessao=noticia&cod_noticia=114921)

Os dados noticiados pela mídia<sup>27</sup> sobre esse empreendimento informam que o plano de ação da multinacional prevê investimentos da ordem de 12 bilhões na Bahia. Destes, quase 5 bilhões serão investidos na mina da empresa, que será instalada na Serra da Bicuda, próximo aos povoados de Aldeia, Pascoal e Limoeiro, comunidades que ficam a menos de 3km da borda do Lago de Sobradinho. Os moradores são beradeiros, que desenvolvem a pesca e a agricultura, mas também criam animais soltos na caatinga, especialmente junto às serras. Com o desenvolvimento das atividades da mineradora, a estimativa, já aventada pelos moradores é que em 20 anos, as serras da Bicuda, Melancia e Lã de Seda desapareçam do mapa da região.

Os governos municipal e estadual estão propagando a chegada dessa empresa à Bahia como uma grande possibilidade de desenvolvimento econômico, uma vez que implementará ações de infraestrutura em ferrovias e portos no Estado. Por outro lado, moradores e lideranças comunitárias iniciaram algumas manifestações contrárias, em razão dos impactos já vivenciados por eles com a construção da barragem de Sobradinho e também, considerando os desastres ocorridos com empreendimento dessa natureza no estado de Minas Gerais. O movimento conta com o apoio de entidades locais e regionais ligadas ao campo, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), núcleo de Juazeiro BA, Associações Comunitárias e Sindicato dos Pescadores de Sento-Sé<sup>28</sup>.

Todos esses projetos estão sendo implementados nos mesmos espaços/tempos no município de Sento-Sé, especialmente nas áreas de caatinga, nas serras e suas proximidades, através de um aparato discursivo e tecnológico do Estado e empresariais que atravessam o mundo de caatingueiros do Sertão do São Francisco, ignorando os modos de existência dessa população e suas vozes. Elas não são ouvidas, até porque não foram previstas em nenhum desses projetos.

Esta pesquisa se desenvolveu, portanto, no contexto de implantação de projetos modernizantes que estão modificando os modos de existência da população caatingueira, os quais não consideram os modos de pensar e de se expressar desse povo. Várias intervenções estão sendo feitas no espaço/território dessa gente. O desenho atual do PARNA (Parque Nacional) Boqueirão da Onça, de acordo com um

---

<sup>27</sup> [http://www.geraldojose.com.br/index.php?sessao=noticia&cod\\_noticia=115320](http://www.geraldojose.com.br/index.php?sessao=noticia&cod_noticia=115320)

<sup>28</sup> <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/4750-nos-vamos-ficar-com-a-morte-e-a-doenca-em-sento-se-ba-comunidades-ribeirinhas-temem-empreendimento-de-mineracao>

estudo preliminar feito pela Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida<sup>29</sup>, foi modificado para atender aos interesses do setor de energia eólica e das grandes empresas mineradoras.

## 1.2 O CONFLITO NO PARQUE BOQUEIRÃO DA ONÇA

Figura 2 - Paisagem no Boqueirão da Onça

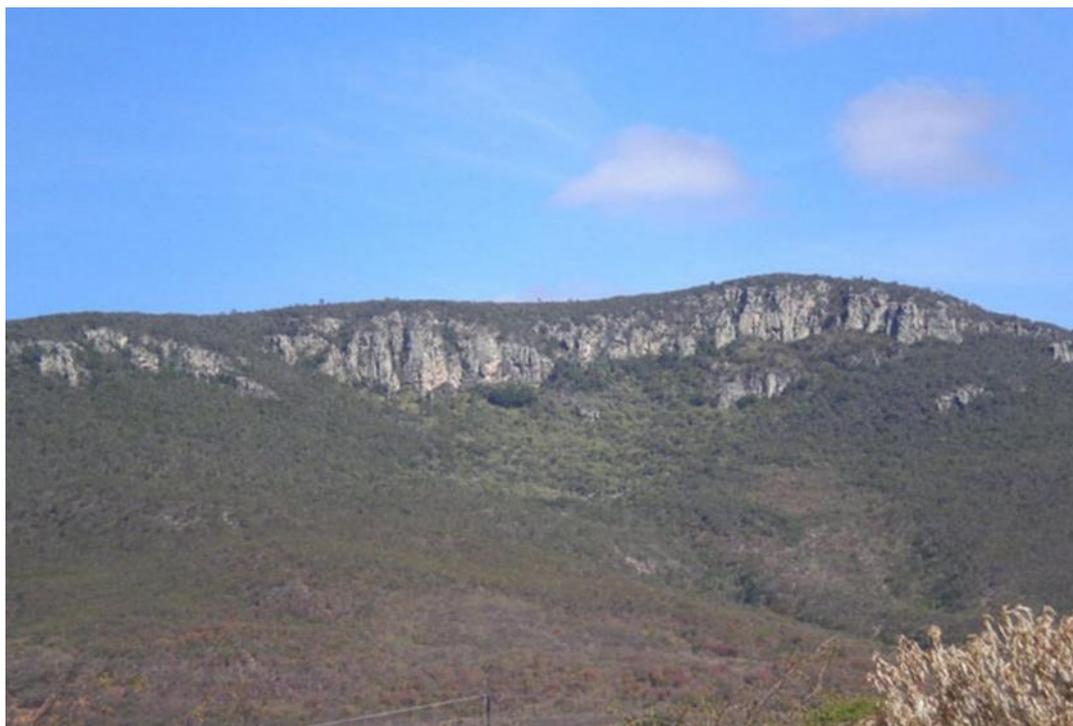


Foto: CELSO CALHEIROS - FONTE<sup>30</sup>

Nesse cenário, a criação do Parque Boqueirão da Onça tem sido marcada por controvérsias, indefinições, especulações e desinformações. Os primeiros mapas foram elaborados pelo ICMBios, com a participação do Ministério de Minas e Energia (MME), setor de energia e mineração e tinha tomado como base as áreas relevantes para conservação. Nesses mapas foram incorporadas as solicitações das comunidades de Fundo de Pasto e do setor de energia eólica. No entanto, no final de 2010, contrariando as propostas, especialmente das comunidades, foi publicado um

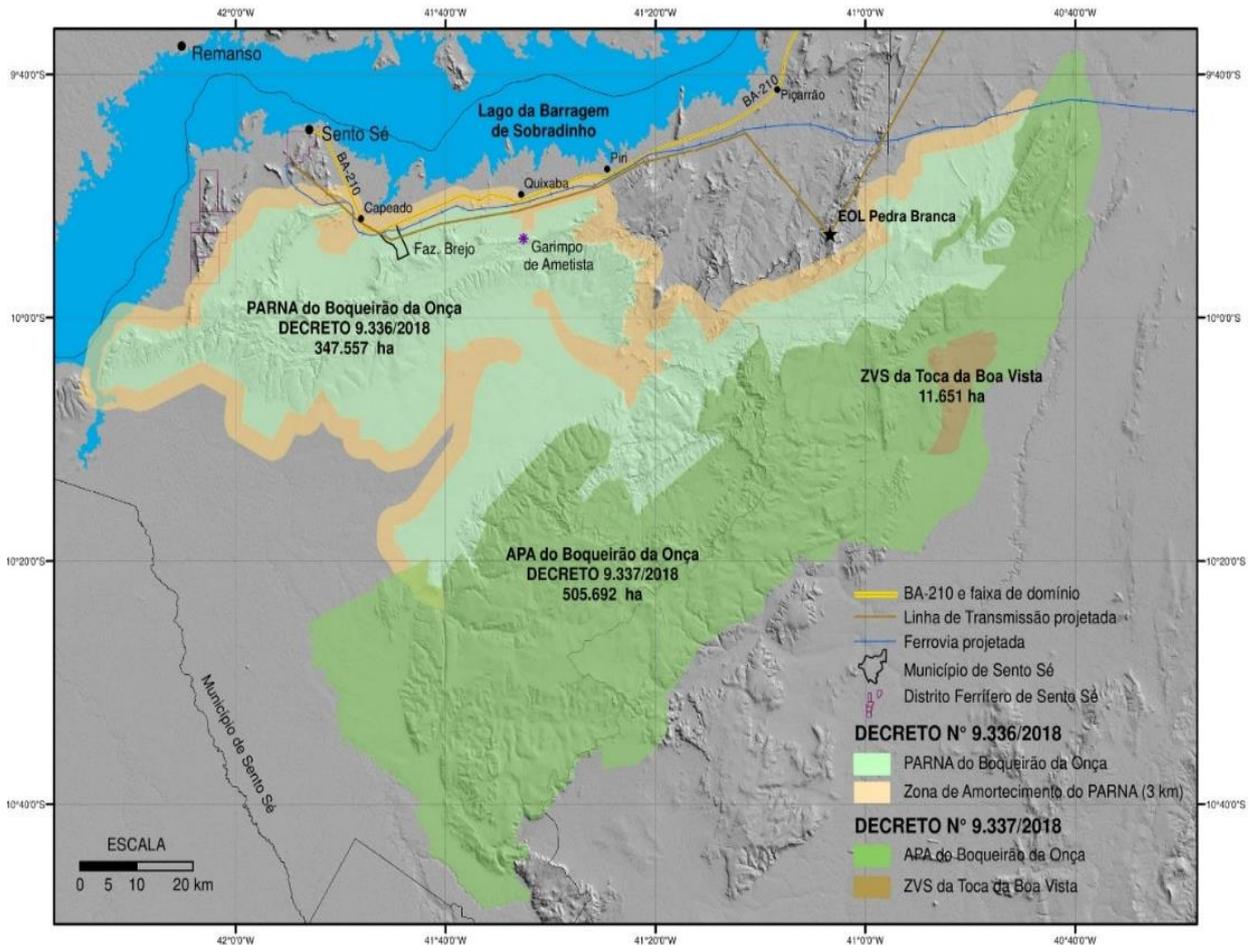
---

<sup>29</sup> Esse Relatório intitulado: "Justificativas Técnicas para Alteração dos Limites Atuais do PARNA do Boqueirão da Onça", foi elaborado pela Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida

<sup>30</sup> <https://www.oeco.org.br/reportagens/25139-boqueirao-da-onca-o-parque-que-virou-mosaico/>

novo mapa, que está sendo questionado pelos moradores de Sento-Sé e formalmente pela Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida.

Figura 3 - Mapa do PARNA e APA com a Zona de Vida Silvestre (ZVS) do Boqueirão da Onça definidas pelos Decretos 9.336 e 9.337/2018.



**Fonte:** Relatório: "Justificativas Técnicas para Alteração dos Limites Atuais do PARNA do Boqueirão da Onça" - Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida - 2019

De acordo com o art. 11 da Lei 9.985/2000, Lei do Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC, que normatiza todo tipo de Unidade de Conservação,

O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico [...] §1º O Parque Nacional é de posse e domínio públicos, sendo que as áreas particulares

incluídas em seus limites serão desapropriadas, de acordo com o que dispõe a lei.

Como visto, não é permitida nenhuma atividade econômica em áreas de PARNA, com exceção para turismo guiado. Ao redor de uma Unidade de Conservação é estabelecida uma Zona de Amortecimento (ZA), também chamada de Zona Tampão, que de acordo com art. 2º, inciso XVIII, da Lei do SNUC – tem o propósito de minimizar os efeitos negativos das atividades que ocorram depois dela, como entre outras coisas, a ocupação humana, o que no caso de Sento-Sé afeta diretamente as comunidades que tradicionalmente vivem na caatinga, criando animais de forma extensiva, nas também já reconhecidas legalmente, comunidades de Fundo de Pasto<sup>31</sup>. No relatório sobre as “Justificativas técnicas para alteração dos limites atuais do PARNA do Boqueirão da Onça”, elaborado pela Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida, consta que:

As principais alterações ocorreram no que concerne ao grau de relevância das áreas da região do Boqueirão da Onça para a conservação. Áreas importantes ambientalmente – classificadas pelo próprio ICMBio como de **“alta relevância para a conservação”** – foram excluídas do PARNA e substituídas por sítios de **“baixa relevância para a conservação”** dos arredores da cidade de Sento Sé. Houve uma espécie de compensação para que, com a mudança, a área total do PARNA não fosse reduzida. (RELATÓRIO elaborado pela Associação de Moradores do Povoado de Brejo da Brásida. (Grifos do original – 2019, p. 07)

Essa alteração surpreendeu os caatingueiros. Alguns entrevistados nos relataram não saberem o motivo pelo qual áreas importantes para o meio ambiente, como a “Serra do Sapateiro”, terem ficado fora do parque. Esse fato também consta do relatório já citado, quando questiona o papel do ICMBio (Instituto Chico Mendes da Biodiversidade) nesse processo.

As modificações do Governo da Bahia foram aceitas praticamente na íntegra pelo ICMBio, resultando na modelagem do PARNA, APA e ZVS criados pelos Decretos 9.336 e 9.337/2018, apesar de contrariarem vários aspectos dos estudos técnicos anteriores do ICMBio discutidos com a comunidade e concluídos em 2011. (idem).

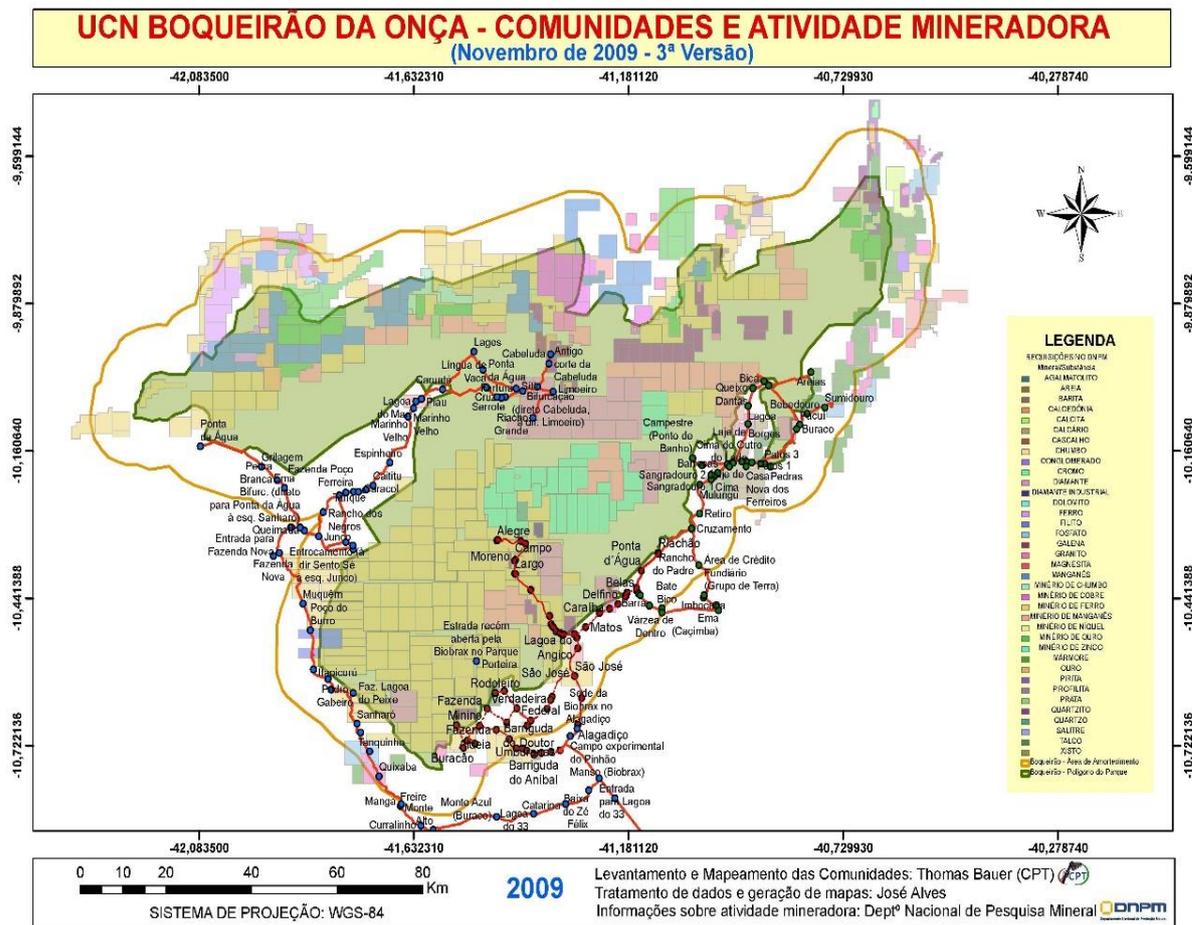
---

<sup>31</sup> Fundo de Pasto – denominação criada tradicionalmente pelos caatingueiros para caracterizar o uso comum da terra

1.3 A EXPLORAÇÃO DO SUBSOLO: ATIVIDADES MINERADORAS

De acordo Com o Relatório da Associação citado anteriormente, cerca de 80% da área territorial do município de Sento-Sé está coberto por áreas de conservação, seja para atender às questões de conservação ambiental, seja para atender aos interesses do capital privado. Por outro lado, no mesmo espaço, 40% do território está mapeado por atividades mineradoras, seja através de licenciamentos, autorizações e ou extrações de minérios já em curso, como demonstra o mapa a seguir:

Figura 4 – Mapa do Parque Boqueirão da Onça – comunidades e atividades mineradoras



Fonte: CRAD – UNIVASF<sup>32</sup>

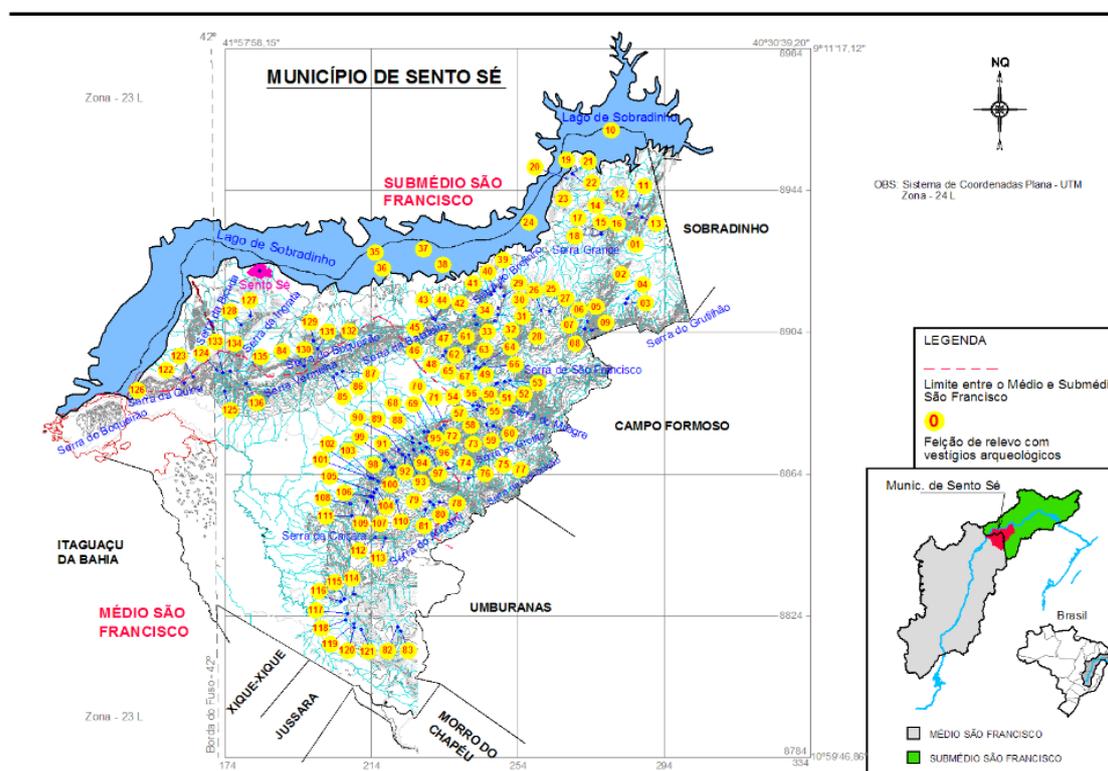
<sup>32</sup> <http://www.crad.univasf.edu.br/index.php?pagina=page15>

Este mapa demonstra que toda a extensão territorial do município de Sento-Sé, inclusive a área destinada à Unidade de Conservação Boqueirão da Onça está recoberta por atividades mineradoras.

#### 1.4 O PASSADO COMUNICA: PINTURAS RUPESTRES E FÓSSEIS ANTIGOS

Por outro lado, o espaço territorial do município também está sendo estudado por arqueólogos, tendo já sido catalogadas 136 feições de relevo com vestígios arqueológicos<sup>33</sup>, conforme o mapa a seguir:

Figura 5 - Mapa com feições de relevo em todo território do município de Sento-Sé



Fonte: (KESTERING, 2014, p.29).

De acordo com uma reportagem publicada no site<sup>34</sup> da BBC – Brasil, publicada no dia 25 de março de 2018, a proposta de criação do Parque Boqueirão da Onça possibilitou a descoberta da maior concentração de sítios arqueológicos do país. São

<sup>33</sup> São variações, diferentes fisionomias, características específicas que se apresentam sobre a camada superficial da terra, como montanhas, planaltos, planícies e depressões.

<sup>34</sup> <https://www.terra.com.br/amp/noticias/brasil/area-de-conservacao-da-caatinga-revela-maior-concentracao-de-sitios-arqueologicos-do-brasil,9a8ab1f804a9e0e6770c43528e26f274gwno124l.html>

aproximadamente três mil, em boqueirões e rochas, “onde pinturas rupestres revelam, segundo arqueólogos, um homem pré-histórico de "mente aberta" e "avesso a rótulos" que teria vivido há 16 mil anos e era coletor, caçador, pescador e agricultor”. Esse homem chamado de "Índio Tapuia", habitou essa região, principalmente o município de Sento-Sé. Também foram encontrados animais pré-históricos “como a preguiça-gigante, de 6 metros de altura, e do tatu-gigante, do tamanho de um Fusca”.<sup>35</sup>

Essa região começou a ser estudada por arqueólogos no período da construção da Barragem de Sobradinho pelo pesquisador espanhol Valentim Calderón, época em que os primeiros sítios foram identificados. Essas pesquisas foram retomadas recentemente pelo arqueólogo Celito Kesting, doutor em Arqueologia, professor aposentado da UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco). Os sítios identificados por esse pesquisador são classificados como "metafóricos”. Segundo ele, "o metafórico tem o conceito de bem, sem precisar ter a representação da imagem de um Deus macho, pai, castigador”. (BBC –BRASIL, 2018).

## 1.5 OUTRA FORMA DE COLONIZAÇÃO: OS PARQUES EÓLICOS

Nesse cenário de múltiplas explorações do território já é possível também, perceber a olho nu ou através de fotografias terrestres e aéreas um mapeamento acelerado de parques eólicos nesse mesmo espaço. Duas grandes empresas se destacam: a BRENNAND e a ENGIE engenharia. A primeira, segundo dados apresentados no site<sup>36</sup> da empresa opera nos mercados regulado e livre, sendo o maior fornecedor de energia elétrica nacional. O consórcio entre a Brennand Energia Eólica S/A e a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) teve como propósito inicial colocar em funcionamento três parques eólicos com capacidade para 90MW. Em 2018, o consórcio possuía oito parques em operação, perfazendo 247MW, todos em Sento-Sé: Pedra Branca, São Pedro do Lago, Sete Gameleiras, Baraúnas I e II, Morro Branco I, Mussambê e Banda de Couro. A segunda, que atua no mercado livre, é formada por 18 parques, localizada nos municípios de Umburanas e Sento Sé, formando o conjunto Eólico Campo Largo I (326,7 MW). Segundo dados disponíveis

---

<sup>35</sup> Dados apresentados na reportagem feita para o site da BBC – Brasil, feita por Mário Bittencourt em 25-03-2018.

<sup>36</sup> <http://www.brennandenergia.com.br/site/historico.php?c=4>

no site da empresa, o investimento total já feito é de aproximadamente R\$ 3,5 bilhões<sup>37</sup>.

O meu primeiro contato com esses empreendimentos se deu inicialmente com a Brennand no ano de 2015 e com a ENGIE, no final de 2017. Essa última, não tive a oportunidade de conhecer “in loco”, pelo fato de ficar situada na outra extremidade do município. No entanto, as informações disponíveis no site da empresa, nos veículos de comunicação da região e através das conversas com as pessoas do lugar dão conta de um grande empreendimento que alterou significativamente a vida das pessoas de uma região histórica de Sento-Sé pela tradição de seus modos de vida vinculados à extração de minérios. Um fato curioso é que para a inauguração desse parque se fez presente um famoso jogador do futebol francês, Zinedine Zidane, talvez como forma de desviar as reais intenções e consequências da criação e instalação de um parque deste tipo na região.

Com a Brennand, o contato ocorreu ao me deslocar para o município de Sento-Sé, pela BA 235, logo depois do município de Sobradinho, mais precisamente no distrito de Piçarrão. Avistei algumas placas metálicas em fileiras indicando o caminho para os parques com frases “civilizatórias” e “informativas”: “Bem vindos às eólicas”; “Gerando energia limpa e renovável para todo o Brasil”; “Áreas sendo recuperadas de acordo com o PRAD: Plano de Recuperação de Áreas Degradadas”; “Respeite o meio ambiente”; “Respeite a vida, respeite a sinalização”; “Cuidado com nossa fauna”. Após as placas surgem as torres, enormes, imponentes.

Ao me deparar com essa nova paisagem, ocorreu-me uma grande inquietação, uma vez que a imagem da caatinga, que costumamos ver, se configura pela vegetação arbustiva, serras e serrotes, animais soltos, pássaros voando alto e baixo, lagoas, casas soltas e isoladas (com exceção para os pequenos povoados onde normalmente, são pequenas e coladas uma na outra), céu limpo, “Sol a pino”, pessoas nos terreiros ou labutando, crianças brincando, o vento correndo e todos se comunicando. Contrapondo-se a esse cenário, vejo as placas: o que estão dizendo? Quem as colocou ali? A caatinga não é mais dos caatingueiros? Eles não sabem mais viver na caatinga? É outro mundo? Surgiu então a curiosidade de entender o modo como aquela população está se relacionando com essa nova forma de colonização,

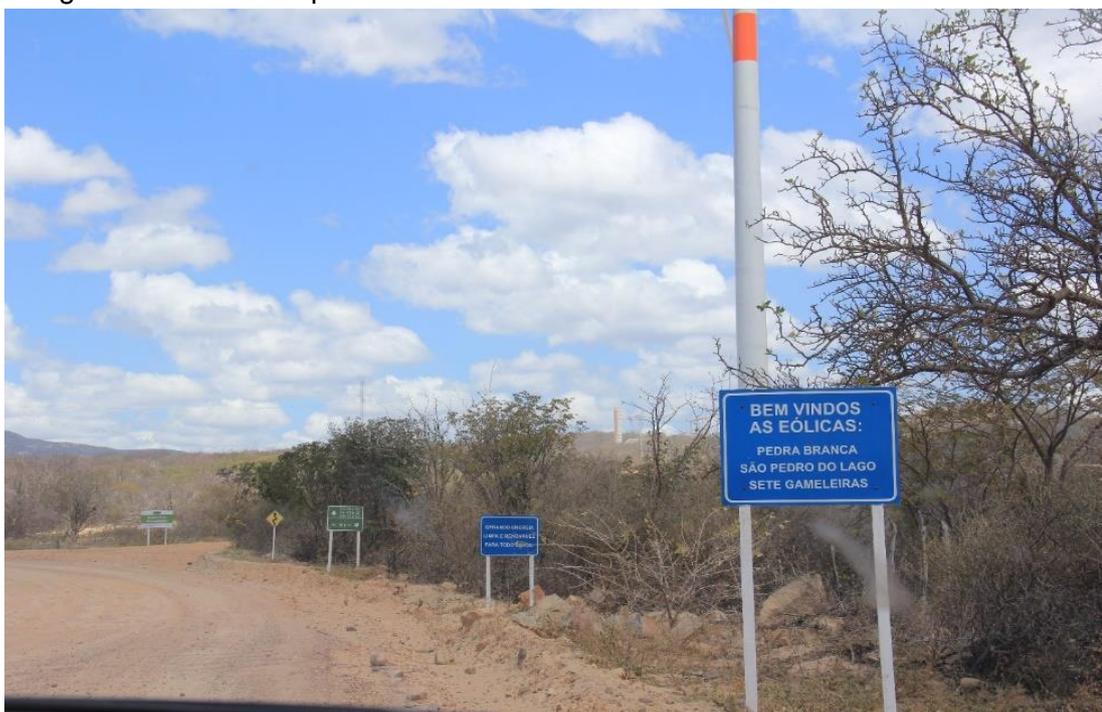
---

<sup>37</sup> <https://www.engie.com.br/imprensa/press-release/conjunto-eolico-umburanas-entra-em-operacao-comercial/>

imperativa nas palavras, atrevida na forma de dominação. Resolvi então fotografar o que via e também busquei outros registros.

A seguir, algumas fotografias ilustram o meu impacto diante do Parque Eólico da Brennand Energia no povoado de São Pedro:

Figura 6: Entrada do povoado de São Pedro



**Fonte:** AURILENE/2016

Essa fotografia mostra a entrada para o povoado de São Pedro, que fica logo após o distrito de Piçarrão, na direção Juazeiro–Sento-Sé. Foi reformada, ampliada pela empresa Brennand energia. As placas sinalizam o parque e “informam” a população como devem se comportar na caatinga e nas imediações do parque.

Na imagem seguinte mostra a rua principal do povoado de São Pedro. As torres ficam bem próximas às casas. Quando estão em funcionamento fazem muito barulho, principalmente nos meses de julho a setembro. Essas construções foram ampliadas e reformadas com recursos do aluguel das terras para a empresa de energia eólica.

Figura 7 - Torres eólicas próximas às casas que ficam na sede do povoado de São Pedro



Fonte: GALO/2016

No mesmo caminho das placas me deparei com enormes caminhões que transportavam as torres e os materiais necessários para a instalação das mesmas. Vi também algumas bases que iriam dar sustentação a essas torres e enormes buracos concretados no meio da caatinga.

Figura 8 - Caminhão transportando as bases dos aerogeradores para o povoado de São Pedro



Fonte: ARQUIVO GALO/2016

Essas bases são imensas, transportadas por enormes caminhões. Durante o percurso entre a entrada e a área da empresa, a estrada fica coberta de poeira. Abaixo, o alicerce para a sustentação das torres.

Figura 9 - Alicerce para sustentação das torres eólicas no povoado de São Pedro



**Fonte:** ARQUIVO: GALO/2016

Esse interesse acabou se transformando nesta proposta de tese, que no processo de pesquisa foi se desenhando pela problemática dos diversos atravessamentos do mundo caatingueiro por projetos modernizantes. A ênfase que se propôs se deu nos processos comunicacionais, pretendendo ouvir e de certa forma traduzir o que diz e o que pensa esse povo. Nesse contexto de atravessamentos no município por parte de grandes empreendimentos, o esforço dessa pesquisa foi tornar audíveis as vozes dos caatingueiros, através das suas falas e as de seus representantes orgânicos, uma vez que a audição dessas vozes e os documentos analisados demonstram que não há ninguém por eles, do ponto de vista institucional. É uma gente ignorada.

No próximo capítulo, “Comunicação de Caatingueiros: ouvindo a língua das caatingas”, irei discutir os aspectos teóricos-metodológicos acerca da produção discursiva dos caatingueiros, no que se refere à produção dos enunciados e dos processos de enunciação desenvolvidos por eles, nesta pesquisa.

## 2. COMUNICAÇÃO DE CAATINGUEIROS: OUVINDO A LÍNGUA DAS CAATINGAS

Dominique Wolton (2004, p. 15), no livro “Pensar a Comunicação”, diz que “o mais fácil, na comunicação, ainda são as ferramentas; o mais complicado, os homens e a sociedade”. Este trabalho trata justamente desse segundo aspecto: as relações de comunicação entre o povo caatingueiro e agentes da modernização. Nesse sentido, esse autor compreende que

A comunicação é, antes de mais nada, uma *experiência antropológica* fundamental. Do ponto de vista intuitivo, comunicar consiste em compartilhar com o outro. Simplesmente não há vida individual e coletiva sem comunicação. E o que caracteriza cada experiência pessoal, como a de qualquer sociedade, é definir regras de comunicação. Não há seres humanos sem sociedade, como não há sociedade sem comunicação. E é por isso que a comunicação é, ao mesmo tempo, uma realidade e um *modelo cultural*. (Wolton, 2004, p.30, grifo do autor)

A dimensão antropológica da comunicação é um aspecto fundamental deste trabalho, uma vez que se propõe a discutir o modo de pensar e de se comunicar de um grupo social, tradicional, frente a projetos modernizantes que atravessam o seu mundo.

Compreendo a comunicação da mesma forma explicitada por Fíguro (2012, p.10): como sendo uma “característica constitutiva do humano, presente em toda relação social”. Essa concepção contraria a ideia de comunicação como mera informação. Um outro aspecto importante para a compreensão da comunicação como constitutiva do humano, ressaltado por Fíguro é o fato dessa se efetivar pelas linguagens, especialmente a linguagem verbal, não como uma “ferramenta”, que expressaria o pensamento do exterior para o interior, mas como um meio de “produção da vida em sociedade”. Sobre essa questão Brandão (2012 p. 28) cita Benveniste ao afirmar que “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou [...] não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a”.

No texto “Enunciação e construção do sentido” (BRANDÃO, 2012), a autora discute questões da Análise do Discurso (AD) na perspectiva de autores que são a referência básica no desenvolvimento acerca dos discursos analisados nesta pesquisa, porque me situaram nos aspectos linguísticos e extralinguísticos do

processo discursivo, nas suas aproximações e distanciamentos, como essa autora mesmo destaca. Benveniste e Bakhtin são autores que se aproximam e se distanciam. Ambos abordam o sujeito, produtor da linguagem, mas concebendo-o de forma diferente. Para Benveniste: “A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso [...] a polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental” (Brandão, 2012 p. 41). Para Benveniste, “eu-tu” são complementares, um não vive sem o outro, porém o “tu” é eco do “eu” – concepção ‘egocentrada’ do sujeito. Para Bakhtin/Voloshinov (2006) “eu” e “tu” são igualmente parceiros do ato de enunciação; recusa um “eu” individualizado e propõe um “nós”, sujeito socialmente organizado.

A perspectiva teórico-metodológica adotada aqui foi justamente a de tratar a linguagem verbal, “no âmbito das relações de sentidos, construídas no processo comunicacional, na formulação de enunciados e discursos” (FÍGARO, 2012, p.10), estando, contudo, atenta ao processo histórico que se apresentou na pesquisa. Os autores referenciados, compareceram nas análises na medida em que foram suscitados, embora muitas vezes não houvesse menção a eles, juntamente com outros pesquisadores que estudam os modos de existência da população caatingueira, a exemplo da professora Maria Rita do Amaral Assy<sup>38</sup> e do professor Esmeraldo Lopes<sup>39</sup>.

As pesquisas sobre o modo de existência dos caatingueiros demonstram que essa gente se faz, se constitui, na relação com o outro caatingueiro, sobretudo pela linguagem. É importante frisar isso porque não é um povo que cria monumentos arquitetônicos ou marcas visíveis, tal como a civilização ocidental reconhece, pelo contrário, as suas construções são perecíveis e a própria relação com a propriedade da terra nem sempre se constitui oficialmente por meio de títulos ou de outros documentos oficiais. Essa é uma comunicação essencial, uma vez que o seu corpo e tudo à sua volta, como o próprio chão onde vive e os corpos celestes que vislumbra são permeados de sentidos para a sua existência, que se manifesta essencialmente pela linguagem<sup>40</sup>.

---

<sup>38</sup> Professora Dra, psicóloga, aposentada do Departamento de Ciências Humanas III, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, pesquisadora dos modos de existência da população caatingueira.

<sup>39</sup> Professor Msc, sociólogo, aposentado, pesquisador dos modos de existência da população caatingueira.

<sup>40</sup> A esse respeito, nos deteremos no capítulo III.

A oralidade, como forma agregadora das demais formas de expressão é a fonte dos enunciados produzidos cotidianamente para situar a si e aos outros, diante das adversidades. Todos sabem saber de tudo o que se passa ao seu redor e o modo como as pessoas lidam com as questões. Talvez por isso, no desenvolvimento desta pesquisa eu tenha me deixado levar de um para outro, inclusive na prática de coleta de informações, quando segui as sugestões dadas pelos entrevistados para ouvir determinadas pessoas. O caminho que me fizeram seguir faz parte da pesquisa e dos processos comunicacionais em curso. Os enunciados do caatingueiro não visam uma explicação das coisas, mas as demonstrações de como as coisas são: **é assim**. Essa expressão parte do saber da experiência e demonstra que essa gente está o tempo inteiro se situando e buscando nos situar nos processos em discussão. Há muito ainda a ser pensado sobre a linguagem dos povos tradicionais, considerando o modo como foram construindo a sua linguagem e se construindo nesse processo.

Como se verá no Capítulo 3, a formação étnica dos caatingueiros envolve muitas origens e é possível que os conhecimentos sobre outros povos ajudem aqui a mostrar a singularidade de sua comunicação. No mundo deles, as palavras podem vir antes das coisas, o que muda muito a relação com as palavras e com o próprio mundo. É o caso, por exemplo, das palavras não poderem ser ditas para não serem atraídas. Por exemplo, ao se dizer o nome de uma certa doença, diz-se: **aquela doença**; quando está se contando que algo feriu uma pessoa, diz-se: **lá nela**. Esse modo de se situar no mundo tem de certa forma, uma aproximação com o que Santana (2019) viu no seu estudo sobre a “Cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil”<sup>41</sup>. Esse autor cita o pesquisador argentino Adolfo Colombres, quando esse afirma que a imagem vem depois da palavra. “No pensamento bantu, a imagem não é anterior à palavra, já que é o ‘nommo’ que engendra a imagem da coisa, tão logo tenha criado a coisa. Ao nomear o objeto ausente, a palavra transforma-o em imagem ou ‘se’ transforma em imagem” (SANTANA, 2019, p. 164-5).

O esforço aqui é justamente fazer ver os sentidos que são produzidos por essa forma de comunicação, tanto na sua materialidade linguística, quanto no seu contexto de enunciação e de produção discursiva. Essa materialidade está presente no que se diz, mas especialmente no como se diz. É um dizer fazendo, como as *cercas* no

---

<sup>41</sup> Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em estudos da tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

discurso de seo Domingos ao se referir às estratégias usadas pelos caatingueiros para impedir a passagem da empresa de energia eólica pelas suas terras. Esse discurso não explica, situa, leva a crer, a fazer, a ser.

## 2.1 A COMUNICAÇÃO SE FAZENDO NA COMUNICAÇÃO: A VOZ DO CAATINGUEIRO NÃO ESTAVA PREVISTA

Para o desenvolvimento das análises das entrevistas e dos documentos elencados, busquei me situar teoricamente e metodologicamente nas relações entre texto, enunciado e discurso, na tentativa de compreender ativamente os processos comunicacionais dos caatingueiros, adotando uma postura de tradutora dos sentidos produzidos no contexto dos conflitos vivenciados pelas transformações dos seus modos de vida. O texto aqui produzido na forma de tese foi tecido ao longo do processo de pesquisa, o qual mostrou que não existia um discurso já consagrado. O momento da pesquisa coincide com o momento de elaboração do discurso em um processo comunicacional que estava acontecendo.

O texto é um tecido, confeccionado por uma inteligência; desse ponto de vista, tem um responsável, um autor: uma industriosa máquina humana de produção. Mas, o texto só aparece como um produto industrial quando enunciado, torna-se discurso. Quando entra numa corrente histórica. Entra no rio de significados com outros discursos, fazendo sentido à medida que está em relação e em diálogo com outros". (FÍGARO, 2012 p.13).

O texto/tese é, portanto, esse tecido linguístico, que neste caso buscou imprimir o estilo, o modo de falar, de dizer do caatingueiro, privilegiando no discurso as palavras e as expressões usadas por eles. A autoria e a responsabilidade final são da pesquisadora, mas indubitavelmente, construído coletivamente. Essa construção partiu dos textos vivenciados no cotidiano de conflitos admitidos pelos caatingueiros, os quais foram se transformando em enunciados na medida em que passaram a comunicar as suas questões, as tensões, dúvidas e inquietações até então ignorados pelos responsáveis dos projetos modernizantes que adentram o seu mundo. Nesse sentido, a tese seja justamente os enunciados sobre os conflitos que não aparecem nas formas hegemônicas dos discursos.

A voz do caatingueiro não estava prevista. O direito à voz não estava instituído. Ela foi acolhida nesta tese. “O texto é potencialmente um enunciado e passa a ser enunciado quando cumpre a função comunicacional, produzido por um enunciador, sujeito histórico, situado, que entra na comunicação, ou seja, apresenta-se, revela-se na enunciação” (FÍGARO, 2012, p.13). Vale ressaltar que não é somente o sujeito, mas o contexto também constitui esse processo e pode-se dizer que a fala transcrita passou então à condição de enunciado ao longo da pesquisa. A própria tese pretendeu fazer parte do processo comunicacional sobre o qual ela se debruça.

Nesse contexto de práticas discursivas e interdiscursivas, de dizer sem ter dito; de não dizer; de abertura de estradas; derrubada de árvores; instalação de equipamentos; exploração de minérios; soltura de animais; ameaças... As palavras surgem, se manifestam, preveem, se escondem, gritam, emudecem, questionam, afirmam. Os enunciados são ditos. “[...] A enunciação é definida pela sua singularidade de fala, tempo e espaço. [...] O enunciado é, portanto, o produto da enunciação” (FÍGARO, 2012, p. 13).

## 2.2 COMUNICAÇÃO COMO ATO, CRIAÇÃO: UM MODO DE VER, AGIR, PENSAR, REALIDADE

Em Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 127) encontramos,

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosa e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. Assim, cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de diálogo, ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.

Nesse processo de tradução/compreensão ativa busquei dialogar com os entrevistados, tanto no momento da entrevista, quanto diante da transcrição no momento da análise, tornando potente as suas vozes, os sentidos dos seus processos

enunciativos, tão caros para esse povo. Nessa perspectiva, a professora e tradutora Geri Augusto (2017, p. 51) descreve a sua experiência do ato interpretativo:

É simplesmente isto: quando a comunicação é uma questão de vida ou morte, ou de abrir caminhos onde eles são realmente necessários entre nós, seres humanos, de mover conceitos de um lado para o outro, e para trás, com extremo cuidado [...] esta intérprete, literalmente, entra em transe. Essa é a única palavra que posso encontrar para descrevê-lo. Despojada do meu eu individual, insensível a qualquer outra coisa no ambiente físico, fora dos dois lados que precisam entender um ao outro, num ritmo quase instantâneo de pensar, simultaneamente com os falantes, tornando-me a voz que eles têm em comum, um meio humano de comunicação. Penso que essa dimensão da prática vem de uma lógica que alguns de nós ainda têm de compreender, e outros, que trabalham em um plano diferente, e com um tipo diferente de conhecimento revelador — podem entender muito bem. Basta dizer que, antes e depois deste trabalho, agradeço aos Ancestrais. Talvez, se eu fosse brasileira, eu invocaria um orixá.

Também posso dizer que, nesse esforço de me fazer um meio de comunicação me senti tomada por forças e sensações que possivelmente vieram dos meus ancestrais, índios e negros que povoaram essas terras e que permanecem em nós, manifestando-se, sobretudo, através da nossa linguagem, invocando também o meu tempo e dimensões caatingueira.

Essas questões relativas aos nossos atos, às nossas responsabilidades e singularidades nos remetem mais uma vez a Bakhtin (2010), quando ele afirma que:

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigatória singularidade. É essa afirmação do *meu não-álibi no existir* que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado. É apenas o não-álibi no existir que transforma a possibilidade vazia em ato responsável real (através da referência emotivo-volitiva a mim como aquele que é ativo). É o fato vivo de um ato primordial ao ato responsável, e a criá-lo, juntamente com seu peso real e sua obrigatoriedade; ele é o fundamento da vida como ato, porque ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade (BAKHTIN, 2010, pp.99-100, grifo do autor).

Assim, busquei me fazer presente, atenta e responsavelmente ativa diante da construção dos processos de enunciação e dos enunciados formulados pelos entrevistados, vendo e me fazendo ver no outro a partir das várias palavras ditas nos diálogos que se inter cruzaram nesta tese.

O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente válida, entre eu e outro. A vida conhece dois centros de valores, diferentes por princípio, mas correlatos entre si: o eu e o outro, e em torno destes centros se distribuem e se dispõem todos os momentos concretos do existir. [...] Esta divisão arquitetônica do mundo em eu e em todos aqueles que para mim são outros não é passiva e casual, mas ativa e imperativa. Esta arquitetônica é tanto algo dado, como algo a-ser-realizado [*danai zadana*], porque é a arquitetônica de um evento (BAKHTIN, 2010, p. 142-3)

Considerando esse princípio arquitetônico descrito por Bakhtin, estabeleci uma ponte entre o eu e os outros possíveis, nos valendo da Análise do Discurso (AD), assim como de outros campos do saber, como a filosofia, a linguística, a antropologia, a sociologia e a pedagogia, entre outros. De alguma forma esses saberes foram buscados para efetivar os propósitos aqui colocados. Considerei assim como Fígaro (2012, p.10) que “o campo da comunicação tem por objeto conhecer o processo comunicativo, ou seja, as interações que se dão entre sujeitos históricos e os modos de produção/recepção de técnicas, estéticas e sentidos dessas inter-relações”. Nessa perspectiva, os processos comunicativos nesta pesquisa se referem às interações entre os sujeitos, mas especialmente, ao modo como o caatingueiro desenvolve os seus processos de enunciação, considerando os seus modos de pensar, de se fazer caatingueiro, transformando a si e interferindo de forma coletiva, no contexto das transformações que ora atravessam o seu mundo.

Esse processo de enunciação foi atentamente visto, ouvido, percebido por mim na sua materialidade, ou seja, no texto, no enunciado e no discurso. Nessa escuta e escritura, salta uma Língua Caatingueira, um pouco diferente daquela língua portuguesa tal qual habitualmente costumamos ouvir, parece não existir aí uma gramática inteiramente prevista. Na fala há a performance da voz. Assim, não dá para resumir a fala do caatingueiro porque não são as palavras somente que definem o texto, mas as relações, os desenhos que a gramática faz, desenho do diálogo. Essa capacidade performativa é analisada por Assy (2014) na tese “A força inventiva da

voz ignorada”<sup>42</sup>. Uma das entrevistas analisadas se refere à narrativa de um “peão” que trabalhou na construção da barragem de Sobradinho, acerca de um acidente envolvendo alguns motoristas da obra. Em um trecho, ele diz:

Aí, ele pá... Peão é bicho do caramba, né? Como diz o ditado. O boieiro. Eu digo: “Boieiro, hoje, eu vou... Esse cara hoje não passa por a gente não. O carro dele Chevrolet, o meu também Chevrolet! Hoje, nós vamos deixar ele na poeira”! Aí o peão, é o que eu digo, peão é bicho do caramba, não é? O peão: “rumbora, motorista, bora, bora, vamos passar por ele, não é? Papapá”! Tá entendendo? (ele riu) Eu aqui soltei.

Nessa perspectiva, os enunciados não são apenas representações, ou seja, não reapresentam mentalmente o que está no mundo, através da mente: língua; e mundo: coisas, fatos. Mas agem como ato/ação, criam um modo de ver, agir, pensar, estar no mundo, tem ação material, realidade. Quando o enunciado é um fato, ele tem uma existência própria no tempo e no espaço. Quando ele é um ato, a ação dele pode perdurar, não está demarcado no tempo e no espaço. A conversação não se dá por inteiro, é virulenta.

Para Bakhtin, (2010, p. 79) “o ato – considerado não a partir de seu conteúdo, mas na sua própria realização – de algum modo conhece, de algum modo possui o existir unitário e singular da vida; orienta-se por ele e o considera em sua completude [...]”. Esse ato é ação, desejo, expressão que pertence a cada um, na sua singularidade, intencionalidade e responsabilidade, no contexto do lugar que ocupa, sem álibi e, portanto, sem escapatória.

Um exemplo desse tipo de enunciado como ato/criação, como já foi mencionado anteriormente, aconteceu durante a pesquisa, quando a caatinga pegou fogo em uma área do Parque Boqueirão da Onça, em Sento-Sé<sup>43</sup>. O comentário das pessoas era: **aí tem coisa**. Primeiro, porque não havia uma explicação plausível, a caatinga nessa região não costuma pegar fogo e segundo, porque são muitos os interesses em jogo, atualmente. É um outro tipo de atenção, pistas vão surgindo, há uma construção coletiva do discurso. Ele é assim, elaborado coletivamente, cada um acrescenta com a sua experiência ou vivência. Essas conversações são uma prática diária nos terreiros das casas, nas aguadas, embaixo dos imbuzeiros e nas pequenas

<sup>42</sup> Essa tese trata dos modos de pensar dos trabalhadores da construção da barragem de Sobradinho.

<sup>43</sup> Esse episódio ocorreu no mês de setembro de 2018. Portanto, já com esta pesquisa em andamento.

praças das sedes dos povoados. No caso deste processo de pesquisa, o discurso do caatingueiro não estava previamente formulado, foi se fazendo no processo e o próprio processo de pesquisa se desenvolveu nas conversações, na enunciação dos problemas apresentados, ouvidos aqui e ali.

De acordo com Brandão (2012, p. 19), “o discurso ultrapassa o nível puramente gramatical, linguístico. O nível discursivo apoia-se sobre a gramática da língua e sobre os aspectos extralinguísticos que condicionam a sua produção”. Essa compreensão considera o fato de que o discurso diz respeito também às condições empíricas de sua produção e elas nos interessam, sobretudo porque se vincula ao funcionamento da língua como uso. Nesta pesquisa, é preciso lembrar, a língua está em movimento, na formulação de enunciados e processos de enunciação que provavelmente se desenvolveram no ato da pesquisa, uma vez que as coisas estavam ocorrendo e nunca antes tinham ocorrido. Um exemplo dessa situação é a relação entre as pessoas e as onças. Os caatingueiros não sabiam que elas estavam previstas no Parque e que eles próprios, não. Foi aos poucos e ao longo do processo de pesquisa que a coisa foi se clarificando, até chegar a dizer: **a onça tem voz**. Esse animal que sempre disputou o território com os criadores, agora reinará, absoluto. Esse é um discurso que emerge das conversações. Foi preciso então, esperar o tempo em que a informação chegaria aos moradores do lugar. Todos esses processos enunciativos se deram a partir dos conhecimentos linguísticos disponíveis e dos conhecimentos extralinguísticos construídos no contexto histórico necessários para dar conta das questões propostas na pesquisa.

Esta pesquisa tratou, portanto, do discurso do caatingueiro em curso, nas conversações e na tese, ao contrário das análises majoritárias da AD que estudam os discursos anteriormente produzidos. A Análise do Discurso Francesa (ADF), por exemplo, em seu nascedouro, buscou analisar os discursos de cunho político e cultural, produzidos na década de 1960. Por outro lado, essa concepção analítica,

[...] não se limita a um estudo puramente linguístico, isto é a analisar só a parte gramatical da língua, a palavra, a frase. Ela leva em conta outros aspectos externos à língua, mas, que fazem parte essencial de uma abordagem discursiva: além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. Considera-se o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos

produzidos e que circulam na comunidade. (BRANDÃO, 2012, p.21).

Essa perspectiva de análise me interessa. No entanto, compreendo que esses elementos não apenas cercam, mas estão no processo discursivo, uma vez que o discurso do caatingueiro está em elaboração, e assim, cria o problema de se situar com a história acontecendo: o que já foi dito e o que ainda não foi, como por exemplo, o discurso incompleto dos ambientalistas, a falta de informações por parte das empresas, as manobras do governo, etc., os não ditos que também significam. O silêncio que estou tratando aqui é “aquele que significa *em si mesmo* [...] que torna possível toda significação, todo dizer. O silêncio que não é distanciamento, mas presença [...] considerando que o silêncio, assim como a linguagem, não é transparente”. (ORLANDI, 2007, p. 66-67). Entre as diversas formas de silêncio analisadas por Orlandi, ressaltamos a que traz o silenciamento como uma política de sentido, uma vez que “produz um recorte entre o que se diz e o que não se diz [...] É nesse nível que funciona a “forclusão” do sentido, o silêncio constitutivo, ou seja, o mecanismo que põe em funcionamento o conjunto do que é preciso não dizer para poder dizer” (p.73).

Brandão (2012, p.22; 23) destaca os conceitos principais da AD: a) condições de produção; b) formação ideológica e c) formação discursiva. Essa conceituação parte do “[...] pressuposto teórico de que num ato de linguagem o interior linguístico está permeado pelas condições exteriores: a não literalidade das palavras (ela é ambígua, polissêmica)”. Nessa perspectiva, “as condições de produção” se referem ao conjunto de elementos que “cercam” a produção de um discurso. Na situação de enunciação, prevalece o eu-aqui-agora, sentido restrito. Num sentido mais amplo: o contexto sócio-histórico-ideológico.

Essas condições constituem a base sobre a qual as análises discursivas se pautaram, contudo, vale salientar que parece haver nesta linguagem um esforço em reduzir a polissemia dos substantivos. A precisão no falar é uma de suas características. Fala como quem aponta concretamente aquilo que diz. Isso aparece nos estudos já citados<sup>44</sup> e também nesta pesquisa. A fala do caatingueiro parece também buscar sempre uma forma da expressão (HJELMSLEV, 1973), que revele a materialidade entre as substâncias derivadas das formas dos signos pela performance

---

<sup>44</sup> Ver as referências já citadas em Lopes (2012) e Assy (2014).

oral. Ao se referir por exemplo a algo que se despedaçou, a palavra também se despedaça junto: “ismigaaaihou”; a um ambiente muito escuro, a palavra escurece junto: “escuuuuuridão”.

Além do mais, o termo usado não é tão arbitrário para o caatingueiro, não é qualquer palavra que é usada. Assim se expressa dona Maria<sup>45</sup> sobre o modo de vida na beira do rio de Sento-Sé, antes da **mudança**<sup>46</sup>: **Todo mundo ia desmanchar “sua” mandioquinha, botava “sua” tapioca, botava “sua” farinha dentro de casa, ia comer. Aí vinha enchente, né? Quando a enchente tornava vazar todo mundo ia plantar.** A motivação da linguagem está na ação que a torna possível ser enunciada. Os verbos desmanchar, botar, vir entram em outra dimensão, reorientando os campos semânticos dos quais se originam. O pronome possessivo ‘sua’ demarca com bastante precisão o momento em que o resultado do trabalho deixa de ser coletivo e passa a ser individual, do mesmo modo quando **a enchente tornava vazar**, o pronome desaparece.

### 2.3 COMUNICAÇÃO DO CAATINGUEIRO: ALGO MAIS FILOSÓFICO, EXPERIÊNCIA, REFLEXÃO DA VIVÊNCIA

A formação ideológica, considerada por Brandão (2012), por outro lado, se vincularia às posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas. Nesse aspecto, esta pesquisa aponta para o fato de que essas formações, no caatingueiro, estão mais relacionadas com a experiência, uma avaliação da experiência, *um saber sobre a experiência*<sup>47</sup>. Assy (2014, p. 97) comenta a narrativa de uma senhora em que os personagens religiosos por exemplo, parecem compor o quadro descrito mais para tornar sensíveis as forças que comparecem na experiência, do que propriamente uma referência à religião, se constituindo como uma postura diante dos fatos, através de uma imagem que foi buscar no repertório religioso.

---

<sup>45</sup> Moradora do povoado de Quixaba, relocada do povoado de Oliveira, antiga Sento-Sé, em virtude da construção da barragem de Sobradinho. Entrevista concedida em 2004 para a minha dissertação do Mestrado, já citado anteriormente.

<sup>46</sup> Essa mudança se refere à relocação dos moradores com a construção da barragem de Sobradinho

<sup>47</sup> Ver o texto: “Notas sobre o saber da experiência” – Jorge Larrosa (2015)

Embora muitas análises tratem o pensamento popular como pautado pelo misticismo, estudos contemporâneos vêm mostrando uma diferença epistemológica entre os diferentes povos e a civilização ocidental.<sup>48</sup> Neste sentido, entes da religião podem compor uma imagem servindo de referência para analisar a vivência. Segundo Assy, a senhora do exemplo teria dito: [...] **Aí eu fiquei pensando: “meu Deus, um lugar que Deus não governa, eu não quero ficar...Aí vim pra casa, dormi, quando foi 5 horas da manhã o carro chegou: bi-bi. Vamos lá? Eu digo: Vou não.** É possível entender que a figura de Deus é a imagem de um lugar em que se está seguro, acolhido, do mesmo modo o contrário, a ausência de Deus cria a imagem da insegurança, pela qual a senhora da história narrada se orienta. Apesar desta tese não ter a pretensão de escrever a epistemologia dos povos caatingueiros, é possível ouvir seus discursos e ver neles a formação de imagens criadas ou recolhidas do seu repertório cultural.

Para o caatingueiro, a experiência é algo mais filosófico, é práxis; é a extração de uma sabedoria, uma reflexão da vivência. Ao falar sobre o *saber da experiência*, Larrosa (2015, p.18) ressalta que:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado [...] A experiência funda também uma ordem epistemológica e uma ordem ética. O sujeito passional tem também sua própria força, e essa força se expressa produtivamente em forma de saber e em forma de práxis. O que ocorre é que se trata de um saber distinto do saber científico e do saber da informação, e de uma práxis distinta daquela da técnica e do trabalho.

Esse saber da experiência “que nos passa”, “que nos acontece”, “que nos toca”, se faz e se refaz no contexto de práticas discursivas em que os sujeitos, neste caso, os caatingueiros, organizam, planejam, inventam e se reinventam coletivamente, cotidianamente. Para a AD, de acordo com Brandão (2012, p. 26)

---

<sup>48</sup> A esse respeito ver por exemplo, o perspectivismo que Eduardo Viveiros de Castro atribui aos ameríndios.

[...] esse sujeito essencialmente marcado pela historicidade, não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concretos. É um sujeito interpelado pela ideologia, sua fala reflete os valores, as crenças de um grupo social. Não é único, mas, divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que, na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real, e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos, de outros momentos históricos, em um nível interdiscursivo.

O sujeito do discurso da AD já ganha uma perspectiva histórica, quando “[...] se constitui, se reconhece como tendo uma determinada identidade na medida em que interage com outros discursos, com eles dialogando, comparando pontos de vista, divergindo, etc.”. (BRANDÃO 2012, p. 26). Nesse sentido, o caatingueiro se reconhece como caatingueiro no caatingueiro. Por outro lado, os estudos sobre as populações caatingueiras realizados por Lopes (2012) e Assy (2014), assim como esta pesquisa, demonstram que na experiência discursiva, o caatingueiro não confronta com o seu interlocutor, ao que ele diz, acrescenta algo. No entanto, isso não impede que haja tensão entre ambos. Esse aspecto da linguagem pesquisada se relaciona com o conceito de formação discursiva da AD ao pressupor que toda formação discursiva é atravessada por outras formações discursivas. “[...] uma formação discursiva está sempre em interação com outras formações discursivas em que vários discursos estão ora em relação de conflito, ora de aliança, e a linguagem é vista como uma arena de lutas.” (p. 22)

A formação sócio-histórica do caatingueiro se dá no contexto de mudanças de configurações políticas, econômicas e geracionais, sem contudo, haver mudanças no ambiente, especialmente no seu habitat, considerando que o bioma caatinga permanece bastante preservado e o modo de vida tradicional, também permanece quase inalterado, não havendo assim atualização histórica<sup>49</sup>. Nesse sentido, o discurso é histórico, porque o sujeito é histórico. O caatingueiro experimenta a história de uma forma cíclica. As transformações são contingências de uma mesma existência. Possivelmente, eles já estejam onde gostariam de estar. Para este, o mundo não é uma ideia, mas uma experiência, não está previamente estabelecido;

---

<sup>49</sup> A esse respeito ver Lopes (2012)

nada é totalmente garantido. Algumas expressões demonstram essa percepção do mundo. Ex: **se chover...; se Deus quiser...**

Nesse sentido, as reflexões de Bakhtin/Voloshinov (2006, p. 122) sobre enunciação e interação social são mais esclarecedoras acerca das questões observadas na pesquisa. “A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes”. Esses falantes, os caatingueiros, têm consciência do seu mundo, do papel e do poder da palavra na constituição do humano, na interação com outros. No entanto, parecem não apresentar uma ideologia prévia de uma organização do mundo. Como já salientado, a referência do caatingueiro parece se dar primeiro pela vivência, depois pela experiência. E nesse contexto, o que eles mais querem nesse processo de atravessamentos do seu mundo é justamente falarem e serem ouvidos. Assim como Larrosa (2015, p.16)

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra.

## 2.4 A NARRATIVA PODE CRIAR EXISTÊNCIA, EXPERIMENTANDO AS PALAVRAS ATÉ PODER DIZER.

Trazendo o poder da palavra para a filosofia da linguagem de Bakhtin, temos que a palavra é plurivalente, por isso, o dialogismo é uma condição constitutiva do sentido. A partir dessa compreensão esse filósofo,

[...] elabora o conceito de polifonia, analisando textos literários e da literatura popular, por ele denominada também de carnavalesca, em que o narrador se investe de uma série de máscaras e representa várias vozes a falarem simultaneamente, sem que uma dentre elas seja preponderante e julgue as outras. (BRANDÃO, 2012, p. 33)

Cabe destacar aqui a perspectiva “carnavalesca” (BAKHTIN, 2008) que caracteriza a literatura popular, porque em certa medida se aproxima da perspectiva linguageira do caatingueiro, uma vez que no diálogo com o outro não há a prática de julgamento dos seus processos discursivos, mas a soma das várias vozes, uma certa polifonia dos discursos. Em meio a essa polifonia é que se observam as tensões, contradições, negociações e outros processos enunciativos.

O motivo da *máscara* é mais importante ainda. É o motivo mais complexo, mais carregado de sentido da 'cultura popular. A máscara, traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável. Basta lembrar que manifestações como a paródia, a caricatura, a careta, as contorções e as "macaquices" são derivadas da máscara. É na máscara que se revela com clareza a essência profunda do grotesco. (BAKHTIN, 2008, p. 35)

Nessa perspectiva, o pensamento de Authier-Revuz (2004) nos ajuda a pensar essa questão, uma vez que radicaliza o princípio do dialogismo, explorando-o sob a forma de heterogeneidade. Essa autora, “[...] elabora uma teoria da enunciação em que o princípio do dialogismo resulta numa concepção do discurso assentada na

característica heterogênea da linguagem e numa concepção de sujeito afetado pela divisão entre o consciente e o inconsciente” (BRANDÃO, 2012 p. 35). Esse pensamento é assentado na compreensão de que o discurso é heterogêneo porque o sujeito é heterogêneo, afetado pelo outro-interlocutor, pelo outro-interdiscursivo.

Essa diversidade de textos que compõem os discursos dos caatingueiros foi afetada pelos discursos que circulam no cotidiano das conversas e se manifestaram na pesquisa como verbalização/ação quando, por exemplo, como será exposto mais adiante, as *cercas* saltam aos nossos olhos no dizer fazendo do seo Domingos; quando a professora Francisca interfere na fala do seo Chicada, seu esposo, mostrando o que acontece quando os funcionários da Brennan tentam cortar os imbuzeiros; quando o professor Domingos e seo Domingos questionam o 1% pago pela empresa pela produção de cada torre eólica, uma vez que o conceito de propriedade para o caatingueiro está ligado à sua existência e para o empresário está ligado ao capital privado. Essa diversidade de discursos entrecruzou a minha produção discursiva e levantou os problemas enfrentados e que puderam ser ouvidos ao longo desta pesquisa.

Para fazer vê-los, consideramos o que nos diz Authier-Revuz (2004, p. 12) sobre a heterogeneidade:

No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor *único* produz, um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o *outro* [...]. É o *outro* do discurso relatado: as formas sintáticas do discurso indireto e do discurso direto designam, de maneira unívoca, no plano da frase, um outro ato de enunciação.<sup>2</sup> No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do "sentido" dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo - ou o espaço - claramente recortado da citação na frase; o locutor se apresenta como simples "porta-voz".<sup>3</sup> Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor *dá lugar* explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso. (Grifo do original)

Essa propriedade da linguagem que pode ser “[...] apreendida no fio do discurso, na superfície, na materialidade linguística do enunciado, através de marcas, indícios que mostram/sinalizam o ‘outro’,” (BRANDÃO 2012 p. 35) foi fortemente perseguida por mim, através de uma escuta e de uma escritura atenta para evidenciar

o que se apresenta na linha e não somente nas entrelinhas das falas transcritas. São delimitações mostradas na superfície linguística, na materialidade linguística do enunciado, índices que denunciam o lugar de um e do outro, neste caso o lugar do caatingueiro, dos empresários, dos ambientalistas e o meu próprio lugar como pesquisadora.

Com essa atenção foi possível ver o que Authier-Revuz (2004, p. 68-9), compreende como heterogeneidade:

*O dialogismo do círculo de Bakhtin faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso. Duas modalidades de interação às quais remetemos, aliás, em termos de interdiscursividade e de interlocução, inscrevem constitutivamente a presença das "palavras dos outros" no discurso [...] A essa teoria da heterogeneidade da palavra se articula uma teoria do descentramento do sujeito; ela afirma que: para um sujeito dividido, "clivado" (e não "desdobrado"), não há centro, de onde emanariam, particularmente, o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma; mas manter esta ilusão de um centro é a função necessária e normal do eu para o sujeito; para um sujeito que, fundamentalmente, é um "efeito de linguagem", não existe, fora da ilusão - aqui também necessária e normal - posição de exterioridade em relação à linguagem, de onde o sujeito falante poderia tomar distância. Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos "outros discursos" e pelo "discurso do Outro". O outro não é um objeto (exterior, do qual se fala), mas uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso. (Grifos do original).*

É possível dizer, assim como Brandão (2009) que Authier-Revuz, vê o discurso acontecendo, enquanto Bakhtin vê o discurso já pronto, a dialogicidade já acontecida, já posta. Ambos, porém, veem as relações sociais agindo na produção discursiva que envolvem processos de negociação, relações interpessoais. Nesse contexto de produção de sentidos dos discursos produzidos, é preciso destacar mais uma vez, que os caatingueiros veem as coisas, assim como o discurso acontecendo e nesse processo, o sujeito vai se fazendo. A negociação para eles é precisa; a escolha da palavra é precisa. Existem marcas em seu discurso que não possuem sinônimos. Diante de uma situação em que a família possa ser julgada, por exemplo, sente uma **contrariação**, uma contrariedade que segue cortando, fulminando, dilacerando o coração. Esse processo de enunciação é um fenômeno que se produz e é histórico, abarca um período. Vemos o que emerge, o que salta.

Para o caatingueiro, a narrativa pode criar existência, experimentando as palavras até poder dizer. A significação está na frase e o sentido é do nível do enunciado. Assim, a nossa atenção foi centrada nem tanto nas informações, mas nos sentidos materializados nos fios discursivos enunciados, no como, na ação de enunciação. Essa foi a perspectiva adotada: uma audição atenta das falas, das suas palavras, com o intuito de fazer ver os sentidos que são produzidos, tanto na sua materialidade linguística, quanto no seu contexto de enunciação e de produção discursiva, buscando tornar sensíveis as expressões languageiras realizando enfim, a sua comunicação. Para isto, desenvolvi um processo de escrita dessas vozes, contextualizando-as. Esse processo teve o intuito de fortalecer o dito, de tocar em nós, ouvintes/leitores, as questões e os problemas enunciados nas conversas/entrevistas, nos abrindo para ver o outro, nos fazendo ver também nesse processo.

Essas questões serão mais bem materializadas nos capítulos subsequentes, especialmente no Capítulo 4, quando trataremos da “Comunicação de conflitos: enunciados de caatingueiros”.

No próximo capítulo irei descrever os modos de existência dessa gente, seus modos de pensar, de se comunicar a partir do início do Século XIX até final do Século XX, quando um grande empreendimento alterou significativamente a vida dessa gente.

### 3. COMUNICAÇÃO DA EXISTÊNCIA: ESSA GENTE CAATINGUEIRA

#### 3.1 QUEM É ESSA GENTE?

Este é um trabalho sobre caatingueiros. A escolha por essa denominação se vincula ao pensamento do professor Esmerado Lopes (2019)<sup>50</sup>, compreendendo que essa gente é de um lugar constituído por um conjunto de aspectos formados pela vegetação, pelo clima e pela geologia que são próprios, específicos e que, por isso mesmo, não se deve confundir caatinga com sertão, uma vez que este se refere a qualquer área desabitada, em qualquer lugar do mundo. Quando se usa a denominação sertão para a caatinga, há um despovoamento desse espaço, uma perda de identidade. Da mesma forma, “a caatinga está no semiárido por possuir um clima semiárido, mas o semiárido não é caatinga” (LOPES, 2019, s/p). Até porque, existem vários semiáridos, nesse mesmo território. Ao se referir à caatinga como semiárido, provoca-se o desaparecimento dela, sobretudo em seus aspectos sociais e históricos, um espaço com “personalidade própria”. Sertão e semiárido dão a entender termos “difusos”, “vazios”.

No livro “Sertões contemporâneos – rupturas e continuidades no semiárido”, a pesquisadora Gislene Moreira (2018) busca compreender “os impactos da globalização na cultura e nos sentidos dos sertões contemporâneos”. Nessa busca, a autora descobre que “... o velho sertão virara semiárido”. Essa mudança parece estar relacionada com a mudança paradigmática entre o sertão como lugar da seca e da miséria e de outro com os novos discursos de “convivência com o semiárido” (p.19). A escolha atual por semiárido não mudou estruturalmente. “Mudou para continuar existindo”. (MOREIRA, 2018, p.30).

Essa mudança é mais política do que técnica como bem salienta Moreira (2018). Desde que o termo foi legalizado pela Constituição de 1988, a lista dos municípios que compõem esse território foi alterada diversas vezes a partir de novos critérios pluviométricos e índices de aridez. Além do mais, “o uso da palavra ‘semiárido’ parece indicar grandes mudanças na região Nordeste e aponta para substituição de antigas práticas econômicas, políticas, sociais e culturais por novos atores e modelos [...]” (MOREIRA, 2018, p.20).

---

<sup>50</sup> “Imagens e problemáticas da caatinga”, texto publicado no blog: esmeraldolopes. Com.br

A pesquisadora Luzineide Dourado Carvalho, no livro “Natureza, território e convivência” (2012, p.143;145 e 146), estabelece uma ressignificação da territorialidade a partir do sentido de pertencimento ao semiárido brasileiro.

O próprio sentido de território Semiárido é redimensionado a partir das novas relações do sertanejo com a água, a biodiversidade da caatinga, com a questão da desertificação, da degradação dos ambientes naturais, etc. [...] Emerge um território simbólico-cultural, dimensionado pelos elementos materiais e imateriais presentes na produção e reprodução da vida de homens e mulheres que vivem há séculos, a mundaneidade semiárida.

Os elementos materiais e imateriais presentes na mundaneidade caatingueira se constituem um tanto diferente das referências construídas pela civilização ocidental moderna, portanto, não tem como registro desses elementos, ruínas, prédios, monumentos, eles estão diretamente vinculados às características próprias desse bioma e das relações de interdependência que se estabelecem entre o homem e a natureza. Essas relações se mostram através dos processos comunicacionais que se desenvolveram ao longo do tempo, desde a presença do homem Pré-histórico até os dias atuais.

Em Sento-Sé a presença material está nas pequenas construções de palha, pedra ou alvenaria, como as casas para moradia, as pequenas igrejas nos povoados, além da igreja matriz na sede, mais imponente; no subsolo, pelo fato de possuir uma grande variedade de minérios como cristais, ametistas e ferro; nos mais de 136 sítios arqueológicos já catalogados<sup>51</sup>; nas suas nascentes, na fauna e na flora mais bem preservadas, estando o seu território, quase na sua totalidade dentro do Parque de Conservação Nacional, recém criado, o Boqueirão da Onça; nos ventos recém descobertos para produção de energia eólica e no Rio São Francisco<sup>52</sup> que desapareceu com a construção de uma grande barragem, para dar lugar a um dos maiores lagos artificiais do mundo: o Lago de Sobradinho.

A existência de caatingueiros nessa região de caatinga se materializou pela criação de animais, inicialmente com a criação do gado. Com o declínio da pecuária

---

<sup>51</sup> Ver Kesting (2014)

<sup>52</sup> O Rio São Francisco, o Velho Chico, nasce na Serra da Canastra em Minas Gerais e deságua no oceano atlântico. Percorre cinco estados e quinhentos e vinte e um municípios. Na região do Submédio São Francisco, do lado do estado da Bahia, o seu curso foi alterado para a construção da barragem de Sobradinho. Esse fato, provocou de certa forma o ‘desaparecimento’ do rio tal qual a população o conhecia, formando um imenso lago em seu lugar.

bovina, essa atividade se fortaleceu com a criação de caprinos e ovinos; também pela produção da farinha, em decorrência da sua atividade agrícola básica: a cultura de subsistência, especialmente com a plantação de mandioca, milho, feijão, abóbora, batata e outras leguminosas.

Ao contrário do que muitos estudos propõem, não é a geografia (empírica) que associa os caatingueiros às caatingas, mas o tempo, nas suas diferentes manifestações. Tempo do verde, tempo de seca; tempo que se dedica à devoção de um santo; tempo de criança e o de adulto; tempo das eras e tempo das tarefas diárias. (ASSY, 2017, p.3).

A seca e o verde norteiam a vida da população caatingueira e beradeira. Sobre os beradeiros, que também constituem o município de Sento-Sé farei referência a eles neste capítulo pelo fato de também fazerem parte da constituição do seu povo, em razão da vida na beira do rio. É um povo que vivia às margens do Rio São Francisco, plantando nas suas margens ou nas ilhas. Com a construção da Barragem de Sobradinho, tiveram os seus modos de vida completamente modificados como veremos mais adiante. As duas populações, caatingueira e beradeira, desenvolvem em alguns momentos, atividades de interdependência.

Para esses povos, quando chove, tudo muda, porque tudo fica verde, riachos cheios, mata fechada e o converseiro no vai e vem da labuta do dia a dia. Quando a seca chega, tudo para um pouco. O cotidiano é mais lento, é tempo de usar o que guardou do tempo verde, de cuidar mais dos animais, de se lamentar e planejar o que virá. Nas caatingas, a produção é estruturada de um modo tradicional pela existência de cacimbas e mais recentemente pela cisterna e pela implantação de poços artesianos, estes últimos movidos pela energia solar ou por cata-ventos; chiqueiros para a criação de pequenos animais; currais para o gado; pequenos roçados para o tempo de chuva e a casa da família (LOPES, 2012).

A produção imaterial se constitui na relação de interdependência do homem/mulher com a natureza, pela amizade com os bichos e com as plantas, pela sintonia com o tempo do Sol e com as fases da Lua, as serras que brilham e ecoam sons, as águas que nascem, brotam e curam, os encantados que guiam e as festas e brincadeiras que marcam as tradições, como a Roda de São Gonçalo, os Reis de Bois, a festa de São José, a Dança do Toré e nas brincadeiras coletivas como a

Corrida de Argolinha. No entender dos caatingueiros, as manifestações material e imaterial não se diferenciam como natureza e cultura ou como matéria e espírito.

Os encantados que cuidam, protegem e guiam as pessoas, moram em toda parte. O mais conhecido é o “Caboclo Bravo”. Sobre essa entidade, o Professor Esmerado Lopes (1992, s/p) escreveu:

[...] Quem anda no mato tem que conhecer seus mistérios, seus segredos. Saber ler no chão, no tempo, nas árvores e nos animais, para ver o que vai acontecer.

De repente: zurupuctum, bum bum bum, rurupuctum, tum tum tum...

- É barulho dos caboclos-do-mato. Três Ave Maria, cinco Pai Nosso, oração de São Sebastião. O rosário é o guia.

- Cruz em Credo, Ave Maria... Caboclo brabo, povo do mato que aqui existia. [...]

Em Sento-Sé, o “Caboclo Bravo”, juntamente com outros seres “encantados” protegem as pessoas e a natureza, sobretudo próximos às serras onde existem vestígios arqueológicos. De acordo com os dados apresentados no livro “Patrimônio Arqueológico de Sento-Sé” (2019), como já mencionado no capítulo I, existem no município “136 feições de relevo com sítios arqueológicos”, entre boqueirões, serrotes, grotas e aluviões. Em cada uma das feições, existem vários sítios.

Sobre o modo como os caatingueiros interpretam os grafismos rupestres, Silva (2008)<sup>53</sup> demonstra que os moradores dos lugares próximos a paredões com essas pinturas percebem, nesses lugares, a presença dos “encantados”, a exemplo do “Caboclo Bravo”, que são índios que viveram naquele local e estão ali, tanto para proteger as pinturas, quanto o meio ambiente e as pessoas. Sentem (no corpo) que esses “caboclos” os orientam no momento que estão perdidos ou que procuram animais perdidos ou doentes na mata.

Para Antonio, 41 anos, guia local do povoado de Traíras, entrevistado por Silva (2008, p.14) “quando se pensa ir por ali e decide-se ‘vou por aqui’, isso não acontece por acaso. São eles (os encantados) indicando o local correto a seguir”. Ele diz também “... não saber o porquê de amar tanto aquele local e que mesmo sem condições financeiras continua por lá”, e que a “única explicação é a de ter descendência indígena e que os espíritos, os que são bons, o seguram por ali”. A

---

<sup>53</sup> Pesquisa realizada no sítio arqueológico de Traíras, município de Sento-Sé BA, por Raquel Correia de Oliveira Silva para o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia, pelo Departamento de Ciências Humanas III, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

autora ressalta que “Antônio nos revela um sentimento de satisfação por ver o interesse dos estudiosos em descobrir “as letras dos caboclos”, que, segundo ele, conta-nos as histórias dos povos que viviam por lá...”

De acordo com Kesting (2014, p.9), arqueólogo e pesquisador dos sítios e paredões da região de Sobradinho e Sento-Sé,

“... a leitura arqueológica de caráter científico tenta reconhecer nos significantes, nos significados e na significância das pinturas rupestres, a identidade dos seus autores para situá-los no espaço e no tempo. Apesar de possuírem um poder argumentativo maior, não se pode afirmar que os arqueólogos fazem a leitura perfeita e verdadeira dos registros rupestres dos artefatos da indústria lítica ou cerâmica”.

Nessa perspectiva, Silva (2008, p. 20) diz que: “os grafismos são símbolos que os grupos pré-históricos utilizavam para transmitir informações sobre seus mitos e ritos”. Compreendo que esses símbolos são o registro de uma comunicação ainda pouco estudada na região e que foi incorporada ao longo do tempo à própria língua e às formas de interpretação do mundo pela população local. No entanto, como bem destaca Silva, essa forma de comunicação foi ignorada com a chegada dos portugueses que exterminaram uma grande parcela dos índios que habitavam essa região e que impuseram também outras formas de comunicação, ignorando toda uma cultura existente.

As diferentes formas de expressão da linguagem foram ignoradas e até proibidas através de diferentes processos de colonização, especialmente aqueles relacionados com a evangelização dessa população. Ao mesmo tempo em que houve uma ruptura da evolução da escrita desses povos, houve também uma ruptura na evolução da linguagem própria, pela imposição da Língua Portuguesa. No entanto, compreendo que tanto na escrita, quanto na linguagem verbal praticados na contemporaneidade, existem manifestações desses processos, construídos ao longo do tempo.

Como prova material da existência desses povos, o município de Sento-Sé é recoberto por feições de relevo com sítios arqueológicos, como demonstrado no mapa elaborado por Kesting (2014), citado no capítulo I. Existem vários boqueirões, terraços, aluviões, grotas, serrotes, caldeirões. Os nomes fazem alusão a aspectos da natureza, a presença de índios e negros na região, a nomes de pessoas que

viveram no lugar e até a acontecimentos que afetaram a convivência na região, como é o caso da Grota da Briga de Gervásio, lugar que foi palco de um enfrentamento entre grileiros e posseiros na década de 1970<sup>54</sup>. Os nomes dessas feições de relevo constam no livro de Kesting (2014).

Esses vestígios arqueológicos datam de períodos pré-históricos e podem ser apreciados e estudados, através dos diversos sítios arqueológicos identificados nas serras que percorrem todo o município e como também, “...nos solos aluviais de antigos povoados ribeirinhos de Sento Sé, hoje, \*alguns destes, (\*grifo nosso) inundados pelas águas do Lago de Sobradinho”. (KESTERING, 2014).

Os vestígios arqueológicos evidenciados com a sondagem reforçam a hipótese de que grupos pré-históricos (durante todo o período do Holoceno até a chegada dos colonizadores portugueses na região) e históricos (quilombolas e caboclos) ocuparam os solos aluviais à jusante das feições de relevo com painéis de pintura rupestre. É pouco provável que as feições de relevo onde foram realizados os grafismos rupestres tenham sido utilizadas para assentamento, devido a sua forma acidentada e ausência de abrigos. A maior parte dos suportes é formada por paredões fraturados, com pequenas reentrâncias que preservam as pinturas rupestres. É provável que os autores dos grafismos, quando o clima regional era úmido, tenham ocupado para assentamento as chapadas e os espaços mais elevados dos terraços fluviais antigos [...]. Em períodos mais recentes, quando se instalaram as condições climáticas atuais, os grupos pré-históricos da região passaram a ocupar os solos aluviais das ilhas, das margens do Rio São Francisco e de seus riachos tributários. (KESTERING, 2014, p. 790)

A história recente, datada da chegada dos portugueses, indica que nesse período viviam naquela região os índios Centoces, possivelmente já fugitivos do litoral em decorrência da invasão portuguesa. Quando do estabelecimento dos Garcia D'Ávila na região para a efetivação das fazendas de gado, houve apropriação por parte desses colonizadores do nome dessa tribo indígena, batizando o município de Sento-Sé, possivelmente a partir de uma atualização da grafia do nome.

Segundo Lopes (1997), a região do Submédio São Francisco foi inicialmente habitada pelos índios Cariris, provavelmente, após terem sido expulsos do litoral pelos

---

<sup>54</sup> Esse acontecimento está citado no livro: **Bahia – violência e impunidade no campo**. Análise de dez anos – registro de 1976 a 1987, organizado pela Associação dos Advogados dos Trabalhadores Rurais da Bahia.

índios Tupis. Eles viviam nos lugares onde era possível pescar, caçar e colher frutos, como as serras, os brejos, as ilhas e as margens do Rio São Francisco.

Historicamente esse território foi marcado por processos de colonização, primeiro com a domesticação e matança da população indígena, sendo este o período da conquista da região e extermínio de uma parte desses povos, e depois a prática de processos de submissão de “negros”, sendo esta uma denominação ampla, pois, abrange toda a mão de obra, composta por africanos libertos ou foragidos, índios refugiados, portugueses degredados advindos de diferentes partes do país, para o desenvolvimento da pecuária extensiva, atividade que entrou em declínio ainda no Século XIX.

De acordo com Assy (2014), a pouca importância dada pelo colonizador a partir de então, não significou a decadência do lugar, pelo contrário, foi um período de intensa produção de modos de existência. Hoje materializados nas figuras dos beradeiros e caatingueiros, povos que não existiam antes. São esses povos que constituem hoje a população de Sento-Sé. Nesse sentido, como a experiência produz o homem? Como o caatingueiro se torna caatingueiro? Diria que entre caatingueiros, na pessoa do caatingueiro. Os acontecimentos contribuem para ele expressar tudo aquilo que vive, experimenta, através de proposições, expressões da linguagem. Esses acontecimentos surgem do meio onde esse sujeito se constitui, é movimento, tensão. Um jeito de pensar antes do sujeito, um sujeito pré-social ou social possível, um pré-texto, não como explicação, mas, como um campo problemático. Nesse sentido, temos a figura do boi, como já mencionado no capítulo anterior, que ao ser introduzido na caatinga pelos colonizadores, como estratégia de ocupação foi decisivo na formação do caatingueiro, através da formação do vaqueiro<sup>55</sup>, personagem que se constituiu na lida com esse animal.

De acordo com Assy (2014, p. 52-3),

Vem no vaqueiro o índio, o negro, o português pobre. Não é uma síntese desses vários povos, mas uma saída que fazia sentido a diferentes indivíduos que se viram apartados de suas tribos, de sua gente. A vaqueiragem despistava a atenção do colonizador e deixava o vaqueiro atuar [...] Se o vaqueiro era chamado ‘escravo’ no nome, seu ofício tinha prerrogativas outras, que lhe conferiam “liberdade”. O sistema extensivo de pastoreio era

---

<sup>55</sup> O ofício de vaqueiro é considerado Patrimônio Imaterial da Bahia, através do decreto número 13.510 de agosto de 2011. Os seus saberes e fazeres são considerados uma profissão.

contraditório à demarcação das terras pelos currais. O gado, pela natureza da caatinga, não se mantinha confinado nos perímetros e a sua dispersão sobrepunha as linhas demarcatórias. Em síntese, *a propriedade era essencialmente animal, não tendo a terra muito valor em si mesma*. Essa condição restringia, dentro da própria atividade econômica priorizada, o controle sobre o trabalho do vaqueiro e permitiu que fossem desenvolvidas outras práticas. (grifos da autora)

A figura do vaqueiro ainda é bastante atuante na Caatinga, combinando essa atividade com outras práticas, como por exemplo, a criação de pequenos animais, agricultura de sequeiro e mesmo a agricultura irrigada, onde é possível. Ao perguntar a um caatingueiro que também é beradeiro sobre a sua ancestralidade, ele me disse:

De escravo eu não tenho conhecimento. Agora de índio eu sou. A minha bisavó foi pega através de dente de cachorro. Era braba no mato. E a avó da minha mãe, foi pega a dente de cachorro, era braba, era índia braba... que essas serras aqui era cheia deles e conforme foi chegando muita gente, eles foram saindo e outros foram amansando e tudo. Na realidade hoje acabou problema de índio aqui na área, só tem nas reserva mesmo, lá pra os outro lugar, mas aqui mesmo não existe. Existe assim, as descendência das pessoas que casaram dessa natureza. O meu cunhado tem uma filha e que tem filho de índio. Ela mora em São Paulo com o filho. Ela trabalha de enfermeira na FUNAI em São Paulo, e aí ela é mãe solteira e ela tem um filho com um índio, descendência de índios. (LIMA, 2004)<sup>56</sup>.

Sobre a questão indígena no Brasil, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro na aula pública proferida durante o ato Abril Indígena, na Cinelândia, Rio de Janeiro, em 20/04/2016<sup>57</sup>, faz uma análise da relação entre o Estado e os povos índios e indígenas do Brasil. Esclarece que “todos os índios no Brasil são indígenas, mas nem todos os indígenas são índios”. (CASTRO, 2016).

Os índios são pertencentes a povos e comunidades que não perderam a sua relação histórica com os indígenas que viviam nestas terras antes dos invasores europeus e foram denominados por estes, de índios, quando aqui chegaram. Os indígenas, por outro lado, são povos ou comunidades originários da terra em que vivem<sup>58</sup>. Existem povos indígenas em vários lugares do mundo. De uma forma

<sup>56</sup> Entrevista concedida por seo Dico, para a dissertação do meu Mestrado em Sociologia (2004)

<sup>57</sup><https://acasadevidro.com/2016/04/24/os-involuntarios-da-patria-por-eduardo-viveiros-de-castro-aula-publica-durante-o-ato-abril-indigena-cinelandia-rj-20042016/>. Acessado em 21-10-2019

<sup>58</sup> “A palavra 'indígena' vem do <lat[im] indigēna,ae “natural do lugar em que vive, gerado dentro da terra que lhe é própria”.(Dicionário Eletrônico Houaiss)

genérica, o contrário de indígena é alienígena e o de índio é “branco” ou “inimigo”, expressão usada no Brasil, para se referir a todas as pessoas que não são índias. Embora etimologicamente, todos os povos originários da terra que vivem, sejam indígenas, na prática social, eles não o são. O que caracteriza um indígena é a relação com a terra em que vive, seja ela uma aldeia, um povoado no sertão, uma comunidade de beira-rio, ou mesmo numa favela. É fazer parte de um povo e se considerar como sendo.

Destaco a fala de Seo Zé Apolinário, com 98 anos, quando afirma que anda sempre acompanhado por índios. Esses povos habitaram a região das serras onde atualmente vivem os caatingueiros. As marcas das suas existências continuam presentes, como já mencionado anteriormente.

Agora eu que me considero. Tenho uma parte da serra. Esse povo que trabalha na serra, os índio brabo, é um povo diferente, esses anda comigo. Eu acredito que seja tendo ajuda que eu me curo né? É a gente estando assim, chega uns tempo assim que o povo chega num lugar que o povo dá trabalho. Tem que cair dentro, só não faço é curar, mas trabalhar, trabalho. Trabalho que o cara tá, quando der fé que não, chegou. Dá aquele agitação no corpo, parece que aquele irmão encosta e agora aí tira uns ponto de trabalho, vai cantar, vai rezar, vai pinotar. Deles que ainda bebe, e também o cara bebe, bebe, bebe, quando sai... Bebo, lá no trabalho eu bebo... Não sinto nadinha, agora sinto o corpo ficar maneiro né? Manera o corpo da gente, a gente fica com o corpo maneiro, e dá aquele estilo assim com a gente, aqueles palpíte que dá de fazer uma coisa. Eu me sinto bem por isso porque os índio da mata só cura com raiz de pau, é, só pau. É o caso é esse aí, de eu não me prestar a doutor, todo mundo diz: é comprimido, eu não sei o que é isso, eu arrumo comprimido mas não sou muito disso não, só mato. (LIMA, 2004)<sup>59</sup>

Viveiros de Castro destaca ainda na aula pública “Os involuntários da Pátria” (2016) que quem nasceu em um determinado lugar, mas não se sente pertencente a ele, ou seja, não se considera, é cidadão. No nosso caso, cidadão brasileiro. Uma pessoa “pesada, contada, e medida por um Estado-nação territorial, o Brasil. Ser brasileiro é ser (ou dever-ser) cidadão, em outras palavras, ‘súdito’ de um Estado ‘soberano’, isto é, transcendente.” Ser indígena, ao contrário, é se considerar parte de um lugar, de um povo, de uma terra. É estar junto e fazer a vida junto de parentes e

---

<sup>59</sup>Entrevista concedida por Seo Zé Apolinário para a dissertação do meu mestrado em Sociologia (2004).

amigos. “O indígena olha para o baixo, para a terra a que é imanente; ele tira sua força do chão. O cidadão olha para cima, para o Espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente; ele recebe seus direitos do alto”. (CASTRO, 2016)

Sobre o que seria um povo, Viveiros de Castro esclarece que “um povo é uma multiplicidade singular, que supõe outros povos que habita uma terra pluralmente povoada de povos. [...] Os povos indígenas do Brasil, na época do “descobrimento” se descobriram “índios”, sendo ‘unificados’ na generalidade de um poder transcendente, para melhor serem desmultiplicados, homogeneizados, abasileirados”. Pertencer à terra, em lugar de ser proprietário dela, é o que define o indígena. E nesse sentido, muitos povos e comunidades no Brasil, além dos índios, podem se dizer, porque se sentem, indígenas, muito mais que cidadãos. O povo caatingueiro e beradeiro de Sento-Sé vive até hoje lutando pela sua terra, não porque é proprietário dela, mas porque a ela se sente pertencente.

Esse sentimento de pertencimento à terra, está diretamente relacionado com os processos de territorialização e desterritorialização vivenciados pela população caatingueira, desde meados do século passado. Andrade (2006) compreende que,

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.

Ao discutir a questão da desterritorialização, Haesbaert (2003, p.13) nos chama a atenção sobre o conceito de território que estamos considerando. A partir das três vertentes básicas apresentadas por ele: a jurídico-política, a culturalista, a econômica e a naturalista. Sendo esta última, segundo ele, a menos usual. Neste trabalho, compreendo o bioma caatinga, como um território onde se inter cruzam diferentes modos de atuação. A dimensão naturalista, que implica numa relação indissociável entre a sociedade e a natureza é a que mais o define, juntamente com a dimensão culturalista, pela dimensão simbólica que permeia essa relação. Entretanto, no contexto de imposição dos projetos de modernização que ora atravessam o mundo caatingueiro, esse espaço está sendo também controlado por forças jurídico-políticas e economicistas, pela forte presença de empresas privadas.

Entendo o território caatingueiro a partir das considerações feitas por Haesbaert (2013), como um espaço simbólico de produção da existência que envolve elementos materiais e imateriais. Considero os processos comunicacionais da população caatingueira, como constitutivo desse espaço. No entanto, esses processos estão em fase de desterritorialização, através de mecanismos jurídico-políticos de controle e delimitação do território, assim bem como de mecanismos economicistas, pela imposição da lógica do capital. Um dos aspectos fundamentais desse processo é o desenraizamento e enfraquecimento das relações sociais, pela perda dos vínculos de parentesco e de amizade, tão importantes para a constituição das territorialidades caatingueiras.

Atualmente, o povo de Sento-Sé se constitui basicamente de caatingueiros e beradeiros, sendo esses últimos, moradores da borda do lago e que tiram o seu sustento da pesca e da agricultura. Os caatingueiros, habitantes das roças, em povoados ou fazendas, tiram o seu sustento da criação, da caça de animais e agricultura de sequeiro, mas também da produção de farinha e de doces caseiros. Esse povo foi se fazendo em meio a vários processos de colonização, seja pela matança de seus antepassados, índios e negros, seja pelo modo ignorado da sua existência ou pela imposição de projetos de desenvolvimento. O primeiro grande projeto modernizante que atravessou o seu mundo foi o da construção da hidrelétrica de Sobradinho. Antes dela, conta-se que era a beira do rio, eram os vapores, as pescarias nas lagoas, o ajuntamento de todos: da Vila, que era a sede e das roças. No tempo da pescaria, acampavam todos na beira do rio para pescar, comprar, vender, brincar, cantar, namorar, esperar os vapores com alimentos, tecidos, calçados e muitas notícias de todo canto do mundo (BARROS, 2016).

No período entre a década de 1970 e os dias atuais, a população do município de Sento-Sé tem enfrentado vários desafios, entre eles o desaparecimento do seu Rio, o São Francisco, que trazia tanta alegria, fartura, esperança. Nesse período se construiu e se consolidou a Barragem e Usina Hidroelétrica de Sobradinho. A notícia da inundação da cidade de Sento-Sé veio de longe e chegou de boca em boca, no *ouvi dizer*. Era final da década de 1960, auge da ditadura militar no Brasil<sup>60</sup>. Homens de uniforme passavam nas casas fazendo levantamentos do que se tinha e anotando

---

<sup>60</sup> Nesse período, em face da construção da Barragem de Sobradinho, os municípios atingidos ficaram sob intervenção militar, havendo assim a suspensão de eleição municipal para prefeito. Esse cargo ficou sob a indicação do Governo da Bahia.

tudo numa relação. Os moradores de Sento-Sé não sabiam, mas no Brasil todo, o rádio, os jornais, as revistas, as canções, já noticiavam a construção desse grande empreendimento, uma barragem que seria construída no alto de Sobradinho para mudar o curso do Rio, criando um grande lago artificial e inundando quatro municípios: Sento-Sé, Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado. Cerca de 70.000 mil pessoas seriam relocadas compulsoriamente, para outros lugares.

As entrevistas sobre a mudança dos moradores de Sento-Sé BA, para novos povoados, uma nova sede, outros municípios e estados do país, especialmente, a cidade de São Paulo, foram feitas no ano de 2003 e compõem a dissertação do mestrado, defendida por mim no ano de 2004, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Nesse trabalho, analiso essas entrevistas na perspectiva da memória como prática social. Aqui, algumas delas são retomadas no contexto dos processos comunicacionais desenvolvidos por essa população, com a finalidade de demonstrar os modos de existência dos beradeiros e caatingueiros até esse período.

A seguir, as entrevistas são comentadas por mim com o intuito de dar visibilidade ao modo como os deslocados com a Barragem de Sobradinho vivenciaram esse processo, já adotando de certo modo a perspectiva teórico-metodológica usada nesta tese, que é a de ser uma intérprete dessas vozes, através de uma compreensão ativa e responsiva.

### 3.2 “A SENHORA NÃO CHORE NÃO, PORQUE NÃO VAI VER SUA TERRA MAIS NUNCA, GUARDA ESSAS LÁGRIMA PRA OUTRA COISA”

As pessoas não acreditavam e seo<sup>61</sup> Dico era uma delas: **mas sempre, sempre, vinha aquela relação que todo mundo ia sair.** Os nomes das pessoas estavam lá, escritos, várias vezes. Era pra sair mesmo. O recado tava dado. O converseiro era de que a barragem já estava sendo construída e as águas vinham. **E aí começaram a barragem lá, quando terminaram, lá vem água, lá vem água subindo [...]** A água vinha mesmo, percorrendo o curso determinado. Seo Astrogildo também não acreditava: **E ninguém acreditava que a gente ia retirar de onde nós tava por causa de água, porque ela chegou. A barragem vai ser feita e o pessoal**

---

<sup>61</sup> Como já esclarecido no capítulo I, uso ‘seo’ como pronome de tratamento masculino e ‘dona’ para o feminino.

**vai todo mundo retirar que as água vão invadir essa área... Isso aqui é a CHESF, tá?** Essa era a fala da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) que alguns moradores chamavam de dona.

Para seo Astrogildo, morador da antiga Oliveira, distrito de Américo Alves, não tinha sentido sair do seu lugar por causa de água, porque eles tinham o Rio que tudo dava, o São Francisco. Mas, ela chegou, imperativa na voz do técnico da CHESF. Oliveira agora era uma área e seria inundada. Deixaria de existir: o povoado e o seu nome. Os moradores se perguntam até hoje: Por que Quixaba?

É ... toda população de Oliveira mora aqui, inclusive quando mudaram pra aqui, panharam esse nome de Quixaba. Eu tinha muita raiva, nesse tempo eu ainda bebia umas cachaça. Eu era meio... eu fui cachaceiro, viu? E aí quando eu chegava aqui, eu ficava com raiva por causa desse nome que botaram, que o nome do nosso lugar era Américo Alves Oliveira, Américo Alves Oliveira! Um nome bonito desse, mudaram para Quixaba. Quixaba por quê? (Seo Brás, 2003). (LIMA, 2004)

Quando **surgiu a mudança**, seo José ficou com medo, por que como é que surge assim, pela boca do povo? **Até eu não acreditava, porque qual é a água que vai ter pra tirar a gente daqui?** Além disso, sair da beira do Rio para o centro da caatinga, por que? Com qual propósito? De que forma? Tudo isso era segredo, ninguém sabia, ninguém acreditava. E se acreditassem, e se soubessem, o que aconteceria? Que água é essa? De onde vem? O que eles não compreendiam era que essa não era aquela água da cabeceira do Rio que sempre vinha, mas, que essa água seria presa, represada. **Mas depois eles chegaram com a sugestão, vai ter isso, vai ter aquilo [...], mas depois que mudaram de lá pra cá, pegaram a gente botaram aqui aí depois abriu todo mundo e aí a gente ficou nessa aqui.** Os moradores queriam saber, queriam entender, queriam participar, até porque depois, ia abrir todo mundo. Não havia silêncio, pelo contrário, era um converseiro danado. Ninguém de fora ouvia.

Seo Dico já sabia de algumas coisas, porque **foi comentado há muitos anos. Nos anos 40, o pessoal passaram, a Caetano do Sul passou fazendo umas topografia e dizendo que existia um projeto do governo, só que eles não explicava qual era o projeto [...].** Já naquela época, havia um grande interesse por parte de políticos e empresas nas riquezas minerais do município, mas o povo não podia saber, nem era dado a conhecer e nem se tinha como saber.

As decisões eram tomadas nos gabinetes. De acordo com o responsável pelo cartório da época, foi uma opção do prefeito que achou por bem relocar a cidade para uma região onde existiam terras melhores e com maior integração com outras cidades. A população nunca participou dessas discussões, sequer foi ouvida e nem informada diretamente. Alguns relocados dizem que a escolha dos lugares era feita, apontando-se o dedo do alto do helicóptero, **como se fossem Deus**.

O processo de mudança dos moradores foi bastante conturbado e traumático, como consta na minha dissertação do mestrado, já citada anteriormente. Os moradores tiveram que se adequar às opções colocadas pela CHESF, com o aval dos governos locais. Foi feita pelos técnicos uma grande campanha de convencimento para que as pessoas fossem para o assentamento Serra do Ramalho. Participei ainda criança de uma dessas apresentações e fiquei impressionada com a tecnologia apresentada: na parede branca da igreja católica, fotografias projetadas em slide de frutas, verduras e legumes enormes. Lembro especialmente de uma espiga de milho gigante. As casas todas iguais, pintadas de branco e azul. Além das projeções, eram apresentadas maquetes das casas e das roças que aos meus olhos pareciam 'de verdade'. Fiquei imaginando o paraíso.

Mesmo com todo o esforço midiático da CHESF, as pessoas resistiram à mudança, saíram nos últimos momentos, algumas com água na cintura. Umas para povoados construídos próximos à borda do lago, outras para a Agrovila Serra do Ramalho e outras para São Paulo, sendo esta escolha inserida na 'categoria' solução-própria. Seo João Elias, escolheu ir para Xique-Xique, outra "opção". Ele foi de barco, levando a sua família. Teve que enfrentar sozinho a força das águas: **Eu saí hoje de tarde, andemo a noite, andemo o dia, fui chegar no outro dia de manhã, dá uns três dia.**

Seo João Elias viajava para o desconhecido, deixando a vida para baixo. **As água corria muito, não era como hoje que as água é fraca, as água é tudo morta, naquele tempo as água corria muito. Foi muita luta.** Seo João não imaginava que um dia travaria uma luta dessas com o seu Rio. **Canoa sofria muito pra chegar em Xique-Xique, em qualquer ponto aí pra riba, sofria muito.** Todo mundo sofreu: muito vento, muita mareta, muito balanço, descontrolado.

Ao se dirigirem aos moradores para os últimos acertos da mudança, os técnicos da CHESF tentavam impor as normas estabelecidas, mas essas eram questionadas e muitas vezes desconsideradas pela população. Em um desses momentos, o técnico

interpelou seo Aristides: **Como é o nome dessa velha?** A velha era a mãe de seo Aristides, que pelo tom da pergunta, parecia atrapalhar o processo, ser desqualificada. **Essa mudança tá marcada pra quinta-feira,** disse o técnico. Seo Aristides reage: **eu digo, vai não, não vai não, porque a casa não tá pronta e ela não vai não [...] uma velha doente desse jeito não vai mudar não.** A ‘velha’, no dizer do filho impôs condições à CHESF. Seo Aristides fez questão de afirmar: eu digo. Percebe-se que nesse instante, ele eleva para o plano das palavras seu posicionamento: “eu me coloco”; “eu penso”; “é o que é” e neste caso, os fatos importam. A mãe exatamente por ser doente era uma condição e não uma velha desqualificada, sem importância, um estorvo.

Para a efetivação do cumprimento de sua tarefa, o técnico sugeriu uma alternativa: então **cês acompanha ela.** Mais uma vez seo Aristides retrucou: **eu digo \_eu vou, se a casa tiver pronta eu vou, mas ela só não vai não. O técnico insiste: a casa tá pronta.** Ainda assim seo Aristides desconfia: **eu digo \_eu vou mandar um filho meu olhar a casa, se tiver pronta eu vou, se não tiver, não vou não.** Havia um clima de desconfiança por parte dos moradores uma vez que os relatos de quem já tinha mudado era de muita decepção: não tinha água para beber, não tinha luz, não tinha como plantar, pescar, vender, comprar. Não tinha nada, só a saudade apertando o coração.

Na correria da mudança, quem vai primeiro, quem vai depois, para onde, como vai, com quem vai, seo Dico ficou por último e quase perde tudo se não fosse a compreensão do motorista do caminhão. **Tinha duas pessoas daqui da área, que faziam a mudança.** O lugar antes povoado virou área, coisa de militar. Eram os representantes da CHESF, era os fiscais, a maioria deles, moradores do próprio povoado contratados para esse fim. Essa estrutura militarizada tinha tomado conta de tudo. O fiscal [...] **é quem dava autorização pra o carro trazer, levar, buscar e tal, enfim e na última hora eu vim atrás. Quando cheguei o cara não me deu o carro.** Todo mundo tinha que pedir, explicar, se humilhar, ao fiscal. **E eu já tinha derrubado a casa, as duas casa, que eu tinha casa de morada e tinha a casa de farinha, e eu já tinha derrubado tudo:** os paus, o barro, as palhas, tudo feito com muito esforço, mutirão, festa, animação. **Eu tava com tudo arrumado no meio do tempo, chovendo, e eu com tudo arrumado no meio do tempo.** Já não tinha mais nada, só o tempo e os cacarecos. **Aí um dos dono do caminhão chamou um cunhado e trouxe minha mudança sem autorização do fiscal, porque eu derrubei tudo.** Seo

Dico derrubou sozinho o que todo mundo levantou. A vida inteira no chão. **Depois de tudo derrubado eu vim aqui pedir o carro, aí o rapaz não me deu e quando o dono do caminhão viu falou pra mim: seo Dico, eu prefiro perder o meu emprego mas o senhor não pode perder o que o senhor tem.** Tinha o que sobrou e precisava levar. Era só o que tinha.

Mesmo sendo ignoradas todo o tempo, especialmente por não serem ouvidas, as pessoas ‘caçaram’ informações, explicações e buscaram as autoridades. **Muita gente se revoltou, ficou revoltado, triste porque deixar seu lugar de origem que ali, nasceram ali, seus pais nasceram ali.** Ali era o seu lugar, as suas raízes, a sua vida, a sua terra, o seu jeito de pensar, de ser e de viver. Os seus pais, avós, tios, primos, filhos, nasceram ali. Cada um é filho, neto, sobrinho de alguém. [...] **mas, fazer o que, se a gente tomou conhecimento** [...] Foi tomado, apenas tomou, sem saber.

Seo Geraldo foi conversar com o promotor sobre as indenizações e ouviu o seguinte: **“olha, vocês têm que sair porque é problema do governo federal, ninguém pode dizer nada e a gente tem que aceitar”.** A gente se revoltou um pouco, mas tivemos que concordar, né? Era o promotor. Se era ele que estava ali para defender o povo, ninguém mais por eles. Como não concordar? **E houve reação, só que não houve aquela repressão, teve pessoas que discutiu muito com os técnico, mas de qualquer maneira a gente teve que aceitar.** A ‘repressão’ era a palavra corrente de um regime militar. Se houvesse repressão já era o fim de tudo. ‘Discutir’, era o limite, era até onde se podia ir e aceitar era ‘não ter querer’.

As tensões não pararam depois da mudança, pelo contrário, só aumentaram. Além da casa para morar, tiveram que lutar pelas terras para plantar. A grilagem de terras na região se tornou uma prática intensa, inclusive com a participação de políticos e membros do judiciário. Seo Geraldo perdeu as suas terras assim. Ele ganhou o lote, mas não concordou com a qualidade. Foi sugerido por duas representantes da CHESF que ele escolhesse um outro. No entanto, **os rico grilaram a terra**, um deles era delegado do INTERBA (Instituto de Terras da Bahia). **Aí a gente ficou debatendo com eles...** Na verdade, se debatendo, indo atrás, reclamando, pedindo providência. Era assim, quando os envolvidos percebiam essa movimentação, os mecanismos de coerção violenta apareciam. [...] **Eles botaram pistoleiro aí pra querer tirar a vida da gente, que a senhora sabe o rico com o pobre, é só o pobre é quem sofre né?** Para que não houvesse o embate direto, as autoridades responsáveis tentavam ludibriar as pessoas: **Não, a gente vai resolver.**

**Na mesma da hora que a gente saía de lá, a máquina entrava fazendo o serviço atrás.**

Quando algum técnico resolvia interceder pela população, sofria retaliações. Acontecia o seguinte: **aí doutor Wagner que era um rapaz, um advogado que trabalhava na CHESF, ele tomou conta da nossa questão aí pra resolver, aí quando ela [a CHESF] viu que o rapaz ia resolver os meus problema, eles pegaram, distacaram ele daqui [...].** Várias eram as estratégias para dificultar os direitos da população, sempre com a conivência dos representantes locais. Nesse caso, a estratégia foi militar, o destacamento, ao menos a palavra vem de lá.

Outro modo de se relacionar e de se comunicar com as pessoas, era através das ironias, das chacotas com os modos de ver, de pensar, de sentir e de se comunicar dos beradeiros e caatingueiros. Para dona Avani, **o dia da mudança foi um começo do fim do mundo, porque a gente chorava de lá até chegar aqui, aliás que eu passei muito tempo...** Esse tempo da saudade ainda não acabou e muitos ainda choram e esperam serem indenizados adequadamente. Mesmo assim, são obrigados a ouvirem chacotas, deboches, como dona Avani nos relatou: **um dia eu encontrei com um sociológico lá em Sobradinho e sempre só retornava em cima disso, e sempre a charada: diz que tem uma senhora aí de idade que sempre chora? É aquela ali.** As raras conversas dos deslocados com a CHESF aconteciam com os “sociológicos”, que na maioria das vezes ironizavam da situação. Mesmo quando a intenção era de aproximação, havia um distanciamento dos sentimentos e da natureza da dor sentida pela população deslocada. Dona Avani não esquece daquelas palavras: **“senta aqui perto de mim. Aí pegou e disse: a senhora chora por quê?” Eu digo, porque a saudade.** Era o seu sentimento, era o que ela sentia e era preciso dizer. Essa é a verdade. Mas, o “sociológico” não ouviu e por isso, **ele disse: “pois a senhora não chore não, porque não vai ver sua terra mais nunca, guarda essas lágrima pra outra coisa”.**

Aquelas palavras estão até hoje remoendo nos pensamentos de dona Avani: **só que se eu encontrasse um dia com ele eu ia dizer a ele que foi em 2000, 2001 que elas apareceram, quase todas não foi? 2000 apareceram quase todas...** As terras apareceram e o que parecia o fim, não foi. [...] **só não foi ver quem não tinha coragem que nem eu, que eu achei que fosse até também um ponto de covardia.** Teria que ter muita coragem para ver o que a saudade de não ver, sentia.

Os enunciados de beradeiros e caatingueiros aqui transcritos sobre o modo como vivenciaram a imposição do deslocamento, em face da construção da Barragem de Sobradinho, foram possíveis de serem formulados a partir de uma escuta atenta, ativa e responsiva da minha parte aos processos de enunciação expressados por eles. Essa comunicação denuncia os conflitos a que estiveram submetidos e que ainda interferem nas suas vidas. Este povo é o mesmo que agora se vê novamente sendo ignorado.

No próximo capítulo, tecerei sobre a comunicação de conflitos vivenciados pelos caatingueiros em razão da imposição de novos projetos modernizantes.

#### 4. COMUNICAÇÃO DE CONFLITOS: ENUNCIADOS DE CAATINGUEIROS

Este capítulo tem como problemática de estudo os processos comunicacionais, mostrando a perspectiva dos caatingueiros no entendimento e enfrentamento das transformações que estão acontecendo no seu mundo, especialmente no que se refere à exploração do seu lugar<sup>62</sup>, provocando mudanças radicais nos seus modos de existência no território. Para tanto, tomei a linguagem oral dos caatingueiros, observando o discurso que produz os sentidos acerca dos conflitos que estão se dando, buscando tornar compreensíveis as suas expressões languageiras, historicamente ignoradas. O meu papel de pesquisadora foi tornar audíveis essas vozes, traduzindo-as, através de um complexo trabalho de compreensão ativa dos enunciados e dos processos de enunciação materializados nesta tese.

##### 4.1 “SABIA TODA VIDA QUE TINHA VENTO, NÃO QUE IA VENDER VENTO”

Estamos no início dos anos 2000 e agora as notícias chegam pelo vento, levando as pedras do caminho, tudo para a boca da onça. A caatinga é a grande cobiça, mas também o ar e o subsolo. Essas notícias também chegam como antes, de boca em boca, no **ouvi dizer**. Nas mídias, corre a notícia de que Sento-Sé tem os melhores ventos do Brasil, uma das maiores reservas de minério do país e o bioma com a maior diversidade de fauna e flora do Nordeste.

Entrevisto o professor Ananias<sup>63</sup>, também conhecido como Galo para saber como as informações sobre os projetos e programas que visam as transformações no município têm chegado até ele, professor, radialista e fotógrafo de tudo o que se passa no município. Por isso, e por conta própria, tem acompanhado e noticiado esses acontecimentos. Ele me diz que tem percebido desde 1998 uma movimentação, principalmente na região do Boqueirão da Onça, região das serras, conhecida pela quantidade e variedade de animais, plantas, minérios e nascentes de águas cristalinas. Segundo ele, inicialmente havia a presença de uma equipe que dizia estar interessada na exploração de minério, o que provocava nos moradores a esperança de uma mudança **radical**. Resta saber que mudanças seriam essas e o que seria

---

<sup>62</sup> Entendemos o “lugar” como espaço territorial, constituído de territorialidades. A exploração desse lugar se configura como um processo de desterritorialização no contexto de modernização atual.

<sup>63</sup> Como dito anteriormente, esse entrevistado é identificado, neste trabalho, como um Intelectual Orgânico.

esperar nesse tempo. Essa equipe se identificava como sendo do governo. Embora já houvessem naquela época empresas propriamente interessadas na exploração desses tais minérios, ele pressupõe que na verdade já se fazia observação dos canais de vento que sopravam na região.

E a disputa rápida veio logo em seguida pela demarcação de terras. A compra por terras na região aconteceu também numa velocidade extraordinária, onde pequenos produtores, pequenos proprietários, receberam propostas boas em áreas até então desinteressantes para a região, porque eram áreas de sequeiro, geralmente acentuadas ou localizadas em montanhas, em topos mais altos, né? E nunca se imaginou que realmente a grande riqueza, fortuna, fosse o vento, um produto natural, né? (Ananias, 2019).

Ao observar para onde se destina o interesse pelas terras, e, hoje em dia sabendo-se do interesse pela produção de energia eólica, Ananias elabora sua narrativa fazendo nova suposição. Essas colocações não são premissas de uma lógica abstrata, são observações que vão nos situando acerca dos interesses em questão. O pensamento dele vai se fazendo, a partir da somatória das observações, do que ele já pode observar e do que continua observando. Nesse sentido, fui acompanhando os seus processos de enunciação e as formulações de seus enunciados atentamente, ao tempo que entrevistava as fontes sugeridas pelos demais entrevistados.

Entrevistei inicialmente como já mencionado na introdução deste trabalho, alguns moradores do povoado de São Pedro. Alguns na sede do município, porque embora possuam terras e torres não residem mais lá e outros no próprio povoado, a exemplo do professor Domingos que reside na sede do município. Ele me contou que o primeiro contato com a empresa Brennand Energia foi em 2008. **Então eles contataram com a gente, ai fizeram o contrato e a gente assinou.** O contato foi direto com a família dele e o contrato foi feito pela empresa. Eles assinaram, mediante a consulta a um advogado. **Nós não tínhamos** [éramos] **alheios a tudo...** O modo como ele diz acompanha o que está dizendo. Um conhecimento quebrado, dito por uma frase quebrada. Essa quebra aparece no fio discursivo do seu enunciado e se

revela na sua significação<sup>64</sup>: eles não tinham conhecimento sobre o que era um contrato, uma formalização nesse nível, por isso, procuraram um advogado.

Em 2000 e ainda hoje, para o caatingueiro, é tudo muito vago. A natureza do projeto eólico, suas implicações. Mas o que se podia ver concretamente era a oportunidade de mais uma renda, por isso, arrendar a área. Segundo professor Domingos, **se falava em energia eólica, mas por história, por ouvir dizer aquilo que existia nos livros, mas praticamente não conhecia**. O que estava ocorrendo, na verdade ninguém conhecia, ninguém sabia. A busca por orientação jurídica foi o primeiro passo, depois de reconhecer o desconhecimento. Ele prossegue contando, **fomos a Casa Nova conversar com advogado para nos orientar pra assinar o contrato, e aí assinou o contrato**. A família foi até onde a questão estava sendo colocada, ou seja, na dimensão jurídica. O contrato foi assinado pelos parentes mais próximos, todos descendentes diretos do membro familiar que possuía a titularidade da terra ou algum documento que a comprovasse. O restante da documentação, a empresa faria. Professor Domingos conta que, **por cinco anos a gente recebia um rendimento mensal equivalente a mais ou menos a um salário mínimo, durante cinco anos. Todo mês a gente recebia esse salário mínimo**. Ele esclarece que esse tempo foi a fase de testes, quando a empresa fez várias medições dos canais de vento. Atualmente, com as torres já produzindo energia, a família recebe 1% do faturamento de cada uma delas, mas essa é uma questão problemática ainda, como veremos adiante. A implantação da energia eólica, então, tem duas fases, a de testes e a de produção. Quem esclareceu isso foi o contrato jurídico.

Para a adesão dos demais moradores da localidade, professor Domingos foi convidado pela empresa para passar a experiência, e com isso convencer os vizinhos. Supôs que a empresa avaliou que o fato de a área da família dele ser a maior, com os que tinham áreas menores seria mais fácil. O professor conta que inicialmente os moradores aceitaram, mas houve resistências porque alguns achavam que **o pessoal ia tomar as terras e não é isso, né?** Indaga o professor. Nesse momento, as certezas que ele deveria assegurar para os demais, foram abaladas pela suspeita que se aventou nesses encontros. Ele, então, se dirige à pesquisadora querendo a confirmação de que as terras não lhes seriam tomadas, no entanto, no momento da nossa entrevista já tinham sido instalados quatro parques no povoado: Pedra Branca,

---

<sup>64</sup> Sobre esse assunto, ver Authier-Revus (2004)

São Pedro do Lago, Sete Gameleiras e Baraúnas. Em cada parque, existem diversos aerogeradores, alguns já produzindo energia. A energia é produzida no parque e transmitida para a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) que a redistribui.

Professor Domingos não sabe se a energia que é produzida na propriedade de sua família é a mesma que eles consomem. **Não sei se aqui nós não tamo consumindo essa energia, eu acho que sim, talvez, por a gente não conhecer na época do contrato.** Ficam os questionamentos: por que não consumir a própria energia? Qual o impedimento? O que poderia ter no contrato que não teve? Essas indagações somente surgem em meio ao avanço dos parques eólicos. **Depois é que a gente vai pensar isso: a energia consumida por nós fosse da própria energia nossa do parque, que tava gerando, já que somos geradores de energia.** As torres estão nas terras produzindo energia para serem distribuídas, para outros lugares. As pessoas da localidade consomem e pagam energia. **Então a gente devia ter colocado isso no contrato, mas a gente não lembrou, não tinha essa experiência também, então hoje estamos pagando a própria energia que estamos gerando.** É possível? Ninguém sabe decifrar a trama do negócio da energia. Caso os moradores pudessem participar da elaboração do projeto, como seria? Mas não, já veio pronto, acabado, desenhado. Está sendo só implantar.

Outra entrevistada foi a professora Francisca. Ela possui residência na sede do município e em São Pedro, sendo que ela fica mais na sede e seu esposo no povoado, cuidando da criação. Pelo fato de ser historiadora, como gosta de ser identificada, a nossa conversa foi longa, transitando principalmente pelos aspectos históricos do lugar. Sobre o modo como os parques foram implantados e diante do fato de algumas pessoas reclamarem do lugar de instalação das torres eólicas, ela enuncia: **A empresa não vai se adaptar a mim, nós é que temos que nos adaptar. Onde é que vai fazer o projeto, onde é que vai ter o gerador, empresa quem sabe.** Ao dizer assim, parece que ela se contrapõe aos que querem definir o lugar das torres, defendendo a prerrogativa da empresa. Ao mesmo tempo, porém, para a professora, houve uma grande injustiça no dia da inauguração dos parques: o governador da Bahia anunciou a instalação de quatorze torres na propriedade de um tio dela, mas depois do anúncio, o projeto foi modificado e as torres foram instaladas em outro local. Em decorrência desse fato, um primo ficou muito aborrecido e acabou morrendo pelo agravamento de uma doença preexistente. Neste caso, ao entender a mudança do

parque como injustiça, a professora sinaliza que a afirmação anterior era a constatação de como as coisas funcionam. Ela não havia se posicionado, mas se dado conta de como as coisas funcionavam, depois que já estavam em funcionamento.

O anúncio feito pelo governador, seguido do não cumprimento do anunciado teve uma conotação política muito forte o que afetou sobremaneira as relações entre os familiares. Nem o governador governa. A empresa é quem tem a palavra final. As explicações sobre as modificações do projeto não foram dadas, as pessoas precisaram juntar as informações fragmentadas. Há uma distância entre a comunicação da empresa que é impessoal e o cotidiano dos moradores. Essa impessoalidade se traduz num interesse único, sem considerar a complexidade do lugar<sup>65</sup> onde está se instalando. Não existe presença o governador, nem a população local, somente uma aparente neutralidade do parecer técnico. A professora concluiu que **eles tiraram de lá, porque lá era menos o vento, eles não disseram, eles não chegaram a dizer, mas foi nós que descobrimos que lá não tinha o mesmo vento**. Não dizer, não esclarecer, faz parte da política da empresa. No entanto, neste caso, nem foi preciso que a empresa dissesse, os moradores já conheciam os caminhos do vento, ou melhor os canais de vento, até porque, já se percebia desde sempre a força desse ar em movimento. **Nois sabia toda vida que tinha vento, não que ia vender vento. A única pessoa que dizia que ia vender vento era eu, sem saber nada, dizia ingenuamente**. Esse é um saber que vem de uma reflexão sobre a experiência, na vivência com o vento forte que chegava a incomodar. Como nos diz Larrosa (2015), um saber que não é científico e nem informativo. É um saber do que “nos acontece”, do que “nos toca”. A perspectiva de uma fonte de renda para os moradores era quase nenhuma, vender vento era falar do que por ali tinha de sobra.

#### 4.2 “ELES CERCAM SÓ UM PEDAÇO NA TERRA, NAS DIVISAS, SÓ PRA PROVOCAR MESMO, PRA EMPRESA NÃO PASSAR”

Na mesma região do povoado de São Pedro, há outro seo Domingos. Este cria e cuida de animais seus e de outros moradores, exercendo a função de vaqueiro. Ele conta que a empresa está cortando várias áreas e **botando umas [torres] com 100**

---

<sup>65</sup> Sobre a relação entre lugar e desenvolvimento ver ESCOBAR (2005).

m, outras com 200 m, e fica assim sabe, salteado. E fica atrasado para os proprietários, pra empresa não, a empresa está colhendo os terreno, pra não vim outra empresa de fora. Os enunciados sobre os conflitos vão se constituindo de forma empírica, assim como fez a professora Francisca e os demais entrevistados. Eles demonstram que essa é a estratégia da empresa para não perder espaço e assegurar o seu território: demarcar as terras de forma espaçada, de modo que os espaços intermediários fiquem reservados para ela. As torres são colocadas também com essa intenção. Ao expandir a área dos parques, a empresa dificulta a chegada de outros empreendimentos. Seo Domingos percebe toda essa movimentação, por isso, precisa agir ligeiro. **Você quem precisa, é quem corre atrás. Aí um chega e oferece um dinheiro a mais do que estão arrendando, aí o cabra já arrenda a propriedade, aí eles [os outros proprietários] pra não acontecer estão tomando a frente.** Cada proprietário vai cercando o seu pedaço. Uma cerca aqui, outra ali. O que antes era um espaço de convivência comum, onde cada um cuidava do que era seu e dos outros, hoje se tornou um labirinto de conflitos e intrigas. É a transformação do território em espaço físico, ou seja, o desaparecimento da sua territorialidade<sup>66</sup>.

A professora Francisca comenta: **meu marido vai de moto e tem dificuldade de passar, às vezes não é nem roça, eles cercam só um pedaço na terra, nas divisas, só pra provocar mesmo, pra empresa não passar.** Essa estratégia usada por parentes, vizinhos, compadres não é dita, falada, vai sendo conhecida, vendo a cerca sendo fincada no chão. É algo que se decodifica e se desterritorializa<sup>67</sup>. **Aí é o seguinte, o pessoal reclama muito. Uns arrendou, outros não arrendou. Aí quem não arrendou não quer que passe a estrada por dentro de seu terreno.** Algumas pessoas arrendam, outras não arrendam, porque temem perder as terras. Essa desconfiança surge da incompatibilidade entre o modelo de instalação dos parques eólicos com demarcações, cercas, etc. e o modo tradicional de ocupação da terra. Nesse sentido, Escobar (2015) ressalta que “aquilo que ‘ocupa’ é o projeto moderno de Um Mundo que procura transformar os muitos mundos existentes num só (o mundo do indivíduo e do mercado); e aquilo que persevera é a afirmação de uma multiplicidade de mundos”.

---

<sup>66</sup> Ver Haesbaert (2003)

<sup>67</sup> Segundo Haesbaert, o processo de desterritorialização pode acontecer sem deslocamento físico, mas com a precarização do território e das territorialidades (2004)

A criação dos parques vai se constituindo em um processo de desterritorialização da população caatingueira. A necessidade de demarcação das terras altera o princípio da ocupação tradicional, que se constituía no uso coletivo das terras, com demarcações de propriedades individuais, negociadas diretamente entre os moradores de uma mesma região. A luta pela permanência na caatinga passa pela enunciação dos conflitos que emergem com a forma como os projetos estão sendo impostos, ao mesmo tempo em que os moradores buscam formas de intervir. As cercas nos fazem ver os conflitos. É um dizer fazendo. Não é um discurso verbal, mas mostra o que acontece e já é uma intervenção na forma como os parques estão se implantando. As cercas mostram um limite para a ação da empresa, ao mesmo tempo informa que ali tem dono, numa demonstração de que os moradores sabem como funciona a implantação dos parques, torre, por torre. Essa intervenção dos moradores chama a empresa para negociar e denuncia que a participação deles não está a priori, garantida. Não há por parte dos moradores uma oposição aos parques, nem uma defesa da sua territorialidade, pelo contrário, dispõem-se a mudar, porém, reconhecem que sua participação na criação dos parques não está prevista.

Seo Domingos narra o que acontece: **pois é, aí é aquela história, “essa parte é minha, não tira por dentro de minha área, eu não vou arrendar agora”.** **Aí fica assim muita conversa.** Tirar por dentro da área é abrir estradas, cortar as árvores, afugentar os animais de criação. Tudo isso gera muita conversa, muitos desafetos. Daí ele conta: **foi o caso lá de casa, eles chegaram lá pra arrendar e eu disse não, mas foi esperando chuva, num chove mais.** Se chovesse, não seria preciso se desfazer da sua terra, dos seus bichos, do seu pedaço de chão. Mas Seo Domingos sabe que está cada vez mais difícil tomar uma decisão. Pode chover e pode não chover, os tempos estão mudados. Mas, além disso, os homens têm modificado o curso natural das coisas. O problema não é mais de fazer previsão. Existe uma terceira alternativa: chover, não chover e arrendar. O que resta é a constatação: **esse ano a chuva que deu foi pras rama, não criou erva, capim, não criou nada, os bichos tão fracos.** As incertezas entre arrendar e perder as terras, ou não arrendar para esperar a chuva para plantar e correr o risco de não chover, gera tensão.

Por outro lado, os representantes da empresa pressionam para que os arrendamentos aconteçam. **Aí eles foram lá de novo para arrendar, eu digo é, eu arrendo, mas ainda voando.** Seo Domingo aceita, mesmo sem ter certeza. A empresa sabe do negócio, dos riscos, das metas, mas não diz. Os proprietários ficam

no ar, arriscando. [...] **porque fizemos a reunião em Juazeiro, são tudo sabidão, tudo formado, aí eu disse, rapaz esse 1% é pouco demais, vocês vão diantar um pouco pra mim, é pouco demais.** A reunião em Juazeiro, em algum escritório ligado à empresa, homens de terno e gravata, ditando as regras, definindo números, oferecendo um “negocão”. Seo Domingos, desconfiado, retrucando, tentando mudar a situação. Tudo em vão. Ele havia precisado viajar até Juazeiro, outro município, a mais de 100km da sua fazenda para assinar um contrato que vale 1%. Para sair de casa, fazer uma viagem dessas é preciso muita arrumação: deixar alguém para cuidar dos animais, providenciar água, providenciar comida. A vida ‘nas caatinga’ é feita todo dia, o dia todo. Seo Domingos tem ciência de que no mundo dos negócios, **só tem valor é a empresa, os proprietários não tem valor, eles podia dar ao menos 2%, 3%, que tem condições de dar. Mas, eles quer é dinheiro demais.** Nas suas contas, seo Domingos opera com os seguintes dados: o total é 100, portanto, 1 é muito pouco na distribuição entre o proprietário e a empresa. Esse com 99 e aquele com apenas 1. Porque não 2% ou 3%? Para quem tem 99, ficar com 98 ou 97 ainda seria um bom negócio. Essa lógica nos mostra que existe um conflito entre a economia tradicional e a economia do capital.

A explicação da empresa, por sua vez, como ressalta seo Domingos, **é que fica muito caro. Fica muito caro não, porque quem está produzindo a energia é a propriedade. Quer dizer que eles ficam com 99% e o proprietário com 1%, é pouco.** Dizendo assim, ele está se referindo ao valor de uso: sem a terra, sem a propriedade, sem o vento, não tem energia. A lógica do capital por outro lado, calcula o valor da produção, conta que ele não alcança, mas que constata na empresa. Professor Domingos também faz o mesmo questionamento de seu xará, o vaqueiro. **Às vezes o documento é amplo e a pessoa não quer nem ler, outros não entendem, e outros nem sabem ler. 1% é de cada torre, é capital fechado e ninguém sabe o que é isso.** A explicação dada pela empresa, de que é “capital fechado”, perturba a mente, tira o sono, incomoda. Como saber? Tá fechado, ninguém abre. Essa informação intimida, não esclarece, inverte valores, desterritorializa o lugar<sup>68</sup>.

No intuito de se implantar na área com potencial eólico e garantir a legalidade do negócio, a empresa trata logo de ‘regularizar’ as posses das terras, buscando

---

<sup>68</sup> Lugar compreendido como território, casa, morada.

transparecer idoneidade, desconsiderando todo um processo de uso social da terra, especialmente no que se refere à cultura do Fundo de Pasto, questão que será abordada mais adiante. Existe inclusive um “Termo de Compromisso” com cláusula de confidencialidade. Para adquirir uma cópia desse documento precisei recorrer a influência do meu pai. A cláusula é a quinta e diz:

[...] o presente Termo de Compromisso extrajudicial é feito em caráter sigiloso, obrigando-se as partes a não divulgar qualquer dos dados do presente negócio jurídico a quem quer que seja, sob pena do pagamento de multa desde já fixada em R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais). (30/12/2013)<sup>69</sup>

Esse termo deixa claro que é um negócio jurídico e, portanto, passível de penalidades para o arrendador, uma vez que uma possível divulgação do negócio em sigilo se daria através dele e não pela empresa, já que essa se constitui pela impessoalidade dos seus processos e é a principal interessada no segredo. Os termos “acordados” assombram os proprietários que temem sofrerem as penalidades da Lei. Ninguém pode saber, o sigilo está garantido.

O contrato já é algo que se desloca do espaço físico, é firmado fora do lugar, em um ambiente com rituais e vestimentas próprias, bastante distintas dos habituais dos caatingueiros. Além disso, vale-se de uma linguagem técnica e escrita. Os termos são assegurados a partir de um valor monetário perante uma população que conhece uma renda mínima, quase inexistente. Apesar da legalidade do contrato, de saída esse já é injusto com uma das partes, que se reconhece como ignorada durante o processo de sua formalização.

Por outro lado, os moradores tentam adentrar nos meandros da empresa, entender a sua lógica, captar as suas intenções. A professora Francisca conta que **tem um rapaz que trabalha lá. Esse rapaz foi quase criado pela irmã dela. Ele hoje é dessa empresa. Aí marcou com minha irmã que vinha uma noite aqui, mas nunca apareceu, não quer contato.** Esse foi o recado dado pelo “filho” da sua irmã. Ele não podia aparecer, agora era da empresa e ter contato fere as regras do contrato. **Ele é um dos tirador da leitura aqui. A empresa viu nosso contato com ele, não estou dizendo que foi a empresa, acho que ele ficou com medo.** Ao

---

<sup>69</sup> Cláusula transcrita do Termo de Compromisso firmado entre um morador do povoado de São Pedro, de um lado e de outro, por Pedra Branca S/A, São Pedro do Lago S/A e Sete Gameleiras S/A em 30.12.2013.

justificar assim, a professora está mais uma vez se situando nesse processo: o tirador de leitura também é parente, quase filho, por isso, ele poderia ser o acesso à empresa, mas logo ele, que poderia ser, não o é. A perda do vínculo tradicional se dá pela quebra da territorialidade, quando as relações familiares já não mais se asseguram e uma pessoa se torna um indivíduo subalterno aos interesses da empresa. Isso vai fragilizando o território caatingueiro, os seus laços de confiança, seus valores.

#### 4.3 “ELES CORTARAM PARA FAZER ESTRADA, ERAM QUATRO IMBUZEIROS [...] MAS NEM DEU CERTO A ESTRADA”.

Não ter a quem dizer o que pensam, manifestar os seus conhecimentos, os seus desejos, enunciar seus problemas é muita agonia para os caatingueiros, porque sempre fizeram tudo falando, conversando com as pessoas, com os bichos, as plantas, cantando, benzendo e rezando. Por isso, seo Chicada, esposo da professora Francisca, quis falar. Aproveitou uma brecha na nossa conversa e disse: **eu sei que houve escavação**. A escavação foi surgindo, mesmo a empresa não dizendo que iria escavar daquele jeito. Ele não conseguiu impedir, mas sentiu: **eu tenho pena dos imbuzeiros, porque isso é muito nosso**. O imbuzeiro é da caatinga. Os índios o chamavam de “árvore que dá de beber”. É forte, resistente, alimenta pessoas e animais. No tempo do verde traz fartura, sombra, “imbu” verde, “imbu” maduro, “imbuzada<sup>70</sup>”. No tempo seco, guarda água em suas raízes, adormece. Nos dois tempos, acolhe os animais na sua sombra e nos seus galhos: bodes e ovelhas descansando, periquitos, rolhinhos, cardeais, pousando e revoando de pau em pau. É conhecida como a “árvore sagrada do sertão”, símbolo de fé e resistência. A empresa não quer saber dessas coisas. Seo Chicada denuncia: **cortaram os imbuzeiros que nós tinha muita amizade**. Esse é um sentimento de pertencimento, acolhimento, proteção. **Eles cortaram para fazer estrada, eram quatro imbuzeiros, os bichinhos juntos, onde as ovelhas descansavam, mas nem deu certo a estrada**. Para o caatingueiro, não existe essa separação entre bicho, homem, planta. É tudo vivente<sup>71</sup>. Vem a empresa e só vê a estrada. A importância do imbuzeiro no discurso do seo Chicada não pode ser vista pelo regime de significação, pois não se trata de um significado a ser alcançado pela interpretação nas palavras. A tradução

---

<sup>70</sup> Papa de umbu misturada com leite e açúcar. Pode ser comida ou bebida com farinha.

<sup>71</sup> Ver DE MARCO (2003).

aqui exige situar o imbuzeiro no território existencial do caatingueiro. Essa questão nos remete ao conceito de território ontológico, caracterizado pela não separação entre “o humano e o não humano, a natureza e a cultura, o indivíduo e a comunidade, “nós” e “eles”, o corpo e a mente, o secular e o sagrado, a razão e a emoção, etc. (ESCOBAR, 2016).

Ao se desconsiderar o modo como a população caatingueira se relaciona com os animais, as plantas e todos os outros seres que constituem o seu mundo, a desterritorialização da vida se intensifica. Para Escobar (2016),

É toda essa densa rede de inter-relações e materialidade que chamamos de “relacionalidade” ou “ontologia relacional” [...] é um mundo inteiro que se atualiza minuto a minuto, dia a dia, através de uma infinidade de práticas que vinculam uma multiplicidade de humanos e não-humanos. Para resumir: uma ontologia relacional pode ser definida como aquela em que nada (nem humanos nem não-humanos) preexiste às relações que nos constituem. Todos existimos porque existe tudo.

Nesse território ontológico, a vida se manifesta em todos os seus aspectos materiais e imateriais, constituindo vínculos sociais, interdependências, portanto, relações sociais. Nesse sentido, dizer que tem amizade aos imbuzeiros é um enunciado forte, verdadeiro, expressa “a natureza ontológica do conflito em questão”. (ESCOBAR, 2016).

O marido da professora se espanta com essas coisas, **mas é do desenvolvimento**. O peso da polissemia<sup>72</sup> dessa palavra ‘desenvolvimento’ faz com que seo Chicada a enuncie dessa maneira, como algo dado, natural. Mas é do mesmo desenvolvimento que ele e a empresa falam? Na prática, não. Ele não se conforma é com o fato de alguns moradores não falarem, principalmente os que trabalham para a empresa que estavam executando o serviço, que na opinião dele, poderia dizer: **não vamos fazer por aqui não, vamos fazer por aqui**. Mais uma vez, não se sabe quem é quem. Ao que parece, trabalhar para a empresa é mais do que um emprego, é uma cooptação. Uma forma dos mais jovens adentrarem nesse outro mundo, o empresarial.

A professora Francisca toma a fala do marido e confirma que, de fato, aconteciam essas coisas, mas, ela mesma já chegou a intervir junto a um

---

<sup>72</sup> Sobre esse assunto ver Silva (2016)

representante da empresa para não derrubarem os imbuzeiros. **Eu sei que um dia eles vinham com uma máquina em tempo de destruir um [umbuzeiro] e não destruíram.** Naquela hora, a voz dela ecoou, fez sentido: [...] **se der pra livrar, não destrua, não arranque por arrancar, porque são nossos, não vamos ver mais uma imburana nascer, nem um imbuzeiro frutificar.** As árvores, em sua maioria centenárias, levam anos para crescerem, produzirem. Na “imburana”, os mandaçáis, as abelhas, os munduris, os besouros, a casca para curar de um tudo. “No imbuzeiro”, o fruto, as folhas, a sombra. A empresa e tudo que vem dela, não vê. Só enxerga a estrada, as torres e o vento.

As placas anteriormente mencionadas<sup>73</sup> indicam o caminho para os Parques Eólicos, os aerogeradores despontam no horizonte, caminhos se abrem. O silêncio na caatinga é algo que só ouvindo para sentir. A sensação de não ouvir quase nada, além de assovios, berros, bodejos, urros, relinches, mujidos, zuuuus, toques dos chocalhos, estalar dos pássaros, dá uma leveza no corpo e só respirar já basta. Tive essa sensação em São Pedro, quando os aerogeradores ainda não funcionavam. No segundo momento em que estive lá, senti um zumbido estranho, algo que incomodava, tirava a atenção. Comentei com a professora e ela me disse que algumas torres já estavam funcionando e que principalmente no período das chuvas, **elas zoam muito, zoam que chega a incomodar, as de cá nem tanto, mas as daqui...!**<sup>74</sup> Essas são as que estão bem próximas às casas. Elas fazem um barulho que nem precisa ouvir para pressentir.

De acordo com a professora, a empresa tem providenciado a presença de outros profissionais, são biólogos, psicólogos e professores concursados que fazem um trabalho educativo: **tratamento de água, noções de higiene, escovação das crianças, cuidar dos animaizinhos em casa. Até os cachorros tiveram muito privilégio.** Sobre os cuidados com a limpeza da casa e do corpo, se diz na caatinga que os caatingueiros são “sujos de si mesmos”. A sujeira é do mesmo mundo em que habitam. Uma sujeira visível que precisa ser limpa areando os alumínio, alvejando os panos, varrendo o terreiro, lavando a roupa, os pratos e asseando sempre os pés antes de dormir. E as doenças que não existiam antes? As perturbações psicológicas e o agravamento das doenças físicas, causadas pelo modo como as novidades chegam e pelos conflitos familiares que provocam? O que vem de fora traz saúde,

---

<sup>73</sup> Ver figura 05

<sup>74</sup> Ver figura 06

mas também traz doenças. Professora Francisca comenta que os biólogos chegam, **observam, fazem reunião pra ver se houve algum dano com os bichinhos, podia ser um rato, uma cobra, um preá, uma onça.** Na territorialidade tradicional, uma ameaça à saúde é sempre da ordem do visível, não se conta com os microorganismos. Nesse comentário, o marido da professora complementa, introduzindo uma pessoa que também tem chegado por lá: **agora aqui tem uma menina, chama Cláudia, ela de vez em quando vem, mas é negócio de coisa da onça.**

O vento que semeava, que compunha, começa a tirar tudo do lugar com o modo como os parques estão sendo implantados. As pessoas não estão indo junto, elas estão sendo sopradas de um lado para o outro. Estão tentando interferir, participar, sem impedir, embarreirar. Por que esse não pode ser um bom negócio também para os proprietários? Para a população? O que vemos é que esse é mais um projeto de desenvolvimento que veio de outro mundo e vai para outro mundo. Nesse caso, uma energia limpa, para um mundo sujo.

#### 4.4 “NOIS ACOSTUMA CRIAR BODE PRA COMER E NÃO ONÇA”

De acordo com o professor Ananias, no início dos anos 2000 existia uma outra “frente” na região que eram biólogos, técnicos e estudiosos verificando a possibilidade de um Parque de Conservação, mas não diziam aos moradores qual era a finalidade. Para o desenvolvimento das atividades de pesquisa, os técnicos **começaram a ter que fazer contatos, amizades, entendeu? Criar vínculos, afetos com os moradores e aí começou-se a falar sobre as necessidades da conservação.** Essa constatação sobre o modo como esses agentes se relacionavam com a população só foi possível compreender depois. Ela foi percebida na dinâmica dos acontecimentos, principalmente quando interesses conflitantes começaram a ser evidenciados. Antes mesmo da minha conversa com o professor Ananias, já tinha tomado conhecimento através da mídia, sobre a proposta de implantação do Parque Boqueirão da Onça e que este já era palco de disputa entre ambientalistas, caatingueiros, empresários e poder público.

Quando estive em São Pedro no ano de 2017, os moradores sabiam apenas da proposta de criação do Parque Boqueirão da Onça, mas não sabiam como seria a implantação. Essa parecia não ser uma preocupação naquele momento. Em 2019, ao entrevistar seo Dico, que reside em Quixaba, um povoado próximo a São Pedro, para

saber sobre a história do surgimento da região e o papel do gado nesse processo, a questão do parque foi colocada enfaticamente por ele, uma vez que havia um Decreto de 2018 oficializando a sua criação. Nesse momento, percebi a urgência que o tema exigia.

Antes de entrarmos no assunto do Parque, seo Dico fez uma descrição do modo como o gado ajudou a povoar a caatinga. **É porque o gado é o seguinte: onde tem água, ele sente o cheiro da água e ele vai procurar água. Se chover aqui hoje [...] ele sente o cheiro e vem baixar aqui.** Nessa busca, esse ser encontrava lugares como olhos d'água, plantas ornamentais, árvores frutíferas, verdadeiros oásis na caatinga. Lopes (2012, p. 67), assim descreve a relação desse animal com o caatingueiro:

E o gado? O gado era o feitiço dos caatingueiros. Para ele toda a atenção de estima, por ser ornamento coroador de glória. Dele tudo era esperança, contentamento: o berro, o cheiro, a mansidão, a brabeza, o leite, o requeijão, e até o cheiro da bosta, o bafo do suspiro.

Atualmente, esse modo de criação foi modificado. Seo Dico nos mostra: **que nem esse rapaz que passou aí agora. Ele vai lá onde tá o gado. Agora, eles tão indo pra roça. Hoje tá todo mundo criando cercado, o gado tá sendo reduzido, uma parte.** Após fazer essa observação, ele “retorna” com o Parque Boqueirão da Onça: **estão falando que tem uma parte aqui que prejudica.** Esse é o converseiro na caatinga, mas sem informações por parte dos que estão implantando o parque. As pessoas não são contra a preservação. Mas, se foram os caatingueiros que sempre preservaram, porque uma proposta vinda de fora agora? O que está sendo colocado? Seo Dico insiste: **é o que eu tô acabando de dizer, não tem uma pessoa que dissesse assim, a finalidade é essa.** Essa questão do desconhecimento foi recorrente nas entrevistas.

A criação do Parque Boqueirão da Onça vem promovendo um amplo processo de desterritorialização dos caatingueiros, considerando que os seus modos de lidar com a terra e com os animais está sendo forçosamente alterada pelos mecanismos jurídicos do Estado, através de seus órgãos de proteção ambiental e com a intervenção direta de organizações ambientais. Além da ameaça de deslocamento compulsório da população, o território que antes era do domínio cultural, simbólico da

população caatingueira, agora se constitui em um ambiente jurídico-político, delimitado e controlado por forças externas<sup>75</sup>.

Há uma inquietação geral em relação à criação do Parque. A criação de parques de conservação deve ter como objetivo maior a preservação da vida. No caso do Parque Boqueirão da Onça, estamos tratando de um bioma que está situado em um território tradicional em que a vida se mantém graças a territorialidades bastante singulares. A caatinga e o caatingueiro se fazem conjuntamente. Esta é uma relação ontológica. Não há ameaça ao bioma, pelo contrário, tem sido a garantia de sua preservação. Pensar projetos modernizantes para esse território sem a presença do caatingueiro é provocar um processo de desterritorialização que enfraquece as condições necessárias para o fortalecimento do próprio projeto de conservação. Assim como no caso dos Parques Eólicos, as pessoas sabem que a participação delas não está prevista. O que elas não sabem ainda é sobre a dimensão da ausência delas nesse projeto. Em que tipo de medidas elas estão incluídas? Serão deslocadas? Se não, como viverão as suas vidas? Que novas exigências serão construídas?

A desconfiança maior é porque **o povo comenta que não vai ter condições do pessoal viver, porque o pessoal vai soltar onça e tal, enfim, né? [...] O IBAMA mais os outros**. Esses comentários são feitos oralmente pelos moradores como forma de se situarem diante dos acontecimentos, da história acontecendo. As várias vozes vão enunciando os conflitos que surgem. Esses outros, aos quais seo Dico se refere são ONGs, governos, ambientalistas, etc. Ele sabe dessas histórias porque, **em qualquer lugar da rua, hora por outra, um puxa um assunto, outro puxa outro, às vezes quando não tem nada a ver, mas aí, dali a pouco entra o assunto**. Nesse “converseiro”, todo mundo sabe alguma coisa. Tudo é motivo para a onça aparecer. É uma linguagem que manifesta a ação virulenta do impacto que estão sofrendo. Como já foi dito, na tradição, todos sabem saber de tudo. Porém, neste momento o que podem sem informação?

Seo Marivaldo é vaqueiro no povoado de Quixaba e foi indicado por seo Dico como sendo a pessoa que tem acompanhado mais de perto a movimentação na região e tem também participado de algumas reuniões. Esse vaqueiro demonstra uma grande preocupação com os parques: o eólico e o de conservação. Ele conta que **o povo acha que com esse negócio do Parque [Boqueirão da Onça], vai atingir as**

---

<sup>75</sup> Aspecto já discutido no capítulo III, conforme Haesbaert (2007)

**áreas de Fundo de Pasto do pessoal criar os animais. Entendeu?** Essa informação não lhe foi passada oficialmente. Os moradores estão juntando os pedaços dos discursos que circulam. Esse é também um discurso em elaboração, com a história acontecendo. Esse é o principal questionamento dos moradores que constantemente cobram uma definição: como vai ficar o Fundo de Pasto?

Essa questão é fundamental para a continuidade do modo como os animais são criados na caatinga, de forma extensiva e coletiva. **É Fundo de Pasto. Entendeu?** A problemática que cerca as discussões sobre o Fundo de Pasto, não é recente. Lopes (2012, p. 272), assim explica:

Fundo de pasto é uma expressão que era corrente em algumas localidades da Caatinga, para denotar área de pastagem livre (sem cercas - as terras que estavam no fundo), entretanto, desconhecida na maioria dos lugares. O nome que, em geral, davam os caatingueiros às terras onde o criatório pastava livre, longe de casas, era campo, que eram terras livres de cercas, mas que reconheciam serem de pertencimento de alguém. Para os técnicos, essas áreas eram devolutas e deveriam ser transformadas em áreas de propriedade coletiva, regularizadas em nome de associações específicas a serem fundadas. Aos caatingueiros, ou "camponeses", como eles falavam, seriam destinadas pequenas áreas individuais, em tomo das propriedades onde já estavam estabelecidos.

Na década de 1980, os técnicos reconheceram o uso coletivo da terra a partir da vivência com os caatingueiros e criaram essa figura jurídica de regularização fundiária, o Fundo de Pasto. Só que nem todos os coletivos foram demarcados. Aqueles que possuem o registro de Fundo de Pasto podem recorrer ao seu direito, mas os que não o possuem ficam à mercê das demarcações atuais (SILVA, 2017). Por que limitar uma área que sempre, a vida toda foi sem limite? Talvez porque o que está em jogo não seja o limite, mas o território, ou seja, o uso que se faz das terras, pelas práticas sociais; e o que está em jogo é o domínio dessas terras, pelas necessidades de conservação e pela exploração de suas riquezas. Nesse sentido, Mariluze<sup>76</sup> questiona: **pra que adianta meio ambiente sem gente? Meio ambiente pra geração futura, se a geração presente estão é expulsando? Eles preservaram e estão expulsando. Essa discussão tá toda equivocada.** A retirada dos caatingueiros está relacionada ao propósito de conservação baseado na ideia de

---

<sup>76</sup> Entrevistada já identificada nesta tese como Intelectual Orgânica na introdução deste trabalho.

que ao se garantir os animais do topo da cadeia alimentar, no caso deste Parque, a onça, se estará conservando a caatinga. Cabe aqui comentar uma matéria publicada pelo Jornal USP (Universidade de São Paulo) no dia 07 de junho de 2019<sup>77</sup>, sobre o resgate de uma onça na caatinga, intitulada: “Onças da Caatinga: a história de um resgate – Vítima de um conflito histórico do sertão, onça-pintada passou semanas aprisionada dentro de uma caverna até ser salva por pesquisadores”.

A matéria inicia nos situando sobre o ocorrido: Cláudia Campos, uma bióloga que pesquisa as onças da caatinga, havia recebido uma mensagem via WhatsApp, informando que “moradores de uma comunidade rural no norte do Estado haviam perseguido e aprisionado uma onça-pintada dentro de um túnel, na borda de uma caverna, depois de ela ter matado uma ovelha”. Ainda segundo a matéria, essa era uma “história preocupante” porque as onças-pintadas estão em extinção na caatinga e também pelo fato de que “a comunidade em questão fica às margens do **Parque Nacional do Boqueirão da Onça** criado em abril de 2018, justamente com o propósito de proteger esses últimos raros felinos do bioma”. (*Grifo do original*).

Aqui já cabem alguns esclarecimentos: esses moradores são caatingueiros, pessoas que vivem na e da caatinga, no povoado de Sanharó, município de Sento-Sé, criadores de ovinos e caprinos. Esse lugar não fica às margens do Parque, mas dentro do Parque, uma vez que os seus moradores desenvolvem um sistema de criação extensivo, denominado de Fundo de Pasto, portanto, a “perseguição” se deu porque a onça, segundo consta nesta mesma matéria, teria capturado uma ovelha. Cabe ressaltar também que as regulamentações, incluindo o plano de manejo acerca dos usos do Parque, ainda não foram feitas.

A matéria prossegue dizendo que, o resgate da onça suscitou várias dúvidas acerca da veracidade da história, mas decidiu-se por fazê-lo. A bióloga montou uma equipe composta por quatro veterinários de instituições públicas da região, organizou a “expedição” e se deslocou para o local que fica a mais de 300 km do polo Juazeiro-Petrolina<sup>78</sup>, sede das instituições parceiras. Na chegada ao povoado, “conversou com a moça que lhe enviara as mensagens e com um dos homens que havia perseguido a onça. Um clássico sertanejo, criador de cabras e ovelhas”. A “moça”, pelo que se

---

<sup>77</sup> <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-ambientais/oncas-da-caatinga-a-historia-de-um-resgate/>

<sup>78</sup> Juazeiro e Petrolina são cidades vizinhas separadas pelo Rio São Francisco e unidas pela Ponte Presidente Dutra. As duas fazem parte do Vale do São Francisco e constituem um polo econômico, fundamental para a região. A primeira pertence ao Estado da Bahia e a segunda, ao Estado de Pernambuco.

pode deduzir também é moradora do povoado e o homem, pelo o que já foi esclarecido acima, não é um “clássico sertanejo”, mas um caatingueiro do sertão da Bahia. Nessa conversa, “o homem contou que ele e mais dois compadres haviam seguido o rastro do corpo de uma ovelha morta até a beira de uma dolina — um grande buraco formado pela erosão de rochas calcárias...”. Dito dessa forma, fica esclarecido que não houve “perseguição”, mas o rastejo de um animal, que poderia estar ferido ou em uma outra condição. O rastejamento de pessoas ou animais é uma habilidade que foi desenvolvida pelos caatingueiros, na sua lida nas caatingas.

O texto segue afirmando que “contrariando o bom senso”, os “homens”, acompanhados por dois cachorros, se esgueiraram pelo túnel e “deram de cara com a onça”. Quando ela se atracou com os cães, eles correram, mas “antes de bater em retirada, os homens fecharam a entrada do túnel com um monte de pedras, aprisionando a onça”. Essa explicação nos esclarece que eles se assustaram, mas conseguiram aprisionar o animal. A questão do “bom senso”, fica por conta do julgamento que foi feito, pela perspectiva sustentada na matéria. Uma outra perspectiva nos é apresentada pelo pesquisador Esmeraldo Lopes (2012, p. 66), na qual,

a perda de criatório provocada por predadores causa lamento, mas lamento sem lamúria. É coisa de acontecer esperado, corrente. Assombro nisso, quando noticiamento de onça rondando o pasto. Mas notícia assim, com vigência de tempo curto, que, logo, logo, o couro da onça sendo esticado com vara em algum terreiro. [...] Nessa empreitada valendo tudo: arataca, arapuça, laço, veneno, espingarda armada, caçadas, pagamento para matador. Predador morrendo, predador aparecendo. Não tem jeito. E os prejuízos causados pelos ataques dos bichos do mato ao rebanho, na contabilidade do "é assim mesmo".

Nesse sentido, fica claro, que os caatingueiros reconhecem e têm consciência dos conflitos existentes entre eles e as onças e entre eles e a criação do Parque, caso contrário, a onça em questão teria sido morta. Onde estaria o “bom senso”, então? A matéria ressalta ainda, que esse episódio é histórico e difícil, uma vez que os recursos são escassos e não há espaço “para cultivar a amizade entre predadores — ainda mais no solo seco do sertão”. O que talvez os narradores dessa história não saibam é que outras “amizades” são possíveis no solo seco e molhado do sertão, como a amizade entre os caatingueiros e os imbuzeiros, por exemplo. O que precisa ser dito,

contudo, é que essa situação tem se agravado porque esse espaço está cada vez mais sendo reduzido pelo modo como o Parque Boqueirão da Onça foi desenhado, priorizando a instalação de Parques Eólicos e de Mineradoras em locais onde esses animais teriam o seu habitat mais adequado, no alto das serras.

Como desfecho, após 22 dias, a onça foi resgatada com vida, após a equipe ter sido reconstituída com a incorporação de um espeleólogo, um biólogo e quatro bombeiros que desceram a colina de rappel. A força que vem de fora é muito superior às condições que os caatingueiros têm para fazer ver o seu modo de vida, a sua própria existência. Eles estão sendo comprimidos entre o Parque de Conservação e a zona urbana. Para homenagear a filha de uma amiga da bióloga que organizou o resgate, a onça foi batizada de Luísa. Provavelmente, se um caatingueiro ou caatingueira pudessem escolher um nome para esse animal forte, feroz, valente, esse nome seria Maria Bonita, até porque, a mulher de Lampião, o Rei do Cangaço, também andou por aquelas “bandas” e alimenta ainda hoje o imaginário social dessa gente.

Seo Marivaldo nos situa e coloca o problema tal qual foi enunciado: **porque hoje, na reunião que nós tivemos, teve umas pessoas [caatingueiros] que disseram a eles [os técnicos] o seguinte: nós acostuma criar bode pra comer e não onça.** Essa fala reproduzida por ele tem o propósito de demonstrar na palavra, pela palavra, o modo como se relacionam com os animais. Os caatingueiros sabem que as transformações que estão acontecendo têm alterado todo o ecossistema. As torres nas serras têm afugentado os animais para lugares mais próximos das residências. **Hoje vocês estão querendo soltar onça no lugar onde a gente cria os bode da gente, e ela vai comer os bodes.** Onça sempre comeu bode, mas não desse jeito. Fica parecendo que vai acabar tudo e que o problema está no homem que vive ali. Os caatingueiros foram categóricos na reunião: **depois que ela acabar de comer os bodes, ela vai atacar o pessoal. E a verdade é essa mesmo.** Quando se diz assim “a verdade é essa mesmo”, não é dizer o que se quer, mas o que se anuncia. É a voz da experiência. Não é um desfecho fantasioso, mas uma visão sobre o que está acontecendo. Sem os caatingueiros a vida na caatinga não é concebível. Antevem o fim do seu povo, mas não conseguem ver que isso faz parte do projeto. Pensam apenas que é um erro.

#### 4.5 “EU ACREDITO QUE ESSE ESTUDO DELES AÍ, QUE ELES ESTÃO FAZENDO, ELES NÃO ESTÃO DIZENDO TUDO QUE VAI ACONTECER NÃO”

Seo Marivaldo ressalta mais uma vez, a conversa que chega aos moradores é que **eles** [os ambientalistas] **estão soltando onça por aí**. Ele nos relata que **tão trazendo não sei de onde, mas eles trazem e soltam aí, e esses animais, inclusive, eles têm... Dizem que eles têm um chip em cada um animal desse, que eles soltam aí**. Os discursos sobre as onças chipadas da caatinga correm de boca em boca, mas também já estão no mundo. A rede Globo de Televisão fez uma matéria sobre essa novidade na caatinga<sup>79</sup>. Entre os moradores de Sento-Sé, a conversa é que os ambientalistas estão trazendo onças de outros lugares e soltando na caatinga e que elas já vêm com um chip para serem rastreadas. Essa informação do rastreamento tem colocado os caatingueiros em alerta: **se por um acaso uma pessoa matar um animal desse aí, e chegar ao conhecimento deles, a pessoa vai presa, vai processado, tudo isso porque eles rastreiam. Entendeu?** O que antes era conversa de compadres, com problemas locais, resolvidos através dos códigos de convivência entre eles, inclusive com a prática de sinais nos animais<sup>80</sup>, para que estes fossem individualizados na coletividade, constituindo “um fio invisível que os conecta à localidade e ao seu proprietário” (SILVA, 2017, p.137) agora é assunto de tecnologia, controle, ameaça de fora. Algo que processa, prende, amedronta.

Sobre essa questão, professor Ananias nos esclarece:

É, já foram soltos aí, libertados vários animais, tipo, jaguatirica, onça pintada, onça parda [...] na hora de soltar esses animais, de libertá-los, eles geralmente escolhem a área do Boqueirão da Onça. Essas onças são acompanhadas, realmente. Há 15 anos o Instituto Chico Mendes já tem câmeras instaladas em canyons e corredores de onça. Já existe o estudo para a implantação do Parque com provas reais da necessidade de conservação da região, por conta do volumoso número de onças que ainda tinham. Possivelmente, na área de caatinga, nenhum outro lugar tem a mesma quantidade de onças, ainda, quanto aqui a área do Boqueirão da Onça.

<sup>79</sup> Ver o Programa “Globo Reporter”; <https://globoplay.globo.com/v/3829807/>. Exibido em 13/12/2014

<sup>80</sup> Os sinais são um sistema de marca identificadora da criação: “Convencionou-se que em um dos lado do animal a marca denominaria a família ou fazenda – mourão [...] e no outro, o proprietário dentro da família, característica imprescindível ao sistema extensivo/extrativo de criação, ainda em vigor nos dias presentes”. (LOPES, 2012, p. 40)

Nenhum outro lugar no Nordeste brasileiro, nenhum outro lugar tem a concentração de animais do bioma caatinga como essa área do Boqueirão da Onça. Por conta da conservação da vegetação, né. Então, com a vegetação preservada os animais tem conseguido sobreviver à perseguição humana e certamente também de outros predadores. Então, existem onças chipadas realmente na região.

A questão principal que norteia as conversas dos caatingueiros é justamente o fato de que eles estão percebendo um jeito diferente no comportamento das onças. Seo Marivaldo observa que existe uma diferença entre as que sempre viveram na caatinga e as que chegam. Esse conhecimento foi construído durante séculos de convivência. Cada um sabe como o outro se comporta. Por isso, o precisar da diferença: **porque além das onças, nessas serras tem onça também, mas essas onças que tem, elas são mais selvagens, elas têm mais medo do movimento do pessoal, elas são mais em cima das serras pra lá.** Os homens e os animais selvagens definiram, com o tempo, os seus territórios. As onças da caatinga sabem o seu lugar. Quando um não invade o espaço do outro, a convivência é possível. Há um certo limite territorial. Seo Marivaldo observa que **essas onças que eles estão soltando, é coisa, assim, de jaula, de zoológico, elas são mais adomadas, mais domesticadas do que as outras.** Sendo assim, é possível pressupor que esses animais não terão uma adaptação tão fácil quanto aqueles que nunca deixaram o seu habitat.

A solução encontrada pelos técnicos e ambientalistas é cercar, cercar. No caso, cercar os homens e a criação. Os moradores sabem que essa alternativa, do modo como está anunciada, não é a mais adequada. Por isso, a constatação: **o povo pensa que a gente porque é da roça, não tem bom estudo, a gente não tem noção das coisas, mas a gente tem, entendeu? Muitas coisas a gente não resolve, mas a gente enxerga, entendeu?** Essa constatação surge da participação nas reuniões, das conversas com os agentes dos projetos de modernização. Ao escutarem as promessas, verbalizam os seus modos de pensar e de agir, no entanto, não encontram eco nas suas palavras. Enxergar é ouvir e dizer, não é 'ver' simplesmente. Ocultar é impedir que a palavra saia. Uma promessa só como promessa é uma palavra sem visão. É isso que o caatingueiro enxerga ao ser excluído na conversação com os técnicos: eles próprios desaparecem. As conversas "nas caatinga" formam a visão, essa é a territorialidade da palavra, que se nega nas tais conversações.

Uma das questões que tem atormentado os moradores é a área a ser cercada. Os técnicos mencionaram a área que será cercada, mas não precisaram o tamanho. Numa das reuniões em que seo Marivaldo participou, ele presenciou uma pessoa dizer o seguinte: **vocês tão prometendo uma área de 1000 metros, ou foi 2000 metros... pra gente criar. Essa área aí não dá pra criar nem galinha, quanto mais os bodes da gente.** Ao reproduzir essa fala ele mostra a incompatibilidade entre o modo como os caatingueiros vivenciam a dinâmica do Fundo de Pasto e as interpretações feitas pelos técnicos. Existe um distanciamento no fazer e nos discursos produzidos. De todo modo, os caatingueiros sabem que a cerca irá impedi-los de viver na caatinga, além de mais outros projetos podem realmente estar em curso, mesmo que ainda não se tenha tratado claramente sobre eles. Ele imagina qual seja a intenção: **não tão querendo porque a intenção deles é formar isso aí e o povo mudar, tirar o povo pra outro canto. E o povo não quer.** O povo não mudaria por vontade própria. Esses moradores não são brasileiros pobres, são indígenas porque fazem parte desse povo e se consideram como sendo, o povo caatingueiro. O motivo da mudança por ocasião da construção da Barragem de Sobradinho fora a água e naquele tempo o povo se perguntava **“De onde vem essa água, minha gente?”** Agora o motivo é a onça. **“De onde tão vindo essas onças?”** Esse é um dos motivos da rejeição ao Parque: **eles não querem aceitar a questão do Parque porque o Parque é por essa finalidade. É pra criar coisa, é onça, é tudo.**

Na percepção dos caatingueiros, o que o governo quer é a onça, assim como no passado, quis o lago, a barragem, a usina. E o povo? Seo Marivaldo não tem dúvida de que muito do que está sendo pensado pelo governo, pelos empresários e pelos ambientalistas ainda não foi dito e talvez nem seja: **eu acredito que esse estudo deles aí, que eles estão fazendo, eles não estão dizendo tudo que vai acontecer não, porque quando foi pra esse trabalho dessa mudança nossa aí...** A comparação com a construção da barragem de Sobradinho é inevitável. A conjuntura política é outra, mas os meios e os fins são os mesmos. Na época da ditadura militar, eles também não disseram. Chegam sempre sem dizer o que vieram fazer e quando o dizem, não dizem tudo. Chegaram do mesmo jeito que estão chegando agora.

A metodologia é a mesma. Seo Marivaldo lembra: **aconteceu do mesmo jeito. Nós morava lá na beira do rio [...] inclusive lá, onde a gente morava... eles fincaram um piquete...** Quando surge um piquete no mato, coisa boa não é. Homens de uniforme, enfiam piquetes, demarcam áreas, limitam espaços. O que vai

acontecer? “Tudo de novo”<sup>81</sup>? Naquele tempo foi mais difícil entender, só depois do acontecido é que as coisas foram se clareando, se materializando. Seo Marivaldo é enfático ao dizer: **só que tem uma coisa, se for pra eles saírem de lá hoje, eu não tenho nem dúvida que eles não vão embebedar eles de conversa, como eles nos embebedaram na beira do rio, não.** Naquele tempo, não havia a comunicação que se tem hoje. Além do mais, as consequências do deslocamento ainda são vividas no corpo e na alma de beradeiros e caatingueiros. Toda essa experiência leva seo Marivaldo constatar que **o povo hoje tão mais inteligente e tão mais por dentro das coisas, dos direitos que assiste a gente, entendeu?** Concretamente, o que se pode notar é que há ou haverá negociações pontuais e parciais. Os discursos que se sobressaem são invocados através da memória da barragem e potencializados com os fatos recentes, vivenciados pelos caatingueiros. Nesse sentido, as várias vozes do passado: “dona CHESF”, os “sociológicos” etc, voltam com novos discursos: conservação, meio ambiente, etc, mesclando as vozes dos homens e mulheres da roça.

#### 4.6 FAZ UM ZIGUE-ZAGUE, NÉ?! E AÍ A GENTE INDO OLHAR PRA ENTENDER. TEM QUE SER QUEM JÁ SABE COMO É, NÉ?!

Seo Anísio, como já explicado no primeiro capítulo foi indicado por seo Marivaldo para ser entrevistado, porque já morou no lugar conhecido como Brejinho que fica no Boqueirão da Onça. Lá também tem um lugar chamado de Caldeirão da Onça. Ele inicia a nossa conversa dizendo que **dentro da grota era uma roça do meu pai. Eu molecotezinho cansei de romper com carga de melancia daí de dentro da grota lá pra casa. Não é distante, não.** Nessa região existem vários brejos: da Brásida, de Dentro, de Fora, da Martinha e outros. São lugares conhecidos por suas belezas naturais como nascentes, cachoeiras, plantas exóticas e frutíferas como banana, coco e carnaúba. Os Brejos também são conhecidos pelos doces e pelo artesanato que produzem. As noites enluaradas continuam sendo o cenário perfeito para as conversas, os causos e as paqueras.

---

<sup>81</sup> “Tudo de Novo: uma experiência de construção da barragem de Sobradinho BA é o título do CD ROOM, resultado de uma pesquisa coordenado pela professora Maria Rita do Amaral Assy, no período entre 2003 e 2007. O propósito dessa mídia foi “pensar a construção da barragem e usina de Sobradinho ouvindo-se as vozes dos trabalhadores atraídos para essa obra”. (ASSY, 2014, p. 104).

Na época do deslocamento, a família de seo Anísio precisou sair. Ele conta que, **pela barragem fui jogado pra Vereda do Mari, porque eu não quis vim pra Agrovila, e aí fiquei na Quixaba, fui procurar uma irmã minha, fiquei lá.** A separação dos irmãos, primos, sobrinhos, vizinhos causou muitas dores, saudades, desencontros e reencontros. Ele foi uma das pessoas que não acreditou no “paraíso” que seriam as Agrovilas, apresentadas pela CHESF. **Depois de lá vim pra Laje e da Laje vim outra vez para o Brejinho, pra fazenda dos Cabeçudos, donos do Brejinho.** Seo Anísio, como muitos outros, perderam não somente o seu lugar, mas os pais, irmãos, tios, sobrinhos, vizinhos, a criação, os pés de planta, as plantações e os bichos de estimação. Perdeu tudo, mas também, como muitos outros, não se conformou e voltou. No seu caso, foi parar na fazenda já desocupada, que pertenceu aos “cabeçudos”, donos de terras, descendentes de portugueses, oriundos da casa da Torre de Garcia D’Ávila, que vieram ocupar esse território para o cultivo da cana-de-açúcar.

Esse processo de ocupação se deu de forma violenta com a matança e “domesticação” dos índios da tribo Centoce que habitavam aquela região. Por razões ainda pouco esclarecidas, esses portugueses passaram a ser denominados de Sento-Sé, família poderosa que governou o município durante alguns séculos, se tornando símbolo do coronelismo no sertão. Atualmente, essa família não detém mais o poder político no município, embora os seus descendentes continuem ocupando cargos públicos no Estado da Bahia e residindo na cidade de Juazeiro ou na capital. Seo Anísio reside em Quixaba, e se vê com os mesmos problemas de não ter um lugar seu e seguro para morar: **porque a Quixaba é pequena, o criatório só se mantém mais é pra lá [para dentro da caatinga]. E onça, não dá certo criar onça misturada com os animais da gente: criação, gado, essas coisas.**

Seo Zé Quirino, que também foi indicado por seo Marivaldo, é da Lagoa do Mari. **Zé Quirino da Lagoa do Mari**, como ele mesmo gosta de ser chamado. Ele também começa a nossa conversa falando do lugar dele: **lá é um povoadozinho [...] como diz o dizer, a gente cria o bode e o bode nos cria, né?!** O dizer é quem diz, na experiência do viver. Esse sentimento de que homem, bicho, planta se cria e se é criado constitui o caatingueiro. Por outro lado, essa relação vem sendo alterada pela presença de agentes externos, com propósitos modernizantes. **A Cláudia do IBAMA [da ONG] tem uns treze anos que ela trabalha com a gente lá, eu com ela, que ela tem muito conhecimento. E ela arrumou uma verba em São Paulo para**

**construir uns chiqueiros pros bodes da gente.** Nessa fala, seo Zé traz um discurso sulista de criação de animais presos e agricultura livre que se diferencia do modelo extensivo de criação de animais e agricultura cercada, praticado pelos caatingueiros. Para “arrumar” a situação, o dinheiro de São Paulo resolve. Há uma negociação em curso entre mundos mutuamente estranhos.

Sobre o Boqueirão da Onça, ele nos diz que na região existem várias grotas. Uma delas é a dos Prazeres, lugar conhecido e retratado pelos moradores de Sento-Sé como um oásis na caatinga, o outro é a Grota dos Negros, lugar ideal para o banho em um Caldeirão, chamado de Taquari. Nesse lugar, de acordo com seo Zé, **os mais velhos dizia que chegavam ali a base de 7 pra 8 horas, tinha uma Mãe D’água esquentando no sol, se cobria todinha com cabelo, né? Eles falavam!** Ao trazer essa lembrança, ele invoca uma memória discursiva dos seus antepassados que nos faz ver a ocupação por outras forças que as demarcações não contabilizam. A lenda da Mãe D’água é bastante conhecida pelos beradeiros do São Francisco e também pelos caatingueiros, assim como a lenda do Nego D’água. Os dois são entidades que habitam o rio. Ele nos conta que agora, também, está aparecendo o Macaco Barbado, que inclusive já foi fotografado por Cláudia, a bióloga.

Acerca da implantação de Parque Eólicos na região da Lagoa do Mari, ele relata que: **lá na serra é distante uns seis quilômetros daí dos Prazeres, lá no meu Brejo, que é onde tá essa serra, eles se programaram pra colocar as torres, né?!** Essa fala demonstra a proximidade entre a serra onde serão colocadas as torres e os lugares paradisíacos da região de seo Zé. A gruta dos Prazeres, por exemplo, é bastante retratada pelos moradores e por visitantes. A implantação do parque, pelo visto, está sendo decidido apenas pela empresa. **Eles vieram com o variante. Eu extrema com ele [finado Pipiu] naquela parte da Engenhoca. A outra parte da velha Nena fica pro lado do Mimoso, que é na Serra dos Pacaí, que a gente chama antigamente.** A empresa já abriu uma pequena estrada, um caminho para alcançar a serra. No meio do caminho tem a demarcação do povo do lugar, que era feita de boca, oralmente, na base do entendimento entre as partes e levava em conta a existência de lugares que deveriam ser de uso coletivo, como grutas, olhos d’água, etc. Assim como em quase todos os lugares da caatinga, as terras são herdadas de pais para filhos e quase todos os vizinhos são parentes. Seo Zé faz de memória o mapeamento da distribuição das terras lá: **era a parte da finada Macambira, que ficou os filhos... E a da velha, minha sogra... E tem mais Valdir na Descoberta,**

**que era do tempo do finado Aureliano, finado Pipiu. Também são tudo extremante lá, né.** Todas essas demarcações que antes eram feitas na base da conversa, do entendimento, hoje estão sendo feitas com variantes<sup>82</sup> e piquetes, assim como foi no tempo da barragem.

A implantação dos Parques Eólicos não prevê o deslocamento físico dos moradores, no entanto, provoca toda uma mudança no modo como essa população se situava e se comunicava com o seu território. O modo de criação extensivo, o já mencionado Fundo de Pasto, não exige esse tipo de demarcação. O importante é o reconhecimento da propriedade individual e do uso coletivo da terra. Uma outra questão importante é o cuidado coletivo dos animais. Esse cuidado se constituía de forma coletiva, com cada um cuidando do seu e dos outros.

Os moradores estão conversando com a empresa para fechar o negócio. Esse processo é um pouco diferente dos outros lugares, porque eles já têm conhecimento de como as coisas estão acontecendo através das conversas que escutam. Mesmo assim, “truques” ainda acontecem. Seo Zé nos relata um desses “mal feitos”: **Eles sempre nos fala que eles querem arrendar. Primeiramente nós fizemos um negócio com o senhor [fulano]. Mas com ele, ele fez um truque aí com a gente e abriu no mundo e ninguém nunca mais viu.** “Truque”, quer dizer esperteza para os caatingueiros. Esse senhor deve ter feito algum negócio escuso, baseado em alguma mentira. Por outro lado, essa localidade também tem vivenciado a implantação do Parque Boqueirão da Onça. Sobre isso, seo Zé cartografa: [...] **é essa parte aqui desse lado, e lá pega a parte aí, vai pegando essa parte aí da estrada que vai pros Prazeres... Pega uma parte lá da serra do Valdir, do Zé da Nega.** Esse desenho do Parque de Conservação é muito estranho para os caatingueiros: **faz um zigue-zague, né! E aí a gente indo olhar pra entender, tem que ser quem já sabe como é, né! Mas é um negócio sério mesmo.** Esse zigue-zague foi desenhado para atender aos interesses da indústria eólica e das mineradoras, transformando a área de proteção ambiental em Unidades de Conservação (UC), Área de Proteção Ambiental (APA) e Zonas de Amortecimento (ZA). São estrias e ranhuras num espaço anteriormente contínuo.

---

<sup>82</sup> Variante é uma estrada que indica um caminho, somente para pessoas e animais

#### 4.7 “NÃO, SEO QUIRINO, AGUARDE AÍ QUE VAI TER UM ACORDO”.

No povoado de Seo Zé Quirino, os moradores ficaram sabendo do Parque Boqueirão da Onça através de Cláudia: **Ela ficou de vim aí de novo [...] aí o Valdir tava dizendo... Disse: “rapaz, a Cláudia nunca mais veio de novo, prometeu que vinha aqui dar umas informações a nois e nunca mais veio”**. Além de Cláudia, apareceu uma jornalista também de São Paulo que garantiu: **“não, seo Quirino, aguarde aí que vai ter um acordo”**. [...] **Porque disseram, que disse, que não era pra gente não cortar nenhuma vara na área da gente, né**. Cada serra, cada brejo, cada lugar é um modo de vida. Mas agora tudo mudou. A jornalista disse que vai ter acordo. Quem vai acordar? O que vai ser acordado? Os caatingueiros estão “aperriados”, apreensivos, porque eles veem os problemas, somente eles. Os ambientalistas, os governos, as empresas, não. Esses já têm a solução, foram gestadas nos gabinetes. No entanto, os moradores não querem que ninguém resolva por eles, querem negociar. As conversas nos povoados são sobre esses problemas. Seo Ze enuncia: **nosso assunto é que eles prometem de quando chegar... A gente tá em combina pra ver qual é a proposta deles, né. Que eles chegam aí, por enquanto só diz, "aguardem aí"**. Os técnicos, ambientalistas, jornalistas, representantes das empresas, dos governos, pedem para o povo aguardar. No entanto, enquanto o povo aguarda, baixam decretos, desenham mapas, soltam onças, fotografam macacos.

O professor Ananias esclarece de uma forma geral esse processo, com a visão de professor, fotógrafo e comunicador, relata os meandros políticos da criação do Parque Boqueirão da Onça. Ele me diz que as informações sobre a implantação do Parque ainda não chegaram à população. **Nunca se falou ao morador a possibilidade da criação de um Parque, certo, os problemas que pudessem vir com a implantação de um Parque Nacional**. No entanto, desde 2003, 2004 que já se observa uma procura de pessoas de fora da região pelas terras, assim como a presença de biólogos e de organismos como o IBAMA e o ICMBios e a implantação de torres para experimento dos ventos. Os representantes dos órgãos de proteção ambiental, fazendo esclarecimentos à população para a necessidade de preservação do bioma. Mas, segundo ele, **tudo isso aconteceu com a comunicação, na minha opinião, muito precária a realidade dos moradores [...] Hoje, grandes**

**empreendimentos se instalaram e os moradores seguem pobres do mesmo jeito.** Os meandros políticos foram acompanhados por Ananias que assim esclarece:

O Parque também teve o seu estudo concluído... era pra ser sancionado na gestão Dilma Rouseff, mas por imposições do governador do Estado, Jaques Wagner, na época, para um estudo mais detalhado da área, e só agora em abril, depois do governador Rui Costa ter entregue realmente a proposta que era interessante ao governo da Bahia, em relação a Unidade de Conservação. Só depois disso foi que realmente os moradores tomaram ciência do que é realmente o Parque e qual era realmente o verdadeiro interesse dos estudiosos. (Entrevista a autora, 2019).

A grande surpresa, na opinião de Ananias se refere aos desdobramentos que se deram a partir de todas as implicações políticas, técnicas, ambientais envolvidos nesse processo, retirando do Parque, lugares tradicionalmente reconhecidos pelos caatingueiros como fundamentais para a preservação do bioma.

Vejam só! Foi surpresa também porque a Serra do Sapateiro, por exemplo, é considerada o coração desse bioma. [...] Esse interesse capitalista dos políticos baianos fizeram com que a Serra do Sapateiro, Serra do Murim, Riacho das Minas, Serra da Bananeira, todas ficassem fora do Parque Nacional, da Unidade de Conservação, o Parque Boqueirão da Onça. Elas ficaram dentro de uma APA. É, limitando-se do Mimoso até extrema com Umburanas ficou APA [Área de Proteção Ambiental, mas que pode ser explorada por empresas, etc.]. (Entrevista a autora, 2019)

Esses lugares mencionados por Ananias, foram também citados pelos demais entrevistados, com um certo espanto e indignação. Nesse caso, os conflitos enunciados se referem ao desaparecimento de um povo, o caatingueiro e com ele, o 'fim' (SANTOS, 2007; HAESBAERT, 2004) de um território. Os representantes dos governos e os ambientalistas não dizem a finalidade do Parque, pedem para a população aguardar, enquanto isso, fotografam, soltam onças, modificam mapas, fazem chiqueiros. Os caatingueiros, por outro lado, agem, denunciam, comunicam. Essa ação se dá sobretudo pela linguagem, através das conversas que passam de boca em boca, dos entendimentos, das colocações feitas nas reuniões, dos enunciados que se materializaram nesta tese. Essas palavras veem da experiência de antes, mas também de agora: **ai tem coisa; não vão embebedar a gente, não.**

Uma língua em movimento, para adiar os fins: dos territórios e o fim do mundo (KRENAK, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do problema da tese se deu em meio ao desenvolvimento dos processos de enunciação e dos enunciados formulados pelos pesquisados. De início, já se sabia que havia uma grande tensão entre o modo de vida dessa população e os projetos de modernização que atravessam esse mundo. As marcas da chegada dos empreendimentos logo produziram um contraste evidente com a paisagem da caatinga. O que havia por ser dito a propósito disso tudo? Como fazer ver essas tensões na comunicação dos próprios caatingueiros? O que dizem e, sobretudo como dizem esses acontecimentos? E o mais desafiador: como ouvir os caatingueiros?

Para realizar as entrevistas, precisei adentrar na casa das pessoas, ter um momento com elas. Algumas vezes participei da rotina de suas vidas, da sua intimidade: tomando um café, almoçando e até dormindo. O fato de ser do lugar e estar acompanhada por uma pessoa conhecida dos entrevistados, favoreceu o diálogo. Por outro lado, as leituras dos textos de autores da região sobre o universo caatingueiro também referendaram a postura que assumi diante deles.

As entrevistas transformaram-se em conversas, nas quais ‘saltavam’ uma língua portuguesa, fincada na vivência e na experiência de um fazer coletivo. Por essa razão, optei por não categorizar as falas dos entrevistados, dar explicações sobre o que era dito ou tão pouco extrair apenas as informações que porventura fossem consideradas relevantes. Exercitei as transformações que aqueles enunciados provocavam em mim, modificando a minha lógica de pensar ou me reconhecendo nela. Ao me aproximar do território existencial do caatingueiro, pude ‘ver’ os conflitos sendo situados nas suas falas. Havia um esforço para mostrar em palavras o que se via. Nesse momento, o problema de pesquisa foi sendo redimensionado: eles não eram ouvidos. As suas vozes não foram previstas em nenhum dos projetos em curso: instalação de Parques Eólicos e empresas mineradoras; criação do Parque de Conservação. O meu desafio então fora: como tornar sensíveis as expressões languageiras do caatingueiro e como viabilizar na matéria escrita dessa tese esses processos comunicacionais de tal forma que se efetivasse uma comunicação? Não bastava ouvir as vozes dos caatingueiros, transcrevê-las e buscar meramente realizar uma transmissão, pois foi se configurando outra perspectiva de tratar aquilo que ocorria, mais do que a formulação de uma outra opinião a respeito. O ponto de vista

caatingueiro não se limitava a interpor uma oposição, um confronto, nem mesmo uma resistência às mudanças que se faziam. Havia um pensamento vivo sobre o que se passava, produzido a partir do modo como experimentava-se tudo aquilo.

Foi preciso, assim, redimensionar também o meu lugar de pesquisadora, me tornar uma tradutora das suas falas, contextualizando-as dentro do seu universo existencial e dos sentidos produzidos por elas. Nessa perspectiva, essas vozes tornaram-se enunciados dos conflitos à medida que seus processos de enunciação puderam ser ouvidos, vistos e considerados. Entraram na corrente de comunicação estabelecida por esta tese. Ela própria foi fazendo parte do processo comunicacional que se desenvolvia. Não é justamente isso que acontece quando pesquisamos? Acabamos fazendo parte da própria comunicação que se comunica. Vale a pena ressaltar que não havia uma perspectiva desde sempre concebida. Ao ser desenvolvida, abriu-se mais um campo de enunciação. Fui entendendo o que se passava, quais eram os problemas que eram enunciados na perspectiva dos caatingueiros, como também os caatingueiros serviam-se do momento da entrevista para erguer as palavras, achar jeito de dizer, tentando deixar muito claro o que estava sendo dito: ‘entendeu?’.

Buscando tornar sensíveis essas expressões, coloquei-me como ouvinte e tradutora atenta das suas palavras, dos seus processos de enunciação e das formulações de seus enunciados. Nesse sentido, alguns autores da Análise do Discurso contribuíram para que eu pudesse dizer o que ouvia na língua ‘das caatinga’ e fazer ver essa comunicação na posição de “analista” dessa linguagem, no contexto dos sentidos produzidos por ela, especialmente porque é pela linguagem, sobretudo a oral, que essa gente se constitui como um povo. Essas expressões languageiras me fizeram acessar outros modos de pensar e estar no mundo e também possibilitaram que me reconhecesse como uma pessoa híbrida: em alguns momentos penso a partir da vivência, de uma reflexão sobre a experiência, mas em outros parto das conclusões, de explicações mais gerais. Esse foi um dos dilemas vivenciados por mim na tessitura desta tese. Faltavam palavras quando eu achava que tinha dito tudo. Aí precisava ouvir de novo, experimentar cada som, cada sílaba, cada frase formulada. Mas, não tinha outro jeito, este texto teria que ser escrito dessa forma. Fui convocada para isso, mesmo correndo o risco de ser em alguns momentos incompreendida pela academia.

Ao ser desenvolvida, esta pesquisa pretendeu mostrar a perspectiva do caatingueiro, no modo como estão percebendo e enfrentando as transformações que estão ocorrendo em seu território, através dos seus processos comunicacionais. Esses processos foram construídos na vivência com o outro “caatingueiro” e com tudo o que o constitui: bichos, plantas, terra, vento, água, serra, céu, vento, seca e verde... Do ponto de vista da pesquisa em comunicação é preciso considerar o contexto como parte do processo comunicacional. Neste caso, a singularidade das suas expressões linguageiras vem de uma reflexão sobre a experiência (Larrosa, 2015). É um saber do que “nos acontece”, do que “nos toca”. Nesta tese, esses saberes se transformaram em enunciados sobre os conflitos vivenciados e percebidos por eles que iam desde a denúncia da falta de transparência e de informação até a problematização da natureza dos projetos propriamente ditos, enquanto os problemas considerados pelos empreendedores dos projetos de modernização, ao menos junto aos caatingueiros, eram de natureza prática, buscavam solucionar problemas relativos à implantação dos projetos.

Pude percebê-los empiricamente no modo como foram se constituindo pelas suas práticas: ‘as cercas’ confrontando a empresa; os ‘zigue-zagues’ redefinindo o território: só ‘indo olhar pra entender’; ‘até a onça tem voz’ e os moradores não; 1% ‘é pouco demais’ em relação a 99% para a empresa; os ‘imbuzeiros’ sendo arrancados e ‘nem fizeram a estrada’; o barulho das torres: ‘as de cá nem tanto, mas as daqui!...’; o distanciamento dos parentes: ‘[...] nunca apareceu, não quer contato’; o ‘deslocamento’: ‘eles não estão dizendo tudo’, etc. Ao ouvir e traduzir essas expressões linguageiras, pude ver os processos de desterritorialização que estão em curso. O primeiro deles é a transformação do território caatingueiro em espaço físico, com o desaparecimento das territorialidades secularmente construídas. Assim como a colonização dos séculos XVI, XVII vandalizaram as terras indígenas, os atuais empreendimentos de mineração e de energia eólica, no caso dos caatingueiros têm desconsiderado os modos de existência dessas pessoas à medida que perpetram formas de exploração tão colonialistas como as do passado.

A criação dos parques tem alterado o modo tradicional de ocupação das terras, sem que haja um processo de reterritorialização que considere os modos de existir do caatingueiro. Os conflitos enunciados por eles, denunciam o modo como os projetos estão sendo impostos e nos fazem ver, no que dizem e como dizem, as suas tentativas de intervenção, de participação. Não existe, *a priori*, uma oposição a esses projetos,

nem uma defesa da sua territorialidade, contudo, percebem que as suas participações não foram previstas. A natureza dos conflitos foi sendo evidenciada à medida que os enunciados podiam ser formulados. No caso dos Parques Eólicos, a incompatibilidade entre a lógica da economia tradicional e a economia do capital ficou evidente. Um outro conflito vivenciado pela população com esses empreendimentos é o enfraquecimento dos vínculos sociais entre parentes e vizinhos, em decorrência dos conflitos de interesses entre eles. Por fim, a não consideração da natureza ontológica do território caatingueiro tem provocado processos de desterritorialização dos modos de existência desse povo e das suas territorialidades. Esse projeto que cria expectativas de desenvolvimento para a região termina se constituindo em um grande empreendimento que vem de ‘outro mundo e vai para outro mundo [...] uma energia limpa, para um mundo sujo’.

No caso do Parque de Conservação, os interesses conflitantes foram se delineando com o tempo. Inicialmente foram se constituindo relações de ‘amizade’ com os técnicos que se transformaram em desconfianças. O desenho do PARNA, aprovado pelo Governo do Estado da Bahia, contraria as indicações feitas com representantes dos moradores e de órgãos do governo. Pelos documentos analisados e pelas falas dos entrevistados, essas mudanças ocorreram para atender aos interesses das empresas de energia eólica e de mineradoras. A concepção do parque no formato de um mosaico atende mais a esses interesses do que propriamente aos modos de vida da população, o que irá provocar um amplo processo de desterritorialização. Antes o que era um espaço cultural e simbólico de proteção ao próprio bioma, tem se transformado em um ambiente controlado por forças jurídico e políticas. As falas dos entrevistados nos fazem ver o enfraquecimento do projeto de conservação. O maior conflito entre todos eles, é o desaparecimento do povo caatingueiro e com ele um modo de existência e uma outra perspectiva de mundo. Ao enunciar os conflitos por eles vivenciados, o caatingueiro anuncia o fim do seu mundo. Para adiar os fins, do território caatingueiro e “o fim do mundo”, esta tese se propôs a ouvir essa gente e com ela efetivar uma comunicação.

## REFERÊNCIAS

ASSY, Maria Rita do Amaral. **A força inventiva da voz ignorada**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, 2014.

\_\_\_\_\_. **A criação ignorada da existência**. Universidade do Estado da Bahia – Juazeiro, 2017.

AUGUSTO, Geri. A língua não deve nos separar! Reflexões para uma práxis negra transnacional de tradução. In: CARRASCOSA, Denise (org). **Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiáspóricas para travessias literárias**. Salvador: Ogum's Toques Negros Editora, 2017.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAHIA. **Decreto nº 12.354 de 25 de agosto de 2010**. Institui o Programa Territórios de Identidade e dá outras Providências. Disponível em: <http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1024959/decreto-12354-10>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

BARROS, Edonilce da Rocha. O que ficou sob as águas: ensaio etnográfico de uma população relocada. In: **O paradigma cultural: interfaces e conexões**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16 ed. São Paulo, Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto da obra de François Rabelais**. 7 ed. São Paulo, Hucitec, 2008.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência: Novas territorialidades no semiárido Brasileiro**, Jundiá (SP): Paco Editorial, 2012.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os involuntários da Pátria**. Aula pública proferida durante o ato Abril Indígena, na Cinelândia, Rio de Janeiro, em 2004/2016. <https://educomambiental.blogspot.com/2016/04/os-involuntarios-da-patria-aula-publica.html>. Acessado em 18-08-2018.

DA MATTA, R. **O ofício do etnólogo, ou como te anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional, nº 27, 1978.

DE MARCO, Giovanna. **Água e Processos subjetivos**. Tese (doutorado) – PUC/SP, 2003.

ESCOBAR, Arturo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. **Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”**. DMA – UFPR, vol 35, dezembro de 2015.

FÍGARO, Roseli (org). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GONÇALVES, Esmeraldo Lopes. **Opera** – formação histórica e social do submédio São Francisco. Juazeiro: [s.e.], 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. São Paulo: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina - 20 a 26 de março de 2005 - Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

\_\_\_\_\_. Concepções de Território para entender a Desterritorialização. In: SANTOS, Milton e BECKER, Bertha K. (org.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegomenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

KESTERING, Celito. **Patrimônio Arqueológico de Sento-Sé BA**. São Raimundo Nonato, PI: UNIVASF, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores escritos sobre experiência**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 4ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2004.

LIMA, Aurilene Rodrigues. **Memórias dos Lameiros do Velho Chico**: história da população transplantada para Quixaba, Sento-Sé BA. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2004.

\_\_\_\_\_. O lugar das pessoas nos projetos de desenvolvimento do sertão da Bahia. **Revista ComSertões**, UNEB/DCH III, 2016.

LOPES, Esmeraldo. **Caatingueiros e Caatinga** – A agonia de uma cultura. Maceió: Gráfica Grafipel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vozes do Mato**. Juazeiro: [s.e], 1992.

MACEDO, Odomaria Rosa. B. **A convivência com o semi-árido**: desenvolvimento regional e configuração do local no projeto do IRPAA. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2004.

MOREIRA, Gislene. **Sertões Contemporâneos**: rupturas e continuidades no semiárido. Salvador Eduneb; Edufba 2018.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. 6 Ed. Campinas, São Pau: Editora da Unicamp, 2007.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunsenki Fu-kiau**: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

SILVA, Adriana Olívia da. **Território tradicional de fundo de pasto de Bruteiro e Traíras**: territorialidades contemporâneas e as lutas pela reapropriação social da natureza. Jaguarari: Oxente, 2017.

SILVA, Flávio José Rocha da. **O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar**. Revista Pegada, vol 17 nº 2, 2016.

SILVA, Raquel Correia de Oliveira. **Diferentes Leituras dos grafismos rupestres de Traíras**. TCC – Departamento de Ciências Humanas, Campus III – UNEB (2008)

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília: Editor Universidade de Brasília, 2004.

# APÊNDICES

**APÊNDICE 1:**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
PARA A PESQUISA: COMUNICAÇÃO NAS CAATINGA - CAATINGUEIROS  
ATRAVESSADOS POR OUTROS MUNDOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
DINTER/ECA/USP**

Prezado (a),

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Comunicação na caatinga – caatingueiros atravessados por outros mundos**”.

A pesquisa pretende analisar o modo pelo qual os processos comunicacionais dos caatingueiros nos fazem ver os sentidos produzidos acerca dos conflitos vivenciados por essa população com a chegada de projetos de modernização na caatinga. Esses conflitos serão problematizados no âmbito da linguagem verbal dessa população e tem como objetivo principal tornar sensíveis as suas expressões languageiras, historicamente ignoradas.

A sua participação é voluntária. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este estudo abrange os instrumentos a seguir:

- a) Gravação de voz;
- b) Anotações das narrativas (conversas).

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

**AURILENE RODRIGUES LIMA**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação PPGCom ECA/USP.  
Professora da UNEB/BA do Curso de Pedagogia do Campus III- Juazeiro/BA.  
E-mail: aurilene.rl@bol.com.br      WhatsApp: (74) 98815 8920



## **APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS**

**POVOADO DE SÃO PEDRO** - Realizadas no período de 30/10 a 02/11/2017.

### **1-Entrevista com o professor Domingos**

#### **Sobre a origem do lugar:**

Nós podemos dizer que existem dois São Pedro, o antes da eólica e o depois da eólica. Agora esse antes tem um muito bem antigo que é esse que você falou a respeito de nossos antepassados que são meus bisavôs, foram duas famílias que se juntaram, né!, Uma veio do Pernambuco, essa foi trazida com a finalidade de explorar a maniçoba seringueira, pra extração da borracha e a outra família aqui do pessoal de Urucé, é um povoado antigo submerso as águas, ficava próximo a Sento Sé Velho, hoje lá em Piçarrão, indo pra o rio vai sair em Urucé.

#### **O povoamento do lugar e a relação com a construção da Barragem de Sobradinho**

Pouquíssimos, eu acredito que uma ou duas famílias, inclusive até Ticoco, professor Antônio, você conhece bem, Ticoco foi pra lá com o advento da barragem. Agora houve mais é, com a falta de chuva pessoal também se recuou, veio embora, pra Juazeiro, pra outras cidades, outros para o sul do país, São Paulo, essas coisas, o povoado ficou muito restrito, bem pequeno. Por isso que eu disse que houve dois São Pedro, com o advento da energia eólica ai mudou muito, muito mesmo, o pessoal começou chegar, a voltar, hoje nois temos talvez umas quarenta casas já.

#### **O cotidiano antes da eólica**

Antes da eólica o pessoal vivia da agricultura né, milho, mandioca, feijão, farinha, algodão. Então São Pedro era um dos povoados mais promissor do município de

Sento Sé, inclusive importava pra Casa Nova através das embarcações né, vendia o produto que produzia em Casa Nova, depois pra Juazeiro e por ai vai né. Então lá era bem, um povoado desenvolvido o pessoal trabalhava realmente, mas com a falta de chuva o pessoal foi saindo, e pra benção nossa, do povo, chegou a eólica, a eólica começou em 2008 né, o pessoal chegou lá, inclusive a primeira propriedade arrendada foi a nossa, meus pais né, passamos cinco anos eles em estudo, por cinco anos, depois de cinco anos que começou a gerar energia, em 2013 que começou a gerar.

### **A chegada da empresa**

Eles procuraram meu pai, como eu morava aqui em Sento Sé meu pai me ligou e eles vieram contatar comigo, dois senhores, doutor Carlos Rogério e se não me falha a memória doutor Renam, que eram representantes da empresa Brenand Energia. Então eles contataram com a gente, aí fizeram o contrato e agente assinou, nois não tínhamos, alheios a tudo, se falava em energia eólica, mas por história, por ouvir dizer aquilo que existia nos livros, mas praticamente não conhecia. Fomos a Casa Nova conversar com advogado para nos orientar pra assinar o contrato, e aí assinou o contrato e por cinco anos a gente recebia um rendimento mensal, equivalente a mais ou menos a um salário mínimo, durante cinco anos, todo mês a gente recebia esse salário mínimo.

### **Os parques: conflitos de interesses**

São parques, na nossa propriedade mesmo tem quatro, é Pedra Branca, São Pedro do Lago, Sete Gameleiras e Baraúnas. Cada parque tem uma quantia de geradores ne, esses geradores que geram a energia, essa energia é levada para Sobradinho e lá é a CHESF é quem distribui. Não sei se aqui nois não tamo consumindo essa energia, eu acho que sim, talvez. Por a gente não conhecer na época do contrato se fosse possível que a gente, depois é que a gente vai pensar isso, a energia consumida por nois fosse da própria energia nossa do parque que tava gerando, já que somos geradores de energia. Então a gente devia ter colocado isso no contrato, mas a gente não lembrou, não tinha essa experiência também, então hoje estamos pagando a própria energia que estamos gerando. Se por exemplo hoje nois formos implantar um gerador eólico na nossa propriedade, na nossa casa, então aí a COELBA que a empresa responsável vai nos pagar, vai descontar da energia que a gente tem aqui.

## **O contato com a comunidade/as tensões**

Através de nois mesmos, eles nos procuraram e nois levamos em algumas casas, eles conversaram e lá fizeram. Fomos em algumas casas, porque nossa área era maior lá, então eles quiseram pegar a maior, por que os pequenos, os menores ficava mais fácil. Aí eles fizeram o mesmo processo daquele período que eles assinaram o contrato, passavam cinco anos pagando o salário, sem pagar o rendimento, hoje é 1% da produção, pouquíssimo né, a gente também não tinha conhecimento. (O POVO) Aceitou. No início é, depois de nois teve alguma resistência, inclusive teve nossa influência pra gente explicar. Pessoal também não conhecia né, então achava que o pessoal ia tomar as terras e não é isso né. E acho que nois tamo ganhando pouco porque a gente tinha medo, por que a terra lá não tinha quase produção de nada, então a nois ia perder oportunidade produção. Por pouco que seja o salário, o que a gente, mas é uma ajuda, então de qualquer sorte a gente ia perder a oportunidade.

## **O processo de aluguel das terras e a implantação das torres**

Até então foi tranquilo, não teve nenhum problema, como disse não tinha área demarcada, mas todo mundo sabia, não era legalizada vamos dizer, mas por palavra sabia, aqui é de Domingos, aqui é de Antônio, aqui é de José. Então a empresa chegou lá, a empresa ajudou muito nesse sentido, por que regularizou, pra implantar o parque precisa regularizar as terras. A nossa já era regularizada, por isso que eles nos procuraram em primeiro lugar, ele chegou lá e procurou alguém que já tinha terra documentada e a nossa tinha documento há mais de quarenta anos. Inclusive hoje ainda estão regularizando, inclusive tive sabendo que vão implantar algumas torres, são muitas, eu soube até que são da região não é praticamente no São Pedro. Mas deve ter algumas torres para acrescentar alguns parques pra crescer, são umas trezentas ou quatrocentas torres daqui, pro próximo ano na região, Piçarrão até São Pedro. Inclusive em Piçarrão já tem algumas propriedades já arrendadas pesquisando, daqui pra Juazeiro você pode ver algumas torres de testes. Hoje o prazo diminuiu mais, eles botam pra cinco, as vezes até dez anos, mas eles avançaram na tecnologia que até em dois três anos já dar para implantar.

## **O impacto das torres no cotidiano do povoado**

Lá a nossa fica um pouco distante da casa, mas eles implantaram um parque agora que fica próximo, zoam um pouco, eles recomendam que o pessoal não façam a casa próximo, elas zoam e incomodam, pra passar não incomodam, mas se for morar

incomoda, dormir próximo não é recomendável. Agora de animais a gente não presenciou muita coisa de diferença não. A natureza como um todo quando a gente chegamos a gente estranhou um pouco, mas aquilo é rápido também para recuperar, só falta chuva. O pessoal replantou onde houve desmatamento e com as chuvas do ano trazado período chuvoso tá tudo recuperada onde houve desmatamento.

### **Relação da empresa com as instituições do povoado**

Lá tem a associação, inclusive agora a empresa vai fazer uma quadra de esporte, um prédio pra reunião e vai doar para a Associação comunitária de São Pedro, se não me falhe a memória. Inclusive a prefeita já assinou o decreto doando, a gente sabe que é área do município, para associação para que a Brenand ou Pedra Branca construa a sede da associação, uma quadra de esporte e uma caixa d'água, por que a caixa já tá pequena né.

### **As mudanças/transformações**

O que a gente percebeu acredito que houve mudança muito, inclusive até na construção de casa, a gente percebe as casas já tão fazendo mais confortável, antigamente era umas casinhas baixas e hoje você chega lá as casas, então a forma de viver do pessoal mudou, pra melhor eu acho. Então eu acho o seguinte, vamos dizer, uma coisa de suma importância que fez o desenvolvimento do povoado foi a estrada, até a BA 210 de Piçarrão pra lá quase que não tinha estrada, e com a chegada do parque eólico melhorou a estrada 100%, a estrada não é asfalto, mas é banco e o carro passa bem, você gasta de quinze a vinte minutos de Piçarrão para o São Pedro gastava umas duas a três horas. Hoje gasta quinze minutos, você vê a diferença, uma coisa que a gente tem que frisar bem, até o acesso né, a comunicação mais rápida. (A DEMARCAÇÃO DAS TERRAS) Não, mas não teve influência não. A influência que teve maior é que o pessoal aumentou, por exemplo, teve mais criadores, por isso, vai ter mais criatórios, então o espaço é pequeno a gente percebe isso, o pessoal vai ter que diminuir, mas não foi consequência da demarcação da terra.

### **Sobre o Parque Boqueirão da Onça**

A informação logo no início eu estive em algum órgão, parece que foi no Ibama, INEMA, um desses órgãos. Eles disseram o seguinte, que não implantam o parque onde tem energia elétrica, é a informação que tivemos, possa ser que alguma área do São Pedro seja atingida, mas eu não sei falar.

## 2 - ENTREVISTA COM A PROFESSORA FRANCISCA – MORADORA E HISTORIADORA DO POVOADO DE SÃO PEDRO

### A origem do lugar

Aqui nosso povoado começou no ano de 1889, meu bisavô chico Liberato e Maria da Glória esposa dele, ela era de Jacobina e ele de Casa Nova, ele não era da sede, era do interior de Casa Nova. Eles vieram pra qui, eles moravam em Urucé, vieram dar uma observada porque estavam procurando um lugar para amansar o gado no período do verde. Quando chegaram aqui no São Pedro, ficaram encantados com esse lugar, construíram uma casa, inclusive a casa é lá atrás da igreja, a igreja também foi ele quem construiu a igreja, ai eles gostaram daqui e ficaram trazendo o gado para amansar aqui. Com o passar dos anos em 1901 por aí, assim não foi em 1901, veio outro casal, esse veio de Pernambuco, Maria Francisca Carneiro da Silva, minha bisavó também, era avó materna de minha mãe e veio junto com o esposo dela, o esposo dela se chamava José Antonio. Quando eles vieram aqui, eles não vieram morar aqui nessa localidade. Eles vieram morar, eles vieram para fazer um trabalho com a maniçoba, o leite da maniçoba e desse leite eles vendiam pra tirar o sustento deles, pra fazer a borracha.

Com um período de tempo, inclusive minha tia que contou essa parte, ela já faleceu, ela me disse que nasceu lá em 1901, a minha bisavó já veio grávida. Ai eles vieram pra cá para o sitio Pau Ferro, lá no sitio Pau Ferro eles fizeram uma casa, e depois veio outro amigo dele chamado Feliciano, Feliciano veio e fez também uma casa no sitio Pau Ferro. Meu bisavô José Antônio morando no sitio Pau Ferro e meu avô Chico Liberato morando aqui no São Pedro, houve um entrosamento e nesse entrosamento deles de conhecimento, eram duas famílias equivalentes, de caráter, de conhecimentos, pessoas que eles se encontraram, então houve quatro casamentos, da família de Chico Liberato com a família de José Antônio. Então esse pessoal, se casaram e meu bisavô ele teve uma vida muito curta, meu bisavô José Antônio, ele morreu com 35 anos de idade, ai eles fizeram um cemitério, sepultaram, e ai os filhos dela tendo casado e estando aqui no São Pedro, eles ficaram lutaram para trazê-la pra cá, não a senhora tem que vir pra cá, porque os filhos estão se casando aqui no São Pedro, São Pedro tem água, lá também tinha, mas aqui o São Pedro é um lugar bom, fica mais perto das coisas, porque a senhora não vai? Ela não queria vir, porque achava que era um compromisso que ela tinha feito com o marido dela, ficar perto de onde ele estava, onde estava os restos mortais dele. Com o tempo convenceram ela, ela veio pra cá, construíram a casinha dela, eu ainda conheci, ai denominaram ela de Maria viúva, porque ela ficou viúva muito nova. Depois teve um garimpo aqui pra dentro também, ela era tão atuante professor Antônio na localidade, que se acontecesse uma briga lá entre os garimpeiros ela mandava chamar, mandava chamar os garimpeiros, ela era mulher de autoridade, minha bisavó, não, é pra vir aqui

o garimpeiro fulano e fulano, é o que dona Maria? É o que? Eu soube que vocês se divergiram lá e eu não quero aqui em minhas terras ninguém brigando, nem ninguém com confusão, eu quero que vocês façam paz, eu não quero saber como foi a briga, como foi a confusão, eu quero que vocês se unam e façam paz. Ai tinha que fazer paz. Ai a comunidade foi andando, eles plantavam feijão de arranca, feijão de corda, porque terras qui pra dentro é boa para feijão de arranca, eles não conheciam a terra que era boa pra mandioca não, essa terra de fora não. Eles ficavam se batendo ai nesses anos muito ruim de seca, minha vó Luiza chegou a me contar que eles pegavam xique xique, tiravam pra fazer cuscuz, assim, por que não tinham conhecimento de uma terra boa, que desse pra eles plantar. Minha vó vivia mais de costura, bordado. Elas eram muito inteligentes, tecido, ela confeccionava, ela tinha o tear que era pra fazer rede, pano de embrulhar, fazer casaco, fazer tecido. (O ALGODÃO) eu não sei, mas acho que era com o algodão daqui mesmo, porque meu avô chico Liberato ele levava pra Sento-Sé, ele tinha uma despojadora. Certamente meu bisavô trazia o algodão já trabalhado e ela fazia aqui, ela costurava pra todo mundo. Aí o tempo foi passando e eles descobriram que a terra aqui fora era boa pra plantar mandioca, ai começaram a ir cercando as roças. Eles faziam assim, aqui é a roça, aí depois dividiam em pedacinhos, essa é de Quirino, essa é a de zé de Luzia, essa é de Aristides, essa é a de José, essa é a de Chicada, e dividiam só com os marcos. Aí foram plantando também, plantava a fava, plantava o andu, não assim em muita quantidade, a fava eles plantavam dentro da mandioca e o andu plantavam poucos pés de andu não plantavam muito não. Ai plantavam algodão, plantavam mamona. Assim, nossa família sempre gostou de criar, mesmo a condição pequena, mas criava uma vaquinha, um pouquinho de cabra, criavam ovelhas, alguns criavam porcos, mas porco eles criavam pouco, porque assim porco é um bicho muito atentado, ai mexia na água do bebedor onde a criação ia, eles ficavam com medo do verme, do porco trazer sujeira. Eles compravam porco só para engorda, eles compravam fora, porque quando começavam a criar ai mexiam na roça de um, na roça de outro, ai eles deixaram. Criava mais mesmo era gado, meu sogro mesmo nos anos 69, eu lembro ele vendeu boi, com o dinheiro dos bois dele, de uma vez ele comprou um carro zero, então não era pouco boi, era naquele tempo da picape, acho que o senhor lembra, uma picape verde. Eles ficaram, a família foi crescendo, os que se casaram da mesma família os de chico Liberato foi Bartolomeu que se chamava loiô, foi Pidoca que era o pai de Zé do São Pedro, foi Antônia que se casou com Aristides, o professor conhece Romualdo, a mãe de Romualdo e Isabel que casou com Chicada o avô de meu marido. Então esses eram os filhos de Chico Liberato com Maria da glória. Ai os de Maria Francisca mais de José Antônio, que quando vieram casar José Antônio já era falecido, então foi Antônia que era minha vó, Francisca a mãe de zé de São Pedro, era uma doçura, uma pessoa como no mundo tem poucas, minha tia era um exemplo, Francisca Aristides e Chicada que era Francisca, do outro lado. Ai essas famílias foi se disseminando, depois foram casando que até foi preocupante porque eles se casaram muito parentes, meu sogro mesmo esses três especiais foi uma repostada, eles eram primos irmãos, eram filhos de quatro irmãos de dois irmãos de um lado e dois irmãos do outro. Minha sogra teve três especiais que

se criaram, mas que não criaram foram vários, o Sebastião era especial, o João era especial, um nasceu morto, o outro José não era especial, ele teve cupre. Era uma benção o menino, com dois anos e tanto, era a cara de meu filho Franklin, era tanto que eu tinha medo que Franklin não se criasse, era a foto. Com o passar do tempo eles desenvolveram a planta da mandioca, a mandioca, o algodão, começaram a plantar pra lá também, mandioca, algodão, feijão, milho gergelim. Plantaram também nessa parte aqui pra dentro que era uma terra mais dura, plantaram muita palma, eu lembro que nois íamos buscar fruta de palma, tirava latas e não dava conta, era enorme, tinha pé de palma maior que essa casa, parecia umas árvores. Faziam as casas de farinha, era ainda no tempo da roda, era dois homens puxando, as vezes puxava de quatro, depois pra melhorar a roda, não sei se vocês tiveram, mas aqui botavam rolamento, a roda ficava leve, era uns rolamento de ferro, depois com o tempo meu sogro resolveu comprar um motor, ai comprou, ele até está ali no fundo do quintal, as vezes quando estou colhendo as coisas pra descartar eu digo não jogue o motorzinho de meu pai. Ai com o motor tinha muita tapioca, muita farinha, o povo dizia assim: “chegou o mês de setembro, outubro, novembro em diante não vende mais farinha, porque não vendi farinha mais de jeito nenhum ai parava de vender, não tem mais farinha no são Pedro. Caiu chuva que a safra de mandioca tava garantida podia encostar caminhão, porque tinha farinha guardada, eles tinham medo de não chover para produzir. Vendiam boi, vendiam bode, porco a gente comia muito, porque o lugar era pequeno não tinha extração pra fora. Ai quando um matava o porco mandava, mandava pro outro, vendia, era tudo dividido, o bode era dividido, o porco, o boi. O boi quando era mais ai levavam as boiadas, lembro que uma vez papai foi e levou Manoel meu irmão, o povo dizia é doido, mas o Manoel queria ir demais, papai levou ele a cavalo com seis anos pra Juazeiro, três dias de viagem, mas ele foi mais papai e chegou feliz da vida, ainda hoje me lembro, papai comprou o primeiro sapato dele, ele ficou feliz demais que passou nesse lugar, ele sempre foi muito extrovertido, tinha vontade de crescer pra ver as coisas, aprendeu a atirar menino com uma facilidade, aprendeu num instante, lembro do primeiro veado que ele matou, ele foi atrás de nois pra poder trazer o veado. Ai a gente foi se desenvolvendo. Era uma dificuldade meu Deus pra botar os filhos na escola, eu lembro que papai foi passar quinze dias na Jacobina procurando roça a roça, a dedo, porque meu pai queria um animal bem mansinho que nois pudesse montar. Tinha uma escola, a irmã de Zeca dava que aula, tá velhinha a Nilda, ai papai preparou três, eu tive que ficar, porque o burro não dava pra levar quatro, ai foi minha irmã mais velha, essa já é falecida. Foi a Tonha e o Manoel, Manoel sabia labutar com o burro, só dava pra levar três. Depois um primo meu tava em Juazeiro estudando, ai ele veio pra cá, o nome dele é Francisco Aristides, irmão de Romualdo. Ai Francisco Aristides começou a dar aula numa casa do Romualdo mesmo, ai a casa era o prédio.

## O processo de escolarização

Em Pau de Colher, outro povoado, quando vai daqui pra lá descendo, antes da samambaia um pouco tem uma estrada. Aí meus irmãos iam pra lá estudar, eu fiquei estudando aqui. Quando aprendi, minha sogra ainda deu aula um período, mas foi pouco tempo, ela tinha filhos doentes. Aí foi poucos dias, ela disse que não tinha condições de dar aula, porque não tinha tempo. Veio uma senhora de Alagoas, o marido dela praticou um crime lá, aí tinha uma casula da casa de meu avô era casada com parente dele, aí trouxeram eles pra cá e ela deu aula um tempo. Mas nois mesmos só ficamos pouco tempo, ela batia tanto nos alunos, ela mandava nois fazer um ditado do 4º ano, era o livro do filho dela, aí nois na 1ª série cada palavra que nois errasse era um bolo que ela dava. Aí papai disse não, os meus com fé em Deus não vão ficar nenhum analfabeto, nessa escola não vai estudar não. Ai o Francisquinho veio e nois ficamos estudar com o Francisquinho, depois minha irmã Antônia foi estudar no Sento Sé velho na casa de seu Hermógenes ela passou um tempo, depois ela passou um tempo na casa de seu Elso, ai numa extração de dente que ela fez ficou assombrada porque sangrou muito não queria mais ficar. Dona Sininha fretou seu Jandir, tou vendo o dia. Nossa casa era do lado dessa aqui, não tinha nem essa ela era outra casinha ali do lado, ai seu Jandir veio, ela disse eu vim buscar Toinha, ai ela disse não quero ir mais não dona Sininha, não você não pode parar assim não no meio de seus estudos, de jeito nenhum eu vim te buscar. Ai papai ei Antônia pode ir se arrumar você não pode desatender dona Sininha, ela quer o melhor pra você senhora, você vai parar no meio do ano? Você vai quando terminar o primário você vem pra ensinar seus irmãos. Aí mamãe preparou o almoço, dona Sininha almoçou, quando foi umas duas horas seu Jandir disse: tá pronta dona Sininha? Tamos prontos. Aí Antônia foi estudar, quando Antônia terminou, aí veio pra cá ensinar nois, quando Antônia ficou um período, aí Antônia disse: Ah! Não vou ficar nada, Deus me livre, vou estudar, não posso parar, a Chiquinha agora já ensina os meninos. Eu fiquei ensinando meus irmãos na casinha, imagine minha mãe teve vinte filhos e nessa casinha criatura de Deus, imagina vinha esses meninos todos, nem cadeira tinha professora, era uns banquinhos, e aí cada dia foi matriculando mais menino, mais menino. Ai não tem jeito não, tem que ir para a igreja católica, vamos abrir a igreja, aí conversamos com a comunidade, a igreja não tinha também cadeira, cada um levava um banquinho, um pedaço de madeira, um tamborete. Aí sei que comecei com esses meninos e fiquei até 87 [1987].

**Aurilene:** A senhora tinha quantos anos?

**Francisca:** Comecei com quatorze anos, aí saí em 83 [1983]

**Aurilene:** Era particular?

**Francisca:** Não, eu comecei, aí meu pai foi em Sento Sé, aí seo Osvaldo Ribeiro começou, era uma migalhazinha, mas era um dinheiro. Às vezes eu me sentava na mesa e dizia: meu Deus é tudo que eu quero, porque eu quero estudar, então agora

eu não tô no sol, porque eu sabia mesmo era trabalhar de enxada, aí oxe aqui eu tô na sombra, tô estudando, tô ensinando, vou aprender mais.

**Aurilene:** A prefeitura pagava?

**Francisca:** A prefeitura pagava. Era seu Osvaldo prefeito na época. Quando foi em 83 aí Marisinha me mandou um comunicado que eu fosse em Sento Sé pra me escrever pra curso que tinha em Juazeiro, aí eu fui, eu e um primo meu. Mas sabe como são as coisas em Sento Sé, né? Quando descobriram que nois era gente que tinha muita afinidade com seu Osvaldo, meu sogro era amicíssimo de seu Osvaldo, gostava muito de seu Osvaldo, tiraram nossas vagas. Mas nois não perdemos as vagas, porque assim a gente tem que ser vencedor e não ser vencido. Eu digo rapaz, mas nois fomos em Sento Sé só fazer uma inscrição e depois do nada, sem uma explicação mandar dizer que não tinha mais vaga pra nois? Aí nois tava aqui e chegou uns rapazes do Banco do Brasil, esses rapazes vieram pra fazer uma inspeção nas roças, eles eram fiscais, aí meu primo filho do dono que plantou essas batatas, ele tinha sido meu aluno, disse oi, o nome dele é Francisco também, deu no rádio nesse instante que restam duas vagas do Edurural, aí eu digo oxe, pois se restam duas vagas nois vamos. Meu filho caçula era pequeno, eu digo e meu filho como nois faz para levar? E ele disse, nois leva, quando esses rapazes chegar eu vou falar com eles pra nos levar. Eu perguntei a eles se iam pelo Piçarrão, eles disseram que vão até perto. A Barruquinha professor, não tem aquele lugar que nois chama Barruquinha? Pois é, aí de lá nois leva ele nos braços com as bolsas, pronto, pois nois vamos. Quando cheguei aqui falei com esse [seu Chicada] ele caiu fora, de jeito nenhum, não queria que eu fosse de jeito nenhum, aí a mãe dele disse, vai, vai porque ela sempre quis estudar e as oportunidades foram poucas, ela vai. Aí pronto, a mãe falando é uma ordem, nois fomos se arrumar, eu mais Francisco e fui arrumar o menino também pra levar. O rapaz levou nois até Barruquinha, era num jipe, quando chegamos em Barruquinha dispidimos que eles iam pras Traíras, dispidimos dos rapazes e agradecemos aí se mandamos pra Piçarrão. Aqui e ali cansado da bolsa, pegava o menino, botava o menino no ombro, e nois viajava, é esse que é vereador hoje. E lá vai nois com esse menino, com essas bolsas, carne de bode, feijão de corda, tudo isso nois levava, por que a gente não tinha dinheiro, ia pras casas e levava o que tinha em casa, ovo de capoeira, vamos embora. Chegamos em Piçarrão, chegamos bem na hora do ônibus, foi botar as coisas oia o ônibus, aí pegamos o ônibus, quando chegamos lá em Juazeiro só fizemos almoçar, aí eu disse Francisco vamos logo, não vamos deixar pra amanhã não, vamos hoje. Aí outro Francisco que é primo dele, e primo do outro Francisco foi levar nois. Olegário disse: Francisco vai levar que eu vou descansar um pouquinho. Foi ali no Alfredo Viana que hoje é a escola do exército?

**Francisca:** Quando chegamos lá o povo tudo pé atrás, esse pessoal vai chegar agora, aí eu disse: olhe não se preocupe com nois, nois viemos com condições pra vir e pra voltar, agora quem é o coordenador? Aí foram atrás de uma coordenadora de Salvador, uma tal Elba, eu tinha esquecido o nome da Elba, mas agora me lembrei. Aí eu disse, não tem coordenador de Juazeiro não? Eu quero falar com o de Juazeiro,

ai disse, ele saiu, eu digo eu espero. Aí fiquei dando uma olhadinha assim, aí o rapaz disse: a senhora tá com vontade de entrar pra olhar? Eu disse tô, pois é a senhora entra e sai. Tudo bem, aí entrei e olhei sala por sala, aí encontrei com Marisinha, e Marri foi sincera, oh Francisca infelizmente mandaram tirar o nome de vocês. Aí eu disse Marri fique tranquila, vai ter um jeito pra nois! Nem se preocupe. Aí o rapaz disse: não precisa sair não, chama o rapazinho manda sentar aqui dentro. Entramos sentamos e ficamos esperando, daqui a pouco o rapaz disse: o professor Artur! Menino quando ele nos viu, minha gente da onde veio esse povo? Viemos professor de Sento Sé, aí comecei a contar a história, minha fia fica tranquila, de Sento Sé veio gente demais e Curaçá não veio quase ninguém, esse povo tudo bebendo a mesma água, tudo aqui da beira do São Francisco. Vou botar vocês na sala de Curaçá. Aí entramos na sala, o professor do curso era uma riqueza!

**Aurilene:** O curso de Edurural era pra formar qual especialidade?

**Francisca:** Era uma especialização ensinando a dar aula, um curso preparatório até a 5ª série, você saindo do Edurural você tava preparada para a 5ª série, e aprendendo. Professora era uma riqueza, a gente ganhava dinheiro, eles pagavam, era um estudo, eles pagavam e pagavam bem. Eu tenho uma colega Terezinha e ela disse que nunca possuiu uma casa e possuiu depois do Edurural. Aí professora entramos, agora Francisco já estamos dentro, agora pode estar tranquilo que vamos terminar.

**Aurilene:** Foi em que ano o Edurural?

**Francisca:** em 83, nois passamos nesse tempo, parece que era no mês de maio, aí todo mês tinha quinze dias, foi quando chegou em 85 não tinha terminado ainda, foi naquele governo de Valdir Pires ganhou, Quinzinho ganhou em Sento Sé foi um rebu, e nos outros municípios também viu, rasgaram os livros, menina pintaram, mas aí o governo tinha investido disse: não nois não vamos perder não, convoca os professores, isso foi em 86. Agora em sala de aula, vai tomar escola emprestada. Mulher nois viramos escolas de Juazeiro, todas. Aí nois continuamos estudando.

**Aurilene:** Rasgaram os livros em Sento-Sé porque Quinzinho ganhou a eleição?

**Francisca:** Rasgaram, nos outros municípios eu não sei como foi como foi. Aí nois continuamos estudando, eu mais Francisco ficou só mudando de turma, assim graças a Deus a gente tinha um conhecimento bom, não ficava atrasado, aí eles botavam em outra turma. Numa turma hoje, no outro em outra turma. Aí todo mês tinha quinze dias, de outubro de 86 a maio de 87. De Sento Sé só ficou sem fazer recuperação eu e Francisco, Lindomar da cabeluda, e Leonice, só nois quatro. Foi uma luta, foi uma luta tremenda, mas nois vencemos, porque eu ia com esse menino, esse menino chorava, levei essa um período, essa já era maiorzinha que ia mais eu.

Aí professora quando foi no final, depois do curso, a festa de encerramento foi no Centro de Cultura João Gilberto, lá eu fiz um discurso em 87, a gente pensou que já tinha terminado, mas não, tinha as recuperações daqueles que ficaram, aí já tava no Polivalente, uma sala para os que tinham passado para ficar se reciclando, era tipo

um seminário, uma sala para aqueles que ficaram nas recuperações e a gente ganhando o dinheiro do mesmo jeito, foi muito bom o curso, se a gente não tiver coragem não sai do lugar onde está né?

**Aurilene:** Professora, nesse tempo a senhora lecionava aqui e estudava?

**Francisca:** Lecionava aqui e estudava, com o passar do tempo foi em 87 quando meu pai morreu meu filho mais velho já estava em Sento Sé estudando aí nois fomos no mês de novembro. Quando cheguei em Sento-Sé me matriculei e terminei o ensino médio. Em 91 professor Daniel me convocou e eu fiquei ensinando no Colégio Custódio, ah eu quero bem a essa escola, é tanto que estou lutando que eu deixei uma placa lá divulgando a bíblia e já tá velha se estragou e tou lutando com o pessoal para mandar arrumar.

### **A agricultura de subsistência**

Teve um período que o povo se dedicaram muito a tirar casca de angico entendeu, que isso atrapalhou a agricultura, os anos ficaram de menos chuva isso é mais difícil, mas o pessoal deixou mais de trabalhar porque tiravam casca de angico vendiam e aí muito saíram para plantar cebola em Sento-Sé, Piçarrão, aí isso foi assim, aquela coisa algo imediato e coisa imediato e coisa imediata é sempre frágil.

**Aurilene:** Me disseram que tinha muita água

**Francisca:** Tinha, mas nesse período que tinha essas águas, essas águas eram nuns locais um tanto improdutivas, porque são dentro das pedras, mas mesmo assim lá no grotão pra baixo meu tio plantou, tio Zé esse que eu disse que tá velhinho, batata dessa daí tinha como pedra, meu tio plantou e deu muita, tinha bananeira também que a gente plantava, a terra é boa, é riquíssima.

### **Presença indígena na região**

Dos índios o que eu sei daqui mesmo é só o que eles deixaram as pinturas, assim dá pra mostrar que teve uma vivência, que eles moraram aqui, mas história deles mesmo sobre algum índio eu não sei.

**Aurilene:** Quando seus antepassados vieram não encontram eles?

**Francisca:** Não, não tinha mais! Quando eles vieram só tinha os marcos, onde eles passaram, onde eles desenharam, onde eles pintaram, só tinha isso. Minha bisavó que era de Pernambuco dizia que era descendente de índio, mas ela veio de lá também, não tinha vivência com eles. Agora a outra, essa que eu disse que morreu com 110 anos, a mãe dela foi pegada a dente de cachorro, essa não era também

daqui, eles eram um pessoal que moravam ali perto da Abóbora, tinha a fazenda Poço da Pedra, eu nem conheço essas regiões pra lá. Antigamente professora era tão difícil as coisas, as pessoas tavam morando tão próximas e tão longe, sem transporte, não tinha comunicação. Minha avó essa Luzia, que veio pra cá o marido dela morreu muito cedo em 45, meu pai era menino nesse tempo, ela sofreu, chorava, dizia minha avó: Por que você está chorando? Ela dizia: estou chorando com saudades, ela tinha até um versinho: “quem nunca sentiu saudade não sabe o que é doença e eu tenho sentido muito, e tou cumprindo penitência”. Ela dizia eu tou com saudade dos meus minha filha! E tavam ao redor, mas não tinha comunicação. Deixa eu precisar o ano, que foi uma menina que nasceu depois de Manoel meu irmão, Manoel meu irmão nasceu em 53, ela morreu dois anos depois, ela nasceu em 54, mamãe tinha um todo ano, então em 56 ela tinha um ano e nove meses, essa irmãzinha morreu gritando rasgando a roupa de papai e mamãe todinha, não tinha estrada, era muito difícil.

### **A comunicação**

Geralmente era por um recado, alguém mandava dizer, uma carta, um bilhete. Assim, as vezes em Juazeiro, quando o irmão mais velho de papai morreu, ele morreu novo também, o nome dele era Miguel, eu lembro a até hoje do susto que papai tomou, porque meu tio que morava em Lages dos Negos, tio Tonho viajou para Juazeiro e aí ele veio e ele soube que Miguel o irmão de papai tinha morrido, não soube nem que tava doente. Lá na casa de minha sogra ainda tem as cartas, minha sogra gostava muito de escrever, de registrar as coisas e meu sogro também. Parece que tia Tuda encontrou os registros que meu sogro fazia, os trabalhos, de quanto pagou pros trabalhador, quem foi que trabalhou na roça tal. Acho que Tuda tem o dessa solta. Pra mim ela disse que tem. Uma cerca que fizemos aqui tinha vinte e três donos, porque assim professora eles chamavam isso aqui um fundo de pasto, aí eles cercavam pra botar os bichos no tempo da seca, por causa da castanha. Você sabe, com o passar dos tempos foram cercando, foram fazendo roça, dentro do cercado.

**Aurilene:** E agora esse documento é importante por causa da eólica?

**Francisca:** Não, é importante pra saber realmente quem eram os vinte e três donos.

**Aurilene:** Mas não tem torre lá agora?

**Francisca:** Não, nessa parte não tem não. A cerca pegava aqui da fonte, subia a serra do Cruzeiro e travessa lá pra detrás.

**Aurilene:** Então a comunicação era bem difícil, quando sabia da notícia era com tempo?

**Francisca:** Era com o tempo, mandava um recado, mandava um bilhete, tia Tuda disse que tem as cartas de tio Simão quando ele tava em são Paulo, as cartas de

mãezinha. Isabel essa que é especial tio Simão levou pra fazer um tratamento em São Paulo, ela passou um tempão lá, ela não falava nada.

**Aurilene:** Algumas pessoas iam pra São Paulo também?

**Francisca:** Esse tio meu que tá velhinho passou um bom tempo em São Paulo, Anastácio que foi também nesse tempo, tem o Crispino que é mais velho, que é assim chega aqueles tempo de seca e aí as pessoas não tinha perspectiva.

**Aurilene:** Mas quando foi que chegou o rádio aqui?

**Francisca:** O primeiro radio, foi meu aí que comprou um, e tio Zezé o sogro dela. Sim o de tio Simão foi o primeiro, o de tio Simão chamava rádio de móvel, e aí ele tinha a casa grande, ela tá li em pé ainda, descobriram ela. Aí ele levava os meninos tudo pra dançar lá, ah o rádio foi nota mil! a gente ia pra casa de tio Simão para assistir a festa da Casa Grande, aos domingos.

**Aurilene:** Onde que produzia a festa da Casa Grande?

**Francisca:** Era em Petrolina, na Emissora Rural, era Carlos Augusto que fazia o programa.

**Aurilene:** Vocês não pegavam as rádios de São Paulo?

**Francisca:** Não, a gente pegava a rádio Sociedade em Salvador.

**Aurilene:** E outras rádios?

**Francisca:** Não a gente não pegava não, mais era a rádio Sociedade, mais a noite. Mas, pegava São Paulo também, eu lembro tinha também a rádio Tupy, tinha uns canarinhos, muitos violinistas que catavam, eram cantores poéticos, tinha muito, a gente assistia.

**Aurilene:** A senhora lembra em que ano que Simão comprou?

**Francisca:** Foi mais ou menos nos anos 60, eu não posso precisar bem o ano, mas foi de 65 em diante, porque o de papai foi em 66. Primeiro foi o de tio Simão, o rádio de móvel, que ligava aí, e o toque dele tocava alto, tando perto você escutava a voz. Era a pilha. O de papai era um Philips lindo, não sei porque jogaram o rádio de papai fora, era lindo, ele era portátil. Era do mesmo de tio Zezinho, acho que o Manoelzinho comprou, mas foi depois, ele era uma pessoa muito influente aqui também, ele tinha comércio, ele é uma pessoa muito boa, ele ajudou muito papai, nossa família era grande, fazia um preço melhor. Ele comprava algodão, comprava mamona, comprava garrafa. O comércio de meu sogro era maior, meu sogro tinha caminhão, mas Manoelzinho sempre comprava. Quando Zuca vinha, finado Janjão, Janjão era irmão de tia Mariinha, aí o Zuca vinha direto, ele vinha com dois caminhões, ele tinha um motorista chama Antônio e tinha Janjão. Janjão era irmão de tia Mariinha, esse teve uma morte, foi infarto. A festa de São Pedro era falada, professora teve tempo aqui que tinha sessenta carros, era muita conhecida. Eles vinham.

**Aurilene:** Tinha tempo que era movimentado?

**Francisca:** Tinha, assim quando era aqueles anos de mais produção, e essas festas, as festas juninas, que era 29 de junho a festa do padroeiro, era sempre muito.

**Aurilene:** Por que era São Pedro o padroeiro?

**Francisca:** Ah São Pedro! papai foi quem me contou, um dia eu fui contar serviu até de, as pessoas acharam que eu queria saber demais, porque assim, papai foi quem me contou, não é verdade. Tio João Cesário, o pai de Zeca foi quem contou que os antigos da família dele, esses Pacheco eram historiadores, tem um padre ali no Piçarrão que é uma enciclopédia, ele sabe das histórias da família. Tio João Cesário contou a papai que foi uns engenheiros que tiveram de medir as fazendas no município, quando eles chegaram aqui que viram tanta pedra, disseram não, esse aqui não pode ter outro nome, esse aqui é São Pedro, por causa das pedras. Por Pau de Colher que é a fazenda onde meus irmãos começaram estudar, lá a cacimba é de riacho então tem uma mata de Pau de Colher, aí eles disseram essa daqui vai se chamar Pau de Colher. Passaram quando chegaram na Lagoinha pra cá, onde Pipiano morava, que chama cachoeira, o riacho faz uma cachoeira, aí eles botaram o nome, aqui vai se chamar Cachoeira, pra cá que chama Lagoinha, tinha uma lagoa grande no riacho mesmo, aí eles botaram o nome Lagoinha. Tem os Murrins, os Murrins botaram porque tem uns marrotes, eu fui contar um dia aí me disseram que eu tava sabendo demais, eu tô contando a realidade. Foi tio João Cesário quem contou a papai. Uma pessoa veio me dizer que o nome de Pedro era por causa de zé de São Pedro, meu pai, o Zé de São Pedro é de ontem, aí botaram o nome de São Pedro porque os engenheiros foram demarcando, eu sei que o Zuca sabe, ele sabe onde é as extremas, a extrema da fazenda Cachoeira, com a fazenda Juá, o Zuca sabe, eu não sei.

**Aurilene:** Aqui vocês chamam de fazenda?

**Francisca:** Aqui é, hoje a gente chama povoado porque aumentou o nome, mas era a fazenda São Pedro, aumentou a quantidade de pessoas, porque aqui já chegou a ter seis casas de farinha e tinha quarenta casas antes do pessoal começar a sair. Com a mudança de Sento Sé (construção da barragem de Sobradinho) parece que as pessoas ficaram com medo de ficar longe da comarca foram saindo. Piçarrão cresceu, meus pais foram embora pra Piçarrão, Manoel meu irmão, essa casa aqui era dele, aí o pessoal foram saindo. Todo mundo, mas em busca da escola, queria ir pra botar os filhos pra estudar, que graças a Deus a gente não cresceu tanto no conhecimento, mas melhoraram. Tem muita gente hoje graduada na nossa família, já tem advogado, tem médico, tem fisioterapeuta. Tem um grande número fazendo direito. O sonho de papai era colocar esse povo na escola. Não é porque é meu pai não, ele era de uma inteligência nata, ele só tinha estudado três meses e tinha noção do governo Brasil, do Senado Federal.

**Aurilene:** Onde era que ele aprendia, era no rádio?

**Francisca:** Ele era nato, ele mandava sempre a gente ler. Porque hoje professora os meninos chegam na 7ª série se você perguntar quais são os estados do nordeste não sabem, naquele tempo não, os estados já estavam relacionados na cartilha, aí ele mandava nois ler e ele aprendia, ele tinha noção das coisas.

**Aurilene:** Eu pergunto porque muita gente aprendeu muito bem ouvindo o rádio.

**Francisca:** É, eu sei que o rádio influenciou. Mesmo antes do rádio papai sabia as quatro operações, eu achava demais! Nois tinha dificuldades.

**Aurilene:** E esses livros vinham de onde?

**Francisca:** Esses livros? Porque minha irmã saiu pra estudar, quando ela veio trouxe, professor ainda lembra da admissão, essa admissão era uma relíquia. Eu não sei a daqui de casa que roteiro levou.

**Aurilene:** A senhora chegou fazer admissão também?

**Francisca:** Eu estudei muito admissão, eu peguei ela, lembro que tinha problemas que só resolvia com regra de três, eu não sei regra de três hoje imagina naquele tempo.

**Pai de Aurilene;** O Mobral chegou por aqui?

**Francisca:** O Mobral eu fiz um trabalho no Mobral em setenta, ainda perderam meus boletins, terminou o mobral e a gente não recebeu o dinheiro. Fui professora do Mobral em 70, a professora que nos treinou foi Carolina, ficava ali naquele espaço das irmãs chamado espaço em Sento Sé velho. Espaço dos assustados. Foi uma benção o treinamento. O Mobral foi muito útil, mas infelizmente as vezes as pessoas não valorizam. Eram quatro, eles vinham daqui da Gameleira do Bento, vinham à noite e é onde, vinham a pé e voltava, teve um que soube aproveitar, depois ele foi embora daqui e precisava de um emprego, aí um primo dele, Mário da Sucam disse: rapaz se você tivesse pelo menos o primário, aí ele disse: rapaz eu só fiz o mobral. A Secretária da educação era a professora Maria Roberta de Silô, ele ligou pra mim e queria que eu fizesse alguma coisa por ele. Ele tinha o boletim do Mobral que eu tinha preenchido tudo, ou não posso lhe dizer que você tem o primário, porque é só o Mobral, depois você me liga. Aí eu fui lá conversar com Maria Roberta e quem precisa é quem se move, quando cheguei lá ele já estava, não esperou pela resposta não. Eu conversei com ela e ela disse que não deixaria um pai de família com fome, nois vamos ajeitar e vai preencher o boletim da 4ª série, sei que ela assinou tudo e entregou a ele. Tem uns seis anos que encontrei ele, e diz ah! minha comadre quando eu lhe vejo! Eu batizei um menino dele, mas nem se criou. Quando eu lhe vejo não posso esquecer que você facilitou minha vida. Sabe quanto ganho hoje? Eu ganho sete mil cruzeiros e vou me aposentar e só trabalho de sete as onze, tem plano de saúde ele a esposa, trabalha na Sucam.

**Aurilene:** A senhora é uma referência como historiadora e já ouviu muita história dos antigos. Como as pessoas contavam as histórias?

**Francisca:** Essas histórias eram contadas, naquele tempo não tinha televisão, eram contadas à noite, a gente se encontra, a minha vó Luzia era muito historiadora, ela gostava muito de falar, inclusive ela me contou histórias de Lampião, chegou a tocar nos cabelos de Lampião, chegou a colocar os dedos dentro dos cabelos dele. Teve coragem minha vó! Foi na fazenda Poço da Pedra, fica em Juazeiro, perto da Abóbora, naquele meio ali era localidade deles. Ela disse que Lampião não era uma pessoa tão má não, ele era uma pessoa revoltada. Não justifica a violência que ele fez. Ela disse que tinha muita vontade de ver Lampião, aí o marido dela dizia: destar Luzia quando ele tiver por aqui por perto eu te levo, parece que Antônio era manicaco, você sabe o que é manicaco? Manicaco é o marido que faz tudo que a mulher pede. Aí ela disse que Antônio selou um cavalo e disse: vamos Luzia, ele está na Abóbora. Aí eu sei que minha vó foi, quando chegou lá disse: esse é o famoso capitão Virgulino Ferreira, aí ele disse: é ele mesmo, aí ela disse: aqui é Luzia Maria de Santana. Ela disse que o cabelo dele era liso como cabelo de índio. Colocou as mãos no cabelo e apresentou esse é meu marido Antônio. É porque capitão falam, falam em Lampião e eu queria lhe conhecer, ele agradeceu muito, aí ela foi embora. Ela era tão destemida, que um dia ela tinha uma arma, eu ainda conheci, era uma garruncha de dois canos. Ela só vestia a saia dela era daqui e tinha um bolso embutido pra ela usar a arma. Aí ela disse que tava recente que tinha comprado uma garruncha, aí você sabe como é coisa de comunidade, quando ela vinha chegando disseram assim: olha a revolta do governo passou aqui e levou sua arma. Ela, o que menino? Carregou minha arma? Pois eu tenho documento, nota fiscal, eu vou buscar, se tiver no fundo do mar eu vou buscar. Ela era debochada, aí ela disse, eu sempre gostei de ter um chinelo e uma roupa passada, porque antigamente as roupas eram poucas não é como hoje que a gente tem um monte de roupa e ainda diz que não tem. Aí minha vó disse que foi, quando chegou lá tinha um monte de homem, os homens se assustaram quando viram. Lá vai ela, aí disse, eu quero falar com o comandante, aí disse: é o major fulano de tal, ela disse que quando chegou lá a arminha tava pendurada num saco. Ela disse, oh major o senho, o senhor passou na fazenda do Poço da Pedra e pegou uma arma que tava lá em casa, e aquela arma é a arma que eu sustento a casa matando mocó e o senhor pegou a arma e trouxe. Aí ele disse: não, minha senhora aquela arma é considerada arma curta e vocês podem armar o Lampião. Não. Não vou dá minha arma a Lampião não e eu vim buscar minha arma, e eu vou me sentar aqui. Ou o senhor me devolve a arma. Disse que tinha uma poltrona. E eu vou sentar aqui e vou mandar buscar meu marido lá em casa e meus filhos e o senhor vai nos sustentar pro resto da vida. Disse que o homem ficou assim sem graça, aí olhou pro outro que tava assim e disse: rapaz entregue a arminha da mulher, aí foi lá pegou a arma e entregou. Papai contava uma história engraçada, diz que ele tava mais meu tio Miguel, esse que disse que morreu de repente e ele só soube depois de dias. Ele disse tava assim numa, quando viu um monte de soldados, e o povo dizia que Lampião chamava o soldado de macaco e meu pai aprendeu. Aí ele disse: Miguel! Que é menino? Vem ver como vai ali de macaco, aí disse que os homens deram risada e foram embora. Aqui mesmo Lampião passou aqui mesmo no São Pedro, acho que foi em 1932, eu sei que quando ele veio eu não sei precisar a data. Ele passou lá no Pau Ferro, minha

vó mandou minhas tias irem pro mato, com medo porque quando ele fazia festa, chegasse botava as filhas fossem de quem fosse pra dançar com os capangas dele. Aí minha vó mandou elas irem pro mato se esconder mais Dudu, Neide, foi tia Maria de Pedro Roberto, foi minha avó Antônia. Dudu foi se esconder no mato com as moças. Aí minha vó foi pra casa de Feliciano. Feliciano morava mais bimba que a filha dela mais velha já era casada, aí Feliciano morava bem pertinho da aguada. Tinham plantado uma cana, a cana tava a coisa mais linda. Aí Lampião passou na casa de minha vó, a casa de minha vó tava fechada, pegou rifle deu uma pancada, a porta caiu pra dentro, quebrou o pote e deu água aos cachorros dele, deixou a porta aberta e não deu nem atenção, achou que era alguém se escondendo dele. Aí quando chegou na aguada mesmo, viu a cana verde, aí disse pra tio Biba e outro: anda barba de Herodes, pega esses animais e joga ali dentro daquele capim, aí tio Biba disse ali não é capim não ali é cana, seja lá o que for, cavalo não come cana não? Disse, come. Então pronto, bote dentro. As meninas só vieram chegar no outro dia de manhã depois que Lampião se foi. E ele disse junte outros animais, se vire aí, esses daqui você vai levar nas traíras e os outros me dê pra levar os animais que não estavam cansados. Aí tio Biba teve que se virar nos trinta, juntou os animais e deu pra ele, e ele foi embora. Pois é professora, assim é a história, essas histórias a gente ouvia deles e eu tenho pena de não ter escrito o que eles falavam. Tinha uma tia nossa chamada Maria que eu disse que foi a primeira a nascer, quando eles vieram de Pernambuco. Ela tinha uma expressão pra endossar qualquer coisa que a gente falasse. Você dizia isso assim, assim, ela dizia é como isso, isso e isso. Ela era de uma sabedoria incrível, se você gostasse de fazer as coisas, ajudar os outros, ela dizia: minha filha não se faça mel, senão as abelhas lambem.

### **São Pedro - antes da eólica**

Antes da eólica no período que antecedeu estava assim, o pessoal indo embora, atrás de serviço, as casas fechadas, as pessoas procurando um meio de sobreviver, só ficavam aqui os aposentados, essas pessoas já têm seu sustento.

Os outros; uns iam para Sento Sé, Juazeiro, as vezes quando não dava certo, retornavam, mas tava assim aquela moradia insustentável. Eles queriam assim um meio para se sustentar e ficar aqui, mas não estava havendo condições de ficar. Em 2006 foi logo na chegada da energia elétrica, vieram três homens, chegaram procurando uma terra extensa para alugar, a terra teria que ser documentada, foram na casa de meu primo Honorando, ele disse aquele homem ali tem, que seria Manoel Liberato dos Santos, meu sogro. Aí eles vieram, Dr, Ricardo, Dr, Edson e Dr. Carlos Rogério, eles queriam uma terra grande cercada para montar uma torre de teste para medir a intensidade do vento. Essa torre garantiria a probabilidade de montar outras torres de testes de geração de energia eólica. Foi feito o contrato, depois foi chegando o material, umas engrenagens de ferro muito grande, foram montar na fazenda de

meu sogro, lá na Pedra Branca. Lá montaram a primeira torre que ficaram medindo a intensidade do vento. Esse Júnior ficava fazendo a medição de oito em oito dias. Depois veio seu Lelis topógrafo, esse topógrafo vai fazendo a análise de quantas variantes, viabilizar os acessos. Cada dia o projeto foi andando, com isso, outras pessoas com áreas menores foram se interessando, procurando a empresa para também alugar, que o aluguel é assim: eles pagam anualmente cerca de R\$1.200.00 por ano. Aí outras pessoas foram procurando, outros moradores. As pessoas que tinham terra no local foi mandando variantar suas as terras e foi se aproximando

**Aurilene:** Variantar é separar, tipo uns piquetes?

**Francisca:** Variantar é separar, por exemplo tem a sua tem a minha, antes não eram cercadas, só quando alguém fazia uma roça, a de meu sogro era cercada, ou as vezes eles variantavam que tinha uma área grande de tio Zé, de tio Berto, acham que elas tinham sido variantadas, os variantes eram tudo fechadas, eram documentadas, e muitas não eram, era só porque tinha uma roça, outro tinha uma rocinha ali perto, a torre foi perto. Aí veio o período que eles foram demarcando o lugar de fundação das torres, com essa oportunidade eles foram empregando o povo da localidade, não empregou todo mundo, mas chegou a empregar quando o projeto tava andando, empregou algumas mulheres. Até hoje tem mulheres, para trabalharem na cozinha, como servente,

**Aurilene:** Logo eles fizeram um escritório?

**Francisca:** no início o escritório era aqui eles alugaram, ficaram um bom tempo aqui, mas já preparando um terreno onde eles queriam fazer o escritório e a câmara fria, é lá onde tem tudo, os computadores. Com o passar do tempo foram empregando gente para fazer os galpões, as câmaras frias, os escritórios, aí foi preparando. A inauguração do primeiro parque foi em 2013, o primeiro parque tinha 42 torres. Nesse período tinha muita gente daqui e muita gente de fora empregada, alguns porque não queriam outros trabalhavam avulso porque já estava perto de se aposentar. Meu primo que alugou a casa para empresa nunca quis assinar a carteira, trabalhou muito tempo para empresa, até pouco tempo.

Quando terminou a inauguração ficou fraco de emprego, mas depois veio o segundo parque, novamente muito emprego pessoas para trabalharem no restaurante, as vezes trabalhavam à noite, revezavam, a pessoas se ajudaram muito, a empresa ajudou muito, nessa época aqui poucas pessoas tinham transporte, poucas pessoas tinham moto, hoje acho que aqui não tem uma casa que não tenha carro ou moto, poucos compraram com seu dinheiro, a nossa por exemplo compramos sem ser da empresa, mas a maior parte dos outros foi porque trabalhou para empresa, da renda das terras, dos royalties que é por mês, então foi um elevo, é inegável dizer.

## As tensões/contradições

Tem pessoas às vezes reclamando que deveria colocar torre aqui, torre ali, e não é, a empresa não vai se adaptar a mim, nois é que temos que nos adaptar, onde é que vai fazer o projeto, onde é que vai ter o gerador, empresa quem sabe, não pode eu chagar e dizer tem que colocar um aqui, outro ali.

**Aurilene:** Algumas pessoas questionam, e a quem elas questionam?

**Francisca:** Comentam com as pessoas da empresa, tem um rapaz que ele era corretor, ele até tá andando pouco aqui, porque é assim, ele ficou insatisfeito com tanta cobrança, aí dizem que ele disse que ia render x, a nois ele nunca disse, se ele enganou alguém foi a outros a nois não.

**Aurilene:** Ele é representante da empresa?

**Francisca:** Ele é corretor, ele chega atrás da terra, é ele quem negocia mas, analisando os pros e os contras, eu sei que a empresa ajudou

**Aurilene:** Esse corretor atende no escritório, ele tem horário?

**Francisca:** Ele ia casa a casa, e aqui na empresa ele vem muito aí, e antes quando ele vinha ele vinha de casa em casa, mas devido algumas insatisfações ele não tá andando, mas, aí na empresa se alguém tiver alguma reclamação procura Diego.

**Aurilene:** A senhora liga ou vai lá?

**Francisca:** Não... vai lá, porque daqui pra lá não tem como ligar, é só chegar na portaria a gente conversa, tem uma menina também a Sabrina, ela veio no início também, dizem até que ela está de licença maternidade, ela também é assim se tiver alguma reclamação, por exemplo um atraso do dinheiro, de pagar os alugueis, se falar ela liga pra Recife entendeu, eu acho o pessoal lá bom, não tem dificuldade de falar com eles.

## Os impactos ao meio ambiente

(SEO CHICADA, ESPOSO DA PROFESSORA FRANCISCA) Eu sei que houve escavação, eu tenho pena dos umbuzeiros, porque isso é muito nosso, cortaram os umbuzeiros que nois tinha muito amizade, eles cortaram para fazer estrada, eram quatro umbuzeiros, os bichinhos juntos, onde as ovelhas descansavam, mas nem deu certo a estrada. Eu sinto essas coisas, mas é do desenvolvimento. Mas ali também dependeu muito nem foi do pessoal da empresa, mas dos daqui que tavam fazendo, que poderia dizer: não vamos fazer por aqui não, vamos fazer por aqui.

**Aurilene:** Como era o envolvimento da comunidade com a obra?

**Francisca:** Claro acontecia essas coisas e às vezes a comunidade ficava calada, eu mesma acho que foi a única que falei a seu Lelis, eu disse: seu Lelis tão acabando com os umbuzeiros, não deixe fazer isso, porque um pé de umbuzeiro é coisa de muita valia, não só pra nois, mas para os animais, mas para os bichinhos, para os pássaros. Eu sei que um dia eles vinham com uma máquina em tempo de destruir um e não destruíram.

**Aurilene:** Então a senhora acha que faltou mais entrosamento da comunidade?

**Francisca:** Faltou, é aquela história: doutor Djalma disse! Entendeu? É como hoje não, a empresa tá fazendo, eu não vou dizer nada pra não ficarem com raiva, não é ficar com raiva, ser educado, conversar com as pessoas sugerir, dar opinião, não é ser mal educado de jeito nenhum. É ser humilde, e ser sincero, se não tá bom, diga que não tá bom. Mas assim, a gente já sabe que em desenvolvimento tem essas coisas, não tinha como eles botarem as torres se não desgastassem um pouco o meio ambiente, porque na verdade são muito grande, a gente vê o tamanho delas, são grandes, se você vê o tamanho do alicerce, é um mundo.

**Aurilene:** Qual a medição?

**Francisca:** 25 m<sup>2</sup> foram 500 sacos de cimento. É grande demais, de concreto.

**Aurilene:** Quando foi que eles começaram as escavações?

**Francisca:** Em 2009 as variantes, em 2011 meu sogro morreu, eu acho que meu sogro não tinha estrutura para ver, meu sogro nois chegava da lenha ele pegava um pau aqui botava no outro, o senhor acha que ele aguentava ver o que fizeram na roça dele? Aguentava não, porque ele não queria que destruísse nada.

**Aurilene:** Ele acompanhou um pouco?

**Francisca:** Acompanhou um pouco, mas em 2011 ele morreu,

**Aurilene:** Quando começou, ele ficou triste?

**Francisca:** Não, quando começou ele ficou sempre regrado, se fosse pra abrir a cerca dele pra fazer uma porteira\ num lugar, quantos pés de paus já cortaram, e ele não viu abrir as escavações das torres, oxe ele não guentava não! Ele participou do início, mas ele já tava doente, quase nem ia, só os meninos que iam e quando chegava ele perguntava, mas não cortaram muito não? Mas ele não tava acompanhando, se ele fosse forte e sadio, ele tava lá era no pé, ele dizia não faz e não faz não.

**Aurilene:** Alguém resistiu muito?

**Francisca:** A resistência deles aqui foi porque houve um problema que eu acho também que teve uma certa injustiça. No dia que o governador veio já tava projetado o próximo, e meu tio esse que tá com 88 anos e minha sogra eram os dois mais velhos da comunidade, então eles dois foram escolhidos para subir no palanque, aí o governador perguntou qual seria o valor de uma torre? Disseram, tu sabe como é coisa de comunidade, uns ouviram que era uma fortuna, acharam que todo mundo ia

ficar rico, nois mesmos já estava ficando com medo de andar. Os que entenderam que era muito dinheiro, aí ele perguntou qual seria o próximo projeto, aí falaram Muçambé e Banda de couro. Eu sei que eles deram o nome do projeto de meu tio e o governador parabenizou tio Zé porque ele ia receber o dinheiro, eram quatorze torres, a fundação não eram as torres. Olha o que aconteceu, eles tiraram de lá e botaram na roça de um tio meu, não te falei das Lages dos Negros, tiraram os de cá e botaram nos de lá, e botaram os mesmos nomes. Foi dito em público o governador disse, só não tava feito o pé. Aí meus primos e meu tio ficaram insatisfeitos teve um primo nosso que eu acho que ele morreu com raiva, ele tinha um problema de estômago e acho que isso acelerou. Teve um dia que ele disse aqui em minha cozinha que ia morrer, aí eu disse: tá repreendido em nome de Jesus! Porque ele era muito justo, esse primo meu. O Manoel, meu irmão, me contou, ele me contou, não foi agora com esse acontecimento, que ele era um homem justo o nome dele era Osvaldo, mas foi pra trás. Ele plantou uma cebola com Manoel meu irmão, no ano que Manoel ficou viúvo, e choveu e a cebola não valia nada, ele sabia que não ia ganhar nem R\$ 0,50, mas ele colheu todinha botou pra secar e entregou a ele no saco. Aí ele não aguentava, disseram que o governado não tinha dito, eu sei que ele foi atrás e conseguiu a gravação, no dia que ele morreu o pessoal da empresa ficou muito triste, queriam saber se eles podiam vir. Tinha um de Recife, ele disse até uma coisa que eu não gostei, mas eu não quis reclamar, o nome dele era Valentino, ah seu Osvaldo tem filho mais que...é o jeito de pernambucano. Eu sei que esse primo meu não resistiu a esses insultos, ele se sentiu acuado. Eles alegavam que os projetos, é assim, no primeiro projeto teve três torres na fazenda de meu sogro que tiraram de lá e nois não dissemos nada, mas nem todo mundo é a mesma coisa. Sei que por muito eles lutarem, colocaram seis torres, mas eram quatorze.

**Aurilene:** Eles alegaram o quê?

**Francisca:** Eles tiraram de lá porque lá era menos o vento, eles não disseram, eles não chegaram a dizer, mas foi nois que descobrimos que lá não tinha o mesmo vento. Eles disseram que o nome não tinha nada a ver, mas a empresa é quem decide. Mas eles tinham feito para colocar lá. Eu não sei também se eles não fizeram para expandir no tamanho o projeto, que pra cá ficava lado a lado, e aí ficava mais extenso, eles tavam levando também pra Sobradinho e pra cá, essas de meu tio era bem cá pra baixo. Até hoje isso corre na justiça, os filhos de meu primo Osvaldo José dos santos, ele tem nove filhos, não foram só os filhos que botaram na justiça, mas também os irmãos dele. Eles tinham assinado o contrato do aluguel.

**Aurilene:** Nesse caso, eles que botaram a empresa na justiça porque eles já tinham assinado o contrato de aluguel?

**Francisca:** Às vezes o documento é amplo e a pessoa não quer nem ler, outros não entendem, e outros nem sabem ler. (1% do faturamento) é de cada torre, é capital fechado e ninguém sabe o que é isso. Tem um rapaz que trabalha lá. Ele foi quase criado com minha irmã em Juazeiro, ele hoje é (funcionária) dessa empresa. Aí marcou com minha irmã que vinha uma noite aqui, mas nunca apareceu, não quer

contato. Ele é um dos tirador da leitura aqui. A empresa viu nosso contato com ele, não estou dizendo que foi a empresa, acho que ele ficou com medo.

**Aurilene:** Algumas pessoas alugaram as terras, aí eles não fizeram nada. É só para pesquisa?

**Francisca:** É só para pesquisa, agora tem essas que tão supondo que vem aí o terceiro parque, se o terceiro parque vier, então vai ser explorado outra parte. Até minha prima que é casada com o irmão de Romualdo, se vier, a maior parte vai ser deles.

**Aurilene:** Com a vinda da empresa, vocês tiveram que teve que negociar as terras, fazer estradas, outras instituições vieram. Eu queria que a senhora falasse sobre isso.

**Francisca:** Junto com a empresa eles trouxeram outras instituições, que são biólogos vem psicólogo, vem professora concursada, para ensinar as crianças. São periódicos, são reuniões.

**Aurilene:** A empresa quem trouxe?

**Francisca:** A empresa que trouxe, assim eles fazem um trabalho educativo, ensina fazer tratamento de água, dá muita noção de higiene, como cuidar da escovação das crianças, como cuidar quando tiver algum animalzinho em casa. Até os cachorros tiveram muito privilégio quando eles estavam aqui, é tanto que quando o carro dos biólogos apontava aqui eles corriam atrás, porque eles cuidavam, traziam ração, davam banho, remédios, se tivesse com coceira.

**Aurilene:** Esses biólogos vieram via empresa. Mas, a senhora me disse que a UNIVASF (UNIVERSIDADE FEDERAL DO SÃO FRANCISCO) esteve aqui?

**Francisca:** Esse pessoal veio fazer trabalho no grotão, só trabalho de pesquisa, era independente, não é da empresa;

**Aurilene:** Eles vieram fazer pesquisa nos animais da região?

**Francisca:** Não, eles vieram fazer pesquisa com as pinturas rupestres, vieram fazer até uma limpeza. Eu não estava aqui no dia.

**Aurilene:** A senhora falou de um pessoal que veio para ver os animais que caíram nos buracos?

**Francisca:** Os biólogos ficavam direto fazendo acompanhamento, pra ver se houve algum dano com os bichinhos, podia ser um rato, uma cobra, um preá, uma onça.

Esposo da professora Francisca, agora aqui tem uma menina chama Cláudia, ela de vez em quando vem, mas é negócio de coisa da onça.

**Francisca:** Essa Cláudia é paga pelos empresários.

## Sobre o Parque Boqueirão da Onça

Nois pode não fazer parte, mas nossas terras devem fazer parte, se vai passar aí perto, nossas terras são bem mais pra dentro. (CONTATO) A Cláudia faz sempre, ela já fotografou onça pintada, onça vermelha. Eu pensava que ela era do governo, mas não lembro bem quem foi a pessoa que me disse, não a Cláudia não é do governo não, são empresários que pagam a ela pra cuidar das onças. Parece que foi Tuda minha cunhada quem disse, ela tem muito contato com Cláudia.

## A relação do governo com as empresas e com a comunidade

O pessoal do Inema vem sempre, ficam observando negócio e madeira, conversam com a empresa pra saber como está a devastação.

**Aurilene:** Aqui tem associação de moradores? Funciona?

**Francisca:** Tem sim funciona um pouco, é o Barto meu primo o presidente. Aí quando tem as reuniões do banco, Banco do Nordeste, ele convida o pessoal, as vezes é no prédio. E quando tem essas reuniões da empresa, agora eles disseram que vão fazer um parquezinho, vão fazer um centro de reunião, já está até começado, não foi bem a empresa quem começou, foi a família. Mas, disse que eles vão fazer para beneficiar mais o lugar.

**Aurilene:** Mas a empresa hoje tem um cronograma de reuniões com a comunidade, com vocês?

**Francisca:** Não, só quando os biólogos vêm, eles avisam. Agora mesmo tem essas biólogas que estão vindo, eram três, agora são duas. Quando eles vêm não tem um cronograma, mês que é data tal, mas quando eles vêm que vai ter outra elas marcam. Ela falou agora que vai ficar quase todo mês.

**Aurilene:** Elas vêm e fazem reunião com vocês, sobre o que?

**Francisca:** Sobre os animais; se tão gostando da empresa, são trabalhos educativos, o que tem a reclamar, tudo eles perguntam. (SOBRE O QUE FALAM) - Seres vivos, né, o que está sendo contaminado, mesmo que alguma pessoa pergunte (sobre os problemas das terras) mas como elas dependem aí você sabe, nessas informações vocês procuram fulano, procuram lá na empresa. Elas não querem se meter nisso, elas são funcionárias.

**Aurilene:** Pelo que eu entendi vocês acham assim, quando a empresa chegou principalmente que vocês deveriam ter participado mais.

**Francisca:** Eu acho que a gente perdeu nisso aí, até, por exemplo, por ter uma árvore muito grande, muito bonita, e não devia ser destruída, ou poupe mais, se der pra livrar

não destrua, não arranque por arrancar, porque são nossos, não vamos ver mais uma umburana nascer, nem um umbuzeiro frutificar. Se não cuidar do que tem agora como é que nossos filhos, nossos netos, a destruição que nois concedemos que fosse feito.

**Aurilene:** Além do documento que cada um de vocês tem, do contrato, tem panfleto, eles mandam alguma coisa escrita pra vocês?

**Francisca:** Eles mandam os recibos do pagamento, eu só não recebi os recibos do aluguel, mas a moça disse que se quisesse pegar é só ir na empresa, mas do gerador eles mandam todo mês. E assim Aurilene, tem sido algo muito benéfico, a gente não pode negar.

(ESPOSO DA PROFESSORA CHICADA) – A gente hoje fala que a estrada é ruim, mas ruim era antigamente que você não vinha com esse carrinho, você não vinha hoje. A gente diz, a estrada tá ruim.

**Francisca:** Eles trabalharam, mas era um pessoal muito bom, um dia mesmo eu fui procurar umas ovelhas já vinha cansada mais o Chicada, eu vou já parar esse caminhão, aí parei o caminhão e perguntei ao rapaz se tinha água, ele disse: oh minha senhora eu tenho uma água aqui, mas é uma água que botei na garrafa há dias, a água de beber acabou. Aí ele disse: vocês vão parar aqui? Aí nois dissemos vamos, más só vou até a entrada de Pedra Branca, nois dissemos, não, tá bom. Quando chegou eles disseram não, vamos deixar vocês em casa. Quer dizer assim são pessoas humanas.

**Aurilene:** A senhora disse o seguinte: quando a empresa chegou tinha muita gente, eles trouxeram trabalhadores também, circulava muita gente no povoado?

**Francisca:** essas pessoas não circulavam aqui, aqui era o mínimo, agora muita gente era lá mesmo no projeto, as que não ficavam lá iam dormir em Piçarrão, aí aqui era assim, mais aquele pessoal de pesquisa, era quando estava o número pequeno que o escritório era aqui, mas assim, no auge do projeto que tava trabalhando muita gente ia dormir em Piçarrão. Aí acontecia às vezes vir para aqui tomava sua cerveja. Quando eles vieram pra cá eram tão sigilosos com as coisas que tinham o aparelho para saber como era a zuada com as torres e sem as torres, como era só nois e como era quando tinha mais gente.

Tinha umas meninas especiais, aí eu ficava preocupada, não te falei que uma arranjou um filhinho, mas não foi dos homens da empresa. Eu viajava e meu marido via ela perto dos homens, mas não era atrás dos homens não, era de um rapaizinho que ela queria namorar daqui. Aí um dia falei com eles, olhe tem essas meninas aqui especiais, elas são adultas assim, mas são crianças, elas são adultas assim, mas são crenças.

**Aurilene:** Com relação ao barulho mudou alguma coisa?

(BARULHO DAS TORRES) - elas zoam um pouco, que ficou essas daqui desse lado. Não é uma zuada tão grande nesse período, agora no período de chuva, porque você

sabe que no período de chuva as coisas parecem que ficam mais próximas né, elas zoam muito, zoam que chega incomodar, as de cá nem tanto, mas as daqui.

## **SÃO PEDRO: O CAMINHO DO VENTO**

(O VENTO NO POVOADO) - Nois sabia toda vida que tinha vento, não que ia vender vento! a única pessoa que dizia que ia vender vento era eu, sem saber nada, dizia ingenuamente. Um dia mesmo no custódio uma colega minha disse: mulher quando eu passo no Piçarrão, eu me lembro o tempo todo de você. Por quê? Porque eu vejo as torres mulher, tu vivia dizendo que ia embora pro são Pedro vender vento. Aí eu digo, ah! Mulher era mesmo, eu nem sabia O que era eólica mulher!

**Aurilene:** E a senhora dizia por quê?

**Francisca:** Eu dizia, por que aqui não tinha outra coisa. As colegas ficavam é mangando que eu disse que queria logo completar meus tempos pra vir para qui, pra fazer o que? Vender vento. Aqui tinha vento, era o que tinha pra vender.

**Aurilene:** Chegava a incomodar?

**Francisca:** Quando ele tá muito ele incomoda, aqui quando é de maio a setembro, às vezes não chega o mês de setembro todo, mas agosto, tem vento, vento que você tem medo de sair aí na malhada e vento lhe torcer, as vezes vou de noite na casa de minha sogra e a gente vem de lá pra cá e o vento vem querendo nos trazer de rolo. Dr Ricardo e os outros pesquisadores que disseram que aqui é o caminho do vento, isso é como o rio, o rio não tem o leito que passa as águas? O vento também tem. Eu dizia por dizer e hoje estou vendendo! Agora é engraçado o poder da palavra, quando eu ganhei meus filhos, todos foram cesáreo, aí eu ia pra Juazeiro, eu ficava inconformada por que lá tinha luz elétrica e água, eu chegava no lugar de minha pia, pegava assim na mão para abrir a torneira. Eu dizia todo dia que vinha luz elétrica para aqui, eu dizia todo dia que ia ter luz e água. A irmã Jandira diz que quando pende pra cá diz: Deus fez cumprir o que Tainha dizia, ia ter luz e água. Por que faz falta, né Aurilene? Ah minha gente você ter que lavar louça, a gente pegava na cacimba, botava lata na cabeça, carregava. Eu enchia dorna, porque eu tinha raiva de faltar água.

## **O cotidiano hoje/tensões e contradições**

Hoje aqui muita gente cercou ao redor de suas casas, umas plantam batata, que é uma coisa que não dá muito dinheiro, mas meu tio disse que ontem vendeu vinte quilos e ainda tem muita. Plantam capinzinho, leucena para dar ração aos bichos, um pé de banana, assim no muro, coisa pouca. Mamão, tem um primo meu que tem 200

pés de mamão e 500 de maracujá, tá lindo, foi ele quem plantou. Outra coisa que ninguém deixa de ter é o bodinho, uns criam ovelha, criam porco, sempre o povo estão atrás de coisas que venham suprir as necessidades deles.

**Aurilene:** Mas antes eram menos cercadas as terras?

**Francisca:** Tá de um jeito que uns ficam chateados porque a torre gera pouco, que queria era muito dinheiro, que cerca fica ruim. Meu marido vai de moto e tem dificuldade de passar, às vezes não é nem roça, eles cercam só um pedaço na terra, nas divisas, só pra provocar mesmo pra empresa não passar.

**Aurilene:** Antes era Fundo de Pasto?

**Francisca:** É só pra cá, aqui pra dentro não tem nada da empresa.

**Aurilene:** Sim, mas mesmo assim tem mais cerca?

**Francisca:** Tem tem mais cerca. Agora mesmo meu primo fechou uma roça, era só Fundo de Pasto, mas o pessoal começou a fazer, um faz uma rocinha, outro amplia uma rocinha dentro da mesma área. Meu primo Carlinho tem até uma moradia, casa com tudo.

**Aurilene:** Porque todo mundo agora quer ter uma terra aqui, né?

**Francisca:** É, todo mundo quer ter, até os que tavam fora, muitos voltaram pra cá, teve foi muitos caçando terra, outros achando que devia ser dono. Porque é assim Aurilene, você talvez não entenda. O documento deixado por meus avós é chamado posse de terra, eles deixaram x valor em dinheiro em posse de terra. Na fazenda São Pedro, na fazenda Urucé, na fazenda Juá, que entra aí Piçarrão, esses lados todo.

Mas o que é posse de terra? Posse de terra é um direito que você tem de demarcar uma área que ninguém cercou, que ninguém cultivou, você pode fazer. Aí gente que saiu daqui quase cinquenta anos, que tem sua estabilidade financeira em outro lugar, de roça, de terra, de tudo, aí quer chegar aqui hoje e ter direito de terra, como é que vai ter? Os que ficaram aqui não eram mortos pra não tá fazendo nada. Quem ficou, ficou cercando pra criar um bode, uma ovelha, pra plantar mesmo a chuva sendo pouca, mas planta, não dá muito, dá pouco.

Muita gente queria ter direito, essa mesma a de meu sogro, nois tivemos o direito, mas muita gente ficou emburrada, achando que devia ser de todo mundo.

**Aurilene:** Tem gente reclamando na justiça?

**Francisca:** Não foi só conversa. As pessoas sabem que se for pra justiça não tem como.

**Aurilene:** Teve gente que veio de fora e cercou?

**Francisca:** Não, só daqui mesmo. Assim que tava morando fora e veio pra cá e cercou. Agora mesmo, Robertinho fechou uma roça grande, ele tinha uma roça em Sento Sé e vendeu, a mulher tava morando em Juazeiro com os filhos, aí ele passou

lá uns tempos. Quem é acostumado ter sua rocinha e ficar dentro de quatro paredes não aguenta aí ele veio pra cá, cercou uma área dele.

**Aurilene:** A senhora me falou também que a empresas tem alguns projetos sociais, de um modo geral como foi? A senhora procurou a empresa para contribuir na reforma do prédio e eles têm outros projetos?

**Francisca:** Eles querem fazer o centro comunitário, querem fazer um parque de diversão e uma quadra esportiva. É assim estão sempre em reunião com o pessoal, eu gostei, eu tive na reunião é porque eu ando esquecida.

**Aurilene:** Mas a reunião acontece onde? Eles que marcam a reunião? Tem um cronograma?

**Francisca:** Não é quando eles vêm marcam a próxima. Ai se eles fizerem mesmo é bom essa quadra e esse local, porque se fizerem um centro comunitário não precisa ocupar a igreja, já teve várias reuniões na Assembleia de Deus, na igreja católica, já teve no prédio escolar, se tiver um local próprio pra reunião, quando eles chegarem está disponível. Eles ensinam também fazer tratamento de água, são trabalhos benéficos.

### **3- ENTREVISTA COM SENHOR JOAQUIM – morador da Fazenda São Romão – São Pedro – 02-11-2017**

#### **A CHEGADA DA EÓLICA: tensões e contradições**

A primeira fazenda a ser arrendada foi a de Chicada. Depois dessa, puxou a rede de energia que já está na CHESF de Sobradinho. Agora estão cortando várias áreas, porque era pra ter mais torre produzindo. Ele tem de intenção de botar uma pra outra com 120 m. Eles estão botando umas com 100 m, outras com 200 m, e fica assim sabe, salteado. E fica atrasado para os proprietários, pra empresa não, a empresa está colhendo os terrenos, pra não vir outra empresa de fora. Você quem precisa é quem corre atrás, aí um chega e oferece um dinheiro a mais do que estão arrendando, aí o cabra já arrenda a propriedade, aí eles, pra não acontecer estão tomando a frente. Foi o caso lá de casa, eles chegaram lá pra arrendar e eu disse não, mas foi esperando chuva, num chove mais. Esse ano a chuva que deu foi pras rama, não criou erva, capim, não criou nada, os bichos tão fracos. Aí eles foram lá de novo para arrendar, eu digo é, eu arrendo, mas ainda voando, por que fizemos a reunião em juazeiro, são tudo sabidão, tudo formado, aí eu disse, rapaz esse um por cento é pouco demais, vocês vão diantar um pouco pra mim, é pouco demais! Só tem valor é a empresa, os proprietários não tem valor, eles podia dar ao menos dois por cento, três por cento, que tem condições de dar. Mas, eles quer é dinheiro demais. Fica muito caro. Fica muito caro não, por que quem está produzindo a energia é a propriedade. Quer dizer

que eles ficam com noventa e nove por cento e o proprietário com um por cento, é pouco! Mas aí é essa história, não tem chuva, aí peguei e arrendei, eles já botaram duas torres de teste, uma ainda falta acabar de completar que faltou os cabos de aço, tá faltando duas emendas, a outra já tá pronta. Só falta botar as lâmpadas. Até agora estou sem saber quanto é que eles vão pagar por essas torres.

**Chicada:** É aquelas torres finas lá, elas que vão medir a quantidade dos vento.

**Aurilene:** O senhor não sabe ainda? O senhor perguntou?

**Joaquim:** Perguntei, eles disseram que depois de botar vai ter nova reunião pra gente conversar. Mas, é um ademora retada rapaz.

**Aurilene:** É o senhor com eles sozinho?

**Joaquim:** Tem um cabra, é quase empresário, neto de véio Etelvindo Dantas, aí botei ele de frente, é adevogado, na empresa dele tem tudo, tem conhecimento, estudo!

**Aurilene:** Ele é de Juazeiro. O senhor conheceu ele? Ele tem fazenda?

**Joaquim:** É de juazeiro,

**Chicada:** Uma parte é de Joaquim, outra parte é do avô dele.

**Joaquim:** Ontem mesmo ele teve lá em casa, foi olhar as torres.

**Aurilene:** E o que é que ele diz?

**Joaquim:** O adevogado mesmo da firma, ainda não tive conversa com ele, tive conversando com o adevogado da empresa, o Elso. Aí ele disse: não, não se preocupe não, vai correr tudo bem. O negócio é correr tudo bem! (risos)

**Aurilene:** Esse advogado, neto de Etelvir, ele diz alguma coisa ao senhor?

**Joaquim:** Não, ele não falou nada, nem conversei com ele.

## **A RELAÇÃO COM AS PLANTAS**

**Aurilene:** Além do senhor, o senhor me disse que tem outras pessoas que tem torres em outras fazendas?

**Joaquim:** Tem, tão espalhando. Pegaram a minha, a de Antonilio, a de Junior, a de Nelitão, que eu tou sabendo já tem quatro, quatro propiedades que já tá incluída, já tão tirando estrada, fazendo balde.

**Aurilene:** Mas essas estradas, tem alguém da comunidade acompanhando, ajudando, ou só são eles mesmos?

**Joaquim:** Não é só eles mesmo, pago tudo por eles.

**Aurilene:** Como é? Porque tem muitas plantas nativas, tem castanha, tem umbuzeiro?

**Joaquim:** Onde tem pé de umbuzeiro não pode arrancar, tem que desviar, fazer uma curva.

**Aurilene:** Isso aí já tá certo?

**Joaquim:** Agora, castanheira, pé de umburana, aí arranca. A umburana se tiver a madeira suficiente pra aproveitar pra qualquer coisa, eles mandam meter o serrote e carregar.

**Aurilene:** Seo Chicada estava me falando ontem que eles tiraram algumas plantas desnecessárias aqui né? Porque não é só o valor, a questão ambiental, a questão afetiva das pessoas!

**Joaquim:** Tem um umbuzeiro que tem muitos anos de idade, aí eles vão e derruba. Quer dizer, falta também nossa que deveria ter acompanhado.

**Aurilene:** Aconteceu muito aqui?

**Joaquim:** Aconteceu!

**Aurilene:** O senhor lembra de alguns casos?

**Joaquim:** Perto daquela torre tinha um pé de umbuzeiro, o que a Chiquinha falou, mas depois que ela falou, eles não derrubaram mais.

**Aurilene:** Mas eles começaram a derrubar o umbuzeiro?

**Joaquim:** Começaram!

**Chicada:** A estrada lá quando encontra um pé de umbuzeiro, faz uma curva, faz uma volta, mas deixa lá.

**Aurilene:** Eles não estão mais derrubando umbuzeiro não?

**Chicada:** Não!

**Aurilene:** Mas tem gente assim que tem amizade que está reclamando que não deveria?

**Joaquim:** Não, até que não! Porque a estrada cortou assim o meio da fazenda, mas pegou a serra, uma serra nativa que não cria nada, só mesmo animal selvagem. É caititu, onça, veado, essas coisas. Aí eles cortaram certo, sem fazer muita curva também, mas, já tá longe essa estrada. De lá de casa onde já tá pronta a estrada dá 36 km.

**Aurilene:** Aí estão fazendo para vários lugares?

**Joaquim:** Aí eles vão sair no Cercadinho. Cercadinho é onde mora um pessoal, aí tem roça de momona, de mandioca, aí a chuva é pouca.

**Aurilene:** E essa demarcação das terras, antes ninguém ligava. Está começando?

**Joaquim:** Aí eles vão, por exemplo, eu tenho dois hectares, a senhora tem mais três, ele tem mais cinco, aí ele procura dividir, cada qual fica em sua área, ele não mistura não.

**Aurilene:** Estou dizendo assim, muita gente que não é daqui, por exemplo, o senhor me falou que a família de Ivete Sangalo comprou terreno. Comprou torre lá há pouco tempo atrás?

**Joaquim:** Foi há algum tempo, têm uns dez anos.

**Aurilene:** Sabendo que tinha esse projeto aqui.

**Joaquim:** Andado no meio do mundo, e via pra qui, pra culá. Essa energia já está espalhada quase no Brasil todo, e o parque maior que está tendo é o do Piauí. Eu tive conversando com um engenheiro ele disse que o parque maior que tem no Brasil é o do Piauí.

**Aurilene:** Mas lá vocês estão cercando também, ou só botando variante?

**Joaquim:** Tem que abrir a estrada pros carros passar com brita, areia, água, as torres pra poder montar, fazer a base das torres e levantar.

**Aurilene:** Seo Chicada tava dizendo que aqui teve de lutar, que nem o carro deu para passar, foi carregado no jegue, mas o coitado do jegue aguentou mesmo?

**Joaquim:** oxe (risos), ou gostando ou não, ele fez o serviço!

**Professor:** Era arrastando?

**Joaquim:** Em cima da cangaia professor, mas o menino ajudava, o Carlinhos. Mas, era peso.

**Aurilene:** Além da família Sangalo o senhor sabe me dizer se outras pessoas compraram terras aqui de dez anos pra cá?

**Joaquim:** Sei não, o que eu sei é só da família Sangalo.

**Aurilene:** Mas os parentes não estão reclamando

**Joaquim:** Isso acontece muito. Aí é o seguinte, o pessoal reclama muito! Uns arrendou, outros não arrendou. Aí quem não arrendou não quer que passe a estrada por dentro de seu terreno. Pois é, aí é aquela história, essa parte é minha, não tira por dentro de minha área, eu não vou arrendar agora. Aí fica assim muita conversa.

**ENTREVISTA COM SEO MANOEL QUIRINO – DA FAMÍLIA SÃO PEDRO – RESIDE NA SEDE – 30/10/2017**

**OBS: em Sento-Sé as pessoas me conhecem por Leninha**

**Manoel Quirino:** Assim, a peça chave de tudo que nois somos hoje, inclusive é... é... socialmente e financeiramente, né... Minha mãe... ah... eu tenho assim, um débito tão grande com ela., não sei se essa é a palavra certa, devo tudo à minha mãe... e digo pros meninos, vocês são mais novos... ela chegou assim do nada, do nada ela disse, é pra fazer isso, Manoel vai pra Juazeiro pra fazer isso, vai trabalhar, sem uma pequena condição financeira, ela acreditou...

**Leninha:** O senhor nasceu lá no povoado, mesmo?

**Manoel Quirino:** Nasci...

**Leninha:** No ano de...

**Manoel Quirino:** 1955.

**Leninha:** Seus pais viviam de que. Como era a vida lá?

**Manoel Quirino:** Meu pai era agricultor, plantava nas terras do São Pedro, é... mandioca, é... feijão de corda, mamona e algodão...

**Leninha:** Agricultura de sequeiro. Era tempo de chuva...

**Manoel Quirino:** Não, no sequeiro plantando é... é, de chuva, aguardando a chuva pra fazer... colocar as primeiras sementes e...

**Leninha:** O senhor fique à vontade... se quiser atender... ( O telefone tocou)

**Manoel Quirino:** Não vai... (Atende a ligação) ...

**Leninha:** Como o senhor tava falando, o senhor estava falando que é agricultura de subsistência mesmo. Plantava no tempo da chuva e aí tinha todo aquele processo, né...

**Manoel Quirino:** Exatamente... Aguardava a chuva pra... pra planta nascer e pra... e a gente continuava cultivando, fazendo o cultivo de enxada, manual...

**Leninha:** O senhor disse também que produziam farinha, tinha as casas de farinha...

**Manoel Quirino:** Ahh... com certeza, tinha várias casas de farinha, se eu dis... eu acho que eu tenho como lhe dar, quer ver as quantidades de casa de farinha? A quantidade, vê aí... tinha a casa de farinha de Titico, que era o tio de minha mãe, era uma das mais velhas; tinha casa de farinha de Pidoca, era o avô de Juvenilson, pai da prefeita; tinha a casa de farinha... depois foram surgindo outras, a de Tiberto, que até meu pai foi sócio dessa casa de farinha, é... aí foi pra casa de farinha de Berto de

Cazuza, nois fomos sócios também dessa casa de farinha e surgiram outras casas de farinha, mas as casas de farinha que realmente funcionaram por muito tempo foram essas. Eu considero assim, as duas casas de farinha, na minha época, que realmente é... é... funcionaram muito tempo, foi a casa de farinha de Titido, casa de farinha de Aristides, que é pai de Romualdo aqui, e a casa de farinha de Pidoca, Pedro Liberato, Pidoca, filho de Chico Liberato; e Titido era genro do Chico Liberato...

**Leninha:** E vocês comercializavam isso nas feiras próximas, em Sento Sé...

**Manoel Quirino:** A gente trazia pra Sento Sé Velho, é... a farinha. Essa farinha pra processar... era, isso era um processo muito difícil, as... a área de plantação era um pouco distante do povoado, então pra transportar essa raiz de mandioca pras casas de farinha, ficava um pouco distante, hoje seria fácil, num carro, até num trator, puxava com a maior facilidade, mas era em animais, em jumentos. A gente quando chegava próximo ao mês de julho, que era onde iniciava, as... é... a fabricação da farinha, a gente já ia na Serra do Bento pegar cipó pra fazer os caçuá a gente chamava caçuá; meu pai sabia fazer, minha mãe sabia fazer, fazia caçuá, cesto de cipó; eu até aprendi fazer, né... tirava o... o... é... duas estaca de garajau, duas varas, numa espessura mais ou menos de  $\frac{1}{2}$ " (meia polegada) cada uma, fazia um... eu colocava a medida, enfiava um torno do lado de uma, outro da outra e passava o cipó aqui, pan pan, colocava os perfil aqui no meio e saía tecendo, pan pan... depois virava ele aqui, fazia o...o... é... é... o modelo do... do caçuá, e aí fechava, as laterais ficavam prontas, fechava só as cabeceiras, daí colocava as alças e colocava um do lado da cangalha e o outro do outro, um segurava o outro; enchia e colocava... meu pai enchia um aqui e colocava na cangalha, aí dizia, segura aqui, e eu segurava; às vezes quando não tinha quem segurasse ele colocava uma forquilha, aí quando ele ia rodear pro outro lado o jumento saía e virava (risos), mas na maioria das vezes, eu com os bracinho fino aqui, sempre fui magrinho, ficava segurando ali, se o jumento caminhasse eu caminhava também, aí ele segurava ali, paraí paraí balancinho, paraí é... é... viação, era o nome dos jumentos, aí ele arrudiava rapidinho pegava o outro caçuá e colocava um de um lado o outro do outro e colocava aquelas raízes grande entre um e outro, passava um... é... é... uma peça de reio com sola, chamava o arrocho, passava ali e arrochava, tava pronto o jumento... lá vai o jumento andando e carregava... carregava-se quatro jumentos, a gente dava uma viagem, mais outra e mais outra... três viagens; pra acelerar o processo do... do transporte... a gente chegava até acordar 2 horas da madrugada pra ir pra essas roças pra adiantar o transporte dessa mandioca pras casas de farinha; dali a gente descarregava... minha mãe e outras e outras mulheres raspavam a mandioca, tirava aquela pele seca, aquela pele suja e iam jogando num... num forro, assim, no canto da parede... quando isso, de manhã cada mulher... começava de manhã e quando chegava uma hora, duas horas da tarde ela tinha raspado, é... é... três cargas de mandioca, três cargas desses caçuás... de mandioca; tinham raspado, dali a mandioca ia pra o... pra o bulinete, que é o ralador, né... Joca tinha aquela banca de bulinete e quem não tinha banca forrava com esteira e ali tinha dois homens puxando roda, eu ainda cheguei a puxar roda, era rodar aquela roda, aquela roda tinha um reio, pegava também no... numa espécie de uma...

**Leninha:** Manivela. Era?

**Manoel Quirino:** De uma manivela pra gente pegar, tanto a roda quanto a... o bulinete tinha uma espécie de polia, que é aquele reio, ia da roda e puxava a... a polia; a roda era, vamos supor, com aro de um metro e vinte mais ou menos e o bulinete tinha um aro, que isso é matemático, um aro de... de que... de... de seis polegadas, pequeno assim, aquilo dava... Quando a roda desse uma volta o bulinete lá tinha dado vinte ou trinta... Isso não quer dizer que era fácil, mas facilitava, né... Assim, muita velocidade lá enquanto aqui a gente tava lentamente e lá tava rodando muito e dali caía a... a... a massa ralada num cocho de madeira, depois fizeram um cocho de cimento, mas isso já foi, já agora quando a gente já tava quase abandonando esse... Esse serviço; daí a gente jogava num coxo de madeira e tinha um menino ali com rodo puxando, porque de mão, às vezes alguém arriscava, mas corria risco de triscar no... se machucar nas serras do bulinete; e puxava com o rodo, quando enchia aquele cocho os homens paravam e já tinha uma pessoa puxando pra outros cochos de madeira lá fora, que era onde ia pra prensa, pra o processo de enxugamento da massa, né... pra dali ir pro forno, que a gente, é... é... mexia ela, que chamava mexer farinha, outros chamava torrar farinha...

**Leninha:** Pra secar?

**Manoel Quirino:** Pra secar, fazer o processo de secagem, exatamente... Num forno de pedra, é... com lenha queimando por baixo; claro que os furo da lenha ficavam lá fora, o lugar de colocar a lenha, do lado de fora da casa pra não esquentar tanto a casa. Ia fazendo ali, mais ou menos o que... Duas horas de serviço, você chegava a processar uma saca e meio de farinha, dois sacos e quando chegava a noite tinha, é... é... quatro sacos, cinco sacos de 50 quilos de farinha, era média que um homem, é... processava, que torrava essa massa depois de passada na prensa, enxugada, é...

**Leninha:** Aí, além disso, vocês também criavam. Era o que?

**Manoel Quirino:** Criava gado, bode e ovelha, soltos...

**Leninha:** Todo mundo se ajudava...

**Manoel Quirino:** Exatamente...

**Leninha:** Não eram cercadas as áreas, todo mundo criava junto...

**Manoel Quirino:** Cercava só a área de plantio, a de criação era aberta, cria... o gado não era tão perseguido por onça, mas a criação miunça sim... Bode, ovelha. Já aconteceu, já aconteceu um... uma certa vez que uma onça chegou num rebanho de ovelha nosso lá, e matou 23 ovelha numa noite, uma onça vermelha. Onça pintada tinha também, mas era como eu falei, na parte de dentro, lá em cima da serra, a pintada; e a pintada, ela gosta mais de pegar bizerro, garrote, pega até uma vaca, mas ela vai mais num animal grande, porém novo, né... garrote, bezerro que a onça pintada persegue, é... e a onça bobeira, como chamavam, que é a onça vermelha e a

preta, ela pegava ali, muito próximo das casas, ela perseguia os animais, principalmente bode, que é o que tinha mais...

**Leninha:** O senhor falou também que tinha siri... que vocês também extraíam borracha...

**Manoel Quirino:** A borracha... eu conheci a história de borracha por informações do meu pai, ele foi seringueiro, chamava seringueiros, ele ia pra serra, é... encontrava um pé de... de... de maniçoba; eles tinham uma ferramenta com um... uma espécie de anzol, meio parecido com anzol, pelo que ele me dizia; eles construíam de barro um... tipo uma baciazinha no pé da maniçoba, da árvore e ralavam ela com aquela ferramenta à tarde e deixava ali, durante a noite a... o leite da maniçoba, ele escorria e ia formando um... um tijolinho, uma quantidade em cima daquele barro que eles tinham, é... é... planeado ali pra não misturar com folhas, terrinha, terra fina; então em cima do barro era fácil deles... no outro dia eles iam e passavam pé por pé, por exemplo, eles tinham, é... é... eles tinham ralado, perfurado 40, 50 pés, eles já sabiam mais ou menos onde tinha a picada, por onde passava e cada um passava nas suas... nas suas maniçobas colhendo o leite da maniçoba, que no outro dia tava coalhado, tipo uma borracha; e no final da semana, final do mês que já tinha uma boa quantidade junta, eles pesavam e vendiam. Eu não... eu não... deve ter me falado até pra quem... eu imagino que aqui pra Uruçé, pra essa região, ou não sei se tinha comprador que ia até lá. Ele me contou a história toda, várias vezes, mas essa parte eu não tenho, assim, consciência...

**Leninha:** Mas era bem diversificada a economia, pelo que eu tô entendendo, parece que lá era bem diversificado. A caatinga ali fechada de serras, arrodada de serras, né... Vocês tinham também, além disso, água de fontes... Algumas fontes também que ajudavam.

**Manoel Quirino:** Tinha uma cacimba, cavada por mão de homem... na lavanca, na picareta, naquela época eu acho que não existia nem chibanca, lá pra nois não tinha chibanca, mas tinha picareta e a... a... alavanca, né... eles perfuravam na alavanca, próximo do brejo, né... Faziam aquela cacimba, ali a água minava e as mulheres transportavam aquela água em latas; essas latas de querosene; vendia o querosene, lavava a lata bem lavadinha, colocava um pau na boca dela, de um lado pra outro pra poder pegar aqui, tal... e colocava na cabeça com um pano, uma rudia que chamavam e transportava essa água pra beber, pra lavar prato... era uma vida muito difícil; ninguém conhecia o que era uma... uma água encanada, não existia isso...

**Leninha:** Porque tá distante do rio, ali fica bem distante do lago...

**Manoel Quirino:** Ah! Muito, nem se que... o lago muito distante, é o que...

**Leninha:** Que antes era o rio lá em Sento Sé

**Manoel Quirino:** 40 quilômetros pro rio, de Sento Sé... é, exato... Era um rio mesmo. Daí a gente tinha, também, é como meio de vida, ia ver agora a parte de limpeza, né... é... material de limpeza pra lavar roupa, lavar os pratos... Meu pai queimava

umburuçu, é pegava a cinza do umburuçu molhava, minha mãe molhava, colocava numa lata perfurada com prego e aquela água batia em cima e saía embaixo, chamava de quada, colhia a de coada e a gente, é... é... colhia castanha no mato, que lá tem muita castanheira; a castanheira, ela produz um buzo assim, do tamanho de mais do que uma maçã, igual um melão pequeno... e dali quando ela tá madura você pega ela aqui e bate, quebra, estora as castanha; você pegava a castanha seca, quebrava a castanha, castanha um... deve ser espécie assim, de uma, mais do que... pronto... igual uma siriguela grande; quebrava a castanha, colocava de molho, dali tirava a casquinha dela, ficava só o miolinho, né, que é igual um coco, parecido uma espécie de um coco, que eu acredito que o coco também, se tentar fazer, faz sabão... e dali ela botava num tacho de barro ou quem po... tinha uma condição melhor, de acesso à cidade, tinha um tacho de... de zinco, mas o nosso era de barro... minha mãe comprava aquele tacho de barro, fazia sabão pra lavar roupa e lavar os pratos, tudo artesanal...

**Leninha:** E como era que vocês sabiam das notícias de fora. Como era essa comunicação?

**Manoel Quirino:** É... Os primeiros rádios, o primeiro rádio que chegou lá quem comprou foi tisimão – Simão Pedro da Silva – ele é filho do Chicada, irmão de Olegário, da família da gema da família São Pedro; ele comprou esse rádio e todos os domingos a gente se reunia pra ir pra casa dele pra assistir a festa da Casa Grande, né? Com o locutor Isaac Cordeiro, aquela festa, aí dava notícia, à noite tinha um jornalzinho, eu não lembro, não me recordo, assim, o nome do jornal, sei que, acho que ainda não era Jornal Nacional, mas tinha o jornal que falava... Parece que era Jornal do Brasil... Uma coisa assim, falava, trazia as notícias. Eu lembro, na época quando entrou o... Mudou de presidente, o Presidente Garrastazu Médici, a gente, muita gente chamava garrafa azul (risos)... Disse, agora até garrafa colocam na presidência, tem gente com nome de garrafa (risos), mas era Garrastazu Médici; eu lembro da história desse presidente; mudou o presidente agora, presidente garrafa azul (risos)... Mas aos poucos a gente foi descobrindo que não era garrafa azul, era Garrastazu, exatamente... Daí, meu pai foi junto com meu sogro, Zé Pedro, que é José Pedro dos Santos, Tizezé, ele é pai de Afonso, ali... Afonso que é pai do Vereador Juliano, Afonso é filho de Tizezé, então eles foram em Juazeiro e compraram dois rádios, rádio Philips, aquele rádio que tem a frente, me parece que a frente dele é preta e ele é todo revestido com um plástico branco, alto luxo; tinha aquela alça de pegar ali em cima, sei que você fechava o volume dele ou, ou batia numa faixa aqui, era a faixa de ligar, a faixa tinha, se você fosse escolher a emissora que você queria. Emissora Rural, era a top, era como é a Globo hoje, era a Emissora Rural no radinho nosso lá... Então, eles compraram os dois rádios do mesmo jeito, compraram lá na mão de Seo Ulisses, que eu cheguei a conhecer a oficina de Ulisses, pai de Jorge, pronto, na oficina de Seo Ulisses; Seo Ulisses vendia rádio e era mecânico, era técnico, né... Então um certo dia, quando chegaram esses dois rádios, aí começou a outras pessoas também comprar rádio. Esse nosso rádio teve uma história difícil... o de tizezé não, acho que não teve problema, mas o nosso, teve um dia que meu pai

veio desligar e ele não fechou o volume, chegou aqui, já na faixa de desligar; porque você fechava o volume, depois ia lá, pan, desligava porque se não ficava, consumindo a carga das baterias, eram seis baterias Rayovac, eu lembro, daquelas amarelinhas... Então meu pai chegou sem fechar o volume nem nada, pan, bateu aqui, aí disse: cala a boca, pa (risos), o rádio calou mesmo, queimou o transistor, ninguém sabia o que era, aí deu aquela fumacinha, aquele cheirinho de fumaça, aí papai disse: acabei com meu rádio. Aí disse: mas não tem outra coisa a fazer; no outro dia pegou o burro, arrumou o milho pra abastecer na estrada e foi pra Juazeiro de burro... Chegou lá, Seo Ulisses, meu rádio... Aí contou a história... Ulisses disse: Olha Seu Quirino, é bom o senhor sempre fechar o volume porque aqui dá uma super carga na hora de você, porque ele tá com o volume aberto, pra você bater na faixa de vez e ele... o que aconteceu, queimou um transistor; provavelmente tenha cobrado no valor de hoje, R\$ 20,00 ou R\$ 30,00, e trocou o transistor. Ele pegou o rádio e colocou na lua da cela, como a gente chamava, na lua da cela.

**Leninha:** Ele foi de burro pra Juazeiro?

**Manoel Quirino:** De burro, três dias, mais ou menos, pra ir e três dias pra voltar, uma semana...

**Leninha:** 150 quilômetros!

**Manoel Quirino:** Exatamente, 150 quilômetros... Aí chegou com o rádio bom aí disse: olhe, não faça mais esse negócio de tá fechando ou de bater na faixa sem fechar o volume; Seu Ulisses me ensinou... Aí deu tudo certo, funcionou por muito tempo...

**Leninha:** O senhor lembra em que ano foi isso, essa época do rádio?

**Manoel Quirino:** Ah! Esse rádio, eu imagino que eu tivesse, eu vou lhe dá por alto, que eu tivesse 10 anos de idade. Hoje eu tenho 62...

**Leninha:** Em 65 mais ou menos, né... Antes da copa de 70...

**Manoel Quirino:** Por aí, não me recordo, mas foi por aí... Eu não tinha mais que 10 anos de idade, não. Eu era menino, aquele meninão, me lembro...

**Leninha:** Por aí... E além do rádio, vocês também tinham notícias quando as pessoas iam pra... pras feiras, voltavam com as notícias...

**Manoel Quirino:** Exatamente! Ti Né, ele, nesse tempo eu não sei se ele já tinha, mas logo depois, ele tinha uma condição financeira melhorzinha que a gente, ele comprou um carro; aí ele ia sempre em Juazeiro e voltava com as notícias; tinha também o Zuca de Chicada, que era comprador de algodão, algodão e mamona... a gente cultivava o ano inteiro, assim uns seis meses, mais ou menos, com seis meses ele ia, ele aproveitava, às vezes antes ou depois, o certo mesmo era o dia 29 de junho, ele ia num caminhão, dois caminhões com um sanfoneiro, o Tonho. Chamado Tonho do Zuca, Tonho do Zuca era... Ele ainda é vivo, mora na Laje, ainda hoje tenho notícia dele... Tocava lá na festa de São Pedro, dia 29 de junho, tocava duas, três noites, era aquela farra, aquela cachaçada e comiam galinha cozinhada... e o Zuca era

informado, ele vendia mamona pros Coelho e tinha acesso a algumas notícias, é... Senador tal, é... é... eleição vai ser em tempo tal; isso a notícia corria mais de boca a boca, não era como hoje no whatsapp, não (risos)... Entendeu? Então a gente tinha notícia, o... o mais certo era no boca a boca mesmo, além do rádio que tinha o jornalzinho informando várias notícias...

**Leninha:** Pois então, vocês plantavam também algodão lá, né...

**Manoel Quirino:** Algodão... Algodão era forte...

**Leninha:** Era forte, né... E minério? Minério o senhor tem notícia?

**Manoel Quirino:** Minério... Meu pai foi garimpeiro... eu não alcancei o tempo do garimpo, mas ele... lá tinha os trechos, depois ele me mostrou, trecho do Careta, trecho do Pau Branco, os trechos chamava-se a região aonde produzia a... é... é... cristal, cristal branco, o... o minério extraído lá foi o cristal branco...

**Leninha:** E depois entrou em decadência?

**Manoel Quirino:** Foi, foi se acabando, o povo foi se desanimando, muita despesa, né... e às vezes o comercio também cai, fica difícil de vender, fica barato... que no meu tempo, eu mesmo não trabalhei em garimpo, mas conheci os... a área perfurada, lá onde tinha os cortes, o corte do véi Chicada, corte de Aristide, corte de fulano, beltrano... Já quando eu fui com meu pai fazer uma roça lá na região que passava pelo garimpo, ele me mostrava tal, onde tinha cortes, áreas perfuradas, montoeira de terra, né... Tiravam... Eu conheci isso tudo lá, assim de passagem... nois fizemos uma roça e a gente passava no garimpo, aí foi um cidadão daqui da Cabeluda, aquela pessoa que anda de garimpo em garimpo, por nome Joaquim Isidoro... Joaquim Isidoro, essa pessoa foi aquela pessoa que acredita, que é garimpeiro legitimo, mesmo. Ele foi lá próximo à área que eles... Produzia o cristal branco... Fiz um barraco muito grande e a gente passava pra lá, pra cá, arrumava o conhecimento logo, passava lá e tomava um café, é... comia uma carne assada, é... Tomava uma água... Naquele tempo não era difícil você construir uma amizade com as pessoas. Que isso me fez até, agora há pouco tempo rever uma pessoa que era um menininho pequeno na época... o Louro... o Louro de Joaquim Isidoro, ele hoje tá aqui nesse garimpo da Quixaba, ele anda por aqui, Louro... Ele chegou aqui e eu ouvi alguém falar com ele – Louro de Joaquim Isidoro – eu digo, rapaz, tu é o Louro do Joaquim Isidoro? Disse: Sou eu mesmo. Digo, aquele menininho é... que carregava água, transportava água também... [ASSUNTO PARALELO]... Viu, eu tive a oportunidade de rever essa pessoa que durante um bom tempo trabalhou lá no garimpo, depois do garimpo já desativado, entendeu? Ele chegou lá e acreditou, não fez grande coisa, mas fez a feira; eu acho que ele morou lá uma no ou dois anos, isso a gente já apelidou como – na estrada, quando a gente passava pra ir pra roça, pra roça da Baixa do Barreiro – era a barraca do Joaquim Isidoro... Ah! Vamo passar na barraca de Joaquim Isidoro, depois que ele saiu de lá... onde foi que viu o rasto de uma onça, ou viu o rasto de um gato, lá na barraca de Joaquim Isidoro ou depois da barraca de Joaquim Isidoro ou antes da barraca de Joaquim Isidoro...

**Leninha:** Ele acreditando no garimpo, lá...

**Manoel Quirino:** No garimpo... aí passou um tempão que a gente cultivava roça e ele já tinha ido embora, tinha um bom tempo e saiu...

[ASSUNTO PARALELO]

**Leninha:** E aí, o senhor estudou, chegou a estudar lá?

**Manoel Quirino:** Lá estudei, minha professora lá foi Antônia... Antônia Isabel dos Santos, que é mãe do professor Domingos, ela hoje é falecida... estudei assim, ABC, a Cartilha...

**Leninha:** Já tinha prédio ou era casa?

**Manoel Quirino:** Não, não, na casa dela, ainda não tinha prédio, depois do prédio eu não estudei lá, eu vim estudar mais um pouco já aqui em Sento Sé...

**Leninha:** E vocês brincavam de que lá? Como era o lazer? Como vocês se divertiam os velhos, as crianças? Eu sei que era muito trabalho, né... Acordava cedo, mas tinha os momentos das festas, da diversão...

**Manoel Quirino:** Tinha, tinha um campinho de jogar bola... Eu só joguei bola, acho que dois dias, eu fiquei com as pernas doída, não joguei mais bola, não... (risos) mas tinha uma turma lá que jogava bola, jogava... Fizemos um campinho na frente da casa ti Berto, irmão da minha mãe – é Bartolomeu Liberato – e eles jogavam bola nos dias de domingo, outro dia ninguém tinha tempo pra jogar bola... eu joguei bola dois dias, não gostei, fiquei muito machucado, não fui mais jogar. Nos domingos eu cuidava de olhar a roça, se tinha entrado animal, ia pegar... Eu tinha um cavalo; hoje como eu tenho um carro, estimo... Antigamente eu tinha o meu cavalo de estima, um cavalo preto, mas eu não deixava ali, de dar água ao meu cavalo, de dar uma mochila de milho, de dar banho no meu cavalo pra ir brincar, não... eu não deixava, ou então eu ia caçar. Eu cacei muito, assim, pra sobrevivência, não era caçar esportivamente, ia caçar, pegava os cachorro, ia caçar pra sobrevivência, que a gente era de família humilde, precisava de carne, carne era difícil, a gente caçava...

**Leninha:** E o que vocês caçavam lá? Lembra o que era?

**Manoel Quirino:** Tatu fazia cerva de cutia... Quer dizer, o meio ambiente num...

**Leninha:** É, mas antes era pra sobrevivência, mesmo...

**Manoel Quirino:** Eu digo agora não vai ter (risos)... a gente caçava cutia, caititu, tinha pessoas lá que caçava, eu mesmo nunca cacei peba, gambá, era o que achasse...

**Leninha:** Aí o senhor me disse que sua mãe, então resolveu mandar o senhor pra Sento Sé ou foi Juazeiro? Pra Juazeiro pra estudar. Nessa época o senhor tinha quantos anos?

**Manoel Quirino:** Pra Juazeiro, pra trabalhar... Nessa época eu tinha 18 anos... 18 anos. Minha irmã, Antônia, ela estudava em Sento Sé Velho... Ela conhece vocês

tudo, não sei se o professor Antônio se lembra dela. Ela hoje mora em Senhor do Bonfim, é até mais velha do que eu dois anos; meu apai achou de meu pai era uma pessoa assim, ele era analfabeto, mas ele era muito sábio, muito sábio... Sabia ler e escrever um pouquinho, assim, mas ele nunca foi numa escola, aprendeu assim, porque tinha muita inteligência; meu pai era um homem muito sábio. Aí ele disse – Antônio vai estudar – ela estudou em Sento Sé Velho, daí mudou pra Juazeiro, naquele tempo que fazia admissão, ela chegava depois da oitava série... era professor Antônio?... [Professor Antônio: Depois da quarta]... Depois da quarta tinha admissão; eu lembro dum livro que ela tinha, isso aqui é admissão, tem que ler esse livro todo aqui e fazer vários, exercícios e questionários, tudo, isso aí, com a ajuda de professor Daniel, de Noemi Campos, tal... Ela fez admissão... E dos professores de Sento Sé Velho. Daí ela foi pra Juazeiro, porque em Juazeiro ela já estudou e fez o... o... segundo grau, exatamente. Fez o segundo grau em Juazeiro, que até a formatura dela, o acompanhante dela, não sei bem como é que se diz, foi o Arnaldo Vieira da Silva. Com essa ida dela pra Juazeiro... minha mãe ainda tinha menino, aí pra ganhar aquele Silvio, que hoje mora no Piçarrão, Silvio...

**Leninha:** Seu irmão. O senhor tem quantos irmãos?

**Manoel Quirino:** Sim, meu irmão... Somos, éramos catorze; nasceram vinte, morreram seis pequenos e se criaram catorze; hoje já tem a mais velha, falecida, nois somos treze... Então por ela já não confiava muito na... já tava a coisa, assim, mais evoluída; ela achou por bem ir ganhar esse menino em Juazeiro, na casa, ou seja, se hospedando na casa da irmã dela; a irmã dela era casada, tia Joaninha, casada com o Badi... O Badi alugou no Lomanto uma casinha e tinha uma vendinha; então ela chegou lá, ela, muito esperta; olhou e viu o movimento, ele vendendo pão, vendendo aqueles docinho de goiabada e de noite tinha um dinheirinho; ela viu que dava pra fazer a feira, mais le... Com um... um manejo mais leve do que o nosso lá. Então ela foi, ganhou o menino, voltou e aí, resumindo, um certo dia, embaixo do pé de pau ferro, lá numa roça que é até, aonde eu tenho essa torre, hoje... já era roça do Manoel, meu pai ele gostava, os meninos maiores, eu era... nessa época eu era o único filho homem, ou seja, os outros eram pequenininhos, que já tinham nascido era, eram bem pequenininhos, e eu era o mais velho, eu tinha dezoito a dezenove anos, por aí; então eu tava deitado ali, depois de ter almoçado, descansando um pouquinho na sombra do pau ferro, aí minha mãe começou a conversar com meu pai, aí ela disse assim, Quirino, ele disse oi home, meu pai tinha uma paciência que... disse, oi home; ela disse, eu to pensando, to com plano aqui, não sei se vai dar certo, disse, o que é? Eu to pensando em mandar o Manoel pra Juazeiro, aí papai disse, Pra Juazeiro, fazer o que Maria José? Aí ela disse, é pra botar uma venda, usou esse termo, eu nunca esqueci isso, há 42 anos atrás... Botar uma venda, aí papai disse: uma venda? Ela disse: sim; e o dinheiro pra botar essa venda? Agente tinha trabalhado numa frente de serviço do DERBA, assim, ajuda do Governo, o Governo mandava; não era igual um Bolsa Família de hoje, que é pra toda vida; foi uma ajuda que ele deu durante um pouco tempo, entendeu... nois trabalhamos, parece que três meses e recebemos o dinheiro de uma vez; era meio salário por pessoa, então eu e meu pai, nois tínhamos

três salários, esse dinheiro saiu de uma vez; alguém foi lá, não sei se Doutor Deni mandou ou se esse povo aí da prefeitura; mandou, chegou lá, junta tal, tá todo mundo... a gente tava, matriculado no programa, daí nois saímo; aí ela disse, aí ela usou isso. Não tem aquele dinheiro que saiu do DERBA? Papai disse, tem. A gente não tinha dinheiro, mas também não tinha muito com que gastar; se fosse hoje, já caía na conta e o cartão de crédito já comia (risos), mas naquele tempo não existia cartão de crédito, não tinha cheque pra cobrir; então o dinheiro que veio, era dinheiro... Tava lá dentro dum baú que ela tinha, o pacotinho de dinheiro, mais ou menos o valor de hoje, três salários. Esse dinheiro não podia ser todo aplicado nessa venda, mas... ela tirava ali, meio salário pra comprar uma roupinha pros menino e o restante sobrava, justamente, pra venda... Disse, ele vai morar na casa do Badi e aluga um ponto, agora, quem ia me ajudar nesse ponto... meu amigo, sonhou alto. Eu fui; meu transporte era uma bicicleta vermelha, levei a bicicleta, fui com ti Zezé, levei em cima do... da Pickup, com uma bicicleta; cheguei lá, ninguém num... tinha telefone pra se comunicar, mas mandava uma carta, mandava um recado; olha o Manoel vai praí que ele vai botar uma venda aí, tal... eu fui, eu fui muito animado porque eu sonhava com uma venda mesmo, assim, é... essa aqui era largo demais; vamos supor daqui prali, um pontinho assim, onde colocasse uma prateleira nos fundo e duas dos lados, assim, e fechava a frente da prateleira pra ficar bonitinho assim, pra colocar as carteira de cigarro, as caixa de fósforo; embaixo colocar uns quilo de açúcar, alguma coisa, umas garrafa cachaça pra poder vender no retalho, que dava lucro melhor pra quem não tinha dinheiro... e assim fiz, cheguei lá no... no bairro Maria Gorete, bem em frente ao chafariz que tinha ali, próximo do INSS; tinha um ponto ali com a placa de aluga-se, aí me informei de um rapaz por nome Cícero, um senhor que vendia bode na porta do pontinho; pontinho fechado e ele colocava a banquinha ali na calçada e vendia bode. Eu perguntei – Seu Cícero conhece o dono desse... desse imóvel, aqui? – ele disse: conheço. Aí, dali comecei a me encostar por ali, quando... a vizinha que morava na casa nos fundo, entrada de lado nos fundo do ponto, era neta de Dona Albertina de Sento Sé Velho; aí já fizemos o... nos apresentamos um ao outro, tinha também a irmã dela, que é a esposa de Josías; que morava ali em frente Berto Peba, hoje eles estão em Juazeiro, ela era uma menininha, mocinha de doze anos, treze anos, mais ou menos, muito delicada, aí me dava água pra beber, aí nos conhecemos ali, eu fui... Seu Cícero me informou aonde era a casa do dono do ponto, eu fui até lá, cheguei lá, quanto é isso aí, o aluguel; ele disse: é duzentos conto, eu não sei se duzentos mirréis, duzentos cruzeiros, duzentos; nunca esqueci que era duzentos, eu disse: num dá pra fazer um preço menor, aí ele fez 180, eu digo: pronto... aí disse: agora tem que pagar antecipado, eu digo: não, o meu dinheiro tá pouco, eu quero pagar quando vencer... Rapaz, eu vou fazer pra você; me deu a chave do cadeado, cheguei lá, abri duas portinha de madeira, abri uma prum lado a outra pra outro, já tinha um balcãozinho de madeira, duas prateleirinha nos fundo; fui em Olegário e comprei uma mercadoria, o que, dois quilos de bala, quatro ou cinco pacote de cigarro, um litro de cortezano, um litro de uísque, aí fiz aquela miscelaneazinha de algumas coisas e coloquei, limpei tudo, lavei, tal, coloquei; já tinha energia ligada, coloquei... Não tinha lâmpada, botei um bico de lâmpada e aí... abri, um, dois dias depois já tava com a porta aberta.

Olegário me emprestou umas coca cola, guaraná, cerveja, tudo... Acho que a caixa de nenhuma, era meia caixa aquilo, eu... Eu achava que era... Ele já tava me vendendo com tudo, mas eu tinha que devolver as garrafas, entendeu... eu digo, ah... as garrafas, é tem que devolver, você vem comprar mais outras aqui, já traz as garrafa vazia e pega a cheia, eu disse: ah, certo... aí foi que eu entendi. Daí eu, depois fui... Eu digo, agora aquelas caixas pra colocar as garrafas eram meio difícil. Eu me informei lá em Euclides, Depósito de Euclides; era representante da Brahma, o único em Juazeiro... Euclides. Aí, cheguei lá em Euclides e disse: eu quero... já tava maiorzinho, tal, aí já comprava uma caixa fechada, eu digo, eu quero conseguir as garrafas, tal... Eu fui lá; ele disse: é tanto, aí pronto, eu digo, então me dá uma caixa, aí ele disse: e o plástico? Eu digo, isso aqui num acompanha, não? Ele disse: não... quanto é esse plástico? Ele disse o preço, vixi, eu achei caro demais; aí eu carregava em saco, na garupa da bicicleta, depois essas caixas, eu fiz tudo de madeira, consegui umas madeiras barata lá numa serraria, arrumei um amigo lá; quando você abre um comércio a primeira coisa que você começa, põe lá, um amigo, o cara vem tomar uma cachaça pra almoçar e começa bater papo com você; eu arrumei um amigo por nome Baixin e o Baixin me arrumou, me conseguiu umas tabuazinhas, umas ripa, tal... e dali eu fui lá na Pioneira e comprei um quilo de prego e um martelo, e de noite eu fechava a portinha e ficava dentro fazendo as grades, resumindo, com uns dois, um ano e pouco aí surgiu o Piçarrão aqui, quer dizer, essa mudança da barragem... Aí, o Piçarrão tinha uma feira boa, entendeu, o povo tudo com dinheiro...

**Leninha:** Com a construção da barragem?

**Manoel Quirino:** Com a construção da barragem... aí eu resolvi a vim pra o Piçarrão, sei que quando eu vim já trouxe uma camionete, não minha, fretada com a parte da mercadoria e a outra veio depois, aí eu já tava meio garra... Aí disse, e bom é ter o ponto de comércio e ter também uma banca na feira. Eu fui lá no São Pedro, cortei um facheiro, fiz aquelas ripa, fiz uma banquinha, comprei a esteira de taboa; fiz uma pra mim e outra pra Deinha, minha irmã, mulher do Gordo, mulher de Solon... Uma pra mim outra pra ela; aí abrimos um... Compramos duas loninhas, fizemos aquele toldozinho pra fazer sombra... aí, eu ia nas Casas, Casas Queiroz comprar perfume, era óleo de cabelo, brilhantina Zezé, era aquele antitranspirante da Rexona, o perfume Rexona também, o sabonete Phebo, cheiro que misericórdia (risos), um sabonete preto, e vendia na feira do Piçarrão; daí eu comprei um pontinho ali, que é a metade daquele ponto que é do Zeca, meu cunhado hoje, era meu ali, eu comprei ao Zé Belé... Comprei; ele me ofereceu, eu disse que não queria porque não podia comprar, ele disse: eu lhe vendo fiado... E divide em quantas vez, eu acho que dividiu numas dez... e eu fui, pan, até que acabei de pagar. Daí minha sogra veio morar aqui em Sento Sé, eu vim, vendi meu pontinho lá pra Francisca, minha irmã, depois ela vendeu pro Zeca... e cheguei aqui e pedi um... a metade desse ponto de Mauricio, hoje... a Doutor Deni, ele me cedeu, aí eu já tava melhorzinho de bolso, já construí o pontinho de telha, tal... e fiz uma casa nos fundo, que aí trouxe a esposa, que tava lá em Piçarrão, já tinha um menininho, que era o Mauricio, pequenininho de colo, veio pra cá pequenininho, nem andava ainda e daí, nois chegamos até hoje.

**Leninha:** Certo... E aí, hoje o senhor ficou aqui, se afastou um pouco, lá do São Pedro. O senhor ia lá visitar, alguma coisa assim?

**Manoel Quirino:** Numa festa ou ia visitar um parente, continuam lá, muitos parentes continuam lá, ainda...

**Leninha:** Como o senhor soube... Vamos chegar à eólica... Como o senhor soube dessa questão da eólica?

**Manoel Quirino:** Da eólica, a eólica eu fiquei sabendo que tava, ainda, algumas pessoas interessadas, povo do Governo, algumas empresa que. empre tudo ligado ao Governo, que tavam, inspecionando a área de Manoel Liberato dos Santos, que é meu tio, Tindé, pai do professor Domingos. Vão colocar umas antenas, né! Torre, exatamente, umas torres que vai gerar energia lá nas áreas de Tindé, pronto. Daí, eu fui um certo tempo, cheguei lá já tinha um ponto marcado, eu vi, já tinham feito estrada, que antes era só um caminho pra passar de animal, fizeram uma roda, estrada de rodagem, eu já fui no meu carro até lá na área dele, na sede, que era por nome Pedra Branca, onde tinha uma casinha, um curral, bem nesse encostadinho nesse lugar tava o lugar marcado com uns cabo de aço, com antena, marcando aonde ia ser a primeira torre; daí, eles hoje tem... tinha uma área boa, área grande, cercada; dentro dessa área dele, eu não sei quantas torre, mas eu imagino que umas vinte e tantas torre... do meu tio... que hoje já é dos herdeiro, aí ele é falecido, a esposa também; mas o pessoal dele tá estruturado com a renda dessas torres, que até uma irmã minha, casada com um dos filhos dele, sou testemunha disso, que ela, graças a Deus, recebe um salariozinho bom dessas... Dessas torres. Daí, foi se espalhando, hoje tem torre na Serra da Maniçoba, tem torre pra cá, onde é... na... na roça de... onde era a roça de Mané Tereza, pra cá mais um pouco, é na Umburana de Bebelo, por ali tem torres e se espalharam torre em vários lugares que eu ainda tive a oportunidade de, numa rocinha que eu tinha, vizinho era minha mãe, caiu uma torre, agora ultimamente, depois que tava, acho que quase todas; caiu uma torre na minha área e outra na dela...

**Leninha:** O senhor me disse que lá não tinha documento, né... Lá ninguém tinha documentação, depois que a empresa chegou, foi que vocês foram...

**Manoel Quirino:** Não, não... A própria empresa fez um título de terra, que eu tenho até ele aí, das áreas de todas pessoas; a empresa se encarregou de vim medir, de vim no Fórum, fazer a documentação, entregar à gente em mão sem nenhum custo...

**Leninha:** Providenciaram tudo...

**Manoel Quirino:** Providenciaram tudo, exato. Antes o documento era assim, minha mãe tinha, ainda hoje tem lá em casa uma escritura, assim... de herança da mãe dela e do pai e uma posse de terra na Fazenda São Pedro; essa posse, ela podia ser em qualquer lugar, qualquer local aonde não tivesse nenhum benefício de alguém; você chegava e demarcava, dez tarefas, vinte tarefas lá, a gente... hoje a gente se fala aqui em hectare, mas lá era tarefa, vinte tarefa ou o que você queria; você tinha direito

porque tinha o... o documento. Agora, hoje é que tá... é... é... Hoje é que tá demarcado, cada palmo de terra da Fazenda São Pedro tem um dono...

**Leninha:** Que antes não era cercado, hoje muitas áreas são cercadas, também por conta disso, né...

**Manoel Quirino:** É, tem algumas cercadas já...

**Leninha:** Mas estão todas demarcadas...

**Manoel Quirino:** Todas demarcadas; hoje você chegando lá, ao contrário de antigamente, você não tem como se instalar, a não ser que alguém lhe venda ou lhe faça doação de uma área de terra pra você fazer um quintal pra criar dez bode; você não tem mais, na Fazenda São Pedro não tem nenhum lugar, e dentro da cidade, ô da cidade, dentro do povoado, também a mesma coisa; tá tudo demarcado, você tem... pra fazer uma casa lá, ao contrário de antes, você tem que chegar lá e receber a doação ou comprar um chão de 10 por 20, ou 10 por 30, conforme seja; comprar pra você poder se instalar, ao contrário, hoje não tem mais nada sobrando lá, tá tudo demarcado...

**Leninha:** E quem fez esse contato com o senhor? O senhor lembra? Alguém lhe procurou, como foi, quem foi?... Via empresa, como foi isso? Ou tem algum representante lá, alguma pessoa da comunidade que faz essa...

**Manoel Quirino:** Como eu já disse antes, o meu tio me falou que tavam cercando, demarcando toda área da fazenda; um demarcava, 20 hectares ou 100 tarefas, outro 40, 50... Como é o caso de alguém lá que tem quase a metade da fazenda, o DUI demarcou e por isso ficou, documentou é dono. E a minha irmã Francisca, professora Francisca, me disse, é... vá lá no São Pedro pra nois olhar sua roça lá e a de mamãe e cuidar em fazer a demarcação, porque já tá demarcado na frente, do lado, atrás de... em todos os lugares...

**Leninha:** Isso foi em que ano?

**Manoel Quirino:** Isso foi há dois anos atrás...

**Leninha:** 2015?

**Manoel Quirino:** Isso, eu fui lá, contratei o Carlinhos, meu primo, ele foi, variantou, eu mostrei o lugar, ele variantou. Porque onde era capoeira, hoje já é caatinga, você percebe, tem a cerca velha, tal... mas precisa de fazer a picada, de colocar uns postezinhos pra demarcar onde é sua área, eu demarquei a minha, paguei a ele pra demarcar, mostrei aonde era o lugar, medidas e tudo enfim, que já extremava com outros, tanto do lado como na frente e atrás; dali pra cá você demarca que é nossa; ele foi lá, fez os variantes, colocou alguns det... alguns marcos e depois disso o amigo Edson teve aqui e disse, olha, lá em seu terreno, acho que vai... vai cair uma torre, quando foi, caiu duas, mas caiu uma na minha roça, como são tão próximas umas da zou... uma da outra, uma na de mamãe e outra na minha...

**Leninha:** Aí, vocês recebem mensalmente em torno de...

**Manoel Quirino:** Mensalmente... Isso varia de R\$ 600,00 a 1300, a minha, agora, tem torres lá que rendem mais do que isso, torres maiores; porque é de acordo o movimento do vento... Quando eu comecei a receber, recebia isso em crédito e conta, TED e conta, né... eu dei a conta corrente e tal... E eles depositam, todo dia 14 a 15 esse dinheiro cai na conta; eu já cheguei a receber agora, ultimamente, R\$ 1300,00, que, ao contrário de quando eu comecei, comecei com 900, 800, teve meses que caiu pra 600 e pouco...

**Leninha:** Depende da produção...

**Manoel Quirino:** Da produção... Depois desses 600 e pouco foi aumentando e eu já cheguei a receber 1300... [Conversa paralela] Assim, é porque tem mais torre e torres que recebe mais; nessa área de meu tio, Manoel Liberato, que hoje é dos herdeiros dele, é tem essas torre, as torre mestre, as torre grande... Minha irmã é que me dá notícia, porque ela é casada com o Francisco, que é o Chicada, filho de Manoel Liberato, é um dos herdeiros, e ela sabe então ela diz que tem torres que rende mais; eu imagino que chegue o que... R\$ 1700,00, por aí... eles tem vinte e tantas torre, não sei se chega a trinta, mas tem muitas torres, essas torres foram divididas entre os herdeiros...

**Leninha:** A conversa com o senhor sobre isso, se o senhor acompanha. O senhor confia totalmente na empresa, como é isso?

**Manoel Quirino:** Não acompanho nada, confio na empresa (risos)... Chega, às vezes assim, eu nem percebo, aí lembro... Ah! Aí pego o celular já abro aqui na página do banco, tá minha conta corrente pessoa física, aí eu já puxo aqui, de 13 a 15 certinho, cai...

**Leninha:** Cai certinho lá... O senhor não sabe como é esse processo, porque que o senhor recebe esse valor, o senhor não acompanha isso?

**Manoel Quirino:** Não, não, não...

**Leninha:** O senhor sabe quem lá da comunidade acompanha que acompanha que tem essa comunicação com a empresa ou não tem ninguém da comunidade?

**Manoel Quirino:** Não, eu não posso dizer que não tem porque, na verdade eu não tenho certeza, pode ter alguém que acompanhe; eu sei que os depósitos em conta todo mundo dá uma olhadinha, né... (risos), mas pra saber, porque sim, e a gente sabe informação por eles, ou seja, eu mesmo nunca falei com eles, mas tem pessoas lá que fala; e porque caiu, mês passado eu recebi tanto e esse mês recebi a menos; daí eles explicam que é porque teve menos produção de energia, o vento não colaborou, isso aí quem vai mandar é o vento (risos), segundo eles, é o vento, é...

**Leninha:** Quem manda é o vento (risos)... E com relação à mudança lá, o senhor ouviu falar alguma coisa sobre as mudanças, o que é que tem impactado mais lá, de benefício e também de preocupação lá na comunidade. O senhor tem alguma...

**Manoel Quirino:** Lá nois temos... Depois que eu saí, acabou a... a... no caso de.. da água pra consumo, é... Foi perfurado um poço artesiano, que eu acho que foi pela Prefeitura, Juvenilson ainda no gov... fa... Foi no governo antes de Juvenilson, antes de Edinaldo, Juvenilson... a informação que eu tenho é essa, Juvenilson perfurou um poço que deu uma água muito boa e esse poço abastece a comunidade, num tem mais aquele negócio de cacimba, nesse poço eles colocaram uma caixa alta, a... a bomba do poço enche a caixa e a caixa distribui pra o povoado todo, através de encanações, aí cada um puxa, como é aqui, claro que uma instalação bem diferente da daqui, é... Aonde cada um puxa pra sua casa. Tem uma pessoa da Prefeitura pra ligar essa bomba, entendeu? Acompanhar, dá manutenção de alguma coisa que precise, e distribui essa água pra comunidade toda...

**Leninha:** Aí, o senhor me disse que lá a população tem aumentado, aumentou um pouco porque melhorou o povoado, porque tem a estrada que antes não tinha e o senhor, inclusive, tem ido lá de vez em quando...

**Manoel Quirino:** Tenho, a estrada é bem diferente...

**Leninha:** E o povoado assim, o que o senhor, o que foi que o senhor percebeu de mudança lá no povoado?

**Manoel Quirino:** Ah! Muito, na época, na minha época, eu acho que ninguém levantou um tijolo ou se levantou foi muito pouco, a não ser aquele adobão de barro e hoje tem várias casas de bloco de cerâmica tem casas grandes, tem pessoas que cresceram lá, tiveram pessoas que cresceram, é... é... tem ponto de comércio, não um comércio grande, mas um comércinho, que antes não tinha, já tem hoje casas, muitas casas, a maioria hoje lá... ainda tem casas de taipa, mas são poucas, a maioria são casas. Que as pessoas, até na frente da casa velha antiga, já foi, construiu a casa nova; os filho de Norato e de varias pessoas lá, principalmente aquele povo mais novo, tem casa que eles já alugaram pra empresa. Hoje o aluguel lá, teve no auge, mas hoje tá menos porque parou a... uma parte de serviço, né... e a construção já ficou quase pronta e eles deram uma segurada, com isso a procura de imóveis pra alugar ficou menor, mas ainda tem casas, que antes nem se falava em aluguel, tem casa boa, boa assim, pra o porte do que era lá antes; tem casas boa, casa de de de tijolo, de bloco de cerâmica, rebocada, pintada, piso de cerâmica, banheiros, energia, chegou energia elétrica, a energia chegou antes da gente ouvir falar nas torres eólicas, que eu acho que foi aquilo que você me tocou antes, que provavelmente eles já tavam estudando, então o governo mandou energia pra lá...

**Leninha:** Que ano, o senhor lembra, lembra o ano?

**Manoel Quirino:** Não lembro, mas eu imagino que tem uns quinze anos... É bom ver com alguém que vai lhe dar essa informação...

**Leninha:** É uma coisa recente, né? De quinze anos pra cá...

**Manoel Quirino:** É recente, exato. Energia elétrica... E hoje o povo tem banheiros arrumados, com vaso, com... que não tinha antes... é o que eu falei que minha mãe

pegava água na fonte, chamava fonte, cacimba com a lata, e ela saía truco truco truco, e carregava, transportava água da cacimba pra casa, chegava colocava numa bacia, numa gamela pra lavar os pratos; hoje tem pias com água encanada, tem caixas d'água, tem banheiros; banheiros tão descentes quanto a gente tem aqui, tem lá, em quase todas as casas... [CONVERSA PARALELA]...

**Leninha:** O clima...

**Manoel Quirino:** Como? Já foi mais, hoje tá menos, mas ainda é mais frio do que aqui...

**Leninha:** Ameno...

**Manoel Quirino:** Ameno... Temperatura à noite ela cai. Se você subir a serra, que é no caso, lá onde era o garimpo, que o meu pai trabalhava, lá chega a nevar, entendeu... de manhazinha neblina, o mato amanhece com um orvalhozinho, já foi muito, do chão ficar molhado, hoje tá menos. Eu não tô frequentando, não tô visitando essas áreas lá, mas eu tenho notícia que tá menos, mas ainda tem o climazinho frio, à noite a temperatura baixa muito, do São Pedro pra o Careta, Pau Brancos, os Pau Darcos, que é onde tinha os trechos de garimpo de cristal branco.

**Leninha:** Tá bom, Seu Manoel muito abrigada, pela sua conversa, depois alguma dúvida que eu tiver, eu venho aqui...

**Manoel Quirino:** De nada, tranquilo. O que tiver ao meu alcance tá bom...

**Leninha:** O senhor também, tá bom... Muito bonita sua história, Parabéns!

**Manoel Quirino:** Vou falar, seu Antônio aqui, tenho um grande respeito por ele...

**Leninha:** E ele pelo senhor, também...

**Manoel Quirino:** E eu vejo que ele também tem por mim, é do coração, não é amigo falso, não...

**Leninha:** É admiração, admiração pelo seu trabalho, pelo seu sucesso...

**Manoel Quirino:** Eu fico até sem jeito, porque eu acho que eu não mereço tanto (risos) elogio que ele tem me dado, mas agradeço, muito...

**Leninha:** É verdade... (risos)

**Manoel Quirino:** E tenho grande respeito por ele e família... Eu conheço as meninas dele, mas parece que eu conheço é, são outras...

## II - ENTREVISTA: ANANIAS (GALO)

### REALIZADA NO DIA 25 DE JANEIRO DE 2019 NA SEDE DO MUNICÍPIO

**Aurilene:** Então nós estamos aqui, hoje, dia 25 de janeiro, numa tarde quase que chuvosa né? (risos) A chuva tá chegando aí, e, nós estamos aqui conversando com o professor Galo, professor Ananias, mas que todo mundo chama de Galo. É, então, a minha questão, Galo, é sobre, como é que chegou o Parque Eólico, o que é que você sabe sobre essa Indústria Eólica que chega no Município de Sento Sé, e também sobre o Parque Boqueirão da Onça? Essas transformações que estão acontecendo, né, como é que tá se dando essa comunicação, como é que o município está se envolvendo, o que as pessoas estão dizendo, enfim, pode ficar à vontade.

**Galo:** É, veja bem, é... Como morador do Município de Sento Sé, é, eu percebi, desde 1998, uma movimentação que chamou bastante atenção dos moradores, principalmente, das regiões mais acentuadas no Parque Boqueirão da Onça. Bom, uma equipe demonstrava interesse por mineração e essa ambição pelo minério também motivava os moradores da região a uma possível mudança radical por conta da descoberta de minérios. Se identificava essas pessoas como sendo ligadas aos governos, e, dizendo que a região era muito propícia a mineração. Na verdade, se falou até em minérios, em derivados minerais, que possivelmente eram restritos a exploração só a governos, como foi o caso do, do... aquele proibido, rapaz... como é o nome? Urânio!

**Aurilene:** Urânio! Já ouvi falar mesmo

**Galo:** Por causa do urânio! Por causa do urânio, né?

**Aurilene:** Isso!

**Galo:** Só que não era ali já era uma observação dos canais de vento que sopravam a região. E a disputa rápida veio logo em seguida pela demarcação de terras. A compra por terras na região aconteceu também numa velocidade extraordinária, onde pequenos produtores, pequenos proprietários, receberam propostas boas em áreas até então desinteressantes para a região, porque eram áreas de sequeiro, geralmente acentuadas ou localizadas em montanhas, em topos mais altos, né!. E nunca se imaginou que realmente a grande riqueza fortuna fosse o vento, um produto natural, né!. Então, também já existia uma outra frente na região que eram biólogos, técnicos e estudiosos na possibilidade de um mosaico ou de um Parque e também não diziam aos moradores qual é a finalidade principal, né. Então essas duas frentes de estudo e de pesquisa aconteciam paralelamente. É, eu me recordo bem que só começou a se identificar que era realmente o estudo biológico e o estudo natural na região a partir da identificação dos biólogos que começaram a ter que fazer contatos, amizades, entendeu? Criar vínculos, afetos com os moradores e aí começou-se a falar sobre as necessidades da conservação.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Mas ainda uma conversa muito distante da realidade. Nunca se falou ao morador a possibilidade da criação de um Parque, certo, os problemas que pudessem vir com a implantação de um Parque Nacional. E só lá pelos anos 2003, 2004, já começaram-se a se identificar tanto as compras numa velocidade mais vertiginosa das áreas ou até já experimento de vento com torre de experimento, bem como também os biólogos e o pessoal do, ligados ao Ibama, o Instituto Chico Mendes precisamente, que começaram a esclarecer aos moradores a necessidade de realmente, da conservação do bioma para a preservação de espécies. É, de certa forma, tudo isso aconteceu com a comunicação, na minha opinião muito precária a realidade dos moradores. Muitos deles perderam suas terras por valores irrisórios. Hoje, grandes empreendimentos se instalaram e os moradores seguem pobres do mesmo jeito e esses empreendimentos hoje ocupam terrenos antes sem valor e hoje terrenos milionários, na verdade, né. O Parque também teve o seu estudo concluído, era pra ser sancionado na gestão Dilma Rouseff, mas por imposições do governador do Estado, Jaques Wagner, na época, pra um estudo mais detalhado da área, e só agora em abril, depois do governador Rui Costa ter entregue realmente a proposta que era interessante ao governo da Bahia, em relação a unidade de conservação, só depois disso foi que realmente os moradores tomaram ciência do que é realmente o Parque e qual era realmente o verdadeiro interesse dos estudiosos. Vejam só, foi surpresa também porque a Serra do Sapateiro, por exemplo, é considerado o coração desse bioma.

**Aurilene:** Fica aonde?

**Galo:** Fica na região do Mimoso e alegre, naquela região.

**Aurilene:** Ah, certo, certo.

**Galo:** Campo Largo. Então esse interesse capitalista dos políticos baianos fizeram com que a Serra do Sapateiro, Serra do Murim, e Riacho das Minas, Serra da Bananeira, todas ficassem fora do Parque Nacional, da unidade de conservação, o Parque Boqueirão da Onça. Elas ficaram dentro de uma APA. É, limitando-se do Mimoso até extrema com Umburanas ficou APA.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Então dentro da APA é possível desenvolver essas atividades, os Parques Eólicos ou solares. Ainda bem que conservando de acordo, de certa forma, conservando, mas é possível desenvolver essas atividades econômicas.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Já na outra região que integra do Mimoso indo até a divisa com campo formoso, é, acentuando Escurial, Prateado, e esse entorno aqui mais próximo da área urbana da cidade de Santo Sé e dos distritos, né, mais populosos, também ficaram dentro da área de conservação do Parque.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** E depois da sanção presidencial já em abril de 2018, começaram a chegar informações também que de fato afetou os moradores, e as informações eram da possibilidade de retirada dos moradores de alguns locais.

**Aurilene:** Certo.

**Galo:** Isso gerou uma conversa muito preocupante na região, as informações eram distorcidas e somente praticamente setembro, outubro de 2018 é que o pessoal do ICMBio, é, resolveu começar uma conversa direta com os moradores. Mas até hoje, é uma conversa que não tá bem clara, explicada, porque fala-se na retirada de moradores. Então, dentro do plano de manejo, eles dizem aos moradores nas reuniões que realizam, que não haverá necessidade da retirada dos moradores, mas limita o fundo de pasto.

**Aurilene:** Certo.

**Galo:** Então esse é um outro conflito.

**Aurilene:** A atividade, né?

**Galo:** Porque é a principal atividade econômica dos catingueiros é desenvolvida no Fundo de Pasto. Que é a criação de caprino, ovinos e bovinos.

**Aurilene:** Extensivamente!

**Galo:** Extensivamente! Então, a limitação do fundo de pasto a área urbana dessas comunidades, me parece preocupante, muito preocupante. É, o pessoal do instituto Chico Mendes tá desenvolvendo aí, encontros, dentro dessa atividade de manejo, mas não há uma segurança jurídica em relação a isso que tá acontecendo. Se realmente retira os moradores, se manter os moradores, mas com o fundo de pasto limitado, então pra nois é uma preocupação muito grande. É, o pessoal do instituto Chico Mendes também me parece um pouco atrasado na catalogação, né? Em catalogar todas as áreas habitadas. Então, de qualquer forma, a gente ainda tem uma comunicação, na minha opinião, uma comunicação restrita, ainda vaga. Não há um detalhamento do que será feito realmente em relação a permanência dos povos tradicionais, né, das comunidades tradicionais.

**Aurilene:** E como eles vão estar inseridos, né!

**Galo:** E como eles vão tá inseridos dentro do Parque. Eu acho que o Parque é uma necessidade. Me parece um desinteresse muito grande do governo do Estado da Bahia quando limitou em praticamente 50% somente o Parque Nacional. Porque a área integral, ela tem uma exigência bem maior do que as APAS. E por se tratar de um bioma único, e, me parece, me parece, estarmos nois, dentro de uma área muito bem preservada e muito importante para o bioma Caatinga. Então, ainda que traga prejuízos materiais, inicialmente falando assim, prejuízo emocional também, né?

Histórico para alguns moradores, mas a necessidade da conservação ela é única. Se não fizer isso agora, talvez a gente não tenha amanhã.

**Aurilene:** É, por conta das empresas que estão chegando na verdade. Porque a população é quem tem preservado, né. Historicamente, de certa forma, a população é quem vem... a população, a comunidade tradicional, né?

**Galo:** Isso! As comunidades tradicionais, elas mantiveram o tempo inteiro uma conservação realmente muito boa! Muito boa! Porque, vejam que, os dados mostram que antes da descoberta desse interesse das empresas pelos canais de vento na região não haviam desmatamentos.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Por anos e anos não se viam uma máquina devastando na região. Bastou as empresas chegarem, oferecendo dinheiro as pessoas para colocarem as torres de experimento de vento, para descobrir os canais mais apropriados para os investimentos, e aí começaram máquinas e mais máquinas devastar para limitar as áreas e a briga interna. O que mais se tem dentro da área do Boqueirão da Onça hoje, tanto na APA quanto no Parque, é exatamente conflito de terras, limites de áreas rurais, porque todo mundo deseja ter Parque dentro de sua área, Parque Eólico. É, agora recentemente, algumas pessoas na região do Limoeiro da batateira, ficaram muito tristes quando as empresas desativaram torres de experimento de vento, né. Eles já recebiam anualmente em torno de 12 mil reais só para testar a velocidade e a permanência do vento, né.

**Aurilene:** Certo!

**Galo:** E com a sanção presidencial do Parque, quem ficou dentro do Parque, todas as empresas já desmontaram as torres de experimento.

**Aurilene:** Hum. Onde vai ser o Parque eles já desistiram, já...

**Galo:** Não há mais nenhuma torre na área do Parque, é, testando velocidade e frequência de vento.

**Aurilene:** Lá naquela região?

**Galo:** Na região! É, essas empresas mudaram, elas saíram rapidamente, saíram rapidamente de dentro da área de conservação integral, que é o Parque, e foram pra APA.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Passaram a ocupar novas áreas na APA.

**Aurilene:** E como é que você vê, assim, é, você tá me falando que isso vai... as pessoas estão começando agora depois que (não entendi) o decreto, né? Mas, que perspectiva que você vê da participação popular, se você vislumbra alguma coisa, e

o que as pessoas estão dizendo, se tem algum tipo de organização, como é que você vê essa comunicação das pessoas, mesmo nesse contexto, né, tão difícil.

**Galo:** Olha, eu vejo isso com preocupação, porque, é, o próprio governo do Estado, através do IRPAA, já agora em agosto de 2018, é, determinou que o IRPAA, por estar ligado a atividade rural, reunisse os moradores, é, pra preparar o discurso dos moradores em relação ao Parque. Então, o IRPAA não colocou os moradores contra o ICMBio. Mas foi preparar um discurso alinhado com o raciocínio do instituto Chico Mendes e alertando para a possibilidade de retirada.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Foram várias as reuniões. Deu pra se perceber que o IRPAA, depois de muita pressão popular e rejeição das comunidades tradicionais, o IRPAA saiu da discussão, quando chegou o instituto Chico Mendes, que passou a se reunir com os moradores. Pra você vê que a situação era tão desconfortável que todos os encontros, até hoje, são realizados com o apoio da Polícia Militar.

**Aurilene:** É mesmo?

**Galo:** Porque não há consenso entre os moradores e a equipe de manejo. Então, como é que a equipe do plano de manejo tem até 2023 para concluir essa atividade, né, em relação as populações tradicionais. Aí tá se discutindo essa parte que eu falei anteriormente: mantém o morador na sua comunidade; mantém as comunidades tradicionais, limitando o fundo de pasto, que tá sendo uma outra rejeição por parte dos moradores. Eles gostariam de viver dentro do Parque, mas desenvolvendo atividade econômica deles, a criação de animais. Para o Instituto Chico Mendes, essa conta não fecha. Porque eles querem criar, criar não, eles querem manter a presença da onça na área. É quase impossível ter onça e caprino no mesmo espaço, né? Uma vez que a presa principal já foi praticamente extinta, né. O veado, o caititu, o tatu, então...

**Aurilene:** Só restam os bodes.

**Galo:** Só restam agora aqueles que o povo produz. Então, essa conta não vai fechar. Certamente, o homem vai atacar a onça. A onça vai atacar o bode e o homem vai atacar a onça. E nessa linha de raciocínio, o pessoal do Instituto Chico Mendes tá correto em não aceitar a criação dentro do Parque. Já para os moradores, a população tradicional, a eles, só interessa a permanência. Então ainda não fechou essa conta. Eles seguem divergindo.

**Aurilene:** Esse tipo de manejo é do ICMBio?

**Galo:** Do ICMBio!

**Aurilene:** O IRPAA não tá mais?

**Galo:** Não!

**Aurilene:** Iniciou a discussão, mas...

**Galo:** O IRPAA, na verdade, diante de tanta incerteza e da falta de comunicação, o IRPAA, por ter essa atividade direto com homem do campo, o IRPAA passou a reunir, a orientar as pessoas para a possibilidade de conflitos, como a retirada, não poder criar. Então isso impactou rapidamente uma ideia de que o Parque era ruim. Eles passaram a entender que o Parque não traz nenhum benefício a eles. Pra eles é mais importante torres eólicas, entendeu? Empreendimentos que gerem dinheiro. Eu, particularmente, costumo dizer a eles, aos moradores, a gente tem uma convivência muito próxima, a todas as comunidades tradicionais, porque fazemos parte desse povo, e, eu costumo dizer a eles o seguinte, que o Parque não está sendo implantado para os nativos. O parque é um mosaico de estudos para o mundo todo. Nois, que estamos dentro do Parque, somos apenas objetos de estudo também. O Parque não é uma unidade de conservação dirigida aos moradores. Por isso a gente não demonstra, aliás, a gente não entende a importância desse Parque. Mas que ele é importante, muito importante, ele é.

**Aurilene:** É um longo processo mesmo de conscientização e de tentar menos possível também prejudicar e criar alternativas, né? De convivência, de lidar com a atividade do homem do campo. É algo que é muito delicado, né?

**Galo:** É muito delicado! Mas eu acredito que é possível, dentro desses cinco anos que a lei assegura, os cinco anos pra que o ICMBio finalize o plano de manejo. Mas eu acredito que no final as pessoas vão acabar tendo a consciência da importância do Parque. E também, a equipe de manejo vai compreender a necessidade da conservação das populações tradicionais.

**Aurilene:** Essa questão! E as mineradoras? Como é que elas estão hoje, assim, como é que você vê isso? Nesse contexto todo de Parque... de Parques, né? Parque Eólico, do Parque Boqueirão, e as mineradoras ainda continuam, porque me parece que as mineradoras, inclusive, algumas pagam licenças para estudos onde hoje é o Parque.

**Galo:** A maioria dos requerimentos de subsolo estão dentro do Parque. É, por informação de técnicos e funcionários de empresas de mineradoras, sabemos que muitas dessas licenças, aliás, dessas solicitações de requerimentos, já foram canceladas. Muitos dentro da área do Parque já foram canceladas, né. O que de certa forma é animador para a conservação do bioma e desanimador para o capital. Empresas grandes como a Vale do Rio Doce e outras que tem requerimento, tem até licença de pesquisa, já concluído o trabalho de pesquisa, já se falava na licença de lavra e exploração do ferro. Mas como tá dentro da área do Parque, tudo foi suspenso. Não sabemos se há um interesse realmente do governo na liberação desse mineral para o futuro. Mas, inicialmente, essas pesquisas, esses estudos estão suspensos, por conta de que as maiores jazidas pesquisadas estão dentro da área do Parque.

**Aurilene:** Mas com o novo governo você acha que...?

**Galo:** Os moradores da região, embora, tenham pouco conhecimento dessa parte dos acontecimentos, das intenções políticas, mas eles acreditam no discurso do Presidente da República de que é importante produzir. E me parece que, inicialmente,

o Presidente da República demonstrou uma necessidade de enfraquecimento do IBAMA, foi o que demonstrou. Mas já agora, no encontro de Davos, o Bolsonaro já fez um novo discurso em relação a preservação. Ele já trouxe um fato novo. Disse que é possível produzir conservando. Ele já sinalizou a possibilidade de rever o discurso anterior. É importante produzir, é! Mas ele já recorreu a essa necessidade de conservar. Por conta da pressão Internacional também ao primeiro discurso. Então as empresas tão apostando no primeiro discurso do Bolsonaro, na possibilidade de rever essas licenças e começarem a operar a extração na região, né.

**Aurilene:** É, vamos ver o que pode acontecer, né. Eu conversei com os moradores lá em Quixaba e eles me colocaram uma questão, não sei se você já ouviu falar, né, de que... as três pessoas que eu conversei, de que o ICMBios, né... eu não sei se é o ICMBios, não sei, não disseram se era a ICMBios, mas disseram que tem órgãos do governo que estão trazendo onças de fora pra o Parque. E as onças são chipadas e que existe todo um controle. O que é que você já ouviu? O que é que as pessoas estão dizendo sobre isso, assim, o que é que você já ouviu?

**Galo:** Desde 2000 que essa área que integra os fragmentos de floresta do Boqueirão da Onça, desde 2000, ela recebe animais capturados em outras regiões, mas que tenham a mesma característica.

**Aurilene:** Certo! Então o pessoal tem razão. As pessoas...

**Galo:** Tem razão!

**Aurilene:** Certo!

**Galo:** Já foram soltos aí, libertados vários animais, tipo, jaguatirica, onça pintada, onça parda.

**Aurilene:** Foram capturados em outras regiões?

**Galo:** Em outras regiões, dentro das operações do IBAMA, certo. É, na hora de soltar esses animais, de libertá-los, eles geralmente escolhem a área do Boqueirão da Onça. Essas onças são acompanhadas realmente. Há 15 anos o Instituto Chico Mendes já tem câmeras instaladas em canyons e corredores de onça. Já existe o estudo para a implantação do Parque, é, já era... com provas reais da necessidade de conservação da região, por conta do volumoso número de onças que ainda tinham. Possivelmente, na área de caatinga, nenhum outro lugar tem a mesma quantidade de onças, ainda, quanto aqui a área do Boqueirão da Onça. Nenhum outro lugar no Nordeste brasileiro, nenhum outro lugar tem a concentração de animais do bioma caatinga como essa área do Boqueirão da Onça. Por conta da conservação da vegetação, né. Então, com a vegetação preservada os animais tem conseguido sobreviver a perseguição humana e certamente também de outros predadores. Então, existe onças chipadas realmente na região. Mas os moradores... Eu sigo achando que os moradores se confundem muito. O problema é porque a área do Boqueirão da Onça, as áreas que tem abundância em água, estão sempre próximas a áreas habitadas.

**Aurilene:** É, onde tem água.

**Galo:** É, e com um constante período de seca as onças estão se aproximando das áreas urbanas. Pela falta de alimento, pela necessidade da água, certo. Então elas estão se aproximando. Então tá normal que as pessoas vejam mais onças porque elas estão dentro de um habitat natural bem pressionado. Tão sem alimento, sem água, e esses recursos estão na habitação. Próximo ao homem é que tem realmente o caprino. Então ela tá se aproximando do homem. Aqui na sede, em Sento sé, na cidade, dentro da área urbana da cidade, bebe onça, onça bebe água.

**Aurilene:** É mesmo?

**Galo:** É muito comum a informação de que trabalhadores rurais vêem a onça entrando ali pra região do porto fluvial na antiga Castela, a onça passando a noite, porque ela entra pelo corredor de serra na Frutmag. Se aproximam, e, na calada da noite elas vão ao rio, ou no rio ou na própria empresa Frutmag, bebem água e retornam. Então significa que ela tá perto do homem, não é só porque é onça chipada não.

**Aurilene:** É, tem mais onça chegando por perto.

**Galo:** Tem mais onça chegando por perto.

**Aurilene:** Aí as pessoas acham que são onças que... é verdade!

**Galo:** Todo lugar o povo vê onça aí.

**Aurilene:** É, seu Zé me falou. Seu Zé falou que sempre tão matando os animais, né, tem uns por perto na Lagoa do Mari.

**Galo:** É, porque, pra você ver, o raio de habitação de uma onça é de 50 quilômetros, né. O raio de habitação é de 50 quilômetros. E você analisa que você tem um olho d'água, é, na Palmeira, por exemplo, então a onça que tá na Lagoa do Mari não consegue tomar água na barragem porque é dentro do povoado, ela termina voltando pra tomar água na Palmeira, muito longe, entendeu? Esse corredor de onça aí, que na opinião dos biólogos é o principal que liga o garimpo, onde é o garimpo hoje. O garimpo ali foi, acredito, que pra os biólogos foi um desastre, que era um passador de onça ali, era um corredor de onça mesmo, né. Elas se distanciaram agora, porque elas seguem aquela serra. Além da Palmeira, tem o Brejo do Plácido, o Cumbe, e vai até o Cajuí, sempre na área de serra, onde é mais fácil o animal viver sem a presença do homem.

**Aurilene:** Huhum! E como é que fica o garimpo? Ia perguntar sobre isso, né, porque tá dentro do Parque.

**Galo:** O garimpo tá dentro do Parque, mas, nessa mudança que houve, segundo o instituto Chico Mendes, o garimpo vai ficar fora. Dentro do plano de manejo, o garimpo vai sair da área do Parque, com previsão de cerca de arame pra impedir o avanço do garimpo pra área do Parque.

**Aurilene:** Hum... tá! Nossa, se eles vão cercar o garimpo, imagina os garimpeiros ali querendo garimpar e tem uma cerca, como é que vai ser esse controle, né? Fico imaginando, né.

**Galo:** Ó, é o seguinte, o pessoal já teve lá. Os garimpeiros que tã explorando sabem do limite do garimpo.

**Aurilene:** Já tem esse limite?

**Galo:** O limite inicialmente é um limite verbal. No mapa já consta. Mas só no final do plano de manejo é que realmente o garimpo vai tá com sua área independente do Parque. Mas já existe essa limitação. Prova disso é que semana passada, um outro garimpo, que tá sendo explorado dentro da área do Parque, mas fora do garimpo da Quixaba, recebeu visita de policiais militares, acompanhados do pessoal do INEMA, do Instituto Chico Mendes, onde foram feitas algumas apreensões de arma de fogo, era pra ter destruído os equipamentos dos garimpeiros, mas como se tratava da primeira abordagem, eles preferiram orientar os garimpeiros que retirassem todo o material pra numa segunda abordagem eles vão destruir, incinerar o que for encontrado.

**Aurilene:** Huhum! E onde é isso?

**Galo:** Isso aí é lá no Brejinho do Placi, um lugar denominado Monte Alto.

**Aurilene:** E qual é o minério lá? Ametista também?

**Galo:** Ametista também! Na mesma serra, Cabeluda também. Cabeluda. O povoado e o garimpo que é próximo ao povoado vai ficar fora também do Parque.

**Aurilene:** Agora, e esse incêndio que houve? Parece-me que até umas pessoas estão sendo processadas, o que é que você ouviu falar sobre isso? Porque não é comum ter incêndios, ao menos que eu saiba, né!?

**Galo:** Não é comum ter incêndio na região, até porque nós não temos informação de que surjam fogos naturais na região. Não há essa informação aqui na região do Boqueirão da Onça. Esse incêndio realmente foi um incêndio de grande proporção, um prejuízo ambiental imenso, mas nós não temos informação realmente se houve indiciados, até o momento não temos informações sobre indiciados. Acredita-se que realmente o fogo foi criminoso, embora não intencional, porque se tratava de um grupo de caçadores que adentraram lá pela região da favela, na região da avenida do Mari.

**Aurilene:** Perto de Xique-Xique por ali?

**Galo:** Não, entre a Lagoa do Mari e o Tanque.

**Aurilene:** Até ali?

**Galo:** É, isso! Eles adentram numa planície de 3 horas de viagem de carro, na mata, em estrada ruim, mas quando se aproximam da montanha aí não tem mais estrada. Então eles fizeram uma caçada de dois dias, e, dois dias depois, num fogo que eles

fizeram pra se comunicar e também cozinhar alimentos, perderam o controle do fogo. E aí tava ventando muito no período, facilitou demais, a caatinga seca, e terminou nesse grande prejuízo aí. Mas não há informação de que essas pessoas tenham sido identificadas porque os moradores da região dizem, sabem muito bem quem são as pessoas, mas para encontrar, detalhar nomes, é um pouco complicado. Mas os técnicos e os biólogos tomaram ciência da origem.

**Aurilene:** Tá certo, Galo, muitíssimo obrigada, viu, nossa, foi muito boa essa conversa. É, tem mais alguma coisa assim, que você gostaria de falar que eu não perguntei?

(voz ao fundo falando algo sobre o Boqueirão da Onça)

**Galo:** É que as vezes a pessoa procura o porquê Boqueirão da Onça.

**Aurilene:** Isso! Huhum!

**Galo:** Porque Boqueirão da Onça? Não poderia ser outro nome? Eu me recordo que quando os biólogos faziam as pesquisas na região, eles sempre apontavam para a possibilidade de... hoje observando como era o comportamento deles no passado, ficou claro que eles tinham o interesse sim, eles gostavam demais de falar Boqueirão da Onça, Serra do Sapateiro e Prateado. É, o Boqueirão da Onça é um lugar que sempre existiu, era um corredor de onça, lá no local mesmo, onde ficou conhecido como Boqueirão da Onça, foi um lugar que me parece que a terra foi sugada para baixo, certo. Criou-se uma cratera imensa, maior que um campo de futebol, e não tem acesso, é sem acesso. Então, como não tem acesso, nem o próprio homem acessa lá, lá se tornou um refúgio de onça. As onças que faziam o percurso da Serra do Zé Antônio, Serra do Mateiros até a Palmeira sempre se refugiavam nesse local, porque criou-se algumas cavernas, né, dentro dessa cratera, e as onças sempre se refugiavam ali. Mesmo com a descoberta do garimpo, elas fugiram, elas se afastaram da região do Boqueirão por conta das explosões. Mas esse lugar já era, há mais de cem anos atrás, já era conhecido como Boqueirão da Onça porque era um lugar realmente...

**Aurilene:** O povo que botou esse nome, né? A população...

**Galo:** Um nome popular, já dizem os primeiros habitantes que lá era um local de concentração de onça.

**Aurilene:** As pessoas já sabiam, né?.

**Galo:** Porque o caçador caçava no (não entendi) mas não conseguia entrar nessa cratera. Nem cachorro, só onça tinha acesso, só as onças tinham acesso.

**Aurilene:** E o caldeirão que é onde tem água.

**Galo:** Que é lá dentro dessa cratera.

**Aurilene:** É lá dentro também.

**Galo:** Dessa cratera! Uma cratera gigante entendeu? É, eu vou rever o meu arquivo, tem uma foto aérea dele, desse buraco.

**Aurilene:** Ah, que bom, eu quero!

**Galo:** Um buracão! Eles recentemente passaram a chamar de buracão. Mas lá é o Boqueirão da Onça. Então no final eles ficaram com o Boqueirão da Onça, o nome né, acabaram denominando Boqueirão da Onça, porque Boqueirão da Onça pra eles era mais interessante porque era pela quantidade de onças. Como o objetivo disso era a quantidade de onças é chegou mais forte, né. Porque eles também era muito, simpaticava demais com Serra do Sapateiro. Sapateiro é o tamanduá mirim. Tamanduá mirim é denominado pelo caçador, pelo sertanejo, de sapateiro. Todo caçador aqui do sertão sabe que sapateiro é o tamanduá mirim.

**Aurilene:** Olha, que interessante!

**Galo:** Como lá tinha uma concentração diferenciada de tamanduá mirim, aí chamaram de serra do sapateiro.

**Aurilene:** Que é a Serra do Tamanduá, né.

**Galo:** É a do Tamanduá!

**Aurilene:** Huhum! Mas os biólogos, a questão dos biólogos são as onças?

**Galo:** A onça! A principal.

**Aurilene:** Lá o principal é a onça, então... E os sítios arqueológicos? Nessa história toda, né. Porque são, agora, são uns três mil sítios, né? E parece que Sento Sé tá sendo, inclusive, descoberto também por isso, pelos sítios. Os arqueólogos, né, também estão. Não só biólogos como arqueólogos, né, geólogos, eita, todos os "eólogos" (risos).

**Galo:** Aqui em Sento Sé, na verdade, o pessoal que já vem começando a pesquisa dos sítios arqueológicos, é, ainda tá pouco, porque os sítios mesmo só lá nos Caboclos, na Cabeluda.

**Aurilene:** Lá tem um sítio?

**Galo:** Um sítio arqueológico, né.

**Aurilene:** Nas cabeludas?

**Galo:** Próximo as cabeludas. Esse foi visitado pela equipe da TV Globo. Tornou-se um patrimônio conhecido nacionalmente. Mais abaixo tem o Caldeirão, tem muitas marcas rupestres também, né. E um que ainda não recebeu visita de ninguém na Minação de água azeda. Fica na divisa do Campo Formoso. É um canyon muito difícil, de difícil acesso. É muito difícil! Mas foi um lugar muito habitado, muito habitado pelos primitivos.

**Aurilene:** Mas, agora assim, aqui perto do Brejo da Brásida, por ali, tem inscrições também, rupestres, né?

**Galo:** Também! Tem também! Tem muitas! Porque, é, quando você observa as informações do surgimento dos humanos aqui na região você percebe que apesar de ter muita água, o São Francisco, ele demorou a ser habitado. As pessoas, os nativos, ao que parece, eles primeiro se refugiaram nas montanhas, né, você fica na montanha com água em abundância. Aí você percebe que tinha bastante caverna, né. Você percebe que tinha os sinais, né, a escrita rupestre que tá lá como sinal e em alguns lugares você percebe que houve a presença mesmo de humanos, até com invenção de transformar cavernas em moradia.

**Aurilene:** Huhum!

**Galo:** Da pra perceber que houve, por exemplo, o remanejamento de pedra de fora pra dentro de caverna. E você vê que aquilo só foi possível pela ação do homem, entendeu? Usavam as cavernas como residência em períodos de chuva, né, em períodos mais... ou para se livrar de ataques de animais, de animais ferozes, né. Você percebe que a remoção, de uma não, de várias pedras pra fazer uma proteção só foi possível com a ação do homem. Um sinal de que ali habitou. E são muitos desses sinais em Sento Sé. É que no futuro realmente vai, aquele negócio vai ficar um grande e imenso mosaico de pesquisa.

**Aurilene:** É, esperamos que assim, a população jovem, as pessoas, comecem a querer conhecer, a se interessar, né. Porque eu fico pensando, como é que as pessoas que estão mais aqui na sede mesmo, né, as pessoas do interior tá sentindo bem próximo. Mas e as pessoas aqui na sede? Os jovens...

**Galo:** É um contraste. Se você falar de Boqueirão da Onça na cidade não vai conseguir muita coisa porque as pessoas não sabem o que é o Boqueirão da Onça, não sabem pra quê e nem as consequências dos que estão lá dentro do Parque, entendeu? Isso que nós falamos aqui agora pouquíssimas pessoas sabem porque poucos se importam também com a questão. O próprio poder público municipal não tem a preocupação de um acompanhamento, uma equipe de gestores educacionais pra realmente, como é que diz, registrar esse momento, o que é satisfatório e o que não é para a população.

**(uma terceira voz fala ao fundo, não consigo entender)**

**Aurilene:** Josebel!

**Galo:** Josebel!

**Meu pai:** Não é mais do Município?

**Aurilene:** Não, o que ele disse é que a questão hoje é que tudo é área Federal. A área de APA e a área do Boqueirão. E que o Município não pode intervir. O Município fica impossibilitado de fiscalizar de fazer qualquer coisa. Na sua opinião, como é que você vê essa relação? Assim, você já...

**Galo:** Olha, é o seguinte, realmente o Município não pode legislar sobre a União, é o contrário, né? A União legisla sobre o Município e o Município não pode legislar sobre a União. Realmente, é, sempre foi. Agora, hoje é diferente porque a União demonstrou interesse e chamou pra si a responsabilidade da conservação do bioma, né. Então é o seguinte, quando eu falo que o poder público pouco faz, assim, eu me refiro a questão dos registros históricos.

**Aurilene:** Exatamente! da conscientização.

**Galo:** Era pra tá acompanhando isso, registrando, conscientizando os moradores da necessidade do Parque, porque nem sempre você vai conseguir só dizer sim. Nois sabemos que a população atingida com o Parque, é, olhando a dimensão da necessidade do Parque, é muito pouco, mas é a população tradicional, ela precisa ser respeitada pela sua totalidade, certo, mas ela precisa saber que há uma necessidade da conservação desse bioma.

**Galo:** Agora, por exemplo, como é que vai, o que é que vão me dizer daqui a 20 anos, os primeiros 20 anos do Parque, como se deu, esse registro, não tá acontecendo esse registro por parte da municipalidade. Não tá tendo um acompanhamento.

**Aurilene:** Exatamente! Foi o que eu disse a ela.

**Galo:** Não tá tendo acompanhamento, não é pra fiscalizar, eu não estou me preocupando com o que fiscalize a União. Não! O Município tem interesse de formar sua opinião do que ouviu, porque nois vamos receber mais tarde um relato do Instituto Chico Mendes e vai ser único. O Município poderia ter o seu registro separado, de como se deu o acompanhamento, né, principalmente agora que nois estamos num momento que me parece que mais importante, que é o momento dos primeiros cinco anos, como vai se dá e como tá se dando o plano de manejo. Então, em 2023, me parece de 5 ou 7 de abril, né, dia que sancionou, fecha o relatório. E esse é o relatório que vai ficar para todas as gerações, entendeu? Se o Município tivesse essa preocupação histórica com esse registro, entendeu?

**Aurilene:** Justamente!

**Galo:** O município ele se ausenta demais.

**Aurilene:** Deixa passar. Ok então, Galo, muito obrigada!

#### **4 - ENTREVISTA: SEO ANÍSIO – MORADOR DE QUIXABA – 14/01/2019**

##### **ENTREVISTA REALIZADA NA SEDE DO MUNICÍPIO**

**Aurilene:** Bom, estamos aqui com seo Anísio, Anisinho, né?

**Anísio:** É!

**Aurilene:** E se o Anisinho é de Quixaba, nós estamos aqui em Sento Sé, mas ele mora hoje em Quixaba, mas ele nasceu no Brejinho, que é o lugar mesmo do Boqueirão da Onça. Porque esse Boqueirão da Onça? Já existia antes do Parque, né? Como era esse Boqueirão da Onça? O que é que o senhor se lembra? Como é que vocês viviam? O que é que tinha nesse Boqueirão? Como era esse Boqueirão?

**Anísio:** Lá é o seguinte, a gente vivia indo no Brejinho, tem o Boqueirão da Onça e o Caldeirão da Onça. O caldeirão já pertence, já é, já fica aqui, quase emparedado com o Riacho dos Paes, mas o Boqueirão das Onças é que é, que passa, corre a água e passa de baixo dos canavieiros (?). Pois nasci aí nos Paes, criado mais meu pai. Tinha uma roça mesmo onde hoje é o a mancha das casas do garimpo dentro da grota.

**Aurilene:** Da casa do?

**Anísio:** Do garimpo.

**Aurilene:** Do garimpo!

**Anísio:** Dentro da grota era uma roça do meu pai. Eu molecotezinho cansei de romper com carga de melancia daí de dentro da grota lá pra casa. Não é distante não.

**Anísio:** E aí a gente foi criado nisso aí, depois desabei no mundo, fiquei a vida toda, meus pais mudaram pra beira do rio, eu era mesmo no mundo, aí quando eu cheguei, depois, pela... casei, na beira do rio. Pela barragem fui jogado pra Vereda do Mari, porque eu não quis vim pra Agrovila, e aí fiquei na Quixaba, fui procurar uma irmã minha, fiquei lá. Depois de lá vim pra Laje e da Laje vim outra vez para o Brejinho, pra fazenda dos Cabeçudos, donos do Brejinho.

**Aurilene:** O que são os Cabeçudos?

**Anísio:** A família do Denir... E esse pessoal que eram os donos da fazenda Brejinho.

**Aurilene:** Como era essa vida no Brejinho? O que é que tinha lá? E lá já era o Brejinho, já era Boqueirão da Onça?

**Anísio:** Toda uma vida já era o Boqueirão da Onça, conhecido.

**Aurilene:** Conhecido como Boqueirão da Onça?

**Anísio:** Boqueirão da Onça!

**Aurilene:** Por quê? O que é que tinha lá?

**Anísio:** Só o Boqueirão e onça.

**Aurilene:** Onça pintada? O senhor já viu uma onça?

**Anísio:** Eu? Eu mesmo pra ver ela pessoalmente nunca vi não, mas o rastro andei vendo várias vezes.

**Aurilene:** Os rastros. E tinha outros animais também que as pessoas...

**Anísio:** Muita caça, graças a Deus tinha muita caça.

**Aurilene:** Tinha o que?

**Anísio:** Caititu, tatu verdadeiro, tudo tinha lá. Depois que eu mudei da... e casei da (?) desabitada aqui da borda do lago pra lá, passei uma temporada morando na Fazenda Caruatá, voltei, vim pra Laje, povoado de Laje. Aí eu fiquei em meio de roça. Lá, tornei vim morar na Fazenda Calumbi. Já o entorno lá de casa é a Fazenda Brejinho. Que a Fazenda Brejinho é que é onde é localizado a grota Boqueirão das Onças. Situaram lá esse Parque aí botaram mais onças pra lá.

**Aurilene:** Quando foi isso que situaram o Parque?

**Anísio:** Não, ainda tá andando por aí...

**Aurilene:** Começou quando, o senhor lembra?

**Anísio:** (sussurros)

**Aurilene:** Mas o senhor tomou conhecimento quando?

**Anísio:** Depois dos seis anos atrás eu vim tomar conhecimento...

**Aurilene:** O senhor já ouvia falar do Parque?

**Anísio:** Já ouvia falar do Parque.

**Aurilene:** E o que é que o povo tá dizendo, o que é que o senhor tá ouvindo falar sobre a criação do Parque?

**Anísio:** O que eu to ouvindo falar é que uns dizem que não vai, que não é suficiente porque não tem onde criar (?) nada, só criar só onça não dá certo, e aí, eu pelo menos não me incomodo com isso aí porque não estou mais morando lá no Brejinho, to morando na Quixaba.

**Aurilene:** Mas o senhor participou da reunião, não foi? O senhor não...

**Anísio:** Não!

**Aurilene:** Não. Aí o pessoal tá colocando essa questão de que não tem condição de criar os animais?

**Anísio:** (sussurros) porque logo o local que a gente estava... porque a Quixaba é pequena, o criatório só se mante mais é pra lá. E onça, não dá certo criar onça misturado com os animais da gente. Criação, gado, essas coisas.

**Aurilene:** E eles estão trazendo essas onças de onde?

**Anísio:** Agora aí também eu não sei de onde é que vem não. É que dizem que tão soltando aí, pra lá. Agora no Garimpo, descobriu o garimpo, elas tão tudo... tem vez que vê onça a noite.

(Uma terceira voz falar algo relacionado a "alguém esperando".)

**Aurilene:** Já estou terminando aqui... Seo Dico vai também, né?

**Anísio:** Não.

**Aurilene:** Ah, seu Dico vai no outro carro, né, vai no ônibus. Tá.

**Anísio:** A pois... (sussurros).

**Aurilene:** Tá! Seo Anísio...

(Terceira voz ao fundo)

**Aurilene:** Já vai, está indo já. Seo Anísio, então assim, o que é que mais o povo tá falando, tá contando sobre isso? O que é que o senhor sabe sobre isso?

**Anísio:** Eu não sei dizer porque eu nunca me encontrei com nenhum do pessoal que labora com o Parque. Só vejo só conversa dos outros.

**Aurilene:** Tá bom, muito obrigada.

#### **ENTREVISTA: SEO DICO - POVOADO DE QUIXABA – 14/01/2019**

**Aurilene:** Oi, seo Dico, então, eu queria que o senhor me falasse sobre a história do povoamento aqui, antes... As primeiras pessoas que povoaram essa região e como o gado ajudaram nesse processo. Quem foram as primeiras pessoas? Como elas vieram?

**Dico:** Aqui era uma fazenda, aqui era um lugar que só morava gado, aqui era um mato e o que tinha era só animais, mas aí criaram a fazenda, os primeiros moradores ficaram sendo vaqueiros aqui para conduzir o gado, né?! E aí pegava o gado para levar para outro lugar para o abate e o leite, a desnatção do leite, na época, que hoje não existe mais. Aí hoje existe o... acabou o gado e com a barragem, o pessoal, a Chesf fez a povoação.

**Aurilene:** Mas, antes da Chesf? Quero que o senhor me fale sobre isso. Assim... o senhor me falou que o gado era que levava as pessoas para os lugares mais distantes, onde tinha água. Me fale do papel do gado, como é ele agia?

**Dico:** Exatamente... O papel do gado é esse mesmo, dona Aurilene, o papel do gado é esse, porque é o seguinte: a senhora chegando aqui, aqui agora não tem gado, mas lá na aguada o gado tá indo beber, aí o vaqueiro vai lá uma hora dessa, que nem esse rapaz que passou aí agora, ele vai lá onde tá o gado, agora eles tão indo pra roça. Hoje tá todo mundo criando cercado, o gado tá sendo reduzido, uma parte.

**Aurilene:** Mas tinha muito gado aqui?

**Dico:** Mas antes tinha muito gado, agora é que não tem, mas antes tinha muito gado. Mas justamente é isso, como estou acabando de dizer, a senhora confundiu assim, parece que confundiu uma pequena coisa assim do gado levar... a gente ia atrás do gado, era onde o gado estava.

**Aurilene:** Então, o gado ia procurar os lugares onde tinha água...

**Dico:** Onde tinha água, onde tinha comida e no dia seguinte a turma vinha atrás.

**Aurilene:** Pois é! Aí, na verdade, o gado era quem descobria esses lugares, não era isso?!

**Dico:** Era quem descobria os lugares...

**Aurilene:** Ah, então é isso. O gado, na verdade, era quem descobria os lugares que tinha água, que tinha as nascentes...

**Dico:** É, porque o gado é o seguinte: onde tem água, ele sente o cheiro da água e ele vai procurar água. Se chover aqui hoje, o gado tá lá em Sento Sé, se chover aqui, ele sente o cheiro e vem baixar aqui.

**Aurilene:** É mesmo?!

**Dico:** Ele vem baixar aqui. Aonde chover, ele vem baixar aqui. Ele desaba de onde... ele sente aquele cheiro e vai direto àquele local.

**Aurilene:** Então, ele na verdade que guiava as pessoas, ele é quem encontrava esses lugares próprios para que a vida pudesse...

**Dico:** Continuar...

**Aurilene:** Continuar... para que se formassem os povoados. Além da água, assim, o que era que o gado ajudava mais, assim, antes, o que é que ele percebia da natureza? Como é que o senhor...

**Dico:** Somente o movimento do pasto quando chovia, que ele sentia, onde chovia, ele sentia que ali naquele local tinha chovido, a grama naquele local para ele era melhor e ele se deslocava de um lugar para outro, em busca daquela comida e aí, é onde a gente ia atrás, eu mesmo conheci a área do São Pedro, eu saí daqui de Américo Alves para ir buscar uma vaca lá na região.

**Aurilene:** Ah, me fale, como foi isso? O senhor já morava aqui? Na década de...?

**Dico:** Já morava aqui. Foi antes de 1976, eu morava em Américo Alves. Aí a vaca saiu daí, foi se ter na \*\*\*Traída do Libório\*\*\*, choveu para lá aí ela sentiu o cheiro da chuva, foi baixar lá, e aí eu fui atrás.

**Aurilene:** \*\*\*Traída do Libório\*\*\* fica onde?

**Dico:** Fica do Piçarrão para baixo, na caatinga, no centro.

**Aurilene:** Certo. Aí o senhor passou, aí foi quando o senhor conheceu São Pedro...

**Dico:** Foi quando conheci São Pedro...

**Aurilene:** Como era São Pedro quando o senhor conheceu?

**Dico:** Era só uma fazendinha mesmo, assim, pouquinhos casas...

**Aurilene:** Era uma fazendinha pequena... e as pessoas viviam de quê lá?

**Dico:** Viviam mesmo da agricultura e do ramo da vaqueirice...

**Aurilene:** Criavam gado lá...

**Dico:** Criavam gado, criavam bode, como criam até hoje.

**Aurilene:** não tinha estrada, a estrada era por dentro do Piçarrão, não era?!

**Dico:** É, não tinha estrada, a estrada era do Piçarrão, uma estradinha...

**Aurilene:** Era uma estradinha pequenininha...

**Dico:** É! Só “mode” um carro rodar.

**Aurilene:** Aí lá a pessoa vivia da agricultura e do gado...

**Dico:** É, lá tem o olho d’água e as pessoas viviam da agricultura.

**Aurilene:** Ainda tem olho d’água lá?

**Dico:** Eu acredito que tem. (Inaudível) olho d’água não seca, não.

**Aurilene:** Aí o senhor foi atrás de uma vaca...

**Dico:** Fui atrás de uma vaca lá na Traíra do Libório.

**Aurilene:** E o senhor encontrou? Como é que foi?

**Dico:** Encontrei.

**Aurilene:** Quando alguma pessoa encontrava uma vaca de outra pessoa?

**Dico:** Eles davam notícia que aquela reis... (inaudível) eles conheciam o ferro, tomava conhecimento de quem era aquele ferro e passava a informação de um para o outro

**Aurilene:** Como era que eles passavam essa informação, davam recado? Como era isso?

**Dico:** A gente conversava pessoalmente, ou mandava recado ou conversava pessoalmente, essa minha mesmo, o vaqueiro de lá encontrou com um compadre meu e me disse, viu o ferro e o sinal aí ele falou que tinha esse animal lá com aquele sinal, porque cada pessoa tem uma marca diferente, na orelha e no ferro.

**Aurilene:** Não tinha medo de que alguém roubasse?

**Dico:** Era difícil

**Aurilene:** As pessoas tinham esse respeito uns aos outros, não era?

**Dico:** Tinham mais respeito uns aos outros. Roubava, mas não como era tanto, assim, que nem hoje, hoje é que perdeu o cabresto. (risos)

**Aurilene:** Diga-me uma coisa seo Dico, e o que o senhor sabe das eólicas hoje? O senhor, naquela época, imaginava que as pessoas iam vender vento? Como elas dizem. Como era?

**Dico:** De maneira alguma. A gente sabia que tinha água, de acordo, tinha vento, tinha energia, tinha tudo, de acordo à água. A gente já conhecia, ouvia falar, não conhecia, ouvia falar, né.

**Aurilene:** Mas tinha muito vento, assim, o senhor percebia alguma coisa estranha?

**Dico:** Tinha muito vento, a gente via, tinha dia que a gente não podia nem andar que o vento era demais, agora, ninguém...

**Aurilene:** Naquela região lá?

**Dico:** É. Ninguém imaginava que, por acaso, o vento desse pra fazer energia.

**Aurilene:** Como é que o senhor soube das Eólicas?

**Dico:** Soube quando eles começaram a trabalhar aqui e começaram a fazer a explicação.

**Aurilene:** Hum, mas aqui em Quixaba não tem?

**Dico:** Não.

**Aurilene:** Certo. Mas, assim, o que é que o senhor está sabendo sobre essa questão das eólicas...

**Dico:** Pode até ter também, né, mas conhecimento de que alguém já viesse aqui fazer algum estudo, ainda não...

**Aurilene:** E o impacto aqui na região, o senhor tem algum comentário, alguma coisa, se está trazendo algum compacto? O que é que a eólica traz aqui pra região, de bom e de ruim? O que é que o senhor sabe? Assim, as pessoas comentam alguma coisa?

**Dico:** As pessoas comentam várias coisas, né?! Uns comentam que é bom, outros comentam que tem a parte boa e a parte ruim, né?! Não é tudo só bondade, inclusive, falam das distâncias, onde o animal... onde a pessoa não pode morar e tal, enfim, a área que o pessoal está alugando ou comprando, isso e aquilo, têm vários comentários, né?! Agora, só que ninguém sabe, assim, pra dizer assim que já conversou com alguém, é só ruído, conversinha de terceiro que não tem conhecimento com a senhora e nem com alguém que está lá dentro, que nem tem o Jaques Coelho que está trabalhando lá, mas pessoa nenhuma teve conversa com ele, daqui, que eu saiba, tivesse conversa pra dizer qual é a finalidade, qual é a vantagem, qual é a desvantagem. A vantagem, por um lado, pra muita gente aqui, a gente está sabendo é que alguém está vendendo e está recebendo aquele subsídiazinho pra se

manter, mas, que eu saiba, diretamente, que está prejudicando alguém, que está beneficiando, beneficiando sim, porque está trazendo energia para todo mundo, né?!

**Aurilene:** E com relação à questão ambiental, aos animais, às plantas aqui da região, o senhor já ouviu falar alguma coisa, assim, de influência?

**Dico:** Não senhora.

**Aurilene:** Tá tudo normal?

**Dico:** É. O que estão falando que tem uma parte aqui que prejudica, sobre o que a senhora está citando, é o parque ambiental aí que tem uma coisa que...

**Aurilene:** O Boqueirão da onça?

**Dico:** É.

**Aurilene:** Sim, o quê que está prejudicando?

**Dico:** É porque o povo... muita gente fala que, é o que eu tô acabando de dizer, não tem uma pessoa que dissesse assim: "a finalidade é essa", eles já vieram aí (inaudível), mas eu não participei, não posso nem afirmar o que é que foi, nem o que não foi.

**Aurilene:** Mas o povo comenta o quê do Boqueirão da Onça?

**Dico:** O povo comenta que não vai ter condições do pessoal viver, porque vai... o pessoal vai soltar onça e tal, enfim, né?!

**Aurilene:** Quem vai soltar onça?

**Dico:** O IBAMA mais os outros.

**Aurilene:** Vão soltar onça aqui na região?

**Dico:** Vai, no parque.

**Aurilene:** E aqui é área do parque também, né?

**Dico:** É.

**Aurilene:** Essa área todinha aqui, né?

**Dico:** É, tem uma área que diz que é do parque. Mas, qual é a área definida eu também não sei.

**Aurilene:** O senhor não sabe qual é a área...

**Dico:** Não.

**Aurilene:** Mas o pessoal tá comentando que eles vão soltar onça.

**Dico:** É, vai... que estão soltando...

**Aurilene:** E essas onças que eles estão soltando vem de onde?

**Dico:** Também não sei.

**Aurilene:** Soltando onça e o que mais?

**Dico:** Ouvi os comentários, que a gente vê que estão... e que as onças estão sendo monitoradas, né?! Agora, também, se é, eu não sei, eu não vou dizer à senhora: “estão soltando”, não vou dizer: “não estão”, não vou dizer: “tá sendo monitorada”, também não vou dizer: “eu não tenho conhecimento”.

**Aurilene:** Aí as pessoas ficam falando isso na rua? As pessoas conversam mais essas histórias onde? Onde é que o senhor ouve essas histórias?

**Dico:** Em qualquer lugar da rua, hora por outra um puxa um assunto, outro puxa outro, às vezes quando não tem nada a ver, mas, aí, dali a pouco entra o assunto.

**Aurilene:** Entra o assunto, né?! Estão falando outra coisa aí surge o assunto...

**Dico:** É, surge o assunto, diz: “é, vai ter muita onça aí agora”, vai isso, vai aquilo...

**Aurilene:** Vai ter onça monitorada...

**Dico:** Vai ter onça monitorada... mas, se é verdade, eu também não vou dizer: é.

**Aurilene:** Não... assim, pra mim é importante ouvir as histórias, aí depois a gente vai ver o que é...

**Dico:** Vai ver se é verdade.

**Aurilene:** É. O importante é ouvir as histórias, se as pessoas estão contando é porque alguma coisa elas ouviram, né?!

**Dico:** Exatamente.

**Aurilene:** De algum lugar elas ouviram isso, né?! E aí, esse parque, como é que vai ser, vai ter esses animais? Porque os animais já existem aqui, mas o pessoal está dizendo que eles vão trazer outros de cativeiro pra soltar aqui...

**Dico:** É! Hunrum.

**Aurilene:** E a mina?

**Dico:** A mina continua.

**Aurilene:** E as pessoas comentam alguma coisa, se vai ter algum impacto desse parque com a mina da ametista? Como é o nome da mina? é...

**Dico:** A mina é Boqueirão da Onça, mesmo.

**Aurilene:** A mina do Boqueirão da Onça?

**Dico:** É!

**Aurilene:** É? O nome da mina aqui da ametista?

**Dico:** É! É da serra do brejinho, mas é do Boqueirão da Onça.

**Aurilene:** Mas o nome da mina é Mina do Boqueirão da Onça?

**Dico:** Eu acredito que sim.

**Aurilene:** E as pessoas, o que é que falam?

**Dico:** Elas só falam assim: o garimpo da Quixaba.

**Aurilene:** Ah, o garimpo da Quixaba!

**Dico:** É!

**Aurilene:** Que fica dentro do parque...

**Dico:** Que fica lá no... eu não sei se pega o parque, não sei se não pega, porque...

**Aurilene:** Hum! Mas, as pessoas estão comentando se vai ter algum impacto, alguma coisa?

**Dico:** Hora por outra falam que tem impacto, outra hora falam que não tem, aí...

**Aurilene:** Mas, qual que seria o impacto com relação ao parque?

**Dico:** De impedir o trabalho da mina. Mas, se é verdade, também, não é aquela coisa que diga assim: "alguém já falou que vai".

**Aurilene:** As pessoas têm receio de que o parque possa impedir o trabalho lá na mina, lá no garimpo?!

**Dico:** No garimpo... com certeza.

**Aurilene:** Porque vai ter os animais...

**Dico:** É! E mesmo se alguém dissesse que já normalizou o parque, o impacto vai ter que ter, porque, na hora que dissesse assim: "tá pronto, a partir de hoje o parque já começa a funcionar", eu acredito que alguma coisa vai impedir.

**Aurilene:** não começou ainda a funcionar?

**Dico:** Por enquanto, não tenho conhecimento de que já estivesse funcionando.

**Aurilene:** Porque foi criada a lei do parque, que foi criado o parque, que foram criada as unidades de conservação em abril do ano passado.

**Dico:** É...

**Aurilene:** Entendeu? Mas, assim, vocês não sabem que tem alguém aqui na comunidade que responda sobre isso, que tem informações?

**Dico:** Que eu saiba, não.

**Aurilene:** Tem ninguém?

**Dico:** Não. Que eu saiba, não. Se tem alguém, mas que ainda eu não ouvi falar que seja fulano ou cicrano, não. Pode ter alguém em Sento Sé, mas também eu não sei

quem, nem quem não. Mas, aqui mesmo do lugar ainda não ouvi falar em pessoa nenhuma.

**Aurilene:** Vocês ficam ouvindo só...

**Dico:** É, só conversinha...

**Aurilene:** E a associação aqui de moradores?

**Dico:** A associação eu parei porque, por motivo de doença, motivos justos.

**Aurilene:** Quem é hoje a pessoa da associação com quem eu poderia conversar sobre isso?

**Dico:** Hoje, praticamente, não tem nem quase ninguém.

**Aurilene:** Não tem nenhuma pessoa assim que eu pudesse...

**Dico:** É que o pessoal, conforme a gente trabalhava, a gente tava sempre se reunindo, e tudo, enfim. Por motivos justos, a minha esposa adoeceu, eu adoeci e aí pedi meu afastamento e depois que eu me afastei, o pessoal também se desligou.

**Aurilene:** É, depois eu vou ver se eu vejo alguém. Agora, me diga uma coisa, o senhor que convive aqui há muito tempo, sobre essa questão do parque Boqueirão da Onça, o senhor acha importante? O senhor concorda? Como é que o senhor vê os animais aqui da região, as plantas, os animais, o que é que o senhor acha disso? Porque a questão principal são as onças, né?! Onça pintada que tem aqui na região. O senhor já viu uma onça pintada?

**Dico:** Não.

**Aurilene:** Nunca viu onça aqui?

**Dico:** Não, não.

**Aurilene:** O que é que o senhor acha?

**Dico:** Bom, se traz algum benefício, é vantagem, agora, se não traz, também, já num é, né?! Porque aquilo que não tem vantagem, não tem sentido para a gente, né?! Dizem que vai ser muito bom e tal, enfim, mas até agora...

**Aurilene:** Mas, vai ser bom por quê? O senhor ouviu falar por que é que vai ser bom?

**Dico:** Porque diz que vai trazer alguns benefícios, agora, quais são eles, eu não sei, né?! Ainda não teve alguém... eu ainda não participei, como eu estava dizendo à senhora, eu ainda não participei de reunião, eles já têm vindo fazer reunião aí no centro, nas comunidades por aí, mas eu ainda não participei de nenhuma, não sei quais são os impactos, quais são os benefícios, essas coisas, eu não sei...

## **5 -ENTREVISTA: SEO MARIVALDO - ENTREVISTA REALIZADA NO POVOADO DE QUIXABA – 14/01/2019**

Aurilene: Bom dia, seo Marivaldo. A minha questão, que eu estava conversando com o senhor, é sobre o Boqueirão da Onça. Como era antes? Que o senhor disse que era Caldeirão da Onça. Como é essa história?

Marivaldo: É o que eu to acabando de dizer.

Aurilene: Sim!

Marivaldo: Eu não sei o motivo porque era antes e nem se era Caldeirão ou Boqueirão.

Aurilene: Mas o povo falava...

Marivaldo: O povo chama agora é Boqueirão da Onça.

Aurilene: Mas antes o povo chamava...

Marivaldo: Caldeirão.

Aurilene: Caldeirão da onça!

Marivaldo: Caldeirão da Onça!

Aurilene: E onde é o Caldeirão da Onça?

Marivaldo: O caldeirão da Onça, ele é nessa região pra aqui, agora eu também não sei onde é não, viu, porque eu vejo falar muito, mas eu não sei aonde é. Eu sei que lá... oi? Tem uma questão de uma descuidada com o pessoal por causa dessa energia, né.

Aurilene: Da energia eólica?

Marivaldo: Da eólica.

Aurilene: Qual é a dificuldade?

Marivaldo: Porque o povo acha que, é, com esse negócio do Parque, vai atingir as áreas do pessoal de fundo de pasto do pessoal criar os animais. Entendeu? Inclusive já tinha havido algumas reuniões sobre isso, e eles prometem que vai ficar uma área livre para os animais, mas o pessoal estão sem querer concordar porque na última reunião que nois fomos eles disseram o seguinte, “você não dizem o tamanho da área que vai ficar pra criar os animais da gente”.

Aurilene: Os animais livres, fundo de pasto?

Marivaldo: É, fundo de pasto! Entendeu? Porque hoje, na reunião que nois tivemos, o pessoal, teve umas pessoas que disseram a eles o seguinte, “nois acostuma criar bode pra comer e não onça, porque onça, a onça... hoje vocês estão querendo soltar onça no lugar onde a gente cria os bode da gente, e ela vai comer os bodes. Depois que ela acabar de comer os bodes ela vai atacar o pessoal”. E a verdade é essa mesmo. Eles ficaram parados, não disseram nada, mas eles ficaram parados e

acharam que é muito justo. Entendeu? O que o pessoal dissera. Então é assim, eu não conheço bem a história de perto porque eu não morava mesmo lá na região, eu sempre, eu tenho mais conhecimento dessa área aqui do Brejinho pra cá, pra onde eu trabalhei e eu sei, é...

Aurilene: Mas isso aqui tudo vai ser o Parque. Aqui tudo vai ser área do Parque Boqueirão da Onça.

Marivaldo: O Boqueirão da Onça vai ser a área onde tá atingida pelo Parque. Pelo o Parque mesmo, onde vão, onde eles tão passando a eólica em cima da serra e onde eles tão, é, programando a criação de animais, de onça, dessas coisas assim.

Aurilene: Mas esses animais já não existem lá? Eles vão trazer animais de fora também?

Marivaldo: Eles vão, já tem muitos, já tem muita onça aí.

Aurilene: Que eles estão trazendo de onde?

Marivaldo: Tão trazendo não sei de onde, mas eles trazem e soltam aí, e esses animais, inclusive, eles têm, dizem que eles têm um chip em cada um animal desse que eles soltam aí. Se por um acaso uma pessoa matar um animal desse aí, e chegar ao conhecimento deles, a pessoa vai presa, vai processado, tudo isso porque eles rastreiam, entendeu? Pelo chip que esse animal tem. Então, a questão do povo é isso aí porque além das onças, nessas serras tem onça também, mas essas onças que tem elas são mais selvagens, elas têm mais medo do movimento do pessoal, elas são mais em cima das serras pra lá, e acontece atacar também os animais, mas essas onças que eles estão soltando, é coisa, assim, de jaula, de zoológico, elas são mais adomadas, mais domesticadas do que as outras.

Aurilene: Não vão ficar lá distante não.

Marivaldo: Não, não vai não. Então, assim, eles prometem que este cerco aonde vai ficar atingido pelo Parque vai ter uma área que o pessoal pode entrar, pra plantar, pra andar, mas isso é negativo, é negativo porque eles, nas conversas que eles fazem nas reuniões, muitas vezes eles se entregam sem querer, é o que eu acabei de falar, o povo pensa que a gente porque é da roça, não tem bom estudo, a gente não tem noção das coisas, mas a gente tem, entendeu? Muitas coisas a gente não resolve, mas a gente enxerga entendeu? Por causa disso...

Aurilene: Eles se entregaram na hora que falaram do...

Marivaldo: É! É, assim, eles se entregam assim, porque eles falaram, eles falaram sobre o campo, né, que é a extensão que ia ficar pro pessoal plantar.

Aurilene: Mas não disseram o tamanho.

Marivaldo: Mas aí o pessoal queria saber, né. O pessoal queria saber a quantia.

Aurilene: E eles não sabiam?

Marivaldo: E eles não disseram. Depois eu vi uma pessoa na reunião dizer pra eles o seguinte, “vocês tão prometendo uma área de 1000 metros”, ou foi 2000 metros... “pra gente criar, essa área aí não dá pra criar nem galinha, quanto mais os bodes da gente. E depois que essa área tiver cercada toda, vocês não vão dá direito da gente entrar não, pra dentro não, pra criar as coisas da gente”. Nois vive é criando o bode e o bode criando a gente. Não é criando onça não!

Aurilene: E a eólica? Como é mesmo essa história?

Marivaldo: A questão da eólica, a eólica passa em cima lá em cima da serra também. E eles prometem que a energia eólica vai gerar emprego pro pessoal e tudo. Esse pessoal que mora nas áreas daqui que tão sendo atingidos, já vi pessoas dizer que arrendou uma área, por causa da serra, e já se arrependeu muito, porque eles não cumprem como eles prometem. E a pessoa disse a ele na reunião, a pessoa disse a ele, “essa energia que vocês tão, é, implantando aí nas serras, que vocês tão dizendo que vai gerar emprego pra gente, isso é negativo, isso é negativo porque aqui a gente conta no dedo as pessoas que vão trabalhar”.

Aurilene: Poucas pessoas trabalham?

Marivaldo: Poucas pessoas! Poucas pessoas. Eu acho que aonde tem um pessoal...

Aurilene: Quem ganha é só quem arrenda, lá, a área?

Marivaldo: Quem arrenda, mas também tem um detalhe, quando foi no princípio, eu ouvi falar que eles iam arrendar. Cada uma torre daquela, era 2500, era 3000 mil reais, mas agora eu vi diferente, ali, a pessoa vai ganhar de acordo com o que gera, entendeu?

Aurilene: Com a energia.

Marivaldo: Se for um lugar que tenha, que vende muito, quanto mais, quanto mais aquela torre, ela funciona, mais dinheiro pro dono da roça, entendeu? Se for um lugar que ela funcionar menos também a renda é pouca.

Aurilene: Huhum!

Marivaldo: É pouca! E tem muita gente que se enganou com isso aí. Tem uma senhora lá no Limoeiro, ali ela me disse que arrendou uma área dela e já se arrependeu de ter arrendado. Muita gente, é difícil, até eu tenho, eu tenho uma área também lá, na região lá onde tá previsto ser, ela passar, nois fomos variantar (?) lá o ano trasado, quase um mês os meninos lá trabalhando lá e andando (?), com a intenção de se caísse lá eu arrendar também, mas...

Aurilene: Variantando é cercando?

Marivaldo: Não, a gente fez uns variante.

Aurilene: Umas variantes, medindo assim, marcando, marcando, né? Onde é marcação. Certo!

Marivaldo: É porque já tem umas áreas lá...

Aurilene: Porque antes vocês não se preocupavam em demarcar, era livre?

Marivaldo: A gente já tinha! A gente já tinha lá. Inclusive a gente paga um direito, mas a gente não tinha, é, variantado, demarcado todo.

Aurilene: Certo!

Marivaldo: Entendeu? A gente foi até uma certa posição, e aí, parou, só enfincando piquete aqui e acolá. E agora com isso a gente reabriu os variantes até na serra, entendeu? Prevendo isso aí.

Aurilene: A energia eólica.

Marivaldo: Mas não aconteceu não. Até agora não aconteceu. Pode ainda acontecer, né.

Aurilene: Mas e o que é que as pessoas dizem sobre ter energia eólica e ter o Parque Boqueirão da Onça? E ter o Boqueirão da Onça? Dá certo? É compatível? O que é que o senhor acha? O que é que o povo tá dizendo?

Marivaldo: O povo não tão querendo não.

Aurilene: Não tão querendo o Parque? O Boqueirão da Onça?

Marivaldo: Não tão querendo porque a intenção deles é formar isso aí e o povo mudar, tirar o povo pra outro canto. E o povo não quer.

Aurilene: O Boqueirão da Onça, né?

Marivaldo: No Boqueirão mesmo eu acho que não mora ninguém, mas o pessoal que mora ali por perto, tudo se beneficiou bem, porque ali tem (??) pra lá, tem tudo. Lá o pessoal cria solto, entendeu?

Aurilene: Por conta do fundo de pasto mesmo?

Marivaldo: Por conta do fundo de pasto! Eu acho que a questão do povo é mais por isso, entendeu? Porque se sair de lá...

Aurilene: O povo não quer o Boqueirão?

Marivaldo: O povo não quer não!

Aurilene: Mas quer a eólica? Assim, com restrição, né?

Marivaldo: Exatamente! A eólica por que...

Aurilene: Tem gente que quer, tem gente que não quer...

Marivaldo: É, uns quer e outros não quer, né. Porque todo mundo quer energia, né, mas...

Aurilene: Mas essa energia não fica aqui.

Marivaldo: Passa lá por cima da terra, ela vai beneficiar não sei aonde, entendeu? Não atinge lá onde eles estão. O negócio deles é o Parque, entendeu? O negócio deles é com o Parque. Eles não querem aceitar a questão do Parque porque o Parque é por essa finalidade. É pra criar coisa, é, onça, é, tudo.

Aurilene: Huhum!

Marivaldo: E aí o povo não quer porque eles vão, eles vão na verdade, é, tomar um espaço de criar as coisas e o povo fica sem poder se beneficiar, porque aqui ninguém cria preso, todo mundo cria solto, a maior parte, 98% cria solto.

Aurilene: Mas com a história do Parque vai ter que criar, vai ter que cercar... por conta dos animais, das onças...

Marivaldo: Com certeza! Eu acho que eles podem até demarcar uma área com mais espaço pro povo criar, mas isso aí vai acontecer, isso vai acontecer. E eu acredito que esse estudo deles aí, que eles estão fazendo, eles não estão dizendo tudo que vai acontecer não porque quando foi pra esse trabalho dessa mudança nossa aí...

Aurilene: Em sobradinho?

Marivaldo: Foi acontecido, aconteceu do mesmo jeito. Nois morava lá na Beira do Rio, e o pessoal saía uns loucos é, arranchando no lugar e fazendo variante, fazendo picada, botando piquete em riba das serras, por detrás das serras, inclusive, lá, onde a gente morava aqui em uma arezinha que a gente tem, eles enfincaram um piquete e colocaram um RN bem perto da casa, só que ninguém sabia qual era a finalidade.

Aurilene: Certo.

Marivaldo: Mas a finalidade daquilo ali, já era o levantamento que eles fizeram da medição pra água vim só até ali. E naquela enchente maior que teve, que as águas levantaram, a água ficou perto desse piquete como daqui pra essa porta aí.

Aurilene: Certo.

Marivaldo: E não veio cobrir. Então, o trabalho deles naquela finalidade que eles estavam fazendo era essa, mas eles não diziam a ninguém o que era que ia acontecer. Eu acredito que esse trabalho do Parque também vai acontecer coisa pior, porque eles estão dizendo que é pra criar onça e tal, e tudo, mas pode acontecer do mesmo jeito isso aí.

Aurilene: E aqui o pessoal tá organizado na associação, tá discutindo? Vocês se reúnem?

Marivaldo: Não! A gente, essa questão de associação, ela tá um pouco defasada porque, é, até ela tá sem novo presidente, porque o presidente era aí seu Pedro e ele se afastou já uns dois anos por motivo de saúde, e não houve mais...

Aurilene: E essa reunião que o senhor me falou, aconteceu aonde? Quem foi que chamou essa reunião?

Marivaldo: Foi em Sento Sé.

Aurilene: Ah, foi em Sento Sé.

Marivaldo: Isso aí foi o pessoal, uma reunião que eles marcaram com o pessoal de lá do trecho lá.

Aurilene: Do trecho?

Marivaldo: De lá do de onde é previsto, é, esse trabalho do Parque.

Aurilene: Huhum!

Marivaldo: Então como nois tinha uma área...

Aurilene: Porque o Parque vai pegar várias áreas daqui, né isso?

Marivaldo: Exatamente! Como nois tinha lá.

Aurilene: Aí o senhor foi?

Marivaldo: Como nois tem uma área lá, aí minha esposa foi e eu fui, mas ela também, e a gente foi participar da reunião.

Aurilene: Porque esse nome “Boqueirão da Onça” já existia antes.

Marivaldo: Muito, muito tempo!

Aurilene: O que é que o senhor sabe sobre ela, o que era que as pessoas diziam antes? Antes do Parque, antes quando era caldeirão?

Marivaldo: Não, isso aí antes desse Parque aí, isso aí era lugar mesmo só de criação mesmo, de gado. Tinha pessoas que fazia plantio lá dentro do Boqueirão.

Aurilene: Tinha tatu?

Marivaldo: Tinha tatu, tinha tatu, tinha veado, tinha onça, tinha, tinha rapo... tinha tudo, tinha tudo!

Aurilene: Huhum!

Marivaldo: Tudo quanto era de coisa, gado...

Aurilene: Era um lugar que tinha muitos animais. Tem uma área, essa área...

Marivaldo: E os animais lá, inclusive, lá nesse Boqueirão, eu acho que é por isso que chamam Caldeirão, também, alguns, é porque lá tem uma bebida.

Aurilene: Bebida?

Marivaldo: Disse que tem uma bebida, assim, que, é, tipo um caldeirão mesmo, aonde os animais bebem.

Aurilene: Uma bebida como?

Marivaldo: Uma aguada.

Aurilene: Que é uma bebida?

Marivaldo: Uma bebida onde os animais bebem.

Aurilene: Hum!

Marivaldo: O povo plantava, mandioca, nesses Boqueirão por aí. E a finalidade era essa aí. Isso são coisas que eu vejo o povo falar, porque eu mesmo nunca, eu nem sei dizer diretamente, se for pra dizer assim, vamos lá no Boqueirão? Eu podia ir com alguém, mas, eu mesmo pra ir eu não ia. Não ia não. Porque eu não sei, eu nunca fui lá. Eu nunca fui! Eu fui lá numa área que chamam “Mocambo”, é, que também vai ser atingida por essa, por esse Parque. Minha sogra tinha uma área lá e eu fui lá, uma vez eu fui lá, mas ela, mas os meus cunhados. Lá tem a bananeira, tinha um brejo assim, de água nascente...

Aurilene: Ainda tem gente morando lá? Ou só a família da sua esposa morava lá, antigamente?

Marivaldo: Moravam lá! E aí eles iam plantar lá, iam apanhar banana, iam desmanchar, plantar uma mandioca, milho, feijão, essas coisas.

Aurilene: E saíram de lá por quê? O senhor não sabe?

Marivaldo: Meu sogro morreu também, e aí...

Aurilene: Foram saindo.

Marivaldo: Foram saindo e vieram embora. Não trabalharam mais não...

Aurilene: Hum! E sobre a questão do garimpo? Aqui tem um garimpo de ametista, como é que fica isso com relação ao Parque Boqueirão da Onça?

Marivaldo: Eu acho que essa área do garimpo ela ficou fora.

Aurilene: Foi?

Marivaldo: Me parece, que eu ouvi dizer, que ela ficou fora da área aí.

Aurilene: Certo!

Marivaldo: Aqui também, aqui também, quer dizer, aqui que eu digo “lá”, o garimpo ele faz parte daqui. Daqui até chegar lá eu acho que ficou de fora dessa programação do Parque.

Aurilene: Certo!

Marivaldo: Eu acho que ficou fora.

Aurilene: O que é que o senhor já ouviu falar mais sobre a questão do Parque Boqueirão da Onça? Além dessa questão dos animais que eles vão trazer, que vai, que vão... né, restringir a questão do fundo de pasto, né?

Marivaldo: É, essa questão aí, e, o pessoal, um pessoal que moram pra ir, eles já comentaram sobre esse Parque, dizendo que o pessoal quer tirar eles de lá da área, né, de onde eles moram, e eles não querem sair.

Aurilene: O pessoal da onde?

Marivaldo: Daí do Limoeiro, pra esses brejos, pra essas caatingas.

Aurilene: Certo!

Marivaldo: E o que eu ouvi falar foi isso aí, não tenho mais conhecimento.

Aurilene: E aí, na verdade, eles já foram relocados com a barragem, né?

Marivaldo: Não!

Aurilene: Esses não.

Marivaldo: Esse pessoal aí não tem nada a ver. Eles foi relocado agora, eles vão ser, é, por conta do Parque.

Aurilene: Ah tá! Esses aí não foram relocados antes?

Marivaldo: Não!

Aurilene: Porque é mais nas caatingas mesmo, né?

Marivaldo: É, ainda não foi atingida a área. O deslocamento de família foi a gente que morava lá na beira do rio.

Aurilene: Certo! Quer dizer, eles não foram, mas de qualquer forma eles estão com medo de ter que sair...

Marivaldo: Saírem de lá, porque eu acho que já teve fala de indenizar eles lá e trazerem eles pra aqui, e o pessoal não quer porque tem gente, lá tem gente que tem 60, 80 anos. 60, 80 anos que vive lá, criou os filhos, se criou, tem neto, tem bisneto, tem suas pequenas propriedades, e aí tem renda, tem bananeira, tem coqueiro, tem mangueira, entendeu? E eles vem vender por aqui, e o pessoal aí já se habituou e não quer sair, entendeu?

Aurilene: Huhum!

Marivaldo: Não quer sair. E o povo teme que aconteça porque se for pra acontecer que nem aconteceu com a gente aí (uma terceira voz, Marivaldo responde: "ok, se quiser sentar pode sentar"), então pode acontecer com eles...

Aurilene: Tá terminando aqui já.

Marivaldo: O que aconteceu com a gente. Porque se for a questão de sair mesmo, nois sai. Eles saem, porque assim como nois saímos, se for obrigatório, eles saem também.

Aurilene: Hhuhum!

**Marivaldo:** Só que tem uma coisa, é, se for pra eles saírem de lá hoje, eu não tenho nem dúvida que eles não vão embebedar eles de conversa como eles nos embebedaram na beira do rio não. Porque o povo hoje tão mais inteligentes e tão mais por dentro das coisas, dos direitos que assiste a gente, entendeu?

**Aurilene:** Verdade! Tá bom, seo Marivaldo, muito obrigada.

## **ENTREVISTA COM SEO ZÉ QUIRINO – LAGOA DO MARI – 25/01/2019**

**Aurilene:** Estamos aqui com seo Zé Quirino, lá da Lagoa do Mari.

**Zé Quirino:** É, Zé Quirino, da Lagoa do Mari, com certeza!

**Aurilene:** (risos)

**Zé Quirino:** Pois é!

**Aurilene:** Me fale seo Zé, me fale primeiro da Lagoa do Mari, né. Um pouco de lá. O senhor mora lá a quanto tempo? Como é a vida lá na Lagoa do Mari? Como é o povoado?

**Zé Quirino:** Lá é um povoadozinho, a gente convive da roça, né. Criando bode, a gente, como diz o dizer, a gente cria o bode e o bode nos cria, né. Então, todo mundo lá convive, a maioria do pessoal saíram de lá, tudo por causa que não tem uma renda, assim, pra mode dizer, trabalhar, né, mais esses jovens, entendeu? Fica a gente mais velho porque tem as coisinhas da gente cuidar, e a gente tá... tem que cuidar mesmo pra não ir de água abaixo, né. Mas eu já tô com 82 anos já. Eu nasci nessa beira de rio, mas de criança que eu já me mudei pra Vereda do Mari. Eu tenho muitos anos que moro na Lagoa do Mari.

**Aurilene:** Sempre criou bode? Criou bode?

**Zé Quirino:** Sempre nós criemos, ainda hoje, né. Tudo eu criava, do gado a ovelha, o bode, tudo os animais, mas depois não aguentei mais a luta, né, aí vendi o gado, vendi ovelha, só fiquei com os bodes, porque o bode eu cuido bem. A Cláudia do IBAMA tem uns 13 anos que ela trabalha com a gente lá, eu com ela, que ela tem muita (o áudio trava, não dá pra entender). E Ela arrumou uma verba em São Paulo para construir uns chiqueiros pros bodes da gente. Agora a gente foi pelo consórcio, quem deu sorte, pegou, e quem não deu sorte, ficou na vontade, né.

**Aurilene:** Ah, certo!

**Zé Quirino:** Mas, é, era de lá dos meus brejos, que eu trabalhava antigamente, no tempo de meus pais, entendeu? Hoje eu, ainda hoje eu fico ali, meus filhos pedem

para eu vim me embora, mas eu me sinto tão feliz eu por lá olhando meus trezinhos, né.

**Aurilene:** Huhum!

**Zé Quirino:** Aquilo ali me cativa demais.

**Aurilene:** Tem quantas famílias hoje lá na Lagoa do Mari?

**Zé Quirino:** Ah, famílias, tem uma filha minha que tem a sua ali, que essa ainda mora lá, o esposo dela é de lá. Joãozinho, finado João Muniz, seu Antônio deve ter visto falar em João Muniz. É ele com a esposa dele, é o Zé Benigo e aquela Deni, que o senhor conhece ela também, que ela (terceira voz: demais!) (não entendo), é, ele com a família, e aí o mais: o Dedo, finado Miguel com a mulher, e aí nas outras casas é, só é, cada casa um homem. É lá o Jairo, ele na casa dele só. É o Pedrão do Lomanto na casa dele só. Tem o Edvaldo que trabalha lá no trator da associação, só. É, aquele Eilton também, só. É o Valdir também, esse separou da mulher, mas tornou se ajuntar com a mulher, mas tá uma vida que, parece que é vê que nem se ajuntaram, né, que ele vive até assim, mei, que a mulher, que promete de lá fazer uma visita a ele e nunca pisa lá, e ele também tem os trezinhos dele e cuida do trezinhos dele.

**Aurilene:** Certo! Porque Maria cuida de bode mesmo?

**Zé Quirino:** É, cuida dos bodes mesmo. O criatório nosso lá... nós criava uns gadinho que a maioria tudo, mas todos quase, venderam, alguns que ainda tem uma vezinha muito pouca por causa dos tempos, os anos vem vindo meio, a chuva meio devagar e pra refrigerar, pra não ver morrer, a despesa era muito grande, eu mesmo desfiz por isso. Além de eu não estar mais em campo eu também vi que não tinha condições de criar, né.

**Aurilene:** Certo! Como foi que o senhor ficou sabendo do Parque Boqueirão da Onça?

**Zé Quirino:** Parque Boqueirão da Onça. O Boqueirão da Onça, ele fica nessa serra de cá do lado do Formoso. Eu não conheço essa serra bem não, eu conheço a Grotta dos Prazeres. De muitos anos, né? É duas grotas, que é o entroncamento das duas grotas. Cada uma grotta tem um caldeirão, o Caldeirão de Taquari, a direita, onde era as grotas do velho Ciço Macambira, que seu Antônio conheceu.

**Antônio:** Demais!

**Zé Quirino:** Que era meu sogro. E a Grotta dos Negros, que tem um caldeirão, que é uma piscina que onde vem muita gente de fora tomar banho. Onde vinha nessa grotta do..., nesse Caldeirão do Taquari, o caldeirão, você via, ele é tão bem feito, é a natureza, né? É uma maravilha. Antigamente os mais velhos disse que chegavam ali à base de 7h pra 8h tinha uma mãe d'gua esquentando no Sol, se cobria todinha com cabelo, né? Eles falavam, nesse tempo eu não alcancei e não vi, eles mais velhos que sempre falavam, né? E o Caldeirão de Taquari começou a aparecer aquele macaco que eles chamam de Barbado, né? Lá tem uma Carolina, lá do Mato Grosso e Cláudia,

do Estado de São Paulo, nós vimos várias vezes que elas ainda tiraram a foto deles lá.

**Aurilene:** Do macaco.

**Zé Quirino:** E eles são valentes, são terríveis, mas elas nunca conseguiram também chegar perto, encostar pertinho não, que eles não esperam, né? E lá na serra é distante uns seis quilômetros daí dos Prazeres. Lá no meu brejo, que é onde tá essa serra que eles se programaram pra colocar as torres, né. Esse senhor Petro, aqui de Recife, é, a empresa dele é daí, né? Estão encaminhando pra começar, não demora, né? Eles sempre vêm aí...

**Aurilene:** É a Brennand ou a ENGIE?

**Zé Quirino:** É, eu tô por fora do nome da empresa dele.

**Aurilene:** Certo!

**Zé Quirino:** Eu tenho uma folha, mas tá lá em casa. Eu sou esquecido, não tô lembrado.

**Aurilene:** Aí eles procuraram o senhor lá?

**Zé Quirino:** É, procuraram! Lá somos uns vizinhos que... Era a parte da finada Macambira, que ficou os filhos. A minha área é pegada com a deles, né? A minha área, ela foi medida primeiro vez, 421 hectares. E a da velha, minha sogra, foi 2.500 e uma fração. E tem mais Valdir na descoberta, que era do tempo do Finado Aureliano, finado Pipiu. Também são tudo extremante lá, né? Tem os Prazer, que é o povo do finado Zé Felipe, que pertence aí ao finado Antônio Luiz. Seu Antônio também conheceu muito. Que hoje quem tá encarregado aí é o filho dele que mora em Goiânia, o Deilson. É, eles procuram... É que nós tamo tudo extremando. Tem esse Arthur, do finado Zé Lima também, que ele é dono do Mocambo, que extrema comigo na Gameleira do Gato, tá o variante que foi feito lá, que eles fizeram. Eu extremo com eles lá. Extremo com aquele Jonas dois irmãos, mas o Santos, naquela parte do Olho D'água do João Pinto. Eles vieram com o variante, eu extrema com ele naquela parte da engenhoca. A outra parte da velha Nena fica pro lado do Mimoso, que é na Serra dos Pacaí que a gente chama antigamente.

**Aurilene:** Huhum!

**Zé Quirino:** E o povo dos Piau, da família de Antônio Luís, eles são a parte dos Prazer. É que nem o Valdir, a parte, a descoberta, que é tudo, nós tudo extremante, entendeu?

**Aurilene:** Quer dizer que o Parque Eólico tá chegando lá?

**Zé Quirino:** Tá chegando!

**Aurilene:** Eles foram conversar diretamente com o senhor?

**Zé Quirino:** É, eles já têm uma torre lá de prova, né?

**Aurilene:** Certo! Já tá uma de teste, né?

**Zé Quirino:** É, de teste. Daí de casa a gente vê ela

**Aurilene:** E como tem sido a conversa de vocês com eles, com a empresa?

**Zé Quirino:** Eles sempre nos fala que eles querem arrendar. Primeiramente nos fizemos um negócio com o senhor Renato, que apareceu aí naquela época, seu Antônio. Mas com ele, ele fez um truque aí com a gente e abriu no mundo e ninguém nunca mais viu. E aí esse Pec entrou em contato com a gente que disse que ia negociar com ele lá, mas se nós interessasse em arrendar. Eles querem é arrendar.

**Aurilene:** Huhum!

**Zé Quirino:** Por torre, entendeu? E ninguém sabe quantas vai pegar pra cada quem, né?

**Aurilene:** Vocês assinaram algum documento com a empresa?

**Zé Quirino:** Eles estão vindo pra gente assinar.

**Aurilene:** Certo!

**Zé Quirino:** Ainda não assinemos não.

**Aurilene:** Huhum! E o Boqueirão da Onça, o Parque, o que vocês estão sabendo?

**Zé Quirino:** Então, o Parque do Boqueirão da Onça, que é essa parte aqui desse lado, e lá pega a parte aí, vai pegando essa parte aí da estrada que vai pros Prazeres. Tem, eu acho que 1.500 metros, pega uma parte aí do Parque e volta. Pega uma parte lá da serra do Valdir, do Zé da nega, Antônio do Marí. Antônio do Marí, a área deles pegou quase, só fica uma garrinha. Mas essa parte pra cá, a parte nossa lá não atingiu. Só pegou essa parte aqui do lado dos Prazeres, seguindo, voltou. E faz um zigue-zague, né? E aí a gente indo olhar pra entender, tem que ser quem já sabe como é, né? Mas é um negócio sério mesmo.

**Aurilene:** Como foi que vocês ficaram sabendo do Parque Boqueirão da Onça?

**Zé Quirino:** Do Parque?

**Aurilene:** Foi! Como foi que o senhor tomou conhecimento?

**Zé Quirino:** É, a Cláudia sempre vem aí, incentiva a gente, né? Ela sempre é quem nos incentiva. Ela ficou de vim aí de novo, que ela sempre vem aí, faz uma reunião com a gente, aí o Valdir tava dizendo, disse, *"rapaz, a Cláudia nunca mais veio de novo, prometeu que vinha aqui dá umas informações a nós e nunca mais veio"*. Que era... esse chiqueiro, ela ficou de fazer umas cancelas, fazer uns depósitos pra água, que aí no chiqueiro, ela disse que tem que aproveitar aquela água que cai na biqueira, né? Lá no telhado. E aí, por enquanto, que ainda ficou umas sobras de umas coisas lá, e até o pessoal me procura, "e a Cláudia não vende essas coisas aí não"? Eu digo: Vende! Que eu já comprei umas coisas aí. E tem meus filhos aí que fizeram uma

encomenda de umas placas, de umas telas, depende ela vim, vou entrar em contato com ela, o que for preciso os meninos interessar, a gente fazer negócio. Mas ela sempre promete de vim, mas...

**Aurilene:** Mas quais são as questões, assim, que vocês têm? Vocês têm algum... tem dúvidas? O que é que vocês estão pensando sobre o Parque? E aí juntam isso à eólica...

**Zé Quirino:** Rapaz... o Parque é... que nem aquela senhora, uma que veio, a jornalista que veio de São Paulo, como é o nome dela, meu Deus? Eu tenho o número dela ali na minha carteira. Ela nos explicou tudo. Diz, "*não, seu Quirino, aguarde que aí vai ter um acordo*". Num vai ser como, porque disseram, que disse que não era pra gente não cortar nenhuma vara na área da gente, né. Não plantar nada, nem criar... a gente tem uma parte lá do, como é que dá o nome? Que é uma parte reservada, né, que a gente tirou lá.

**Aurilene:** Hum. Que vocês criam animais?

**Zé Quirino:** É, cria! E aí, é, ela diz, "*não, aqui, essa parte dos prazeres, o Parque pega uma parte, não é toda não*". Agora aqui pro lado da Serra do Batedor, que é outra serra que nós trabalha, né? Essa parte aí até a minha roça, que ela disse que ia até lá dá uma olhada, disse que pega tudinho lá. Disse que lá não.

**Aurilene:** Aí vocês não vão poder cortar?

**Zé Quirino:** Disse que, eles que diz que não tem como a gente cortar nenhum pau de madeira.

**Aurilene:** Mas quem disse? Eles quem?

**Zé Quirino:** É eles lá, esse pessoal que vieram, que são jornalistas.

**Aurilene:** Hum!

**Zé Quirino:** Mas, é, depois ela diz, "*não, seu Quirino, mas aí vai ter um acordo, não é como eles falaram*". Diz que vão partir pra outro, como é que diz, outro... ora homem! Eu sou distraído demais...

**Aurilene:** Mas assim, qual é o receio de vocês? O que é que vocês conversam lá na Lagoa do Mari, sobre isso?

**Zé Quirino:** Nosso assunto é que eles prometem de quando chegar a gente tá em combina pra ver qual é a proposta deles, né? Que eles chegam aí por enquanto só dizem, "*aguardem aí*". Mas tem que fazer o geo referencial, porque já fizeram uma parte, né? Já fizeram uns pontos lá, veio aquele senhor, ora, como é o nome dele? Veio de Salvador, passou lá em casa uma semana, nós fazendo o ponto. Então, ele disse que tem que fazer isso primeiro pra poder encaminhar, né?

**Aurilene:** O geo-referenciamento...

**Zé Quirino:** É, isso tudo eles exigem pra poder encaminhar, né?

**Aurilene:** Huhum!

**Zé Quirino:** Aí eles querem tantas explicações, mas a gente só espera eles chegar, pra gente ver qual é a proposta séria, né?

**Aurilene:** Vocês ainda não têm essa proposta?

**Zé Quirino:** Ainda não! Estamos esperando eles vim, né? Aqui é o compadra Israel, que é o enfrentante lá da irmandade, lá da área deles. Eles dizem que querem fazer mais outro variante lá, que eles exigiram. Eu já paguei lá pra fazer um variante lá da extrema de Valdir com o povo do...

**Aurilene:** As variantes é pra eólica?

**Zé Quirino:** É! Extremar com os outros, né?

**Aurilene:** Essa aí é da indústria eólica?

**Zé Quirino:** É, da indústria eólica!

**Aurilene:** Dos Parques Eólicos, né? As eólicas que vão, as variantes é pras eólicas?

**Zé Quirino:** É, extrema com os outros. E aquilo ali, tendo já sabendo da extrema de cada um, ali onde, se acontecer cair uma torre, já sabe o dividimento, né? Eles exigiram pra isso.

**Aurilene:** Huhum!

**Zé Quirino:** E aí outro detalhe, que eles exigiram que tem que limpar os carreiros, querem, já paguei um rapaz lá pra nós ir cortar os carreiros dos Prazer lá pro meu brejo. Que eles exigem, o pessoal do IBAMA vão fazer a pesquisa, se uma torre cair em cima de um pé de árvore não aceitam, né? Pra não arrancar o pé de árvore, né?

**Aurilene:** Huhum!

**Zé Quirino:** Eles querem essa proposta. Querem vim pra fazer essa pesquisa lá. Eu digo, é muito simples, porque lá a serra é só mais aquela mata rasteira, mata grande é nos baixões, né? E a torre cai mais é na cumieira da serra. Eles falaram que lá, pelo menos na nossa área, lá disse que o vento vai aprovar bem.

**Aurilene:** O senhor tem expectativa de ter quantas torres lá?

**Zé Quirino:** Rapaz, eu mesmo, uns fazem uma tentativa aí de pegar umas 15 ou 20, mas eu mesmo, eu num vou dizer, né? Porque é 400 e pouca hectares, pode um momento da sorte, mas muitas vezes também, a gente pensa que cai tanta, só ele sabe, né? É quem nem lá em Valdir também, ele diz, "*rapaz, por exemplo, a gente*"... ele lá tem uma sociedade com o pessoal da família, fica uma parte de uns e outros da parte dele com outra família. E a minha também, eu tenho, o pessoal da família, as viúvas do meu irmão, que morreu, né? Que aí pertence a eles também. Tinha uma irmã que morreu no Piauí, tem os filhos que moram em Brasília, tudo isso aí vai ficar

pra eles. Eu tô na idade que já tô, mas se Deus abençoar, no futuro mais longo vai ficar pra família.

**Aurilene:** Mas assim, qual é a preocupação lá de vocês com relação ao Parque, agora, aliás, ao Boqueirão da Onça. Qual é a preocupação de vocês com relação ao Boqueirão da Onça? Porque vocês estão nesse processo também, né?

**Zé Quirino:** A preocupação é que eles exigem lá, que nem veio outras duas mulheres lá agora o mês passado, é, Claudinha e Carolina (uma 4ª voz entra e fala "bom dia!"). Falaram que a gente tem que fazer a, como é que diz, meu Deus? Elas disseram que disse que, a preocupação é que procura a gente se a onça ataca nós, né? Eu falei, eu contei a minha versão, porque eu fui dormir numa roça que eu tenho das Andorinas; Joãozinho conhece lá; quando foi meia-noite ela botou nos bode lá, os bodes até de uma cunhada minha, da Jardimilina, do finado João Apolinário; pegou até meu cachorrinho e rasgou, tirou um tampo. E ela correu de lá, eu rompi com a espingarda pra topar nela, e disse, ' *se tu botar neu eu vou te*'... escutei o grito do cachorro, aí eu digo, "*matou o meu cachorro*" (risos), "*vou te matar!*". Eu digo, mas nada, aquilo é gente inocente, pode se dizer, que Deus o livre ela tinha era me pegado se ela... que ela veio, pegou o cachorro, saiu de uma cerca do arame, se ela, se eu não grito na hora que tava deitado na rede na hora, que eu ouvi o grito do cachorro, ela tinha matado o cachorro. Quando eu gritei, ela soltou o cachorrinho, se ele correr pra onde tá eu, marcou foi pra de giro a vereda, pra estrada, que é uma estrada da CPM.

**Aurilene:** Fugiu!

**Zé Quirino:** Esse cachorro de três pés desabou de lá, que ele nunca parou em canto nenhum. Era ele e umas vacas paridas, tudo com medo. Desceram e nunca pararam em canto nenhum. E eu fiquei lá, amanheci o dia, justamente. O jegue tomou medo, que ela saltou a cerca de minha roça pra dentro e passou perto do jegue, o jegue pressentiu, esse jegue endoidou, de lá eu escutei o jegue esturrado. Vai me deixar só, porque eu andava de carroça. Vou correr pra porteira, se não ele vai me deixar de pé e eu vou ficar de pé. Quando eu cheguei na porteira, ele já tinha derrubado dois pau da porteira, já tava pra saltar. Eu entrei pra dentro, avoei no cabresto e botei nele, amarrei em um pé de juazeiro. Ele amanheceu no mourão. E a bichona atravessou e subiu, giro ao pé da serra. Essa é uma pintadona que já pegou lá uns 10 gados do povo da Jardimilina.

**Aurilene:** E elas perguntaram o que mais sobre as onças?

**Zé Quirino:** A pergunta? "*Qual é a preocupação que nós têm mais ali sobre a onça, que pega os bodes da gente e se atacou algum da gente*". Eu disse, "*não ataca a gente não porque a gente não vai pra onde está ela não*". É mais ela que ataca os nossos bodes que pega de 10, 15 de uma vez, só faz matar e largar lá, não come direito, né? Que ela é perversa mesmo, né? Mas lá, porque eles não querem que mate nenhuma, né? Aí eu digo, "*rapaz, ninguém mata não*". E também não vou dizer que matam, né? Agora tem uma coisa, que também, quando elas dão a costa, se nos tiver condições de dar fim em uma ninguém vai deixar, porque não é no prejuízo. Quando

eles chegam em casa toda vez eles só diz, "*Seu Quirino, deixe aí que nós damos um jeito*". E nunca esse jeito eles dão, né. Oi, nós no prejuízo, direto, direto, né. A conversa deles é essa, quando chegam diz, "*não é pra matar o cascavel, não e pra matar nada de coisa de caça, de jeito*", Deus o livre, a exigência é grande, principalmente depois desse fogo que tocaram pra ir. Eles não querem nem ouvir falar. Mas é assim mesmo. A onça, eles não querem que ninguém dê fim em nenhuma. Eles diz, "*a preocupação de vocês é mais porque elas pegam os bichinhos*"? Eu digo, "*rapaz, porque nós cria o bichinho pra sobreviver e ela vem e arrasa com tudo*". "*Ah não, desta que nós damos um jeito*". A conversa deles é essa, né, vem de 13 há 14 anos que tá essa luta aí, o ponto de apoio lá da Lagoa do Mari deles é lá em minha casa. Principalmente essa Cláudia que trabalha, ela disse que é contratada no IBAMA, né? Não sei se a senhora conhece ela.

**Aurilene:** Conheço não! Já ouvi falar muito, mas não conheço, não.

**Zé Quirino:** Pois é!

**Aurilene:** Ela mora em Juazeiro?

**Zé Quirino:** Ela fica de Petrolina pra Juazeiro.

**Aurilene:** Eu vou lá no IBAMA. Tá bom então, seo Zé. Muito obrigada, viu, pela conversa.

**Zé Quirino:** De nada, dona... como é o nome da senhora?

**Aurilene:** Aurilene. Lena.

**Seu Antônio:** O Boqueirão da Onça é de agora ou é antigo?

**Zé Quirino:** Rapaz, eu vejo falar de muitos anos. Quando eu era menino já ouvia falar do Boqueirão da Onça. É antigo já.

**Aurilene:** E por que é Boqueirão da Onça?

**Zé Quirino:** Rapaz, botaram o nome Boqueirão da Onça dos antigos, né? Mais ou menos porque era o ponto final delas, né? Aí o povo quer achar um pezinho, né? E aí botaram o nome de Boqueirão da Onça. Pois é! Que é essa parte desse lado que eu chamo.

**Seu Antônio:** Lá tem o Caldeirão da Onça também? O caldeirão da onça, não?

**Zé Quirino:** Caldeirão da Onça? Tem! O Caldeirão da Onça também. Que disse que aqui vai do garimpo subindo aí, tem o Caldeirão da Onça muito lá. É ponto de elas beber e disse que lá todo tempo tem água, cobre de folha, mas quando elas vêm beber elas alimpam a folha ali, pra achar aguinha pra beber, direto, nunca falta água, por isso que chama Caldeirão da Onça.

**Aurilene:** Porque tem água lá, né?

**Zé Quirino:** É, tem água! Nunca falta água! Pois é dona...

## ENTREVISTA COM OS TÉCNICOS DA SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE: GERALDO E JOSEBEL – 25/01/2019

**Obs: Em Sento-Sé as pessoas me conhecem por Leninha**

**Josebel:** -Teve uma frase que eu nunca esqueci. Tio Lourenço falou uma frase que eu nunca esqueci: *“Não é o bode que cria o homem ou “não é o homem que cria o bode, é o bode que cria o homem”*. (GERALDO): minha análise vai ser sobre o meu ponto de vista como educador, né? Não sei falar ainda na realidade sobre a comunicação e aí vou prezar se realmente tiver ausência de comunicação, ou também assim; ausência também do interesse do grande público do nosso município ser indiferente às informações do que acontece no município, na cidade. Então é assim, há um pacto, querendo ou não, o (parque) Boqueirão da Onça, ele não é um acaso [...] Sento-Sé reúne todas as funções de biodiversidade, toda essa parte ecológica da caatinga, de todos os lugares do semiárido, é o único lugar onde a caatinga está, certo, melhor preservada a partir da cadeia alimentar, porque a onça está topo da cadeia alimentar, porque todo lugar que não tem mais onça, é sinal que está extremamente **(não entendi)**... certo? Então assim, como a caatinga é um bioma único no Brasil, né? ou no planeta, há um interesse de pegar esse lugar com menos degradação pra se preservar. Essa aí é a primeira dimensão, a questão do IBAMA; porque visto por este foco eu acho legítimo e verdadeiro, certo? Bom, aí vem de novo essa discussão do parque [...] Eu vou assim didaticamente, só que dentro dessa área vista como uma área extremamente preservada, ainda preservada, já havia um grande interesse, é... de recursos naturais como mineração e a questão também do potencial ecológico, certo? Que empresas e até pessoas físicas já sabiam da presença, porque isso aí, eu já conhecia a tempo. A CPPM, a CPRM. Então já havia também um contraponto econômico da exploração do minério, não exploração em si, mas como reservando pra futuras negociações, então possivelmente **(não entendi)**... ambiente e economia e o social, que a população, apesar de ter uma relação extremamente afetiva com o meio em que ela vive, mas ela não tinha um olhar universal, certo? Sobre... é... vamos dizer assim, futuras... é... vamos dizer, exploração agressiva no meio dela que poderia colocar em risco toda uma vida né? sócio ambiental. Nesse detalhe econômico dessa comunidade, mas eu não vejo [...] Quem estuda como vocês estudam sabem que ali há equilíbrio, há sustentabilidade, mas tá vulnerável a determinados interesses que permite com mais força do que o próprio Governo, que vai prejudicar, então... você tá com esse olhar mais expansivo, você consegue colocar mais alguns mecanismos pra litigar isso, eu entendo, mais íntimo, a população não merece e nem também, assim, teve acesso a essas informações mais inteligentes, e no momento que ela teve esses acessos a logística, não foi suficiente pra abranger todo mundo ou então não foi socializada a importância da presença dela aqui. Porque eu participei, eu era um representante do município ali no meio ambiente no governo de Juvenilson (ex-prefeito). Nós elaboramos, inclusive,

uma série de questionários, fazendo a contraproposta da proposta do Ministério do Meio Ambiente; participei também da elaboração [...] atualmente não sei se alcanço mais; mas assim, viu Leninha! É que se é hoje, quando você convoca as pessoas - olha, tem uma discussão tal tal tal tal tal, se não for algo assim pra mexer no bolso ou então a presença do Prefeito, alguma coisa assim, pouca gente vai pra assistir, certo? Agora mesmo, nós tivemos uma audiência pública com a presença do próprio Governador da Bahia.

**Aurilene:** Foi ano passado?

**Josebel:** Foi ano passado? Ou acho que foi esse ano. Foi ano passado. Aí vieram algumas ONGs, a própria igreja, o IRPAA tal, mobilizou a população. Olha, vocês têm que discutir porque trata do interesse de vocês, essa questão do impacto, aí vieram. Mas você percebe, na verdade, assim que a população do interior, da zona rural; ela é mais empoderada, ela discute, ela vem, mas aqui mesmo na cidade não foi uma vez só não, que eu tentei levar as pessoas pra Câmara de Vereador. Eu andava aí a pé, entregando de escola em escola, aí cheguei no Custódio (Colégio), cheguei e disse assim: "olha gente, se vocês não puderem, eu falei pra direção, se você não puder mandar um professor e o aluno não puder, mande pelo menos a zeladora pra assistir a discussão", falei assim. Não foi ninguém. Não foi ninguém. A comunidade de Brejo da Brásida fez uma discussão sobre cooperação técnica que tinha aí, o pessoal da UNIVASF, do INEMA, parará tarará, sabe? A gente convidou todo mundo e não foi. Então assim, a escola é tão ingessada no seu currículo, que é incapaz de flexibilizar: pra que os alunos vão assistir? Pra saber o que é que tá acontecendo fora da cidade, certo? Se não quer saber o que tá acontecendo na cidade, pelo menos fora da cidade. No interior do nosso município estão acontecendo transformações que vocês não tão percebendo. Falei assim no Colégio Sete de Setembro. Lá tá havendo transformações socioambientais e econômicas, existem empresas explorando, existe uma mudança no padrão de vida das pessoas, há uma mudança na questão, inclusive, da própria dinâmica ambiental. As pessoas não podem mais soltar os animais para beber água, num sei o que lá, e você nem sabe. "*Vocês vão pra São Paulo, chega lá o pessoal tá bem mais informado que você, isso é uma vergonha*". Então assim, quando que vocês vão discutir? É o interesse de vocês a partir das lógicas sociais ambientais. Vocês sabem o que é lógica? Você sabe o que é lógica ambiental, você sabe o que é lógica ecológica, você sabe discutir? Ou você vai sentar na mesa com empresário e eles bota você no bolso, todo mundo ingênuo. Então assim, o parque, ele surgiu dessa necessidade de preservar. No Brasil, né? [...] Você vê que aqui tem aparecido Universidade do Rio de Janeiro ligada ao Instituto, seja lá o que, museu não sei o que lá... tal tal...

**Leninha:** Museu Nacional, o Museu Nacional, que inclusive, foi quem fez a pesquisa sobre a construção da Barragem de Sobradinho.

**Josebel:** Exatamente. Então assim, é que eles têm todo um Raio X, um diagnóstico do nosso município. Enquanto quem tá morando aqui não conhece porque não se interessa. As pessoas tão assim, com a mente moldada pra coisas muito pequenas.

Esquece de coisas grandes, né? Que cada um de nós aqui, é um agente que pode procurar a transformação [...]. O parque nasceu da necessidade extremamente lógica, coerente, cósmica, de preservar uma caatinga que já tá aí [...]. Se chegar em Irecê, você só vê casa. Você chega em Umburanas hoje, as pessoas construíram um palacete lá, um negócio, mas cheio de poeira o negócio, porque não existe arvore pra impedir a poeira, só vento. Sento Sé é uma região na caatinga que tem muitas árvores; você chega num lugar como Brejo da Brásida, você vê um oásis daquele, verdade! Então assim, nasceu disso. Qual foi o mal? É isso que você tá pesquisando, a falta de diálogo dos organismos maiores com a população. Certo? E alertar: - Olha, ou a gente faz aqui um acordo de entendimento, onde poderá adequar aos interesses maiores de vocês com a questão da preservação ou então isso aqui vai ser tomado na marra aí, com trator por essas empresa: ENGIE, Colimita, num sei o quê, Vale do Rio Doce, BRENNAND. Vocês podem ser extremamente iludidos pela questão do emprego, mas tem coisas maiores, né, que é a possibilidade de manter a cultura de vocês de produzir, de viver, de, vamos dizer assim, estar convivendo diariamente com a herança que os ancestrais foi repassando para os seus antecessores. Vocês não vão mais poder transitar como era antigamente porque o que vocês achavam que era de vocês não vai ser mais, e vocês vão, de qualquer maneira, ser expulsos; ou pela questão do Parque em si, que pode-se entrar num acordo ou então pelas empresas, porque elas são mais agressivas, elas não respeitam. Faltou essa comunicação e dizer que, olha, vocês também têm contribuído bastante nessa preservação; é por isso que é preservado, vocês, é importante. Agora a gente precisa colocar vocês no local de vocês e ter uma parte pra preservar, certo? Houve muitos conflitos nessas três dimensões: ambiental, econômica e social. Todas três tem grandes conflitos, certo? Sem entendimento até hoje, tá? Até hoje, tá? Com certeza, o ICMBIO tentou amenizar, reunindo, quando ele percebeu que uma distância enorme entre o que eles, como posso dizer, eles falavam. E o povo na região não entendia; aí eles começaram amenizar fazendo reuniões. Mas ainda permanece o conflito porque nasceu de uma necessidade verdadeira; mas a forma como foi criada, foi uma forma extremamente infantil, ingênua. É insustentável pelo meu ponto de vista, eu acompanhei isso aí de perto. Você imagine hoje o seguinte, a China vai investir aqui na exploração do minério de ferro, já existe um projeto, já tem recurso, dinheiro não é problema pra ela. Construir a estrada de ferro aqui na região pra sair em Juremal, certo? Aí repara, é interessante, isso aí vai dar, segundo lá na audiência uma posição de diretamente seis mil empregos, mas imagine você aí, a degradação que essa empresa vai fazer num santuário, sem oferecer nenhum bônus à saúde das pessoas e do meio ambiente, etc, etc. Mas traz emprego [...] Essa área aqui tá fora do Parque [...] Eu acho que ele já tava sabendo, eu tô dizendo assim, porque, por exemplo, a minha área, eu acho que tá acima de 80% dentro do Parque. É porque eu tenho uma área [...] Essas coisas aí não explica nada, porque não tá dizendo onde é, mas está extremamente fora da realidade e, nesse mapa que tinha, ele era uma foto de satélite mais baixa, você via as estradas vicinais, roças, detalhada. Então, veja bem, aí eles pegaram o mapa. Na verdade, o Parque Boqueirão da Onça passa em multi regiões, inclusive onde tem essa mineração, ok? [...] No início colocam as pessoas fora daquelas áreas pra evitar

um problema com elas, dizendo que ali vai ser parque. É um outro raciocínio. E depois que as coisas tiverem se consolidado... aí as empresas vão lá e, conversa, conversa, muda e pá! Tudo isso, tudo isso pode ocorrer e, se não houver essa discussão com essas comunidades pra eles se garantirem melhor... Todo esse dinamismo aí, negativo, poderia ser menos. [...] Então assim, o Parque tem seu lado positivo, tem seu lado positivo, mas ele carece de uma discussão, certo? Mais rica com as comunidades, certo? Porque eles são os verdadeiros atores que preservaram essa caatinga, que se não fosse eles essa caatinga, por exemplo tava igual a Irecê, aquelas regiões ali, Sisal, amplamente degradada, desmatada. [...] Então resumindo, tem essas três dimensões, que estão todas três em conflito, cada uma com seus interesses e que necessitam de ter um entendimento de pessoas sensatas pra colocar a contra proposta na mesa e o governo também ver né, a sua contra proposta e adequar àquela que for mais alinhada com isso, entendeu?

**Leninha:** Mas o que que é assim, qual é a questão, quais são as questões que elas colocam?

**Josebel:** Bom, elas colocam, um dos pontos bastante polêmico que eles colocam é o seguinte: É... me deixou de fora do Parque, mas como eles precisam do fundo, que eles chamam de fundo pasto, a gente não pode ir pra aí, como é que eu vou criar, como que a gente vai criar, como é que a gente vai plantar? A gente vai ficar só daqui da casa pra porta da rua e voltar? Como que a gente vai sobreviver de uma atividade que é secular, né? Desde duzentos, trezentos anos. Como é? Que é isso? Vocês tiram a gente do Parque, e o lugar da gente criar, como é que faz? Tá uma polêmica muito grande, e a questão dos acessos, certo? Porque alguns lugares, são lugares de caminhadas comuns. Tá dentro do Parque, é proibido. Você sabe que esse sistema, chamado Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza, ele divide em duas áreas: área de proteção integral, que é o Parque: reserva ecológica, reserva biológica, floresta, num sei o que, num sei o que e área de proteção ambiental, que é APA, onde o ser humano pode se relacionar dentro de uma visão de respeito, de sustentabilidade, blá blá blá. Só que o Parque é de preservação integral, é radical, num pode ficar ninguém, sai todo mundo. [...] Nessa questão das comunidades no Parque, as comunidades não tão dentro, o grande problema que deixaram as comunidades fora, mas as áreas de extensão de criatório e de plantio foi restrito. Por exemplo, Brejo da Brásida tá fora, tem uma área de amortecimento. Mas, Brejo da Brásida é uma exceção porque, pronto, a questão da comunicação. A discussão lá, do povo lá, é uma discussão rica, certo? É extremamente expressivo. É o que faltou em todos os demais, ok? Lá num vai ter esse problema de criar, num vou dizer que pode tá com 100%, mas num vai ter os problemas que as outras comunidades vai ter, certo? [...]

**Jandira** - Então, o deslocamento das comunidades, tem comunidades que eles falaram que vão sair, que iam sair, seriam indenizados e sair. Então o maior medo deles é isso, você entendeu? Esse deslocamento. Porque foram pessoas que se criaram ali, cresceram ali, entendeu? Eles falaram no dia da audiência pública, como

que eles vão plantar? Eles vivem da mandioca, eles vive ainda, né? do milho. Eles vão ficar com essa área de plantação restrita, né? E eles tem medo, porque eles não confiam nas propostas governamentais, entendeu? Porque eles duvidam, porque todo mundo já foi enganado a vida toda e eles têm medo, entendeu? De ser enganado novamente. O ICMBIO e o IBAMA diz que isso não vai acontecer, mas a gente se lembra que tanto é que a CHESF também garantiu que ninguém seria prejudicado e todos foram, todos fomos.

**Geraldo:** No dia da audiência pública, Celito, que é um estudioso, é professor da UNIVASF, ele nos contando lá, falando no depoimento. Ele foi professor lá na Serra da Capivara, quando o artefato, por exemplo, as áreas de cemitérios das comunidades que tiver, os familiares não podem visitar seus mortos, lá eles são impedidos, não pode. Isso aí, sabe cara, é dolorido.

**Josebel:** Olha, quando houve a discussão do parque, a criação do parque, você pode ver aqui, tá meio apagado. O parque primeiro, o primeiro projeto que saiu dele, ele ficava mais nessa área aqui, que aqui chama de água, essa área aqui mais clara. Quando eles discutiram, fizeram uma audiência pública, fizeram um... acho que teve uma audiência em Sento Sé... é... Umburana, Sobradinho, cidades vizinhas em torno do Parque, eles fizeram audiência pública em todas... aí congelaram e eles tinham primeiro um projeto em mapa. O mapa deles era localizado mais nessa área tropical; o que eles fizeram com o interesse das eólicas... eles pegaram essa área aqui e transformaram... essa área verde aqui toda é APA, é só área de preservação. Aí, a área de pasto tá aqui do Cajhuy, Ponta D'água... essa área mais escura aqui é o parque... aí, vem por aqui, passa... aliás, aqui é a Quixaba, aqui é o Pirí... e o parque passa por aqui... a Cabiluda... Procê ter noção, esse problema que o caba tava explicando... o verde escuro aqui, tudo é parque... a Cabiluda tá só separando... a Cabiluda fora...

**Leninha:** Esse amarelo tá fora?...

**Josebel:** é a Cabeluda... tá só a Cabeluda fora, no acessozinho, o resto tudo é parque. Aí, vem aqui, próximo ao São Pedro, aqui ainda continua parque, e aqui pra baixo, como você vê...

**Leninha:** Aí, onde tem o parque... porque há diferença entre parque e APA...

**Geraldo:** APA do parque, um negócio desse... que a APA é Federal... eles deixaram de fora pra implantação dessas eólica, entendeu?

**Josebel:** Aí, pra você ter noção aqui, vem berando aqui a Cabeluda... aí, vem berando por aqui, ó... as margem, ela tá mais ou menos aqui, que num tá nesse gráfico, a Lagoa do Marí vai tá por aqui... passa bem próximo da Lagoa do Mari...

**Leninha:** O parque...

**Josebel** - Pegaram o parque e tiraram da área de interesse de eólica e levaram o parque pra área, que não tem interesse com eólica, que na realidade é o fundo da

roça do povo... tem familiares aqui perto do tanque... entre o... o Brejo da Brásida tá aqui, o tanque deve tá maios ou menos pra cá. Aí, tem roça aqui, próxima do tanque, que tá dentro do parque... quer dizer... tiraram o parque da área que deveria... boa de ser preservada, em cima da serra, e levaram pra roça do povo... outro problema...

**Geraldo:** nessa área aí, que você tá dizendo, que é a APA... Área de Proteção Ambiental Federal... que nós temos aqui uma estadual... ela... ela... essa toda aí é a par... porque fazia fronteira com Umburana, com Campo Formoso... num sei o que lá... você vê que... do parque eólico...

**Josebel:** O primeiro projeto de parque... outro problema que nós temos aqui é na Quixaba... o garimpo... o garimpo tá na... den do parque, no centro do parque, no coração de.. o que acontece... hoje o município não pode legalizar o garimpo, não pode fiscalizar e... o parque tá só na teoria... no papel e... tão lá explorando, tudo normal... e levando essas pedra e emitindo nota em outra cidade, e o município perdendo, e a área lá do garim... os garimpeiro lá, crescendo e expandindo a área sem autorização nenhuma; tudo ilegal... porque se não fosse o parque, o que era que já tinha acontecido... tem duas cooperativa pronta no município; se o DNPM tivesse autorizado lá, por exemplo, duzentos hectares pra os garimpeiros explorar... pelo menos a gente da secretaria tava indo lá, fiscalizava... não tá... e o perigo de se alastrar com tá se alastrando lá...

**Leninha:** E vocês não podem porque agora é parque... é área federal?

**Josebel:** É tudo área federal... o município tá impedido de fazer qualquer coisa nessas áreas...

**Leninha:** Na área do parque...

**Josebel:** E até na APA, por ser federal, se transformou aqui numa área federal também...

**Leninha:** Que é a área que... de certa forma, as eólicas estão... as eólicas estão na área da APA... que é o mosaico... até então... é tipo um desenho, né?

**Josebel:** É tipo um mosaico...

**Leninha:** Então, as APAs, que são as... área de proteção... aí, de uma... torna tudo proteção, mas assim... as eólicas estão na área de proteção... de certa forma, né?

**Geraldo:** E... e vou dizer... é inacessível... as áreas estão da população, onde anteriormente tinha acesso... se você um dia for pra Umburanas... porque lá tem... nós temos um parque extremamente sofisticado... daí... é no Rodileiro... Brejo da Brásida... imenso... é muito mais gigantesco do que aquele lá de São Pedro... você não passa lá por dentro, não adianta... e num adianta... se o homem lá, representante do Brasil, se não autorizar você não entra... e era área acessível a...

**Leninha:** E a empresa não permite o trânsito lá... lá em Umburanas...

**Geraldo:** Se for proprietário vai ver...

**Josebel:** Pega aqui, ó... aqui é a gruna... a gruna tá pertinho da... do Povoado da Gruna, a gente vê as torre aqui em cima da serra. E lá tinha uma estrada de acesso de Umburanas e Brejo da Brásida... eles tão lá isolados, tão em fase de obra...

**Leninha:** E como que essa população, lá dessa região de Umbranas tá lidando com essa questão do parque eólico?

**Geraldo:** Pra eles tá sendo **(não entendi)**... brasileiro, porque Umbrana é um lugar que tinha uma economia extremamente estagnada, era só de agricultura; hoje se você chega lá, eles... é... hotéis bem estruturados... é... o comércio tem... um capital de giro muito... muito bom e... mas eles... pra eles num foi ruim, não...

**Leninha:** Até porque tem a questão da...

**Geraldo:** Até porque tá tá... explica onde fica aí onde fica, mais ou menos o Rodileiro... o Rodileiro tá lá, né...

**Josebel:** A gruna tá aqui e o Rodilero tá aqui...

**Geraldo:** É bem aqui... aí, segue numa estrada... repare... repare só... é... Leninha... tá saindo uma estrada aí... Zebel... do Rodilero pra sair na Quixaba... mas eu...

**Josebel:** Tá muito ruim esse...

**Geraldo:** Mas eu acho assim... se nós... de qualquer maneira...

**Josebel:** Num dá pra ver, não...

**Geraldo:** Não, mas mesmo assim, teoricamente... teoricamente, o Brejo da Bras... tá aqui... onde é a estrada de vocês? Por aqui, né? **(não entendi)**... e... tarará... tarará... pra sair na Quixaba... um asfalto... porque tem... cadê o Mimoso? Cadê o Mimoso?...

**Josebel:** O Mimoso vai tá aqui, dentro da APA...

**Geraldo:** Tem aí, tem... tem... uma casa forte... são quase trezen... inicialmente, quase trezentas torres que vão montar... e aí, o que é que acontece... essa estrada tá saindo pra cá, porque se ela não chegar aqui, todo esse empreendimento aqui, do Mimoso aqui, vai servir de esgotamento financeiro pra Umburana, então tem que ser pra cá... e aí tá saindo, inclusive essa parte aí já tem asfalto, aqui... né... vai sair aí...

**Leninha:** No caso, Brejo da Brásida... quer dizer que a... a... pra cá, né... toda a... a... aqui continua o que... que não é... a... área de... é a APA...

**Geraldo:** Área de amortecimento, chama isso aí...

**Josebel:** O parque fica bem aqui, ó... porque o parque volta aqui e faz fronteira com a APA...

**Geraldo:** Você tá vendo que Brejo da Bras tem um... extremamente privilegiada, né...

**Leninha:** Privilegiada... a área da APA...

**Geraldo:** Essa é a área de amortecimento... amortecimento... eles conquistaram...

**Leninha:** Certo! Área de amortecimento...

**Geraldo:** As... as outras comunidades num tem esse privilégio, não... e aí, houve uma discussão, né... Associação, a comunidade tá... direto na briga com eles e... e... o Governo Federal também, né... aí, na verdade a **(não entendi)**... se tornou a mediadora da discussão com o Governo Federal porque tem o poder econômico... e de falar... tem uma comunidade enchendo o saco, blá blá... e sei que eles conseguiram amortecimento... ela vai ser privilegiada também porque essa... esse asfalto que vai sair daqui, vai passar... se não passar dentro, vai passar bem próximo do Brejo da Bras... e já existe um outro projeto... daquele professor... chamado Baixiu de Irecê... chamado aí **(não entendi)**... econômico, ACM...

**Josebel:** Abrigação, né...

**Geraldo:** É... ele já tem também, dinheiro... ó... já tá... como diz... alocado há muito tempo... ele vem pra cá e vai encontrar com esse outro... certo... próximo aí também, então... essa briga de economia aí, o braço forte vai ganhar... porque o ministro, por exemplo, do governo Bolsonaro, você sabe, né... o camarada é... é cheio de processos com o negócio de crime ambiental e... ele com certeza vai ser mais favorável ao setor econômico, né... deve favorecer nesse sentido aí...

**Josebel:** Tem uma empresa locada aqui, na região do Mimoso; que é isso que eu quero voltar a explicar... ela tá querendo... tá em frase... fase de estudo, tirando licença de implantação... por falar em licença de implantação... eles tiram a licença, já da estrada e... existe uma norma ambiental, que eles tem que fazer um levantamento sobre as residências que fica em torno da estrada... duzentos metros pra cada lado dão muita burocracia... aí, o que acontece... eles tão... tá correndo o risco de fazer a licença deles por Umburana... um acesso muito maior que podia... que poderia ser aqui da Quixaba pra vim por aqui, por Mimoso... muito mais perto pra eles e o... movimento econômico vem pra Sento Sé, né?

**Leninha:** Aí, vão puxar pra Umburana, sei...

**Josebel:** Tudo indica porque o Parque... aqui, onde você tá vendo nesse gráfico, aqui... o Parque... ele num afastou nem da estrada... a estrada que vai pra Mimoso tá passando dentro da área do Parque...

**Leninha:** Dentro da área do Parque... certo...

**Geraldo:** Por enquanto tá... tá numa boa, agora... o Governo fazer isso que está... vai ser o que... vai ser uma briga de braço, né? Eu acho que a economia deve tá mais alto aí, né... até porque, na verdade, assim... todas as torres é do Município de Sento Sé, não se justifica todo escoamento de... de... de alíquotas, de... de notas fiscais... babababá... outro...

**Leninha:** Outro município...

**Geraldo:** Entendeu? É um prejuízo enorme, aí... a... a... mais ou menos o que... o que foi dito pra gente, é que uma faixa **(não entendi)**... ficar... aqui, no caso vai ser para Quixaba...

**Josebel:** Outra... outra gafe grande que eles cometeram com esse Parque... que no período que eles tavam fazendo o projeto do Parque, era mais localizado onde eles transformaram em APA, hoje... e pra cá, que é essa serra que fica aqui na frente de Sento Sé que **(não entendi)**... como a gente via aqui direto, as mineradoras fazendo estudos de levantamento... o que é que acontece... essa serra aqui, tá toda cheia de requerimento do DNPM... que o DNPM, agora, foi extinto... agora é Agência ANM... Agência Nacional de Mineração...

**Leninha:** DNPM era antes... DNP?

**Josebel:** M...

**Geraldo:** Departamento de Pesquisa...

**Leninha:** Mineradoras?

**Geraldo:** De Minerais...

**Josebel:** Agora é ANM... Agência Nacional de Mineração...

**Leninha:** ANM?...

**Josebel:** Olha o que acontece... eles tão aqui, com essa área toda requerida... as empresas... pagando as taxas pro Governo Federal e... o mesmo Governo Federal foi e implantou um projeto de proteção em cima... aí, tá uma briga com o Governo Federal... entre ele... um órgão meio ambiente com... a ANM...

**Geraldo:** Agora Leninha, é interessante que você coloque assim, dentro de uma base crítica e se for, por exemplo, empresas que **(não entendi)**... que é verdade, empresas grandes... isso no futuro... eles **(não entendi)**...

**Leninha:** Prefere então... o poder econômico sempre... sempre ganha... é muito difícil... só se a população tivesse muito, né... resistindo realmente, com estudos e com... mas é muito difícil...

**Josebel:** Não vejo muita vantagem disso aqui, pra o Município, não... porque assim... o Município... isso tá preservado porque as pessoas do Município sempre preservaram, né... zelaram de suas propriedades, tiveram sempre seu cuidado... aí, o que acontece... vem ONG... é... de pessoas do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Santa Catarina... essas ONG... é... quer dizer... essa ONG vem trabalhando porque o Governo Federal tá funcionando... é... tá financiando... aí, tão fazendo esses projeto tudo no interesse financeiro deles... se amanhã o Governo Federal parar de financiar, mesmo que continue o parque...

**Leninha:** Mas você disse que essas ONG são... do Rio Grand do Sul e São Paulo?

**Josebel:** É... mais daquela região lá...

**Leninha:** Mas são ONGs de que... não entendi...

**Josebel:** ONGs que trabalham com o Ministério do Meio Ambiente...

**Leninha:** Ah sim... são ONGs **(não entendi)**...

**Josebel:** ANM...

**Leninha:** Como, por exemplo...

**Josebel:** O ICMBio tem várias ONGs...

**Geraldo:** É uma parteira... é uma parteira... não é... não é ONG, não... é uma parteira... na verdade, assim... a maior ONG que a gente tem aqui é o IRPA, aqui... o ponto... **(não entendi)**... tá acontecendo realmente, mais é lá na, na Região Amazônica, onde é cheia de ONGs, financiado pelo Governo Federal... **(não entendi)**... na Noruega... agora, aqui nós temos o IRPA... eu não conheço outro órgão ONG... qual outro órgão ONG que tem aqui?... então assim...

**Leninha:** Na realidade, olhando de fora tem, assim... de certa forma tem “RBiuso”, quem mais?

**Geraldo:** O ICMBio é um órgão ligado ao IBAMA...

**Leninha:** Ao IBAMA, né?...

**Geraldo:** É o chamado de Chico Mendes **(não entendi)**... ela não é ONG. Ela é uma instituição...

**Josebel:** Mas tem muitas... acho que aquela Cláudia mesmo... aquela que o povo chama Cláudia... **(não entendi)**...

**Geraldo:** Ela... ela... é do... IBAMA...

**Josebel:** Ela tava com o pessoal do... do...

**Geraldo:** Do IBAMA...

**Josebel:** Mas de vez em quando ela traz esse pessoal dessas ONG...

**Geraldo:** Olha, traz sabe porque que é... ela traz...

**Leninha:** Pra fazer pesquisa, né não?

**Geraldo:** É... alguma coisa terceirizada... que ajuda... se não...

**Josebel:** Eles contratam muito essas... **(não entendi)**...

**Leninha:** Que tem, de qualquer forma, tem essa interferência... tem esses interesses que não são... como você tá dizendo...que não são interesses da... da população, assim... não é a população que tá lá, né? Que tá, mas são pessoas de fora que tem outros interesses... Oh! Deixa eu entender melhor... então, essa serra aqui... esse paredão aí, enorme... como que é o nome?... num sei... teria algum nome específico?

**Josebel:** A serra de **(não entendi)**...

**Leninha:** É... essa que você tá falando que tá dentro da área e que tem o parque... que, ao mesmo tempo, as empresas estão, né... pagando licenças pra estudos, etc. e tal, né isso?

**Josebel:** E pagando as taxas...

**Leninha:** As taxas e tudo, mas o que a população... é... pensa? O que que as pessoas estão fal... dizendo sobre isso? Sobre... né?

**Josebel:** Que essa área aqui, é uma área de cima da serra, mesmo... o problema maior é que desceu muito pras comunidades... lá no... no Curral Novo, mesmo... na casa da família da gente... tem uma casa do tempo que o meu avô criava... o parque tá passando a um quilômetro de pouco da casa...

**Geraldo:** É aquilo que te falei... é que... a reclamação é que... vou deixar minha casa... a comunidade... e aí, a gente vai pra onde? Pois a reclamação é o espaço que minimizou... restringiu... onde eles exerciam atividades **(não entendi)**... hoje... é... com essa questão do parque, está... absolutamente comprometido... a grande reclamação da população não tem o que fazer ali... o parque apenas deixou de ser uma visão de proteção onde existe a mineração e serra... vai entrar em áreas que...

**Leninha:** Acabou **(não entendi)**... do homem... da... porque a questão do equilíbrio ecológico... da ecologia... do homem, né? Então, o homem acabou ficando fora ou foi afetado no processo...

**Geraldo:** Do processo... como se ele também não fosse...

**Leninha:** Não fosse do meio ambiente, né?

**Josebel:** Lá na região da gente, a turma lá... sempre procura um meio de fazer cerca nos acesso onde tem estrada, colocam cancela com cadeado, com tudo pra impedir o acesso de muitas pessoas, pra evitar a...

**Leninha:** A depredação...

**Josebel:** A depredação... aí, o que acontece... automaticamente hoje veio o parque, mas esse parque virou uma teoria... tem o parque, mas não tem nada...

**Leninha:** Nenhuma proteção... como se dá... a questão da proteção... do parque... acho que essa é a questão que se coloca também... e quem é que vai proteger o parque? Os fiscais... não existem (risos)...

**Geraldo:** Não existe... e a gente sabe de registro aí, que alguns parques que foram implantados, **(não entendi)**... no nome... o Governo Federal faz isso e vira as costas...

**Leninha:** Vira... não tem condição... ou a população protege... traz pra si, né? Enfim... a população tem que estar, porque se a população não estiver nesse processo não consegue...

**Geraldo:** Leninha, você como educadora, veja bem... eu quero aqui envolver nós quatro... como que uma população, eu não digo os velhos, os mais antigos, mas os jovens pode provocar um debate que chegue até o Congresso Nacional, até os seus parlamentares... uma forma de... de... de levantar isso lá no Congresso Nacional... pra mudar essa lógica de gestão de parques... ao invés de... de o Governo... só ele fazer... enquanto as ONG viram as costas... e... a população fica aí ao Deus dará... porque não envolver a própria numa discussão inteligente, de reponsabilidade, comprometimento, de empoderamento, de pertencimento nas comunidades, certo... ser seus próprios **(não entendi)**... nas áreas preservadas... mas como é que a população pode debater se leva as informações, leva os acadêmicos, os curiosos **(não entendi)**... sempre vai... eu não sei como que é um negócio desse... porque se você pegar... eu participei, Leninha... eu fui três vezes no comitê do São Francisco, eu participei de muitos debates nesse Vale do São Francisco... da Foz **(não entendi)**... cidade.... passei muito... Matias Cardoso, Montes Claros, Santa Maria da Vitória, todas as regiões ali... **(não entendi)**... Montes Claros... mas eu ficava encantado... eu fui bem jovem... muleque... isso muleque, dezenove anos... uma briga arretada com o pessoal do UMS ou ORS, que **(não entendi)**... produtores, prefeitos, juízes, empresários, aí... **(não entendi)**... norte, certo... aqui você vê... aonde você vê um jovem **(não entendi)**... pessoal ali do interior, né... acho que você não vê ninguém aqui na... na cidade preocupado com isso, rapaz... isso aí é uma coisa que a gente poderia levar nas discussões, quando se tem campanha de política pra o Congresso Nacional, se fazer propostas parlamentares... mas quem vai, totalmente despreparado... uma ou duas pessoas não tem termo... interessante um... um grupo maior, aí... você colocasse dois, três, quatro, cinco, seis parlamentares... olha, nós queremos isso... essa discussão pode **(não entendi)**... pra que essa questão... quem... quem pode mudar isso aí... é só um cargo comissionado, não é Presidente da República nenhum, que nunca acontece, que não é ele que faz leis, é... a lei do... juro que ela existe... foi reformada em 2007... certo... quem muda é o Congresso Nacional... tem que haver essa discussão, certo... então num... num Município que **(não entendi)**... pro Estado do Norte do País... aqui no Nordeste é o Município que tem depois do Norte é Sento Sé... com essa riqueza, porque os outros não tem isso, por exemplo lá em São José de Correntina, eu não conheço, mas ganha em terra, em água, mas não tem toda...

**Leninha:** A diversidade...

**Geraldo:** Não tem o que tem em Sento Sé, você tá entendendo... não tem... nós temos mais de 400 quilômetros de terra e água... você vai ver quando que essas logísticas... de... de corredores tiver resultados, você vai ver a... vamos dizer assim, a presença dessas empresas empregadoras aqui e que vai ser abraçada porque tem emprego, lógico...

**Leninha:** É... não tem renda...

**Geraldo:** mas e aí... como é que eles vão procurar... sim... há emprego e a população **(não entendi)**... vai ter uma política onde diz... *“olha, vocês vão plantar, mas é assim*

*dessa maneira...*” como eu vi lá em Santa Maria da Vitória... não sei se você já ouviu falar na **(não entendi)**... CPH são Centrais Hidrelétricas de Pequeno... Centrais... CPHs... PCHs... Pequenas Centrais Hidrelétricas...

**Leninha:** PCHs, é...

**Geraldo:** PCHs... eu participei.. e... eles tavam trazendo essa... essa ilusão do desenvolvimento... desenvolvimento, energia, num sei que... blá blá... toda essa coisa... como, por exemplo, as eólica tá aí... as pessoas não... eu quero que **(não entendi)**... ter aí, cinco mil, dez mil de aluguel... ninguém tá discutindo as consequências disso tudo, mas lá eles começaram a passar pro pessoal essa ilusão que ia desenvolver essa região toda... Correntina, Santa Maria da Vitória, Corídio, num sei o que... num sei o que... toda aquela região do Oeste baiano e lá tinha uma ent... uma entidade chamada MAB, Movimento de Amparos...

**Leninha:** Atingidos por Barragem...

**Geraldo:** É... é... e eles... e eles eram rep... tinham **(não entendi)**... mas quem representou esse grupo aí foi uma jovem... eles pegaram, assim... pediram licença, aí tavam autoridade... inclusive o prefeito da época lá era um padre, lá de Santa Maria... e eles colocaram todos os produtos que eles produz lá... melão, num sei o que... as coisas deles lá... a cultura da medicina natural... eles fazem... eles acreditam que os remédios vão combater o veneno de jararaca e cascavel. Todo esse conhecimento eles colocaram lá na mesa e tal... e aí eles explicaram... disse... olha, muito interessante a questão dessa... desse entrosamento que vocês querem trazer pra cá pra barrar... pra barrar o Rio Corrente, que lá é Rio Corrente... assim... assim... assado... nós... nós num quer esse tipo de desenvolvimento que vocês tão fazendo, não... porque nós já tem o nosso desenvolvimento... e desde que eu me entendo... é... meu... é... como gente... que meu pai nos criou e eles foram criados ausente... presente... pá... pá... pá... o que vocês querem, na verdade, fazer com a gente, foi o que vocês fizeram lá no Lago de Sobradinho, que colocaram Casa Nova... tal... tal... tal... e falou até Sento-Sé... ela nem sabia que eu era de Sento-Sé... jogaram aí, não foi assim...

**Leninha:** Exatamente...

**Geraldo:** Só que eu conversei com ela depois... aí... ela nem sabia que eu era de Sento-Sé... que eu disse... olha, é... eu fiquei extremamente sensibilizado com a paixão de vocês ... mas a gente sabe que... bote na cabeça de vocês uma coisa... sei, também, que tá até parado, tem uma anti... uma contra proposta, que depois você ... né? Vamos supor, você não ter essa resistência e esse desenvolvimento vem passar por cima de vocês como trator... vem de qualquer jeito e... então, faça uma contra proposta e...

**Leninha:** Questão da negociação, a partir do... dos interesses, né?

**Geraldo:** Mas ... você... uns casos que eu fico apaixonado... tem uns brasileiro e umas brasileira... principalmente mulher, né... eu vejo mais isso em mulher... o homem é

acomodado... a gente faz a reunião e só vai mais mulher... veja bem, né? Porque é a beleza, né? Ele não mostra bem se ele é um tigrão... (risos)... é brincadeira... é brincadeira...

**Leninha:** Sim, Pai...

**Pai: (não entendi)...** conseguir fazer o mapa...

**Leninha:** Vou... depois de... tá?

**Geraldo:** Tem mais alguma dúvida aí?

**Leninha:** Não... é... então... é... seria mais assim, em relação à comunicação... aqui...

**Geraldo:** Faltou... e... na verdade né... mas vai dar uma paradinha aí, porque Bolsonaro entrou aí, tem uma outra filosofia de pensamento... o pessoal dele aí, é predominantemente econômico... pra eles o meio ambiente é algo pra ser explorado e descartado... assim... você que é estudiosa sabe que “Descartes” tem aquela questão do cartesianismo que... “o ser humano é separado do meio”...

**Leninha:** Exatamente...

**Geraldo:** Que num... não tem nada a ver então... assim... é uma extremamente destruidora...

**Leninha:** Destruidora...

**Geraldo:** E esse cronograma que tá aí, interessante que você fique bem atendida... até você concluir o doutorado fique bem atendida... **(não entendi)...** aí você faz uma coisa e depois quando chega lá mudou tudo...

**Leninha:** Já mudou tudo...

**Geraldo:** Eu te aconselho, viu?

**Leninha:** É... não... minha preocupação é com o processo, mesmo...

**Geraldo:** Eu acho que até março vai ter algumas novidades...

**Leninha:** Eu vou voltar aqui pra contar pra gente...

**Geraldo:** Vão acabar com o ICMBio, me parece... uma das coisas de lá... em vídeo... o ICMBio é quem tá aqui presente...

**Leninha:** Eu sei... eu tô entendendo como é... agora...

**Josebel:** Um ponto... um ponto positivo que teve no parque, aqui... foi um fogo acidental que teve aqui... aí a comunidade veio comunicar aqui na Secretaria, né? A parte que tava sensível lá... que tava todo mundo preocupado e aí, o ICMBio agiu... ele veio primeiro com duas aeronaves, um bucado de equipe de brigadistas, ele trouxe de outros parques que tem aí, vizinho...

**Geraldo:** Olha rapaz...

**Leninha:** Eu vi... acompanhei...

**Josebel:** Aí, depois as duas aeronaves não deu conta, veio mais duas... no final do incêndio pra combater tinha quatro... cinco aeronave... que era um helicóptero e quatro avião... teve esse lado positivo... já aqui...

**Leninha:** É... eu acompanhei...

**Geraldo:** Brigadista do Rio, Brasília...

**Leninha:** Eu fiquei na dúvida... será que foi acidental, mesmo, esse incêndio... mas...

**Geraldo:** Olhe...

**Josebel:** Foi assim... tinha um pessoal da... de Irecê... eles não pensam em preservação... se você vê uma pessoa quando chega na região da gente, é... querendo passarinho, querendo caçar... a situação de Irecê tá tão grande, que Irecê já tá entrando no processo de desertificação.... aí, eles tavam trabalhando com o dono da roça e... botando fogo... eles são assim... o pessoal da região de lá são **(não entendi)**... no isqueiro...

**Geraldo:** Aleatoriamente...

**Josebel:** Todo lugar que eles vê, eles bota fogo, assim... não tem aquela visão igual a que o pessoal de Sento-Sé já tá tendo... de preservação... aí, nesses fogo deles, um fogo subiu a serra...

**Geraldo:** Eles pegam isso via satélite, né?

**Leninha:** Ah! Conseguiu identificar quem protege, né...

**Geraldo:** **(não entendi)**... a imagem anterior...

**Leninha:** E vê onde surgiu... tá...

**Geraldo:** Aí foi coisa terrível ... a gente... a gente chegou um dia... eu, ele **(não entendi)**...

**Josebel:** Não, fui nesse dia, não...

**Geraldo:** Tava eu e Jandira... em plena duas horas da tarde, pense aí, o Sol...

**Leninha:** **(não entendi)**...

**Geraldo:** Aí a gente chegou num lugar lá, depois deles... aí, tinha um rapaz... nós tamo aqui se acabando de sede... comendo cacto pra não morrer... tava sete quilômetros de um lugar onde eles subiam... o... o... e aí, a gente... é... articulou aqui com a Prefeitura... IRPAA... uma série de coisas... você imagine um camarada andar sete quilômetros em cima da serra...

**Leninha:** Ave... com o Sol quente...

**Geraldo:** Ave Maria, rapaz! Esse povo... é um povo brabo, viu... aí, da região da Chapada Diamantina trouxe mais brigadistas...

**Josebel:** Eles vieram da Chapada Diamantina e... na Chapada Diamantina tem água por todo canto aí, eles apagam lá... fogo... com bomba de água... aí, eles vieram pra cá e com água e foram subir a serra, tentar agir dessa forma... o primeiro dia se deram mal e... depois eles mudaram a forma de trabalhar... eles foram tentando... foram combater o fogo cortando... o alimento do fogo... fazendo aceiro e usaram essas bombas de água só pra o consumo deles... e o avião por cima jogando a água pra combater o fogo...

**Geraldo: (não entendi)...** perigoso e... passou alguns dias... veja bem... aí, a gente foi pro segundo dia, aí quando chegamo lá o desânimo era total... eles tinham feito uma... uma... vamos dizer assim... um atalho do fogo... de noite... porque só podia trabalhar até nove horas... eles ficavam acompanhando, mas não podia fazer nada... aí, eles faziam a noite toda... o trabalho... fizeram tan... tan... tan... tan... fizeram o negócio e... aí, quando eles chegaram lá... aí... quando foi de dia o vento mudou a direção...

**Leninha:** Vixe! Meu Deus!...

**Geraldo:** Ô rapaz... eles tavam quase chorando... por todo trabalho em vão... foi... em vão... imagine vocês e... aí, você vê, assim... na cabeça deles... – tudo que a gente fez por água a baixo... incrível um negócio desse... e depois... é... aí, foi que chegaram os aviões... uma semana depois...

**Leninha:** Deu uma aliviada...

**Geraldo:** foi o que ajudou... até assim, mesmo com os aviões... os aviões seriam bom... mas, mesmo assim, a violência, a agressividade do fogo era tão grande que os aviões apagavam e no outro dia tava de novo... ficava...

**Leninha:** Tudo de novo...

**Geraldo:** Sei que... numa extensão assim, foi quinze quilômetros, fora os... teve período de vinte e três quilômetros, taí... num sei quantos quilômetros.

**Josebel:** Mais de três mil hectare...

**Leninha:** Agora... só explicar aqui, a questão de... uma coisinha a mais... sim... a questão dos índios... como é? Eles mudaram... como foi mesmo, que eles mudaram... a ta... o processo... só pra eu entender...

**Josebel:** Pra apagar o fogo?

**Leninha:** Sim...

**Josebel:** Eles cortando... fazendo aceiro... como o combustível do fogo... eles faziam um aceirozinho... cortava a mata...

**Leninha:** Aceiro é o...

**Geraldo:** Aceiro é... a limpeza...

**Leninha:** Ah! É a limpeza do caminho...

**Josebel:** É a limpeza...

**Leninha:** Ah! Certo...

**Josebel:** Faz a limpeza entre o fogo e a caatinga... o fogo vai e quando chega ali ele...

**Leninha:** Ele pára... Ah! Certo... entendi... Aqui, nessa região de Sento-Sé, qual é o lugar... qual o povoado que vai estar mais, digamos assim... é... presente... que... que vai ser mais afetado pelo Parque Boqueirão da Onça? Onde que as pessoas, a população tá sentindo mais essa questão... dessas questões do acesso... é... do fundo de pasto... enfim...

**Josebel:** A que vai ficar mais apertada é aqui é a Cabiluda... Limoeiro tá aqui nesse meio, aqui também... tá todo cercado de pasto...

**Leninha:** Lagoa do Marí fica onde?

**Josebel:** Lagoa do Marí, ela fica mais ou menos aqui, as margens pra cá... essas comunidades também... Lagoa do Marí, Lajes...

**Leninha:** Lagoa do Marí, Lajes e Cabeludas, né?

**Pai:** Eu ouvi falar que Cabiluda tá fora do Parque?...

**Josebel:** Tão fora, assim... eles só mudaram, mas o Parque fica em redor...

**Geraldo:** enforcando... enforcando... sabe... eles tão assim, mas com o pescoço na guilhotina...

**Pai:** Ah! Entendi, agora...

**Geraldo:** Entendeu, agora, como é o negócio... a comunidade, mas...

**Leninha:** A comunidade, ok... mas a questão é a Lagoa do Marí tá aqui, mais ou menos, mas pra onde é que eles vão... pra cá... pra cá...

**Josebel:** O acesso na Lagoa do Marí pra vir aqui pra Sento-Sé é por aqui... pra sair aqui na Quixaba.

**Leninha:** Ham... ham... aí, tudo aqui vai passar pelo Parque, né isso?

**Geraldo:** Exatamente...

**Leninha:** Ele vai passar aqui... tá aqui... né?

**Josebel:** Essas comunidade vizinha tudo, aqui, tem as Lajes, mais ou menos aqui... aí, tem aqueles lugarzinho... Sítio... Fartura...

**Leninha:** Prazeres...

**Josebel:** Não, eu tô falando no que vai sentido à Cabiluda... Sítio, Fartura... ali...

**Geraldo:** Prazeres tá próximo, ali... da entrada das Maria... do lado...

**Josebel:** Próximo a Cardoso, Limoeiro... as região de lá tão tudo apertada... Parque dum lado, Parque do outro...

**Leninha:** Prazeres... os Prazeres ficam pra cá, é?

**Josebel:** Os Prazeres é próximo da Cabeluda... os Prazeres tá dentro do Parque... dentro mesmo... só que os Prazeres hoje, não tem...

**Leninha:** Não tem um morador.

**Josebel:** Num mora mais ninguém, não...

**Geraldo:** É um manancial... um Oásis...

**Leninha:** Tá bom, gente... muito obrigada, viu? É bom... sei que vou voltar...

**Geraldo:** Mas se você quiser, também, você pode... é... postar também... que Sento-Sé, além dessa questão do Parque, aí em negócio... já tem registrado... Falta registrar... quem disse isso foi autoridade, que é Celito. Que ele é arqueólogo, pesquisador e... nós temos mais de três mil sítios arqueológicos...

**Leninha:** Sítios arqueológicos...

**Geraldo:** Inclusive, muito mais que a Serra da Capivara... muito mais do que aqui, na região... é... central. É... um dos maiores parque do município arqueológico, aqui no semiárido brasileiro é Sento-Sé... o que já foi identificado... e tem mais... mais de três mil, certo... sitio arqueológico...

**Josebel:** E as regiões da serra estão todas dentro d'água...

**Leninha:** As regiões das serras?

**Josebel:** Esses povoado de cima da serra estão todos den d'água...

**Geraldo:** Aqui... aqui, Leninha... aí, na ilha, aí... meu sobrinho tinha gado, tinha ovelha... ele tava... aproveitou bastante... Chegou ao nível de dois por cento... e... ele trouxe uma série de animais, ai pra... e ele tá lá blá... blá... blá... acho que... com esses animais fazendo negócio... **(não entendi)**... como é que eu chamo de... cemitério ancestral...

**Leninha:** Ancestral...

**Geraldo:** Não é tanto, não... urna funerária...

**Leninha:** A urna... tem urna... é mesmo?

**Geraldo:** De índios... dos ancestrais... ele filmou... eu tinha... passei até pruns estudantes da Universidade do Piauí... tava no outro telefone, eu perdi... certo... eu passei... passei também, se não me engano... pra Marilúcia... num sei se Marilúcia Monteiro... mas meu sobrinho tem... cê vê, assim...

**Leninha:** Onde é o local... na beira do rio?

**Geraldo:** Nas ilhas... agora tá submerso...

**Leninha:** Ah! Tá submerso...

**Geraldo:** Mas era uma coisa interessante... ele... ele desenterrado...

## **ENTREVISTA COM CADI E MARILA – FAZENDA FARTURA**

**SENT0-SÉ - 14 DE MAIO DE 2019**

**Aurilene:** Bom, hoje é dia 14 de maio de 2019. Estamos aqui em Sento-Sé com Marília e Cadi, que são lá da Fartura, né?! Fartura é um povoado que fica na região da Cabeluda, ali perto do Limoeiro da Batateira, uma área de Caatinga e eles estão agora vivendo um processo dentro dessas transformações, que estão acontecendo aqui na região de Sento-Sé, especialmente com relação ao Parque Boqueirão da Onça. Eu queria que vocês falassem assim um pouco de... primeiro da Fartura, como é o povoado da Fartura, como é que vocês vivem lá e quais são as transformações mais fortes que estão chegando para vocês?

**Cadi:** Por exemplo, Fartura é uma comunidade, uma das comunidades grandes do município de Sento Sé. É uma comunidade pequena, mas é uma comunidade que tem uma tradição da criação de caprino, extensivamente cria solto. É uma comunidade de fundo de pasto. É uma comunidade tradicional, então as famílias que ali vivem, são famílias centenárias. Podemos considerar esse ponto forte aí, que já vem dos seus antepassados, então as novas gerações que vêm chegando ali, dão a continuidade a esse segmento que o foco é a criação de caprino e ovino naquela região e hoje, atualmente, a gente vive num cenário, um cenário que é muito forte, tem (inaudível) muito as pessoas, a questão da implantação do Parque Boqueirão da Onça, porque de fato a gente nunca, em pontos nenhum, a gente foi contra o parque, eu mesmo, no meu ponto de vista e até então a gente tem falado muito isso, tem pregado muito isso para os outros colegas e pras famílias ali; nem só de Fartura, como das outras regiões ali, das comunidades, que estão inseridas na área do parque. A gente é contra o parque da forma que está, da forma que vem sendo e está sendo pregado que vai ser instalado em Sento-sé, porque as empresas de energia eólica estão sendo valorizadas e as famílias, não. Então, ao que a gente é contra? À retirada das famílias. Eu não sou contra a preservação do nosso bioma, eu sou a favor, eu sou defensor da preservação do bioma e também sou defensor da continuidade das famílias nas nossas áreas, ou seja, na nossa terra, que ali vivemos e que ali estamos até hoje.

**Aurilene:** Quando é que você sentiu que as eólicas estão sendo valorizadas e as famílias não? De que forma?

**Cadi:** De uma forma que eu não... até hoje eu não entendi. Estou buscando entender, compreender. Porque se as famílias vão ser retiradas dos seus lares, das suas terras de origem e a empresa de energia eólica hoje pode chegar e ser implantada, sendo o parque; e na APA será implantado energia eólica. O meu ponto de vista contrário é esse, porque, então, as empresas de energia eólica estão sendo mais valorizadas, que as famílias que ali vivem. Quem tem que ser valorizadas são as famílias. Nós não somos objeto, nós somos pessoas, nós somos vida, nós somos gente! Então, a gente precisa desse ponto, né?!

**Aurilene:** As famílias, as casas de vocês lá da Fartura ficam na região da APA, mas, usando "mas", me conte aí como é essa história.

**Cadi:** Esse que é o ponto, né?! Porque até então, até o momento, o exato momento, nós não temos de fato aonde é parque, ainda. Não foi mostrado esse mapa claramente para as pessoas, ou seja, para as comunidades, as comunidades, que estão inseridas na APA, dentro do parque. Então, isso não foi mostrado.

**Aurilene:** Não está claro, mas já foi dito que vocês terão que sair?

**Cadi:** Assim... porque já foi dito e até então eles não chegaram diretamente ainda para dizer isso, *que você vai sair*, mas, por exemplo, a gente vê ou ouve boatos, comentários que, até então, nada ainda firmado que ali, por exemplo, a comunidade está aqui e a dois quilômetros já passa o parque, então, pra quem vive numa área daquela como eu falei, que é criando caprino e ovino, se você ficar com a extensão de dois quilômetros cercada em parque, não tem condições de sobreviver, porque o foco que as famílias vivem é da criação de caprino e eles precisam, ou seja, nós precisamos de fato de uma extensão territorial, que seja com o foco que a gente possa realmente criar e dar continuidade às nossas atividades que a gente fazia a todo tempo.

**Aurilene:** Como é que vocês souberam de tudo isso? Me conte aí como foi que vocês souberam do parque e como que isso vem se dando? Como é que essas informações têm chegado para vocês?

**Cadi:** Por exemplo, 2009 houve uma primeira reunião, que foi uma reunião pública de esclarecimento do parque, porque de fato parque é há muito tempo, só que não decretado ainda. Como o decreto saiu ano passado, dia 5 de abril, né?! Mas a gente tem buscado sempre informações e parceiros também, como, por exemplo, têm as ONGs que dão apoio, que a gente sempre busca informações, advogados também...

**Aurilene:** Quais são as ONGs?

**Cadi:** Por exemplo, o IRPAA tem sido um parceiro, a CPT, a Central de Fundo de Pasto, Articulação Estadual de Fundo de Pasto, que apoiam as comunidades tradicionais de fundo de pasto...

**Aurilene:** Em 2009 houve uma...?

**Cadi:** Uma reunião pública, né...

**Aurilene:** Aqui em Sento-Sé?

**Cadi:** Em Sento-Sé, no espaço da Câmara de Vereadores, aí então já trouxe esses relatos. Então, foi o primeiro ponto que chegou em Sento-Sé, que foi o ponto mais forte, né?! Então, daí para cá teve esse período aí, nesse meado de 2009 para cá que teve uma quebrada, né? Que não teve muito presente, mas que agora retorna, a partir do ano de 2018 retornou muito forte e a gente tem hoje de fato comunidades e pessoas ali, que já foram até multadas por essa razão do parque, até de fato pessoas construindo um espaço para morar e também a gente já está sabendo também, que já estão restringindo a criação de caprinos, então, extensivamente, as pessoas não vão continuar com aquela tradição que se tinha de criar solto, vai ter que criar preso e o rebanho não pode aumentar um a mais, entendeu? Então, esses todos são pontos que tem destrutado de fato da sobrevivência das pessoas, né?!

**Aurilene:** Agora, como é que foi em 2009? Como é que vocês souberam dessa audiência pública?

**Marília:** Isso que eu queria falar sobre essa audiência pública. E aí já começou a falta de comunicação com as comunidades, né? As comunidades precisavam ser consultadas, ser comunicadas para essa reunião, e aí não houve essa comunicação, houve um ou dois de alguma comunidade que ficou sabendo, aí foi participar da audiência, outros não. Os que estavam ali ficaram sabendo, mas não... Através de lutas, as comunidades começaram a se organizar, essas ONGs começaram a apoiar e aí deu uma esfriada no projeto e aí quando foi agora eles retomaram novamente as discussões e aí alegaram que as comunidades foram consultadas, que as comunidades eram sabedoras disso.

**Aurilene:** Quem organizou essa audiência pública? Quem solicitou, vocês sabem?

**Marília:** No tempo... eu não lembro quem organizou.

**Cadi:** Eu não lembro. Ela foi promovida, de fato, por eles mesmo, acho que de fato eles queriam vir para o município para fazer os esclarecimentos.

**Aurilene:** O próprio governo, né?

**Cadi:** Isso, o próprio APA.

**Marília:** Eu acho que eles viram alguns representantes aqui do município, de algumas comunidades mais próximas, que tem Margarida, ela faz parte da Rede Mulher, que é uma organização também, aqui no Território do Sertão do São Francisco e aí ela participou dessa audiência...

**Aurilene:** Como é o nome?

**Marília:** Margarida.

**Aurilene:** Ela é o quê?

**Marília:** Ela é membro da Rede Mulher. Rede Mulher é uma organização aqui no Território do Sertão do São Francisco. E aí, foi uma reunião que aconteceu nas caladas da noite e não foi aberto ao público como deveria ser, como diz na lei, que nós comunidades precisamos ser consultadas para esse tipo de coisa.

**Aurilene:** E aí desse tempo para cá vocês ficaram só ouvindo? Como foi?

**Marília:** Aí deu uma esfriada, aí pronto. Uns diziam que não existia mais, que acabou, aí quando foi agora em 2018, virou decreto mesmo e aí retornou a pegar a gente de surpresa.

**Aurilene:** Como é que vocês souberam do decreto?

**Marília:** Foi publicado no Diário Oficial, aí como a gente tem essas entidades, essas ONGs que nos apoiam às vezes nas comunidades, a comunicação pela internet é mais difícil de saber, aí já comunica a gente " ó, o parque virou..."

**Aurilene:** A ONG que comunicou?

**Marília:** É, algumas ONGs que apoiam a comunidade e sempre comunica a gente, né?!

**Aurilene:** E aí?

**Marília:** E aí pronto, pegou a gente de surpresa novamente, virou o decreto...

**Aurilene:** E daí pra cá o que é que vocês têm feito? Como é que tem sido isso essa comunicação?

**Cadi:** Desse tempo pra cá a gente tem se articulado muito com as outras comunidades e com as organizações, que sempre concederam esse apoio. A gente formou uma comissão de fundo de pasto aqui em Sento-Sé no qual eu e Marília fazemos parte e demais colegas também de Sento Sé, de outras comunidades e buscando isso a gente achou que seria importante de a gente também buscar defender de fato nossos direitos. A gente promoveu uma ação no Ministério Público contra essa situação do Parque. que chega assim dessa forma, que vem realmente tirar direito das pessoas, porque a partir do momento que se está tirando as pessoas de seus lares, está de tirando os direitos, principalmente o direito de viver com dignidade. Então, a gente articulou e nessa articulação que a gente deu entrada no Ministério Público, promoveu uma reunião pública, de fato. Não foi uma audiência pública, foi uma reunião pública que aconteceu em Sento-Sé, no mês de novembro do ano passado, se não me falha a memória, parece que 23 de novembro aconteceu essa reunião pública aqui em Sento-Sé, onde de fato a gente trouxe pessoas de outras comunidades e pessoas das comunidades, de fato, que a gente já luta pela defesa da moradia e da permanência também das nossas famílias ali em seus lares e em suas comunidades.

**Marília:** O principal foco dessa reunião pública foi a... foi colocado o ICMBlo, que é o órgão responsável aqui pelo parque, para ele prestar esclarecimento às comunidades, como é que tá se dando esse processo da execução do parque. Então veio, eles

vieram, a gente convidou as comunidades, teve várias comunidades. A gente lotou o espaço ali da câmara Municipal, aí teve presença dessas entidades, dessas ONGs que nos apoiam, também estive presente para eles prestarem esclarecimento. E aí, mais uma vez o negócio saiu um pouco turvo. As comunidades questionaram, questionaram a eles como é que eles vão fazer com essas pessoas que moram nessas áreas, como é que vai ser o processo desse parque. E aí, mais uma vez eles enrolaram, vieram com mapa desatualizado, um mapa com dados de 2007, totalmente desatualizado. Aí as comunidades procuravam: "a minha comunidade em tal área está dentro da área do Parque?" E aí, eles com mapa lá, eles não sabiam dizer. Porque, de 2007 para cá, que foi quando eles fizeram esse mapa, já teve várias mudanças, inclusive por conta dessas chegadas das eólicas. Porque nas áreas que são APA, as comunidades que estão dentro da APA ainda vão dividir espaço com as eólicas, que eles deixaram essas áreas para algumas comunidades e para as eólicas, né?! O mapa que a gente conseguiu, não fornecido por eles, dá para ter mais ou menos, não é uma coisa completa. A gente não tem a certeza que vai ser daquele jeito, pode haver mudanças ainda. Mas a gente vê lá a área da APA pequena e ainda dividir espaço com as eólicas, né?! Aí por esse fato de Cadi falar mais cedo na conversa que as eólicas, as mineradoras, as empresas parecem ser mais importantes do que a gente, comunidades, que já têm toda uma história, o nosso modo de vida, né?! As empresas serem mais importantes do que a gente, porque nessa reunião pública que teve, a moça do ICMBlo falou que, assim... ela deixou bem claro para a gente que onde for Parque, não pode ter a presença, não pode continuar morando.

**Aurilene:** E nem os animais de vocês? Os animais que vocês criam, claro.

**Marília:** E nem os animais. Foi questionado como é que vai ser nessas comunidades que pegaram o parque. Como é que vai ser? Aí falam: "*ah... é... a gente vai trabalhar com uma possível indenização.*" Essa indenização vai ser se você tiver o título da terra, ela vai ser indenizada pelo documento da terra, pela área, pelo tamanho da área e a situação da terra, mas se na área você tiver só a sua casa, o seu quintalzinho, vai ser indenizado aquilo ali, aí, veja só que crueldade com a gente. Então a gente não tem valor nenhum? É uma falta de respeito, é uma questão desumana. Então a gente tem toda uma história lá, eu mesma, nasci e me criei na Fartura, tenho a minha história, já vi minha avó e minha bisavó contarem as histórias, já tem esse modo de vida. Por isso então a Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, porque é uma comunidade que se dá, assim, essa questão de... principalmente de comunidades onde são todos parentes, tem esse grau de parentesco, tem os compadres, a gente dá o nome de Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto. Então a gente tem uma história, aí de repente chega, aí se acaba com a nossa história, com nosso modo de vida lá, sem nenhuma comunicação, assim, de nada. E aí, a gente já vê outros relatos, por exemplo, da Barragem de Sobradinho, como foi a questão, como foi que aconteceu com as pessoas, o quanto foi desumano, que até hoje as pessoas ainda sofrem, de fato, da barragem. Então, a gente vai deixar isso acontecer novamente com a gente?! Porque o que a gente vê é um cenário parecido a esse, né?

**Aurilene:** Exatamente.

**Marília:** E aí eles não sabiam responder muita coisa ou se sabiam não queriam responder. Sei que as comunidades questionaram bastante a eles, mas não saiu muito claro, não, como é que vai ficar. E aí foi o que Cadi falou mais cedo e ele vai falar um pouco dessa questão da redução dos animais.

**Cadi:** Então, de fato essa questão que eu te falei, essa questão da redução dos animais. Porque, por exemplo, quem mora ali que cria seus animais, ele quer realmente o aumento do rebanho, não é isso?! para poder dar continuidade de sobrevivência, porque é o salário que ele tem, a vida dele é aquilo, é cuidar daquilo, é o dia, é à noite, é a atividade que se tem a fazer. Então, a partir do momento que chegar a você ser reprimido, ao seu rebanho não se estender mais, você vai ficar lá de braços cruzados, não vai ter o que fazer muito ali e não vai sobreviver das paredes da casa. Eu sempre costumo dizer isso, que se isso realmente vier a acontecer, a retirada e a saída das pessoas de suas comunidades para vir morar em outro lugar, isso é difícil, é muito difícil, porque, como Marília traz, a gente tem esse retrato falado, presenciado, e estamos vendo, vivenciando com pessoas, uma vez ou outra e sempre aqui e ali, quando a gente está em algum evento, a gente encontra com pessoas que foram realmente retiradas de seus lugares para construção da Barragem de Sobradinho. Então, são pessoas que nunca mais firmaram com o pé no chão, perderam tudo que tinha e hoje para construir é muito complicado. Então, com a gente não é diferente, se caso isso venha acontecer, que eu espero em Deus que isso não vai acontecer, porque Deus está acima de tudo e ninguém está acima da lei. Então, o Presidente que fez isso é o indivíduo, porque as pessoas vão perder seus valores, vão perder suas culturas, suas origens que ali vivem, como Marília traz relato da vó, da bisavó, que contava tudo isso, que era, que era não, que é um lugar bom de se morar, o lugar que nós temos e quando a gente trata de fundo de pasto, fundo de pasto hoje é uma área de preservação, é uma área que a gente preserva. Então, só hoje o governo criou a lei para preservar? Não, isso é negativo, isso é negativo. Eu acho isso uma farsa, dizer que o governo hoje é quem pode preservar. Quem preserva somos nós que ali vivemos e o que tem preservado de mata ciliar em Sento-Sé, pode ter certeza, de fato, que é porque nós preservamos.

**Marília:** Se nós, comunidades, não preservasse, eles não encontravam tudo isso aqui. E só em Sento-Sé eles vieram e encontraram. Então, se a gente não preservasse, não tinha como eles encontrarem.

**Aurilene:** Vocês colocaram essa questão, falaram que em 2009 começou essa questão das audiências públicas, que vocês depois souberam, etc. e tal. Mas, vocês tiveram algum contato antes com alguém, com alguma ONG ligada a essa questão do parque, antes da audiência pública?

**Marília:** Não.

**Aurilene:** Não? Vocês não tiveram? Porque, assim, com algumas pessoas com quem eu conversei, eles disseram que, não sei se foi antes de 2009, eu não tenho certeza, mas que já vi a presença, por exemplo, de uma pesquisadora chamada Cláudia, que ela estava indo às comunidades, falando sobre essa questão da preservação e tal, essa questão das onças, da onça pintada. O que vocês sabem sobre isso? Que contato... vocês já tiveram alguma relação já com isso?

**Marília:** Em 2009 foi a audiência que eles fizeram para prestar esclarecimento, como é que ia se dar essa questão do parque.

**Aurilene:** Vocês não conheciam Cláudia antes disso?

**Marília:** Eu mesma não conhecia, mas eu já ouvi relato, pessoas já falam que já andavam pesquisando para ver o andamento dos animais, fazendo esse tipo de pesquisa na região e falando sobre esse possível parque e eu acho que essa discussão do parque, ela começou foi em 2002, não foi?

**Cadi:** Foi, em 2002.

**Aurilene:** Vocês não conhecem Cláudia? Só de ouvir falar, mas, ela não tem trabalho lá na Fartura?

**Cadi:** Não. Eu conheço ela pessoalmente, mas só que na Fartura ela nunca foi fazer esse trabalho, ela não esteve na comunidade fazendo esse trabalho.

**Marília:** Sempre é mais para a região de Lagoa do Mari, Lages...

**Cadi:** Região das serras...

**Aurilene:** Vocês já ouviram falar sobre que existiam pesquisadores falando, enfim, orientando as famílias, discutindo sobre...

**Cadi:** Exatamente e também uma coisa que não foi feita na comunidade, como Marília falou, não foi feita uma consulta prévia com nenhuma comunidade de Sento-Sé e se foi feito com alguma de Sento-Sé, fez com uma pessoa, por exemplo e às vezes até aproveitou da nobreza de uma pessoa menos esclarecida da comunidade para fazer esses esclarecimentos que eles colheram, porque, até então, a gente nunca foi procurado para fazer esclarecimento nenhum sobre essa questão do parque, em Fartura por exemplo, não houve isso de maneira alguma.

**Marília:** E aí, eles tinham que provar isso para a gente com listas de presença, aonde eles tinham essas conversas com as comunidades e lá no dia dessa reunião pública, que eles estiveram aqui com a gente, a gente pediu e eles não apresentaram, eles apresentaram lá uma lista dessa reunião, que aconteceu aqui em Sento-Sé com assinatura de alguns representantes do município e de algumas comunidades e ao todo são 27 comunidades e eu acho até que aparecia um nome ou outro de alguma pessoa da comunidade. Então, isso não foi para a gente, não foi esclarecedor essa reunião que ele fez, isso que eles falaram para gente, porque, na Fartura mesmo, eu não lembro da presença deles, dessas pessoas, fazendo esse tipo de consulta, essas

pesquisas, nunca apareceu, aí de repente eles chegam falando que as comunidades são conhecedoras, que contam com o consentimento das comunidades, que não fizeram isso à toa.

**Aurilene:** Pronto. Agora vocês estão no momento depois que houve o decreto. Eles têm um tempo para fazer essa parte, eu acho que é manejo, de manejo que é essa adaptação, esses ajustes. Como é que vocês estão nesse processo? Como é que tá se dando isso? Vocês estão dialogando com quem? O que é que vocês estão sabendo sobre isso?

**Marília:** Por enquanto, a gente continua, nós mesmos nas comunidades, esse processo de organização de fortalecimento das comunidades, sempre a gente se organiza em reuniões, debatendo quais são os próximos passos que a gente vai dar e com eles mesmos, depois dessa reunião que teve aqui em Sento-Sé, em novembro, eu mesmo não tive mais contato com nenhum deles.

**Aurilene:** Do ICBM-BIO, né? A reunião pública foi somente com o ICM-BIO...

**Marília:** Com o ICM-BIO e o Ministério Público... aí não teve mais nenhum retorno, nenhum contato com ele, mas a gente enquanto comunidade, a gente continua se organizando para enfrentamento, porque a gente precisa realmente de esclarecimento. A gente vai novamente colocar eles para eles virem prestar esclarecimentos, mostrar o mapa, porque a gente precisa ficar ciente onde é a APA, onde é parque, a gente precisa que eles mostrem o mapa deles, para saber de fato o que vai acontecer com as comunidades, para que a gente não esteja no sossego e de repente já chega *"oh, vocês estão dentro do parque, com tantos dias vocês vão ter que sair, vão ter que desocupar a área"*. E isso vai ser muito triste para gente, se Deus me livre isso acontecer, não vai acontecer porque a gente é organizado, a gente está se organizando.

**Aurilene:** Você já me falou, Marília, que essa organização de vocês têm o apoio de algumas ONGs, como o IRPAA e a CPT, entre outras. Como é que tem sido essa relação de vocês? Como é que começou essa relação com essas ONGs, especialmente o IRPAA e o CPT? E qual é esse apoio que eles estão dando a vocês hoje?

**Marília:** Esse contato com essas ONGs surgiu a partir da necessidade, da nossa necessidade das comunidades. Está acontecendo isso, quem é que pode nos apoiar, quem é que pode nos ajudar a defender essas causas? Então fomos procurar o IRPAA. Aí tem o IRPAA, tem a CPT, tem a Central de Fundo de Pasto...

**Aurilene:** A Central de Fundo de Pasto é ligada à CPT?

**Marília:** Não, é outra coisa. É outra ONG que apoia as comunidades de fundo de pasto.

**Aurilene:** Mas, a Central de Fundo de Pasto é ligada a alguma organização também? como é?

**Cadi:** Ela é uma organização.

**Aurilene:** Mas ela não tem nenhuma relação com igreja, com alguma coisa assim não?

**Cadi:** Assim, essa relação do apoio, né? Sempre a Central de Fundo de Pasto tem dado esse apoio e também tem articulação Estadual de Fundo de Pasto.

**Aurilene:** Sim, mas você tinha me falado. Primeiro vamos começar bem do início, que o IRPAA já tinha uma ação com vocês lá, né? Com a questão do beneficiamento, de frutas, né? Queria que vocês me falassem sobre isso e como é que o IRPAA surgiu nessa história aqui com vocês, como é que dá essa comunicação entre vocês e o IRPAA? como ela se iniciou e como ela se dá até hoje, desde o início lá, primeiro com essa questão da organização da comunidade e agora com esses projetos modernizantes.

**Marília:** o IRPAA, ele chega na comunidade dessa forma: geralmente sempre surge novos projetos no IRPAA de Assessoria Técnica né E aí eles procuram nossas sessões para poder executar esses projetos nas comunidades. então, eu não tô lembrada a data assim o ano que o IRPAA chegou na comunidade para o primeiro projeto.

**Cadi:** 2009.

**Marília:** Pronto. O primeiro projeto que chegou na fatura foi o Sertão Produtivo, que é Assessoria Técnica aí, depois do Sertão Produtivo veio em 2009. Esse projeto de recaatingamento, que é a recuperação de áreas degradadas. o projeto é financiado pela Petrobrás Ambiental, executado pelo IRPAA em parceria com as comunidades, onde teve um momento muito rico, que uniu mais as comunidades, na Fatura em outro povoadozinho perto, né? Todo mundo veio para Fatura e começou esses projetos. teve a questão social, né? As formações e aí também a parte prática, foi onde a gente fez essa... isolou essa área com a cerca elétrica e a gente foi plantar, produzir as mudas, as mudas foram produzidas no viveiro na comunidade, aí a escola também foi envolvida nesse projeto, onde os alunos estudaram na produção de mudas, sempre tinha aula prática sobre a questão do manejo ambiental, o manejo do solo... o IRPAA ia dar essa formação lá, esse processo formativo com a comunidade em geral e a escola sendo inserida também no processo, nessa formação das crianças e dos jovens. Aí produzimos essas mudas e fomos devolver lá na área, fomos plantar. Aí, a gente focou mais nas plantas que estavam em extinção lá na área, por exemplo, umbuzeiro que é uma planta nativa, tinha pouca nessa área, umbuzeiro, aroeira e umburana. Então foi feito esse trabalho lá, hoje a área já se encontra num processo bem avançado, antes a gente chegava lá tinha o carreiro, você podia passar descalço onde os bichos, os animais rastejavam. Hoje você chega lá nessa área, que foi isolada e não consegue mais entrar, porque a caatinga já se fechou. Então, hoje lá tá muito bonito.

**Aurilene:** Aí vocês já começaram a fazer o beneficiamento de frutas?

**Marília:** A gente já trabalhava com o beneficiamento de frutas nas cozinhas, na cozinha de casa. Tem uma senhora lá que cedeu a cozinha dela e o pessoal já trabalhava nesse processo do beneficiamento do umbu. Nesse tempo era só umbu. Aí foi o tempo que, com esse projeto de recaatingamento, a gente foi contemplado com a mini fábrica, né? Aí começou a produção de doce de umbu lá na fábrica e de outras frutas que tem lá na comunidade, na vizinha... aí hoje, além do doce de umbu, ali já produz a geléia de umbu, doce de banana, beneficiamento de polpa também, né, Cadí? Aonde a gente já consegue...

**Aurilene:** Certo! Aí vocês souberam dessa, aí teve essa audiência, quando vocês souberam, essa audiência, foi uma audiência em 2009, né? Aí vocês já estavam com o IRPAA, já tinha essa ligação com o IRPAA?

**Cadi:** O IRPAA já atuava na comunidade.

**Aurilene:** O IRPAA já sabia dessa...

**Cadí:** Mas assim, nesse momento o IRPAA não teve tanto essa, esse conhecimento pra poder levar até a comunidade, sabe? Porque o fato aconteceu com relação com o município.

**Aurilene:** Han...

**Cadi:** Foi mais um foco com o município do que com as comunidades.

**Aurilene:** O IRPAA não sabia?

**Cadí:** Não, não teve...

**Aurilene:** Não participou dessa audiência pública. O IRPAA não participou.

**Marília:** Não!

**Aurilene:** E aí, quando o IRPAA tomou conhecimento disso, como foi, como é que o IRPAA tem participado com vocês? Assim, como tem sido essa comunicação de vocês com o IRPAA, sobre, principalmente, o Boqueirão da Onça?

**Cadi:** Hoje, atualmente, assim, porque, então, essa parceria, a cada momento, ela foi se tornando, é, eu digo com vínculo familiarizado, né?

**Aurilene:** Uhum!

**Cadi:** Porque assim, tipo, a associação com o IRPAA, né? Sempre a gente teve esse diálogo, um diálogo muito bom. E um diálogo que vem a cada momento só fortalecendo, né? Porque é tanto que o IRPAA tá na comunidade completando 10 anos, e todo ano o IRPAA sempre teve um projeto durante esse período executando na comunidade. Com essa parceria, né? Com a comunidade. Então, daí, agora, assim, se torna um vínculo mais forte, e até então, com a parceria, né? Foi buscando, né? Realmente, essas informações de que foi repassando até a gente. Como a gente fica em uma área que não é comunicativa, é um pouco, meio que difícil de ficar atualizado nas informações do dia a dia. Então você fica um pouco meio a distância,

né? Então o IRPAA quanto tem hoje o corpo docente da outra equipe técnica, tem pessoas que às vezes pesquisa mais e acaba encontrando nessas pesquisas, nessas informações. Assim, porque de fato eles não vem diretamente passar essas informações, então são informações que estão aí hoje nas redes sociais e fica até mais fácil realmente pra quem tem acesso, até de ver e buscar essas informações e aí tá partilhando e compartilhando com as comunidades. Principalmente aquelas comunidades que têm um vínculo maior com o município. Porque aqui em Sento Sé, o IRPAA, acho que a comunidade que o IRPAA tem maior tempo é com a gente lá na Fartura já esses 10 anos aí dessa parceria.

**Aurilene:** Certo!

**Marília:** Porque uma das propostas de convivência com o semiárido, o IRPAA defende é a permanência das famílias nas comunidades. É a garantia da terra, é a garantia por direito. Então isso é discutido o tempo todo nas comunidades de atuação do IRPAA, né? Aí, através disso, é, as comunidades hoje já vivem bem, assim, informada sobre essas questões, de direito a terra, de direito a água, é, as políticas públicas, então hoje a gente tá por dentro dos nossos direitos. Então sempre que a gente, ó, tem isso que vai nos prejudicar, então a quem a gente vai buscar? Vamos procurar o IRPAA, né? que é quem pode nos auxiliar com isso. Aí hoje o IRPAA nos apoia com essa questão aí com um advogado, né?

**Cadi:** Isso!

**Aurilene:** Hum...

**Marília:** O advogado é quem ajuda a gente nesse sentido.

Aurilene: O IRPAA paga um advogado... eles têm um advogado, eles cedem, né? eles cedem, né? Cedem...

**Marília:** Eles têm um advogado, aí eles cedem sempre quando surge essas questões de conflito de terra, né? Essas coisas sempre eles, as comunidades pedem o apoio deles, eles ajudam, assim, nesse sentido, com assessoria, né? Com um advogado, hoje a Central de Fundo de Pasto também já tem, é, advogado também que apoia a gente, aí a CPT também, né? Então a gente procura essas ONGS e entidades para nos apoiarem e até hoje só se notam só eles, que tem nos apoiado, porque se fosse... A gente é muito carente do apoio do poder público municipal, né? Porque de 2018 pra cá quando virou decreto, eu sempre via no... já vi por duas vezes no site da prefeitura, é, reunião do ICMBio com representantes aqui do município. Então era uma reunião que era pra acontecer, certo que com o representante do município, mas com o principal que é as comunidades, e aí não tem essa ligação. Eles chegam e conversam aqui com o município, com os representantes daqui, aí os representantes não repassam nada pra gente, eles concordam com o que eles impõem aqui, e aí depois nós da comunidade só sofre as consequências.

**Aurilene:** Exatamente! Mas assim, qual foi o papel do IRPAA nessa reunião pública? O IRPAA articulou com vocês? Teve presente?

**Marília:** Assim, eles teve presente, né? Na reunião, mas quem articula essas reuniões de organização das comunidades é essa Comissão de Fundo de Pasto, que tem aqui em Sento-Sé, que é “eu”, Cadi, e demais colegas de algumas comunidades. Aí hoje, é, essa comissão já senta, né? Pra planejar as reuniões, precisar fazer convite, a gente já elabora convite e envia pras demais comunidades, pra entidades, né? Solicitando o apoio. Por exemplo, a gente a semana...

**Cadi:** Dia 15 de abril.

**Marília:** É! Hoje tem um mês! Hoje tem um mês que a gente fez uma reunião. Uma reunião de organização mesmo. Os passos que a gente precisa dá em relação a essa questão do Parque. Aí nós mesmo elabora os convites e faz, distribui, é, pessoalmente mesmo, via e-mail, né? Articula já essas entidades, a gente já manda convite também. Aí hoje é a gente que já faz essa articulação. O IRPAA forma a gente, a gente já consegue, hoje a gente já consegue se organizar nesse nível organizacional, né? De conseguir fazer isso sem... tudo ter que ser o IRPA. Por exemplo, a gente vai fazer uma reunião, aí o IRPAA que tem que fazer o convite, tem que mandar, tem que articular, é, convidar as CPTs. O IRPAA que tem que tem que convidar as entidades de pasto, não! Hoje a Comissão de Fundo de Pasto já faz isso, né? Já se organiza, planeja, né? e já convida. Então, se a gente surgiu um problema na comunidade a gente precisa ser discutido, então a comunidade, ou, a comissão já senta, planeja, organiza e a gente já, vamos convidar o IRPAA pra nos assessorar com isso.

**Aurilene:** Aí eles vêm?

**Marília:** Aí eles vêm.

**Aurilene:** Uhum! Quando vocês chamam eles...

**Marília:** Quando a gente chama, eles vem. Nunca negaram apoio a gente, né. Então a gente hoje é muito grato a o IRPAA por tudo isso, né? O crescimento da comunidade, né? Essa evolução na organização. Porque antes a gente era tudo solto, né? Sem ter onde se encostar. Hoje, graças a Deus, a gente já se conscientizou.

**Aurilene:** E quais são os próximos passos? Assim, de agora por diante?

(Cadi pede para tirar uma foto)

**Aurilene:** Pois é! Maria pediu para que eu viesse conversar com vocês. Por isso que eu tô perguntando do IRPAA, porque eu sei que o IRPAA tem uma ajuda, né? E Maria pediu que eu conversasse primeiro com vocês.

**Cadi:** Deitado assim. Deitado! No meio. Qualquer lugar que o senhor tocar aí vai tirar.  
(Cadi pedindo para fotografar).

(Uma 4° voz ao fundo)

**Marília:** Hoje nós, acredito que todas as comunidades que o IRPAA assessora hoje são muito gratas ao IRPAA por isso. Já consegui. (Aurilene fala ao mesmo tempo) A gente já conseguiu evoluir muito nesse sentido da organização.

**Aurilene:** Certo! Aham!

**Marília:** Na organização. Na questão da produção. Hoje as comunidades, na questão da produção, já melhorou muito, né? Com os projetos do IRPAA.

**Aurilene:** Aham! E quais são os próximos passos agora com relação ao Boqueirão da Onça?

(Uma quarta voz fala ao fundo)

**Aurilene:** Pronto! E quais são os próximos passos agora, Cadi? Com relação a essa história. Vocês têm já algum cronograma de ações? Como é que vocês estão pensando?

**Cadi:** É o seguinte, até então, assim, por parte da instituição, que é a responsável pela execução dos trabalhos, né? Do Parque de Sento-Sé, é o que a gente acabou de falar, Marília falando, que eles não esclarecem de fato, no convite que a gente fez, que eles viessem até Sento Sé, eles não esclareceram isso de fato para as comunidades. Então, de fato, foi mais uma vez que vieram e retornaram sem os esclarecimentos de fato para as comunidades.

**Aurilene:** Certo!

**Cadi:** Então a gente não cruzou os braços e nem vamos cruzar. Nós estamos articulando mais uma vez. A gente vai promover uma outra ação com o Ministério Público. E agora de fato levando mais relatos. E também, uma das questões fortes também que a gente tá, é, levando lá, é dizer a nossa extensão territorial que nós precisamos para continuar sobrevivendo nas nossas áreas.

**Aurilene:** Vocês já fizeram esse levantamento?

**Cadi:** Nós vamos fazer. Nós vamos fazer! A gente tem articulado, tem conversado com outras comunidades, porque todas as comunidades faz parte, né? Mas assim, as comunidades que estão inseridas dentro da área de Parque, a gente como faz parte da comissão tá repassando isso. Que a gente precisa fazer isso e a comunidade tem que dizer o que é que quer, porque sem isso não podemos ir a lugar nenhum. Porque se a comunidade cruza os braços dizendo que está do jeito que tá, por exemplo, tem uma área de fundo de pasto, área de fundo de pasto é uma área de preservação que tá lá e às vezes só aquela área não é suficiente com a chegada do Parque. Então com a chegada do Parque se tem uma extensão territorial que o parque pode entrar, então nós podemos assim que de fato são direitos nosso. Nós dizermos o que precisamos. Nós precisamos de X área de 30.000 hectares ou 50.000 hectares para poder de fato que a gente continue sobrevivendo e dando sequência às nossas atividades que já eram feitas já.

**Aurilene:** E o parque eólico? Como é que fica às eólicas pra vocês aí? Nesse contexto.

**Cadi:** Nesse contexto, a energia eólica também ela é uma afronta igual o Parque. Porque a partir do momento que é instalado um parque de energia eólica, os animais ali, os animais não vão continuar naquele lugar. Porque ela tem um barulho muito forte. Por exemplo, lá na Fartura a gente tem uma serra que está bem próxima, está a 10 quilômetros da comunidade, vai ser plantado um Parque de energia eólica lá em cima. Então, é uma serra que ela possui onça. Então, com a chegada desse empreendimento lá, essas onças elas não vão continuar sobrevivendo ali, elas vão sair, então elas vão atacar o bode de quem está lá criando, né? Porque ela vai deixar de tá lá e ela vai perder também o seu campo de sobrevivência, sua terra de origem ali, que habita ali, né? E que de lá ela tem o seu sustento, porque as caças silvestres que ali também vive, né. E a partir de um momento desse, ele também é uma ameaça para as comunidades. Eu vejo esse ponto do Parque hoje, que assim, a gente tem relato de outras comunidades que já está vivenciando isso e hoje já estão contando o fato que não é tão bom, assim, tanto quanto se espera, por conta disso.

**Aurilene:** Vocês não têm torre lá?

**Cadi:** Não! Graças a Deus, não.

**Marila:** Além dessa questão dos animais também é uma afronta pra gente é a questão da grilagem de terra, né? Porque tem pessoas que tem uma área de terra lá, né? A gente mora lá, acha que a terra é nossa. Aí de repente aparece uma pessoa lá não sei de onde com uma escritura pública, né? Um título da terra, dizendo que é dono e já arrendado pra eólica. E aí a gente fica lá achando que a terra é nossa e não é. Um dos afrontos também para as comunidades, né? Pra gente é isso. Sem contar com, assim, a questão social que mexe muito também, né? porque esse, é, vai ser implantado mais dois parques, né? Esse é o parque na serra do Campo Largo.

**Aurilene:** É a Engie?

**Cadi:** É!

**Maríla:** No Campo Largo e no Brejo da Brásida.

**Aurilene:** Que é ENGIE também?

**Cadi:** Que vai se aproximar também um pouco da região que a gente vive.

**Maríla:** Lá na Fartura, quando você chega lá, a gente vê uma serra que é a coisa mais linda. Daqui a mais uns tempos a gente vai olhar pra lá e vai ver a presença das torres, fica bem em cima da serra, vai ficar parecida com aquela vista ali de Sobradinho. A gente vai ver, assim, dessa forma.

**Cadi:** Então vai perder as belezas naturais que se tem de fato, né? Para os empreendimentos que chega para destruir. Então se esses empreendimentos podem chegar e pode se instalar, então o Parque está alegando que as pessoas é quem estão destruindo. Eu não vejo as pessoas destruindo. Então quem está destruindo são os empreendimentos que estão chegando, né? Isso precisa ser tratado de fato com muita atenção. Não dizer que as pessoas que estão ali é quem estão destruindo

o nosso bioma, né, é que estão destruindo a nossa beleza natural que a gente tem. Então quem está destruindo isso são as empresas. Não somos nós.

**Aurilene:** É, aí vocês fizeram essa reunião pública com o ICMBio e com o Ministério Público. O que é que o Ministério Público tem dito pra vocês? Porque tem que dá uma resposta, né? Se tem uma reunião pública...

**Cadi:** Parece até tristeza, é, do Ministério Público, porque, então, de fato também achei que eles não responderam a altura que a gente precisa. Sabe que de fato a gente precisa, que é da intervenção do próprio Ministério Público porque eles têm ações para fazer isso, e isso não foi feito. Se estendeu a reunião e também o Ministério Público não tratou mais de assunto nenhum com a gente. Não repassou nenhuma informação.

**Aurilene:** Aí a ATA dessa reunião tá com?

**Cadi:** Acho que doutora Beatriz tem uma ATA.

**Aurilene:** Doutora Beatriz, vou conversar com ela.

**Marília:** O relator do Ministério Público quando chegou na reunião, já chegou atrasado, e aí chegou já era... a reunião estava marcada para 9:30 e veio chegar já era 10 e pouca já. E aí chegou naquela correria, né? “*vamo vamo*”, porque na visão dele parece que tem que encerrar ao meio dia, né? Aí foi preciso fazer intervenção. Veio aqui, tem que nos ouvir! A gente não veio aqui pra nada. Então, porque chega aqui? As comunidades tá aqui, precisa falar, você precisa nos ouvir e vai... Foi que a gente se acalmou mais, aí as comunidades começou a colar... né? Mas sempre deixou muito a desejar, porque nem o Ministério Público respondeu e nem interveio em nada e nem o ICMBio também não prestou o esclarecimento que a comunidade precisava. Por isso mais uma vez a gente vai solicitar outra reunião, uma coisa que eles nos consiga prestar esclarecimento, que não pode ficar assim dessa forma, né? Que aí eles já estão atuando na área, né? A gente vê presença deles o tempo todo na região.

**Aurilene:** Presença de?

**Marília:** Desse instituto, o ICMBio.

**Marília:** Que é o que é responsável pela fiscalização. Sempre a gente encontra nas estradas os carros com o nome IBAMA, ICMBio, a fiscalização. Onde já teve uma pessoa, que já foi multada porque tava construindo a casa e eles falaram que é na área do Parque. E aí não pode construir. Aí por isso a gente quer esclarecimento. A mulher ela lá não sabia que tava dentro da área do Parque.

**Aurilene:** Onde é isso?

**Marília:** No Brejinho, perto do garimpo, na entrada do garimpo ali da Quixaba.

**Cadi:** Tá indo lá pra região que a gente mora.

**Marília:** Aí a mulher não sabia que tava dentro da área do Parque. Houve a necessidade de fazer a construção da casa dela, de construir a casa dela, começou a construir. De repente eles chegam lá e impedem dela construir porque tá dentro da área do Parque. Eles não prestam esclarecimento e de repente chegam e faz isso com a gente. Então é uma coisa que tá... que deixou e que está nos deixando a desejar. A gente cobra esclarecimento deles e que a gente tá lutando pela garantia do nosso território.

**Aurilene:** E com a prefeitura aqui, vocês têm tido alguma ação com relação a isso? Alguma relação?

**Marília:** Nunca! A gente nunca teve nenhum apoio, assim, da... (Cadi fala ao mesmo tempo, não entendo) ele, assim, no dia dessa reunião pública, teve a presença do Secretário de Educação, o Eliomar (?), Secretaria de Educação. No início quando teve algumas reuniões aí ele era o secretário do Meio Ambiente, mas que, segundo ele, não foi comunicado...

**Aurilene:** Não tinha ninguém da Secretaria do Meio Ambiente nessa reunião?

**Marília:** Tinha não! Só o Secretário de Agricultura, ou, de Agricultura não. O Secretário de Educação! E essas reuniões, no tempo, ele era o Secretário de Meio Ambiente. Ele falou que não foi comunicado para nenhuma reunião e que apoia as comunidades, mas não sabe de que forma é esse apoio, né (risos). Porque, acredito que se o município realmente quer apoiar essa gente eles chamavam as comunidades pra se organizar, pra apoiar e pra nos fortalecer. Mas não, as reuniões deles é com o instituto, as caladas aí... que ninguém sabe a hora nem o dia.

**Cadi:** Que de fato a gente precisa muito disso. Precisa do município nos dando esse apoio. Porque isso tá acontecendo dentro do município, as famílias é do Município.

**Marília:** Porque um dos... a gente tem um exemplo muito forte agora com essa questão da mineradora aqui em Sento-Sé. A reunião aconteceu no domingo com representantes do município, nada das comunidades. Aí quando foi segunda feira, pronto, estourou. Essa mineradora vai chegar, na terça feira já estava o pessoal da mineradora lá na comunidade. E aí começou, né, essa repercussão toda aí. E aí assim, o município quando é pra apoiar a gente, não apoia. Apoia as mineradoras.

**Aurilene:** As empresas.

**Marília:** Que certamente vai trazer um lucro para os cofres. Aí não leva em conta, em consideração a nossa história de vida lá, né. Que a gente precisa da continuidade e precisa preservar isso, né? Que é cultural.

**Aurilene:** E das demandas que vocês têm, né?

**Marília:** Isso! Com certeza!

**Aurilene:** Pronto! O que é que vocês gostariam de falar mais que eu não perguntei? Quais são as demandas hoje da Fartura além dessas questões que a gente tratou aqui? (risos)

**Marília:** Hoje lá na Fartura tá sendo... tá quase finalizando, né? um projeto também, o CURART (?) que a gente fala mais aí dos projetos...

**Cadi:** Um projeto de recuperação também. Mais um projeto de recuperação de áreas degradadas, onde inclusive é um projeto benéfico para comunidade.

**Marília:** Esse projeto é mais focado nas nascentes dos riachos.

**Cadi:** Nas nascentes de riacho, nas margens de riacho. Então a gente teve uma extensão de 8.000 metros de recuperação da margem do riacho. Plantando árvores nativas da região. Inclusive o grande foco agora foi o umbuzeiro. E essas áreas todas foram isoladas e também sem contar que houve também um barramento de pedra no leito do riacho pra realmente represar um pouco ali a água para que de fato se expanda mais no solo, pra realmente dar mais visão a vivência dessas árvores, que foram plantadas ali nesse período. Então é um projeto que está finalizando agora. É, teve o social também. Teve a construção de 30 banheiros lá, banheiros pra cada família. E a construção de 30 fogões agroecológicos, né? Que é um fogão agora aí com uma inovação pra diminuir, né? a fumaça, pra pessoa que tá ali principalmente da mulher que tá ali no dia a dia no fogão, né? vai cozinhar no fogo a lenha... Com um forno muito especial pra assar bolo, pra assar carne, pra assar tudo, né? Então é mais um projeto que chega financiado pelo Ministério do Meio Ambiente também. E com essas ações.

**Marília:** Em parceria com o IRPAA também.

**Cadi:** E o IRPAA que é a entidade executora do projeto na parceria com a comunidade. Então tá concluindo mais esse projeto lá na Fartura e tenho certeza que é um projeto benéfico, né? E Fartura, às vezes as reclamações, mas há os agradecimentos de fato, né? Porque o bom é quando você se empenha, quando você participa, quando faz o trabalho, realmente, quando chega lá na frente é que você obtém o lucro, né? Aí você vai sorrir porque o lucro chegou, né? Vai ficar grato, né? E de fato eu tenho certeza que são ações boas e que só tem ajudado a comunidade a se desenvolver aí nesse longo desse tempo aí, dessas parcerias.

**Aurilene:** Que bom! Chega seus olhos brilharam, de vocês falando. (risos) as coisas boas, né? que vocês estão fazendo a partir das demandas de vocês e das necessidades. Parabéns e muito obrigada viu, gente?

**Marília:** Por nada! Porque é isso que nos fortalece, né? Porque a gente tem toda a nossa história lá e de repente a gente vai perder do nada. Então a gente tem que continuar na luta, né? Tem que lutar mesmo porque a gente sabe que é direito nosso. A nós tem o nosso direito. A gente não é qualquer uma coisa, um objeto lá qualquer pra ser pego e botado lá em outro lugar. Então a gente tem a nossa história e jamais a gente vai perder. A gente não pode perder.

**Cadi:** De forma nenhuma. Só quero dizer obrigado, viu? Pelo tempo aí de ter que tá nos ouvindo, e às vezes até algumas coisas que não foram falas porque às vezes até a gente foge um pouquinho, no momento, né? mas grato aí pela atenção e pelo momento. E que esperamos que na próxima oportunidade a gente venha de fato aqui tratar realmente que a gente resolveu e que a gente tá lá e a gente permanece na nossa terra de origem